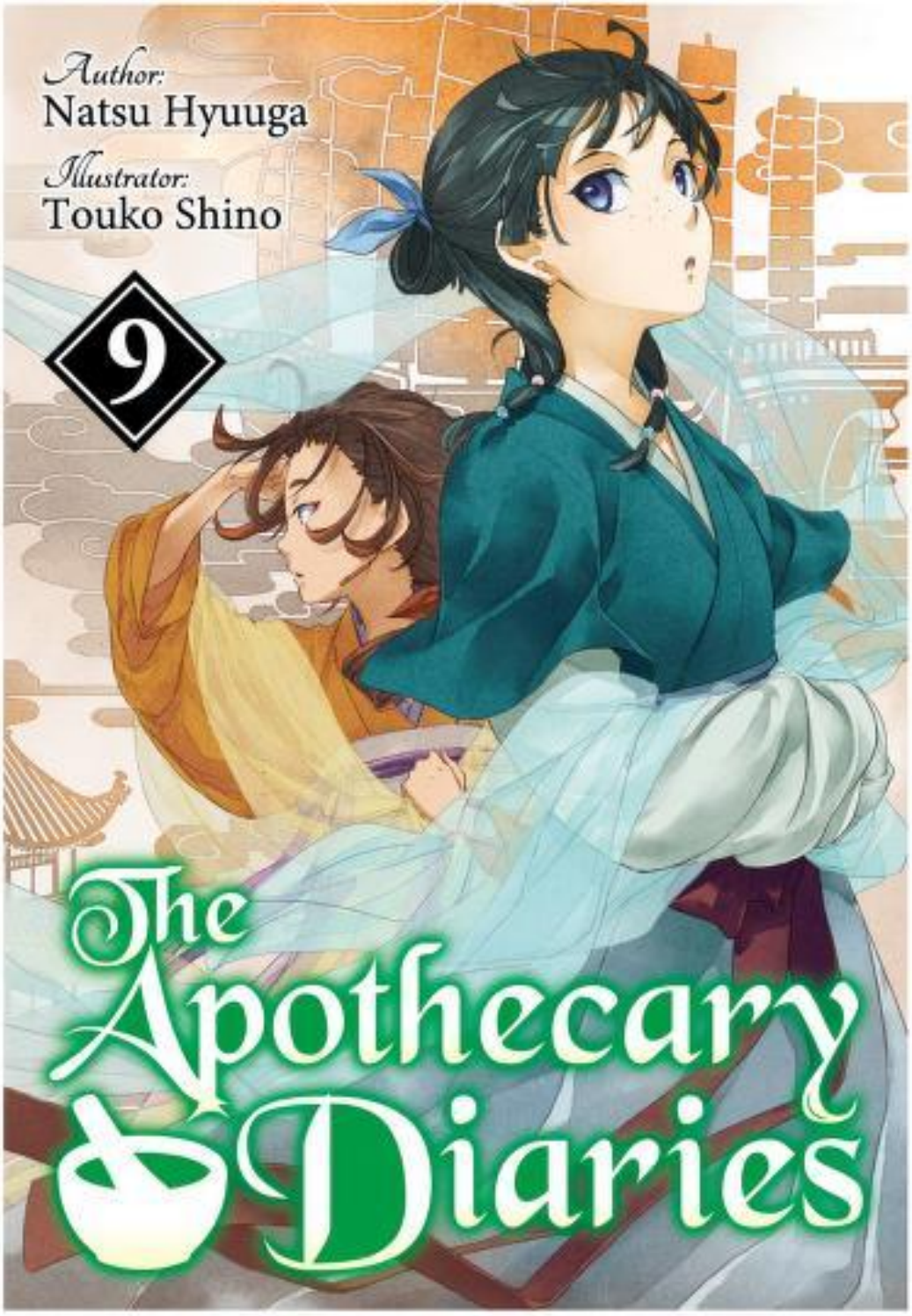

Author:
Natsu Hyuuga
Illustrator:
Touko Shino
9
The Apothecary Diaries

Novel 9- Kusuriya no Hitorigoto

Prólogo

O pesadelo recusava-se a terminar.

Ainda pendurada debaixo de um braço, Maomao foi arrastada para a sala ao lado. Nem sequer consegue lutar

O coração bate-lhe forte. Jinshi, aquele que a segurava, tinha uma queimadura recente no seu lado. Apesar de poder estar em perigo aqui, como boticária, Maomao sentiu-se atraída pelo ferimento.

Era uma queimadura boa e limpa. Não havia sangue... Ela pensou, perguntando a si própria de que medicamentos precisaria. A pomada Nuvem Púrpura, talvez seja a mais simples. Gromwell púrpura, touki, e cera de abelha, acho que consigo arranjar esses. Óleo de sésamo, talvez não.

Não, isto não é bom. Maomao abanou a cabeça. O gromwell roxo só era eficaz em queimaduras relativamente pequenas, como ela tinha confirmado no seu próprio braço. Na verdade, podia ter o efeito oposto em queimaduras mais graves, lembrou-se ela.

Coisas que funcionam em queimaduras. O que é que funciona em queimaduras?

No mínimo, ela precisaria de um bálsamo para evitar que a pele secasse. Teria de encontrar mais óleo e cera de abelha.

Enquanto ela tentava decidir como tratar Jinshi, ele finalmente colocou-a no chão.

“Mestre Jinshi”, disse ela. Ele tinha caído na cama, fazendo uma careta. “Dói?

“Devo dizer que sim.”

E de facto dói. Podia estar um pouco dormente agora, mas pressionar uma marca ardente na própria pele sempre seria doloroso.

A dor de Jinshi, no entanto, parecia ser outra.

“Está a sentir uma onda de arrependimento, senhor?” Maomao deu por si a perguntar. O homem que até há momentos parecia ter o controlo de tudo estava a encostar a testa à cama e a chorar. Maomao não conseguia ver nenhuma expressão no seu rosto de perfil, e talvez nem ele próprio se apercebesse das lágrimas que lhe escorriam dos olhos.

Mesmo enquanto Maomao falava, ela circulava pela sala, imaginando que tipos de medicamentos poderiam estar disponíveis ali. Ela rapidamente encontrou um pilão e um almofariz que pegou para si, junto com várias bandejas. Queria ir até o braseiro, tentar aquecer um pouco de água, mas queria mantê-lo o mais longe possível de Jinshi. Na verdade, ela o moveu para um canto distante da sala.

“O que eu deveria me arrepender?”

O quê? Era difícil colocar em palavras. Até mesmo Maomao entendia que Jinshi não tinha absolutamente nenhum interesse no trono. Caso contrário, ele nunca teria tido relações tão boas com a Imperatriz Gyokuyou. Se solidificar essas relações fosse um de seus objetivos aqui, ele tinha escolhido um caminho infernal para isso.

Ele também não parecia se arrepender de sua lesão. Muito parecido com quando ele tinha sofrido o ferimento na bochecha, ele na verdade parecia satisfeito. Ele não era, de fato, tão apegado à sua aparência quanto as pessoas ao seu redor pensavam, e parecia ressentir-se das suposições delas.

Então por que ele estava tão deprimido?

Maomao encontrou uma colher e a colocou na mesa ao lado da cama. Havia uma espátula farmacêutica para mexer remédios, mas nenhum instrumento cortante.

“Sua Majestade parecia menos enfurecido do que... triste. Posso entender, senhor, que não foi sua intenção afligir o Imperador?”

“Isso mesmo... Eu só precisava que ele ficasse bravo.”

Então foi o olhar entristecido do Imperador que tanto perturbou Jinshi?

Suspeito que o Imperador...

Maomao achava que isso tinha a ver com a relação entre Jinshi e Sua Majestade. E Ah-Duo também. Era apenas uma suposição distante em sua mente, mas quanto mais ela tinha a ver com todos eles, mais certa ela ficava - mesmo que nunca tivesse dito o segredo em voz alta.

Dói quando seu pai fica bravo com você.

Supostamente, era necessária uma prova objetiva para transformar uma hipótese em certeza. Maomao estava tentando encontrar essa prova entre as emoções humanas. Que lugar vago e não científico para procurar.

E ainda assim, tendo visto os olhos do Imperador se encherem de tristeza, e a maneira como ele hesitou diante da Imperatriz Gyokuyou, Maomao só podia pensar que Jinshi era o filho mais velho do atual Imperador.

Eu continuo aprendendo coisas que preferia não saber, ela pensou. Ela suspirou enquanto olhava para Jinshi. As coisas pareciam ter se acalmado um pouco, então ela fez menção de ir para o outro quarto. Mas Jinshi imediatamente agarrou seu pulso. “Onde você vai?”

“Buscar remédios. Os ingredientes estão no outro quarto.”

Jinshi se levantou e começou a abrir as gavetas de um armário ao longo de uma parede. Havia tantos medicamentos lá que a cabeça de Maomao girou, componentes de todos os tipos concebíveis.

“Ngghaa!” Ela pensou que poderia começar a salivar e babar. Queria começar sua dança de felicidade, mas lutou contra o impulso e respirou fundo. Os olhos de Jinshi sobre ela eram penetrantes. Entre a variedade de coisas nas gavetas, havia um unguento, já preparado. Ela abriu a grande concha de vieira e cheirou. Foi recebida pelo aroma de mel e o inconfundível cheiro de gergelim. Não parecia conter nenhum outro ingrediente.

Ela também encontrou álcool desinfetante e bandagens. Então pegou o bálsamo e se colocou diante de Jinshi. “Mestre Jinshi, vou tratar seu ferimento agora. Por favor, deixe-me ver.” Ela tentou fazê-lo sentar-se novamente na cama, mas ele girou e a sentou em seu lugar. “O que você pensa que está fazendo, senhor?” Ela olhou para ele, esperando que seu descontentamento fosse evidente.

Os dedos dele roçaram seu queixo. Ela ergueu a cabeça, tentando evitá-lo.

“Você vai fingir que não pode imaginar, quando chegamos tão longe? Ninguém mais pode servir como minha companheira noturna agora.” Jinshi sorriu, mas grandes gotas de suor mostravam que ele estava no seu limite.

Maomao simplesmente se recusou a falar. Irritada, ela agarrou o manto dele, que ele ainda estava vestindo pela metade.

“Qual de nós é que falta imaginação? Achou que eu não ficaria brava por estar nesta posição?” Ela se esticou até que ficassem quase nariz a nariz. “O que você está fazendo é tirania, Mestre Jinshi. Um maldito truque sujo destinado a dizer a todos o que você quer. Você não se importa com mais ninguém. Não se importa com seu status. O que você fez é egoísta e masoquista e tão profundamente exasperante que eu nem sei o que dizer sobre isso!”

Jinshi não respondeu, mas seu rosto falava claramente: Você obviamente sabe.

“O filho da Imperatriz Gyokuyou – o Príncipe Herdeiro – e o filho da Consorte Lihua têm ambos pouco mais de um ano...”

Crianças eram frágeis. Até completarem pelo menos sete anos, você nunca sabia se poderiam morrer. Mesmo que você não estivesse usando um pó de rosto venenoso, elas poderiam sucumbir a doenças. Algum acidente poderia acontecer com elas. Elas poderiam até ser assassinadas.

“O que exatamente você planeja se algo acontecer com o Imperador?”

“Estou trabalhando muito para garantir que nada aconteça.” A voz de Jinshi era baixa e retumbante, nada parecida com a voz doce e melódica que ele às vezes usava. Seus olhos estavam sombrios, e ele obviamente estava claro sobre o que pretendia ali. Maomao estava prestes a dizer algo mais, mas as palavras ficaram presas na sua garganta.

O que Jinshi havia feito era insano. Isso, pelo menos, era a única coisa que Maomao ou Gyokuyou poderiam ter chamado. Ela não sabia o que Sua Majestade devia pensar, mas parecia ter sido um raio caído do céu para ele.

Mas então, era menos louco do que aquilo com o qual Jinshi tinha sido forçado a viver? Ele tinha o poder; poderia ter feito muitas coisas ainda mais loucas. O fato de que ele tinha a generosidade de coração para ouvir as palavras de Maomao tornava difícil gritar com ele agora.

As jovens às vezes são descritas como protegidas, mas Jinshi havia sido igualmente isolado, empacotado em uma pequena caixa até ser esmagado. Muitos poderiam simplesmente ter morrido, esmagados pela pressão.

Eu com certeza não teria suportado isso.

Nem, ao que parecia, Jinshi. Assim como Maomao, ele lutaria, tentaria escapar. Mas ao contrário de Maomao, ele faria mais do que simplesmente deixar suas emoções dominarem, deixar seus sentimentos ditarem suas ações. Ele era uma pessoa que pensava nas coisas, e ao final de todo o seu pensamento, ele havia chegado a uma conclusão bem ao estilo de Jinshi - e havia agido com base nisso.

Maomao estava num turbilhão de emoções. Ela não sabia o que fazer. Queria ter sido alguém mais ignorante da situação, da natureza humana. Quanto mais fácil sua vida teria sido se pudesse simplesmente ficar de lado estupidamente e assistir.

Esse filho da...!

Ela levantou a mão, parando-a bem na frente da testa de Jinshi. Fez um círculo com o dedo indicador e o polegar, depois tensionou os músculos da mão e...

“Ai!”

...deu um bom peteleco na testa dele. Poderia ter dado um tapa, mas isso deixaria uma marca, e ela não queria isso. Ela sabia muito bem que isso era o auge da falta de respeito, e que poderia custar sua cabeça se não fosse cuidadosa. Mas ela imaginou que Jinshi permitiria isso.

Bem, sou eu que estou sendo generosa aqui!

Jinshi estava com a mão na testa, olhando para ela, espantado.

“Cale a boca e deixe-me cuidar de você. Senhor.”

Jinshi fez um beicinho. “Eu tenho muitas coisas na cabeça, sabia?”

“Bem, isso não é problema meu; eu sou uma farmacêutica. Deixe-me fazer meu trabalho.” Nesse ponto, ela não cederia. O show tinha sido de Jinshi mais cedo, mas agora ela não ia deixá-lo mandá-la.

Maomao pegou a espátula que tinha encontrado. “Estou ficando sem tempo porque você não me deixa em paz. Eu esperava poder te dar alguns sedativos, mas essa chance já passou.” Ela passou por ele, deu a volta por trás dele e pressionou firmemente.

“Hrgh!” ele disse, um som nada ninfal. Maomao conseguiu de alguma forma virá-lo de lado na cama, um truque bem impressionante considerando o quão grande e pesado ele era.

Ela soltou um longo suspiro enquanto aquecia a espátula no braseiro no canto da sala.

“Por favor, não se mexa,” ela disse.

“O que diabos você está fazendo? Não está planejando me grelhar, está?”

“Não estou grelhando nada! Eu preciso de calor intenso para desinfetar as coisas.” Ela balançou a espátula para esfriá-la um pouco, depois a envolveu em um pano limpo. “Não vamos queimar isso. Vamos cortar.”

“Cortar...?” O rosto de Jinshi se contorceu e então ficou pálido. Mas já era tarde demais. Ele tinha feito isso consigo mesmo. Agora teria que viver com as consequências.

“Se não tirarmos a pele e a carne carbonizadas, o veneno vai se espalhar a partir daí. Gostaria de poder tirar tudo, para evitar que infeccione, mas como não há facas aqui, isso terá que servir.”

Ela usaria a espátula de metal para cortar a carne arruinada. Seria doloroso, mas ele teria que aguentar.

“A-Agora, só um minuto. Você não está mais preocupada com alguma desculpa esfarrapada para uma faca?”

“Não quero ouvir nenhuma reclamação do homem que queimou um ferro de marcar na própria pele! Não tenho facas aqui, e raspar a carne é o único primeiro socorro eficaz. Podemos fazer um tratamento mais longo depois.”

Ela não tinha certeza se isso era verdade — se conseguiria tratá-lo depois que saíssem daquele quarto. Queria garantir ao menos que o ferimento fosse tratado para evitar que o veneno se espalhasse.

É uma questão de saber se conseguiremos tempo para tratamento depois.

A noite já estava avançada. Maomao tinha trabalho no dia seguinte, assim como Jinshi. Ela suspeitava que ele não tiraria o dia de folga, mesmo se ela ordenasse. Depois do trabalho amanhã — bem, na verdade, hoje — ela teria que reunir ferramentas e medicamentos e refazer o tratamento.

Em sua mente, a maior dúvida era se Jinshi poderia realmente viver sua vida sem que ninguém descobrisse sua cicatriz. “Você consegue ao menos trocar suas próprias roupas?” ela perguntou.

“Não sou um bebê.”

“Desculpe, mas qual de nós recebe ajuda para se vestir todos os dias?”

Maomao mergulhou uma bandagem no álcool da gaveta e pressionou contra o ferimento. A carne queimada tinha um cheiro inconfundível.

Talvez eu consiga um pouco de carne grelhada para o jantar hoje à noite.

“Ei! Você disse algo?”

“Não, senhor. Nada.”

Jinshi fez uma careta enquanto ela desinfetava a área ao redor do ferimento.

“Mantenha a postura firme, senhor. Pode morder, sei lá, uma coberta ou algo assim.” Ela levantou a coberta da cama e empurrou para ele. Ele recuou reflexivamente, sua bela expressão se torcendo de nojo. “Você vai morder a língua,” disse Maomao.

“Não vou,” ele disse. De repente — o que ele estava pensando? — ele se jogou sobre Maomao. Mordeu o ombro dela.

“Pare com isso, senhor. Minha mão vai escorregar.”

Ele fez um som que poderia ter sido uma resposta. Ela não sentia mais os dentes dele através do tecido, mas ele não se deitou de novo. Sentia apenas uma leve puxada em sua camisa.

“Apenas não babem em mim,” ela disse.

“Min...”

Isso foi um sim? Ou um não? Ela não tinha certeza.

Muito bem. Maomao tomou isso como justificativa para não se conter.

Ela pressionou a espátula contra a pele queimada. Um grito abafado veio bem perto de seu ouvido, mas ela conduziu seu trabalho de forma inteligente e profissional.

Tenho que garantir que ninguém mais o ouça gritar assim.

A mão que se enroscava atrás dela apertava cada vez mais. Ela continuou trabalhando, mesmo que ele parecesse determinado a dificultar o máximo possível.

Capítulo 1: O Pedido de Yao

Extremamente exausta ou não, a manhã ainda chegou. E com a manhã veio a necessidade de ir trabalhar.

Maomao estava tão cansada que não queria pensar. Ela estava sendo assolada pelo sono, mas a proposta insuperável que enfrentava forçava sua mente a funcionar.

Me pergunto se serei chamada depois de terminar hoje. Tenho que pensar em quais remédios preciso para tratar uma queimadura...

Ela ponderava enquanto organizava uma gaveta do armário. O fim do ano se aproximava, e os médicos aprendizes, assim como as damas da corte designadas ao escritório médico, estavam limpando o lugar de cima a baixo.

"Ufa! Nossa, estou cansada!" disse Yao, dando uma grande espreguiçada. Ela tinha um pano na mão e estava diligentemente limpando as prateleiras.

"Você acha que já terminamos?" perguntou En'en. Ela torcia o pano que também estava usando. Os médicos aprendizes estavam lidando principalmente com o trabalho pesado; a limpeza do próprio quarto ficava a cargo de Maomao e das outras.

"Ah, está bom," disse Maomao, devolvendo as gavetas. Quando terminassem de limpar, estariam de folga. As damas da corte tinham férias no final de um ano e no início do próximo. Os médicos se revezavam para ficar na corte, mas não havia necessidade de Maomao e das outras mulheres ficarem por lá. Diziam que, se as jovens não fossem liberadas, suas famílias protestavam vigorosamente.

A maioria está aqui apenas para aprender a ser boas donas de casa, afinal. Ou encontrar um marido.

Yao e En'en, no entanto, estavam ali para trabalhar, então Maomao duvidava que passariam as férias em casa. O pai de Yao estava morto, e o controle de sua família havia passado para as mãos de seu tio, que estava decidido a casar Yao. En'en, que vivia para sua jovem senhora, o considerava um inimigo mortal.

"Maomao, o que você vai fazer nas suas férias? Disseram que você foi chamada para casa ontem. Vai ajudar no trabalho por lá?" perguntou Yao enquanto secava o pano e lavava as mãos.

Ser "chamada para casa" era uma desculpa conveniente para ser convocada por Jinshi. A história, ela supôs, era que um caso de emergência havia surgido na loja de apotecário de seu pai e ela fora chamada para ajudar. Afinal, tinha que haver algo que justificasse o desaparecimento noturno de Maomao e seu retorno antes do amanhecer.

Então ele estava planejando isso o tempo todo! Ela sentiu a raiva borbulhando dentro dela, mas sabia que tinha que manter a calma por enquanto.

A resposta para a pergunta de Yao era não. Maomao só podia desejar estar indo para casa por alguns dias – ela teria sorte se conseguisse uma viagem de um dia. Um certo nobre idiota havia causado uma queimadura grave em si mesmo. Na verdade, parecia provável que ele viesse procurá-la naquele mesmo dia, assim que o trabalho terminasse.

A resposta honesta, infelizmente, não era uma que Maomao pudesse dar. Ela tentou pensar no que poderia dizer em vez disso. Provavelmente era melhor fingir que voltaria ao distrito de entretenimento.

"Sim. Na verdade, espero que estejamos ganhando muito dinheiro nesta época do ano," ela disse.

"Sério?" perguntou Yao.

"Nem todo lorde com uma bolsa cheia vai para casa. Quanto mais clientes aparecerem, mais a loja lucra. Podemos ficar bem ocupados."

Yao parecia perplexa, mas En'en entendeu o que Maomao queria dizer e a encarou. Com sua rede de informações, ela provavelmente sabia muito bem o que a "casa da família" de Maomao fazia. Maomao dificilmente esperava que as duas aparecessem em um bordel no distrito de entretenimento em breve.

"Maomao, se você puder evitar dizer coisas indelicadas na presença da jovem," disse En'en.

Mas é verdade!

Em termos simples, homens com salários generosos viriam gastá-los nas borboletas da noite – e como os médicos tiravam folga nesta época do ano, assim como todos os outros, a madame insistia que a loja de apotecário permanecesse aberta. Maomao estava planejando ir para casa, pois não sabia se seu pai conseguiria. Adeus, planos.

A velha bruxa vai me dar uma bronca novamente. Maomao estava particularmente curiosa sobre como o ainda amador apotecário Sazen estava se saindo, mas não descobriria desta vez. Desculpe, Sazen! Aguente firme!

Até mesmo a madame teria que respeitar ordens transmitidas por um nobre importante. (Embora ela pudesse extrair algo deles por isso.) Ela era uma velha batalha afiada; Maomao teria que ter cuidado para não dar nenhuma pista sobre a verdadeira importância do comando.

Eu confiei a loja a Kokuyou, então deve estar tudo bem... espero. Ela pensou no homem alegre com a bandagem no rosto. Seu conhecimento de medicina era confiável, mas sua personalidade um tanto desleixada não inspirava tanta confiança.

A essas preocupações podia-se adicionar seu pequeno canteiro de ervas medicinais e os vários pedidos irracionais da madame.

"Os pobres não tiram férias, temo. Vou me manter ocupada," ela disse. Yao ficou em silêncio com isso.

"Parece que você tem muita coisa acontecendo," disse En'en.

"Com certeza," Maomao respondeu sem hesitação.

En'en olhou para Yao. A jovem senhora parecia querer dizer algo, mas, infelizmente, Maomao não conseguia adivinhar o que era. Ela guardou os instrumentos de limpeza, e quando olhou para Yao novamente, viu os lábios da jovem quase se movendo. "Algum problema?" ela perguntou.

"Hum... Você mora em uma loja de apotecário, certo, Maomao?"

"Sim..." Maomao disse cautelosamente. Ela tinha contado isso a Yao. A outra mulher parecia impaciente com alguma coisa.

Maomao a olhou, intrigada, e Yao finalmente reuniu a coragem para dizer o que estava pensando. "V-Você acha que talvez pudéssemos ir à sua casa nas férias? Quero dizer, p-para aprender algo sobre medicina!"

"J-Jovem senhora!" disse En'en, chocada. Ela não podia acreditar que Yao tinha dito isso.

Bem, considerando onde minha casa está...

En’en não gostaria de deixar sua preciosa senhora dar um único passo no distrito de entretenimento. Ela olhava para Maomao, silenciosamente implorando para que ela inventasse alguma razão para recusar.

"Não acho que vocês deveriam, Yao. Não é muito seguro lá. E, além disso, está cheio de homens que cheiram pior do que os soldados daqui. Acho que poderia ser um pouco arriscado para você." Maomao já havia estabelecido que estaria ocupada. Ela precisava afastar Yao, e agora.

“Mas você mora lá, certo, Maomao?” Yao não foi dissuadida; na verdade, parecia mais determinada do que nunca.

"Sim. Eu nasci lá e tenho vivido lá toda a minha vida. Eu sei me cuidar. Nem todos nós sabemos."

Isso parecia senso comum para Maomao, mas só fez Yao ficar ainda mais decidida a não perder essa discussão. "Então eu só vou ter que me acostumar também!"

"Jovem senhora, é perigoso! Seja uma boa menina e passe suas férias em casa."

"Se eu fizer isso, ele vai aparecer – você sabe quem!"

Maomao não necessariamente sabia, mas podia adivinhar: o tio de Yao.

Ela está procurando por um refúgio em algum lugar, Maomao percebeu. Levar Yao e En’en para a Casa Verde-Azulado, no entanto, traria problemas demais. Maomao tinha que estar disponível para atender Jinshi, e ela não podia deixar ninguém saber. Se o pior acontecesse, eles poderiam calar a madame com algumas moedas, mas Maomao não estava certa de que o mesmo funcionaria com Yao. Ela tinha que encontrar alguma maneira de desviar a jovem ansiosa.

"Mas onde você dormiria? É um alojamento de certo tipo, mas não o tipo de lugar onde você gostaria de ficar."

Os clientes estavam sempre chegando e saindo à noite, e a residência de Maomao se resumia a nada mais do que um barraco. Um barraco onde Sazen e Chou-u estavam morando atualmente. Não, Yao não poderia ficar lá.

"Eu não acho que você conseguiria lidar com a casa de Maomao, jovem senhora. Não é, ahem, exatamente um lugar adequado para habitação humana."

"E como você saberia disso, En'en?" perguntou Yao.

Ei! Eu sou humana! E habito lá!

Então En'en até investigou onde Maomao morava. Fala sério, seus servos diligentes. Maomao se perguntou se ela poderia até suspeitar da ausência de Maomao na noite passada. Ela sentiu um leve suor escorrer por suas costas.

"Você não conhece mais ninguém por aqui? Você sabe, algum amigo com quem você pudesse ficar?" Maomao perguntou. Deve ter sido a pergunta errada, porque Yao empalideceu e parecia que poderia, talvez, começar a chorar.

En'en repreendeu: "Peça desculpas agora mesmo!"

Ops...

Agora Maomao percebia: Yao não tinha mais nenhum outro amigo. Era culpa de Maomao por não ter percebido isso. Isso exigiria um recuo profissional. "Claro, sendo o ano novo, todo mundo vai se reunir com suas famílias. Até seus amigos podem não ter espaço para você..."

Isso mesmo. E ela pensou que talvez você faria isso, Maomao, já que tem trabalho. Certo, senhorita?" En'en deu a Maomao um sinal de aprovação com o polegar para cima. No entanto, Maomao não estava tão certa sobre isso. Isso parecia que ia acabar com Yao sendo convidada para o distrito de entretenimento.

Na pior das hipóteses, acho que posso alugar um quarto para eles na Casa Verde-Azulado.

Não, isso não daria certo. Havia clientes demais para que houvesse quartos vagos. E mesmo que tivessem algum, a velha madame ranzinza esperaria ser generosamente compensada por isso - e, mesmo depois de tudo isso, Yao teria que suportar ouvir os clientes gemerem e grunhirem a noite toda. Maomao questionou se ela manteria sua sanidade. Ou se En'en simplesmente poderia matar os gemedores antes que a noite acabasse.

O maior problema, no entanto, era que então Maomao não seria capaz de esconder suas ausências. Não havia algum lugar que pudesse resolver os problemas de todos?

"Então você está procurando ficar em algum lugar que não seja uma hospedaria típica, certo?" disse Maomao.

"Isso mesmo," respondeu En'en em nome de Yao. "Ela tentou se mudar para outra casa uma vez antes, mas seu tio a encontrou no dia seguinte."

Quem ou o que é esse tio? Maomao se perguntou. Se En'en era boa em reunir informações, talvez tenha sido assim que ela descobriu

"Você não tem medo de que ele encontraria meu lugar tão rapidamente?"

"Não, eu acho que qualquer coisa em sua vizinhança estaria segura."

O que isso queria dizer?

"Porque há alguém que esmagaria qualquer inseto desagradável que aparecesse," esclareceu En'en.

Ah...

Ela entendeu: En'en estava se referindo ao estrategista que não deve ser nomeado.

Maomao sentiu seu sangue gelar. Será que ele suspeitava de algo sobre a noite passada? Se sim, a situação tinha todos os ingredientes para uma guerra civil.

Não... Acho que ainda estou segura.

Se ele tivesse alguma ideia, ele já teria invadido as paredes do consultório médico. Ele estaria aqui agora.

Felizmente, o pensamento deu a Maomao uma ideia: o lugar perfeito para Yao e En'en ficarem. Em algum lugar seguro, onde não seriam detectadas pelos parentes de Yao, e onde não poderiam ser retiradas mesmo que fossem encontradas.

Sim, tal lugar existia - mas Maomao mal podia se obrigar a dizer isso.

"Parece que você tem algo em mente, Maomao," En'en disse, se inclinando. "Não vai compartilhar conosco?"

Seu nariz estava a apenas um centímetro do de Maomao. A essa distância, Maomao nem conseguia desviar o olhar.

Felizmente, Yao interveio. "En'en, dê espaço para ela." Ufa. "Então, onde fica esse lugar?" Não ufa.

"Onde fica?" perguntou Maomao, erguendo as mãos em rendição. "Bem, é a casa de alguém que vocês duas conhecem. Eu absolutamente me recuso a pedir isso a ele, então se vocês querem a ajuda dele, vão ter que pedir vocês mesmas." Yao

vinha de uma família boa o suficiente para que ele não negasse um quarto a elas, pelo menos. "E por ele, quero dizer um certo tio de óculos desarrumado e mão de vaca."

Ela falava, é claro, do sobrinho do estrategista maluco, Lahan.

A casa de Lahan seria um lugar delicado para Yao e sua companheira ficarem. Certamente atendia às suas necessidades, mas ao mesmo tempo, havia alguns problemas

Problema um: era a casa do estrategista maluco.

Problema dois: elas estariam hospedadas na casa de um homem estranho.

Era, essencialmente, a casa de um viúvo. Dificilmente o tipo de lugar onde as pessoas esperariam que algumas jovens mulheres quisessem passar seu tempo...

"Ahh, que flores lindas," disse Lahan, endireitando os óculos.

Imediatamente após falar com Maomao, elas haviam escrito para ele e convencido um servo a entregar a carta. Ele veio naquele dia depois do trabalho, com aparência desagradável, olhos estreitos e um sorriso nojento na entrada do dormitório.

Maomao se afastou de Lahan. "Você tem certeza sobre isso? Ele é, afinal de contas, um macho da espécie," ela disse.

"Acho que vai ficar tudo bem. Dá pra ver nos olhos dele - ele não parece mau," respondeu Yao, despreocupada. Na opinião de Maomao, Yao deveria pensar mais sobre isso. Lahan poderia ser muito mais atrevido do que se poderia esperar quando se tratava de mulheres.

Concordo. Acho que devemos estar seguras com o Mestre Lahan," disse En'en, a quem Maomao esperava estar contra isso, mas acabou sendo a favor. A razão? "O Mestre Lahan nunca teve nenhum problema em particular com mulheres - e sempre escolhe mulheres mais velhas, de qualquer maneira."

Eu não precisava ouvir isso.

Ele era um conquistador, mesmo que um pouco ridículo, e Maomao não queria saber sobre seu gosto por mulheres. Havia homens por aí que ganhavam

popularidade com as mulheres por serem bons conversadores, não por serem bonitos, e Lahan parecia ser um deles.

Assim, Yao e En’en ficariam na casa de Lahan, assim mesmo.

Lahan escolheu um momento enquanto Yao e En’en estavam ocupadas se preparando e se aproximou de Maomao, sorrindo contente. "Eu vou ser perfeitamente hospitaleiro com elas, não se preocupe." Ele tentou colocar uma mão reconfortante em seu ombro, e ela a afastou. "Você me fere, irmãzinha."

Ela considerou esmagar um pouco seus dedos do pé, mas achou melhor não fazer isso.

"Só veja que você seja mais acomodado com o Príncipe da Lua," disse Lahan, massageando o pé mesmo que Maomao não tivesse pisado nele. Que dramático.

Esse filho da...

Maomao encarou Lahan, mas ele apenas lhe deu um sorriso significativo. "Bom, acho que logo você terá outro visitante, então vou levar essas duas e seguir meu caminho." Ele piscou. Será que ele sabia que Jinshi tinha convocado Maomao na noite anterior? Aliás, será que ele ainda mantinha alguma conexão secreta com Jinshi? Maomao queria confrontá-lo sobre isso, mas não queria chamar a atenção de Yao e En’en fazendo um escândalo.

Esse cara é esperto demais para o próprio bem.

Ela decidiu que era melhor mudar de assunto. "Eu sei que é um pouco tarde para perguntar, já que você já concordou, mas você conseguiu permissão para trazer as duas para casa?"

Permissão de quem? Bem, daquele cujo nome ela não queria mencionar.

"Você não precisa se preocupar com isso. Meu honrado pai está fora e não voltará por vários dias. Por isso que elas também conseguiram manter a noite passada em segredo."

Até que ponto ele sabe?! Ela duvidava que Lahan tivesse todos os detalhes, mas tinha medo do que poderia se tornar um mal-entendido muito desagradável.

De propósito ou não, Lahan escolheu aquele momento para sussurrar em seu ouvido, "E quando podemos esperar o pitter-patter de pezinhos?" Seus óculos brilharam.

Maomao cerrava o punho, quase dominada pelo impulso de socá-lo, mas sabia que só se arrependeria se ficasse zangada ali. Em vez disso, forçou-se a lhe dar seu olhar menos interessado. "Heh," ela resmungou. "Não sei do que está falando - você pode ver que estou completamente bem."

Ela ia fazer de conta que não sabia de nada até o fim. Nada tinha acontecido, absolutamente nada, e ela podia manter a cabeça erguida.

"Saúde perfeita...? Espera - isso quer dizer... Você esteve recebendo clientes na Casa Verde-Azulado?"

Antes que pudesse se controlar, Maomao esmagou os dedos do pé de Lahan com força. E não foi nada gentil.

"Ai!" Lahan guinchou, seus olhos normalmente estreitos se alargando por um momento. Ele olhou para cima e depois girou o pescoço. Depois de um segundo, ele bateu palmas. "Ah... Ahh, eu entendo... Você só tem olhos para o Príncipe da Lua!"

Ele ainda parecia estar sob alguma espécie de ilusão, mas então, ela meio que tentou levá-lo por esse caminho. Lahan estava sorrindo um sorriso extremamente perturbador. "Bem! Se é assim que é, então que seja! Se você continuar assim, algo vai acontecer. Eu farei questão de conseguir um guia e a medicina mais eficaz para você."

Agora sua expressão a irritava completamente. Maomao pensou que poderia ser a própria personificação de um ser iluminado, tendo de alguma forma conseguido não fazer nada pior do que esmagar seus dedos do pé.

"Estamos prontas," disse En'en, que emergiu carregando dois pacotes enrolados em pano e três baús alongados. Ela parecia pronta para se mudar, não apenas passar alguns dias.

"Isso tudo vai caber na carruagem?" Maomao perguntou a Lahan, enquanto esmagava o outro pé dele com o calcanhar.

"Claro - ai! Mulheres sempre trazem muita - ai! ai! - bagagem. Há mais do que espaço suficiente - ai, ai, ai!"

Pelo menos ele podia ser contado para se preparar para algo assim. Maomao retirou o pé e deu um tapinha nas costas de Lahan como se estivesse ordenando que ele partisse.

“Maomao?” Yao lançou-lhe um olhar confuso.

"Está tudo bem?" Maomao perguntou.

"Você não vai conosco?"

O que a querida jovem senhora poderia estar falando?

"Certamente não. Na verdade, não consigo entender o que você está pensando, ficando com um homem assim."

"Se En’en diz que está tudo bem, então deve estar, não acha?"

Ela confiava em sua acompanhante - e Maomao admitia que era verdade: En’en nunca deixaria ela perto de um homem de má reputação.

Repetir a discussão aqui não faria bem a Maomao. Se Lahan achava que o mensageiro de Jinshi estava chegando, então ela queria ele e as meninas fora daqui - mas havia uma coisa que ela queria deixar muito clara primeiro. "Você realmente não se importa se começarem rumores estranhos sobre você?" ela perguntou a Yao e En’en. Duas mulheres solteiras hospedadas na casa de um homem - era como convidar os fofoqueiros a tirarem suas próprias conclusões.

Houve uma pausa em que Yao olhou para Maomao, em conflito. Ela parecia querer dizer algo, mas não conseguia.

En’en, incapaz de suportar, finalmente falou. "Não há nada de errado em visitar a casa de um amigo!"

"Com licença?" Maomao explodiu.

"S-Sim, então se pudermos fingir que é isso que estamos fazendo, ninguém vai espalhar rumores. Você tem que vir conosco, Maomao!" Yao gaguejou.

"De jeito nenhum. De qualquer forma, aposto que aquela casa cheira a pessoa idosa."

"Maomao, você ficaria surpresa com o quanto meu honrado pai não cheira mal para a idade dele."

"Com licença?"

"Maomao," En'en disse, massageando o rosto de Maomao novamente. Yao as observou, ansiosa. "Sabemos que o 'honrado pai' dele não está lá, então você pode relaxar. E não faça essa cara. É assustadora."

"Com licença? 'Não está lá'?"

"Você se lembra do Sábio Go, não é? Ele levou meu pai para uma pequena viagem. Para outro torneio de Go. Nossa casa tem dívidas extensas para pagar, então precisamos ganhar alguma coisa."

Eles estavam falando de Lahan - Maomao tinha certeza de que ele havia feito arranjos para vender o livro de Go do estrategista onde quer que este outro torneio estivesse sendo realizado.

"Você tem certeza disso? Não se sabe o que ele vai aprontar. Ele pode voltar com mais dívidas do que quando saiu."

"Não estou preocupado com isso. O sucessor do Senhor Rikuson recentemente começou a se estabelecer em seus deveres, e de qualquer forma, o Sábio está com ele. Ele sabe como lidar com meu pai."

Maomao não tinha certeza de que tipo de pessoa era esse Sábio - mas se ele pudesse vencer o estrategista no Go, então ele devia ser bastante inteligente.

"Vamos, Maomao, qual é? Você vai ou não?" Yao finalmente disse.

"Yao, minha querida, acredito que Maomao está ocupada hoje. Talvez você se contente comigo como seu guia por enquanto."

Lahan olhou para trás. Um homem vestido como servo estava correndo em direção ao dormitório - um dos mensageiros de Jinshi. Ele iria convocar Maomao para outro lugar, colocá-la em uma carruagem e levá-la embora.

"Lamento muito", disse o mensageiro, "mas suas habilidades de boticário são necessárias novamente hoje." Ele foi cuidadoso ao falar com outras pessoas presentes, mas sabia que sua mensagem chegaria a Maomao.

"Muito bem, senhor", ela respondeu.

Yao lhe deu um olhar estranho. "Entendi... Bem, parece que é isso." Ela virou-se, sua expressão fria. En'en suspirou, mas assentiu respeitosamente para Maomao. "Nós vamos te ver quando te vermos, então..." Yao disse, mas ela não parecia conseguir sair.

"Certamente. E se aquele homem parecer que vai fazer algo inapropriado, por favor, corra. Você tem um cutelo para se proteger?" Esta pergunta não foi dirigida a Yao, mas a En'en.

"Claro que tenho. Aqui mesmo." Ela produziu algo parecido com um pé de cabra da bagagem.

"Gosto do formato. Curto. Útil."

"Não será útil, porque não farei nada. Nada que mereça ser atingido com um pé de cabra, de qualquer forma..." Lahan estava levantando as mãos em um gesto de por favor-não-me-bata. Maomao decidiu confiar nele. Por enquanto.

"E não ouse tentar extorquir dinheiro delas por ficar com você."

"Eu não vou! Juro que não vou!"

Por outro lado, Maomao refletiu, se elas pagassem pela hospedagem, não deixaria nenhuma dúvida sobre favores questionáveis devidos. Toda a situação cheirava mal, mas ela só podia assistir as três partirem.

Capítulo 2: A Vila

O mensageiro não a levou ao palácio usual de Jinshi, mas a uma vila fora do tribunal propriamente dito.

Quantas vilas o Imperador tem?

Admitidamente, provavelmente era mais fácil levar Maomao para um lugar como este, dado todas as coisas que ela estava trazendo. Só aqui na capital, o Imperador tinha outra vila, aquela onde Ah-Duo vivia. Nobreza como ele provavelmente poderia construir um novo prédio ou dois apenas para passar o tempo.

A guarda estava mais leve que o usual, e Maomao foi levada a uma sala onde Jinshi, Suiren e Gaoshun estavam esperando.

Não Basen? ela se perguntou, mas então percebeu que isso era obra de Sua Majestade. Basen era inteligente o suficiente, mas ele era teimoso. Gaoshun era muito mais propenso a guardar seus pensamentos para si mesmo se ela e Jinshi acabassem sozinhos juntos. Ele poderia adivinhar algo que não deveria saber, mas não iria atrás disso.

E o que a velha senhora pensa disso?

Suiren estava sorrindo como sempre, mas seu sorriso poderia ser assustador—precisamente porque Maomao nem sempre sabia o que havia por trás dele.

Parecia haver mais alguém ali também. Maomao podia ouvir o tilintar de pratos vindo de dentro. Será que eles encontraram alguém que pudesse suportar a beleza de Jinshi e a severidade de Suiren?

"Há algo de que você precise, Xiaomao?" Gaoshun perguntou.

"Não, obrigada." Ela havia preparado todas as suas ferramentas sozinha, junto com a maioria dos componentes médicos que poderia precisar. Ela achou que seria melhor não dar muitas pistas a Gaoshun sobre o que usaria. No entanto, ela percebeu que havia uma coisa que queria. "Se por acaso tiverem algum gelo..."

"Certamente." Não foi Gaoshun, mas Suiren, que respondeu. "Chue, traga-nos um pouco de gelo, por favor."

Era um nome que Maomao não reconhecia. Pouco depois, acompanhada por passos distintivos, uma mulher surgiu segurando um balde grande. Seu rosto era bronzeado e seu nariz baixo. Ela tinha mais ou menos a idade de Maomao, talvez um ou dois anos mais velha. Muitos dos servos da família Imperial eram fisicamente bonitos, mas quando se tratava de servir Jinshi, a aparência era menos importante do que as habilidades no trabalho.

Como sua xará, o pardal, Chue quase parecia estar saltitando enquanto se movia; seus passos faziam um som de rangido enquanto ela andava.

"Só consegui encontrar um grande bloco de gelo. Você quer que eu o quebre?"

No balde havia um enorme pedaço de gelo envolto em junco. Provavelmente veio de alguma montanha distante, mantido congelado para fazer a longa jornada até a capital. Ainda era a estação fria, e poderiam ter conseguido gelo de algum lago local, mas fizeram questão de buscá-lo de um lugar distante.

Não é como se eu fosse beber isso... Ela se sentia um pouco culpada por usar algo tão valioso para esse propósito, mas era tudo o que tinha. "Você acha que poderia quebrá-lo em quatro partes?" ela disse.

"Entendido!" Chue tirou um malho das dobras de sua túnica, desenrolou os juncos e quebrou o gelo. Maomao esfregou os olhos. Duvidou do que acabara de ver; parecia que deveria ser impossível fazer isso de forma tão casual. "Isso serve?" Chue perguntou.

"Obrigada. Serve sim," Maomao disse com uma reverência respeitosa, a qual Chue retribuiu. Ela colocou o balde de gelo na frente de Maomao, depois limpou o malho com um lenço e o guardou novamente. Em seguida, saltitou de volta pelo caminho de onde tinha vindo.

"O nome dela pode significar pardal, mas você poderia confundi-la com um esquilo," Suiren disse, olhando diretamente para Maomao. Parecia querer dizer que não havia como uma pessoa conseguir esconder um malho tão grande em sua túnica. Então ela perguntou: "Há mais alguma coisa de que você precise?"

"Não, obrigada."

"Se você vier por aqui, então, por favor." Suiren levou Maomao para uma sala interna. "Você vem aqui. Pode provar estes novos petiscos," ela disse, puxando Gaoshun de lado. Ele não questionou, mas assentiu respeitosamente e sentou-se onde ela indicou. Maomao até achou que viu um brilho nos olhos dele. Ela lhe deu um olhar muito conflituoso e fechou a porta.

Jinshi, parecendo distante, imediatamente se jogou na cama. Maomao não perdeu tempo; ela colocou o gelo que recebeu em um saco de couro e o entregou a Jinshi. "Pressione isso na sua ferida, por favor. Resfrie a área." Resfriar o abdômen poderia causar desconforto estomacal, mas seria melhor do que administrar esse tratamento sem nada para aliviar a dor. "Se sentir vontade de ir ao banheiro, me avise imediatamente."

"É só isso que você tem a me dizer?" Jinshi pressionou o saco contra o lado do corpo, parecendo incomodado.

Depois de um segundo, Maomao perguntou: "O que devo dizer ao Mestre Gaoshun e à Senhora Suiren? Suponho que posso ignorar a... outra pessoa lá fora."

Maomao pegou os medicamentos e instrumentos que havia trazido, incluindo uma pequena faca para cortar a pele queimada. As pessoas lá fora poderiam confiar nela, mas se soubessem que ela estava carregando algo que poderia ser considerado uma arma, nunca a teriam deixado sozinha com Jinshi.

O que fariam se pensassem que eu sou uma assassina? É verdade que Jinshi poderia dominá-la se precisasse, mas ainda assim parecia incrivelmente imprudente.

"Gaoshun está aqui por ordens do Imperador," disse Jinshi. Não era realmente uma resposta, mas Maomao entendeu o que ele quis dizer. Se Sua Majestade tinha ordenado que Gaoshun estivesse ali, provavelmente também o informara que o corpo de Jinshi efetivamente se tornara uma bomba e que ninguém além de Maomao deveria tocá-lo. Gaoshun poderia ou não saber dos detalhes, mas ao contrário de Basen, ele cumpriria seu dever fielmente. "E," Jinshi continuou, "foi Suiren quem preparou a marca."

Maomao congelou. "Por que ela faria isso?" Será que Jinshi havia enganado sua cuidadora, induzindo-a a preparar a marca de alguma forma? Talvez não; Maomao duvidava que ele fosse capaz de enganar a velha senhora. Nenhuma das opções parecia possível.

"Suiren é minha aliada," disse Jinshi. Maomao achou difícil compreender. Se Suiren realmente tivesse sido a ama de Jinshi, contribuído para sua educação e criação, como ela poderia tolerar o que ele tinha feito consigo mesmo?

Não consigo imaginar o que Suiren está pensando. Seria possível que Gaoshun estivesse ali não apenas para vigiar Jinshi, mas também para monitorar Suiren? Pare. Não pense nisso. Isso não é o que importa agora.

Maomao trouxe a vela que servia como iluminação do quarto e colocou a adaga na chama para esterilizá-la. Ela agitou a faca para esfriá-la um pouco, depois se preparou para retomar o trabalho do dia anterior.

Jinshi ainda estava esfriando o lado do corpo.

"Afrouxe seu cinto, por favor," disse Maomao.

"Er... Sim, claro." Houve um farfalhar enquanto Jinshi desabotoava o cinto e removia a bandagem. Sob uma camada espessa de pomada estava a carne queimada que Maomao não havia conseguido remover antes.

"Você comeu?" ela perguntou.

"Sim, já terminei."

"Tome isto, então." Ela misturou um remédio em água quente, bebendo um gole para mostrar a ele.

"Um analgésico?"

"É para evitar infecções. Você precisa de um analgésico?"

"Preciso."

"Huh! Eu não teria esperado isso. Aqui estava eu pensando que você fazia esse tipo de coisa por diversão."

Era uma piada, embora com um tom ácido. Ela adicionou alguns analgésicos ao copo. Mesmo que ele bebesse agora, não evitaria a dor que sentiria quando ela começasse a cortar.

Maomao limpou a pomada do lado de Jinshi, depois esfregou a pele com álcool. Estava muito frio ao toque, graças ao gelo; quando ela pressionou com o dedo, a pele demorou a voltar ao normal. Ela passou a Jinshi um lenço. "Vai sangrar. Pode limpar para mim? E saia da cama. Não será bom para nenhum de nós manchar a cama de sangue. Deite-se aqui, de lado."

Maomao alinhou três cadeiras, e Jinshi se deitou como ela pediu. Seus pés ficaram para fora das cadeiras, mas teriam que se contentar com isso. Maomao cobriu a área ao redor da ferida de Jinshi com papel de óleo, espalhando um pouco no chão também.

Jinshi e Maomao eram os únicos na sala. Ela não podia pedir ajuda a ninguém. Jinshi assentiu, indicando que estava pronto.

"Lá vou eu."

Jinshi, com ansiedade escrita no rosto, prendeu a respiração mas disse: "Tudo bem." A preocupação era, talvez, a reação natural quando alguém estava prestes a cravar uma faca em sua pele, mas, ainda assim, a expressão dele parecia estranha.

Maomao cravou a faca na pele queimada. O sangue borbulhou imediatamente.

Não me diga que ele está um pouco... excitado?

A palidez de Jinshi estava boa, mostrando que ele tinha uma excelente circulação sanguínea - mas isso anulava o propósito de esfriar a pele dele. Ela teria que trabalhar rapidamente.

Ela começou a cortar a carne carbonizada restante. O sangue jorrou, e ela confiou em Jinshi para contê-lo. Ela fazia todo o esforço possível para manter os cortes o mais superficiais possível, mas isso não era como filetar um peixe. O sangue pingava no papel de óleo no chão. Ploc, ploc.

Depois que Maomao removeu a última pele queimada, a forma da marca e os detalhes do brasão se destacaram ainda mais.

Gostaria de poder simplesmente cortar isso fora, ela pensou. Remover toda a pele queimada para que a marca não pudesse mais ser vista cortaria pela metade seus problemas, no mínimo. Neste momento, no entanto, ela precisava priorizar o tratamento adequado. Sua especialidade era ervas e medicamentos; quando se tratava do que estava fazendo com Jinshi agora, ela era pouco melhor que uma amadora sem treinamento. Ela não queria fazer nada que provocasse mais sangramento do que o necessário.

Ela estancou o sangue com puhuang, depois pressionou uma gaze coberta com papel de óleo na ferida. Ela apertou a bandagem firmemente para ajudar a parar o sangramento.

Maomao exalou pesadamente, depois limpou o restante do sangue com um lenço. A mão de Jinshi, onde ele estava segurando o pano no lugar, estava imunda.

"Aqui." Maomao molhou um pano e passou para ele. "Tenho remédio para você tomar todos os dias e uma pomada para passar na ferida. Também preparei coagulantes, caso o sangramento não pare. Tenho bandagens e gazes frescas para dez dias." Ela bateu em um pequeno baú contendo os suprimentos. "Como sei que você aprende rápido, Mestre Jinshi, posso supor que você já aprendeu como prender a bandagem?"

"Até onde vai, sim..." Jinshi parecia ter mais a dizer.

"E você consegue se vestir sozinho?"

"Sim," ele disse com profundo aborrecimento. Maomao suspeitava que sabia o que ele estava guardando.

"Gostaria de poder vir verificar seu progresso todos os dias, mas acho que o melhor que podemos esperar é cerca de uma vez a cada três dias. Diariamente seria pedir demais. É por isso que preciso que você seja capaz de trocar sua própria bandagem."

Durante as férias, isso poderia ser administrável. Contanto que Yao e En'en não estivessem por perto, ela poderia até mesmo mantê-los no escuro sobre suas excursões noturnas. Mas havia muitos olhos e ouvidos lá fora para manter as coisas completamente em segredo.

Os rumores já estavam circulando da última vez que ele veio ao distrito do prazer.

Naquela época, ele aparecia a cada dez dias para que ela pudesse verificar a cicatriz em seu rosto. Ele usava sua máscara, mas isso só o tornava mais provocante e misterioso. Os sinais eram óbvios: pelas suas roupas e perfume, todos no distrito do prazer podiam perceber que ele era alguém importante.

Mas o que diabos eu devo fazer sobre isso?

Considerando a gravidade da lesão atual de Jinshi, ele deveria ter procurado um médico adequado imediatamente. Maomao se especializava em ervas, medicina interna. Ela não era especialista em cirurgia. Sim, ela uma vez ajudou a amputar um braço quando um soldado foi ferido em um ataque de bandidos, mas isso foi porque sua mão, por assim dizer, foi forçada.

"Você ficou quieta. Há mais alguma coisa que precisa me dizer?"

"Estou pensando, senhor. Tenho muito em mente."

Maldito seja essa raiz de todo o mal! E agora a raiz estava falando com ela?

Jinshi se aproximou de Maomao, que imediatamente recuou.

"O que foi?" ele perguntou, desapontado por ela ter recuado.

"Não chegue tão perto. Estou fedendo. Estive suando."

"Não pode cheirar tão mal assim."

"É o suficiente para me incomodar."

Ela havia se limpado antes de ir aos aposentos de Jinshi, mas estava suando por todos os poros e se sentia nojenta. Cortar a queimadura de Jinshi havia sido um trabalho tenso. Não era exatamente o suor fino que se produzia ao se exercitar; era oleoso e fedido.

Maomao deu mais um passo para trás. "O que você pretende fazer no futuro?"

"Curar pessoas é trabalho de um farmacêutico, não é? Que bom que eu tenho uma bem aqui."

Do jeito que ele disse, tão casualmente, fez ela querer socar bem no seu lindo rosto. Em vez disso, ela respirou fundo, derramou um pouco de água de uma jarra em um copo e tomou um gole. Ela não se incomodou em pedir permissão a Jinshi.

Calma, calma, calma!

"Você está certo, senhor, farmacêuticos tratam doenças e ferimentos. Mas essa queimadura está além das minhas capacidades. Quando se trata de cirurgia, só consigo imitar o que vi outros fazerem — nunca aprendi formalmente. Nem estou certa de que o que fiz para tratá-lo está correto."

"Você acabou de fazer, não fez? Não suponho que pretenda enfiar mais objetos cortantes em mim?" Jinshi esfregou seu lado de forma jovial.

Antes que pudesse se controlar, Maomao bateu ambas as mãos na mesa. Isso fez suas palmas formigarem, e ela olhou ao redor para ver se alguém do lado de fora havia notado o barulho. Os aposentos eram espaçosos o suficiente para que ela esperasse que não.

"Primeiro você coloca uma cicatriz na bochecha, depois uma queimadura no abdômen — e espera que eu confie que você não fará mais nenhum mal a si mesmo depois disso?!" Ela sacudiu as mãos enquanto gritava. Queria acreditar que Jinshi não estava simplesmente sendo excessivamente otimista, mas uma vez que ele fizesse algo, seria tarde demais. Em suma, Maomao estava sentindo sua própria impotência, e sentindo intensamente.

Eu tenho que fazer algo sobre isso!

Ela pensou em seu velho. Ele lhe ensinou muito sobre ervas e medicamentos, mas de cirurgia, ele lhe ensinou apenas o mínimo. Ele ordenou-lhe severamente que nunca tocasse em um cadáver humano.

Os lábios de Maomao se apertaram e ela olhou para Jinshi. “Mestre Jinshi,” ela disse.

“O quê?”

“Eu sou atualmente uma das damas do tribunal designadas para ajudar os médicos. Não tenho certeza se sou a mais adequada para o trabalho, mas passei no teste e ganhei a posição por mérito. Quanta prerrogativa isso me dá?”

Por enquanto, o trabalho de Maomao consistia principalmente em lavar bandagens e misturar preparações médicas simples. Talvez administrar primeiros socorros para as lesões mais leves. Aqueles com aflições graves eram sempre enviados aos veteranos. Maomao queria saber quanta responsabilidade ela realmente poderia assumir, desde que suas habilidades fossem adequadas para a tarefa.

Jinshi colocou a mão no queixo. “Não há uma linha oficial na areia. Suponho que dependeria da carga de trabalho dos médicos de hierarquia superior.”

“É mesmo, senhor?”

Maomao pensou no Dr. Liu. Entre os médicos de alta patente, ele era o primeiro entre iguais. Se ela fosse implorar para que alguém a ensinasse, teria que ser ele, ou talvez—

Meu velho ficaria muito triste se eu pedisse para ele me ensinar a fazer cirurgia.

Não bravo, triste. Seu pai, Luomen, era exatamente esse tipo de pessoa.

Em algum nível, ela achava que entendia por que ele não queria ensiná-la a fazer cirurgia. Envolvia muito do que as pessoas consideravam impuro, e até outros médicos agiam como se fosse algo totalmente diferente do tratamento com medicamentos. Ela tinha ouvido dizer que era pior no oeste — lá, barbeiros dobravam como cirurgiões!

Luomen havia sido perseguido, e tinha visto isso acontecer com outros. Sem dúvida, ele criou Maomao na tradição dos farmacêuticos para salvá-la de tais calúnias.

E sou grata por isso. Mas...

A vida de Maomao acabou sendo muito mais cheia de drama do que até mesmo Luomen provavelmente esperava.

“Mestre Jinshi, vou tentar pedir ao meu pai para me ensinar. Você não tem objeção, imagino?” Seria melhor, ela pensou, perguntar primeiro ao seu velho.

“Senhor Luomen?” Jinshi fingiu pensar por um momento. “Muito bem.” Luomen era um homem de profunda percepção, e se Maomao viesse a ele pedindo para aprender cirurgia, ele poderia suspeitar que algo estava acontecendo. Ao mesmo tempo, ele nunca falaria de nada que apenas assumisse.

Sinto muito, Pai, pensou Maomao. Ela se sentia tão ansiosa que pensava que um buraco poderia se abrir em seu estômago, mas ficar em silêncio seria ainda pior. Pode culpá-lo. Ela lançou um olhar furioso a Jinshi.

Quanto a Jinshi, ele olhou para o teto. “Será bom se o Senhor Luomen concordar...” Jinshi começou. Maomao, limpando seu espaço de trabalho, quase disse que não seria nada bom. Ela puxou o papel oleado ensanguentado e o colocou em uma bolsa de couro. Limpou o sangue que tinha caído nas cadeiras e no chão. Ficou com os olhos vermelhos de tanto tentar garantir que não restasse nenhum vestígio do material em nenhum lugar.

Quando Maomao terminou de limpar, Jinshi parecia ter chegado a uma conclusão.

“Estarei indo, senhor,” disse Maomao.

“Já?”

“Já fiz o que vim fazer.”

O nobre lhe lançou um olhar suplicante, mas ela não podia ficar por ali entretendo-o para sempre. A essa hora, ela ainda poderia conseguir voltar ao dormitório.

Ela pegou suas últimas ferramentas e então lançou um olhar firme a Jinshi. Eu preciso garantir que essa parte chegue até ele. “O que você tem que suportar, Mestre Jinshi, eu não acredito que poderia carregar. Talvez seja por isso que você fez o que fez.” Ela respirou fundo, soltou o ar e então agarrou Jinshi pelas lapelas. “Mas você não fará isso de novo.”

Foi um milagre que ela não soasse enfurecida.

Jinshi evitou o olhar dela de forma desajeitada.

Será que ele vai ficar bem? ela se perguntou. Ainda estava ansiosa enquanto pegava seus pertences e saía do quarto.

Capítulo 3: O Livro de Kada (Parte 1)

No dia seguinte, Maomao foi despertada pelo grito da mulher que administrava o dormitório. "Você tem uma visita!" ela chamou.

Maomao se trocou, esfregando os olhos o tempo todo, e então foi até a porta da frente para ver quem era. Ela encontrou um senhor idoso, gentil, mas com uma expressão preocupada—seu pai adotivo.

"O quê—" Ela estava prestes a perguntar o que havia de errado, mas então se lembrou. Ela havia falado com Jinshi sobre contatar Luomen na noite anterior.

Ele é rápido!

Judgando pela expressão de Luomen, a carta de Jinshi explicava exatamente o que Maomao queria saber.

"Então, pai..." Ela não estava muito certa de como explicar, mas seu pai estreitou os olhos e soltou um pequeno suspiro.

"Talvez devêssemos ter essa conversa em outro lugar." Ele pousou uma mão na cabeça de Maomao.

Uma carruagem os esperava do lado de fora. Com seu joelho ruim, até mesmo andar pela cidade era quase mais do que Luomen podia suportar. Mas para onde ele pretendia levá-los?

Enquanto balançavam na carruagem, Maomao conversava, mas se sentia desconfortável o tempo todo, tendo que guardar segredos. "Você também está de folga, pai?"

"Por hoje, sim. Tenho que trabalhar amanhã. Não há folgas prolongadas para os funcionários da área médica."

Verdade, nem para praticamente ninguém na corte. Um número mínimo de pessoal médico tinha que estar presente o tempo todo. Certamente haveria problemas se não houvesse pelo menos um médico qualificado para atender todos os figurões.

Queria poder fazer parte disso, pensou Maomao, mesmo sabendo que havia limites para o que as damas da corte como ela seriam autorizadas a fazer. Nem mesmo o

fato de estar bastante segura de que estava trabalhando mais do que alguns dos jovens médicos menos comprometidos importava.

Depois de mais um tempo sendo sacudida e batida pela carruagem, eles chegaram a uma mansão que inspirava um sentimento desagradável e sem nome em Maomao. Estavam na borda leste da capital, não exatamente onde estavam as casas mais bonitas, mas ainda assim, essa era bastante grande. Deve ter sido um prédio impressionante em sua época, mas agora estava velho.

A primeira coisa que ela notou foi um estranho monumento perto do portão. Parecia um tabuleiro de Go gigante, e havia grandes pedras redondas pretas e brancas por perto. Você poderia usá-las para jogar uma partida comum, exceto pelo tamanho enorme delas.

Além das pedras pretas e brancas, ela viu o que pareciam ser peças de Shogi. Estas eram feitas de madeira ao invés de pedra, e a cor da tinta usada para inscrever seus nomes estava desbotada. Se os caracteres não tivessem sido esculpidos na madeira, poderia ter sido impossível saber qual peça era qual.

O tabuleiro tinha linhas cuidadosamente trabalhadas e parecia ser destinado tanto ao Go quanto ao Shogi. Seu tamanho sugeria que era um único pedaço de rocha. Ela não conseguia imaginar quanto havia custado para trazê-lo até ali. Um desperdício de dinheiro se já houve um.

O dono da casa teria encomendado isso ou alguém lhe deu de presente? Seja qual for o caso, o modo como ele se destacava na estrada o tornava apenas um obstáculo.

Neste ponto, certamente não precisamos explicar mais a qual casa eles haviam chegado.

Maomao e seu pai passaram pelo portão em ruínas, momento em que ele emergiu com um sorriso vil no rosto.

"Tio-avô! Maomao! Bem-vindos!" Era Lahan, seus olhos já estreitos estreitando-se ainda mais com seu sorriso untuoso.

Sim: estavam na casa do estrategista excêntrico.

"Esta é uma casa de estranhos", disse Maomao.

"E eu fui expulso", disse Luomen, cada um deles rejeitando a recepção de Lahan à sua própria maneira.

Quando Luomen sugeriu uma mudança de local, Maomao nunca imaginou que ele os traria aqui. Pior, aconteceu que outras duas pessoas estavam lá neste momento também.

"Bom dia, Mestre Luomen. Maomao, que bom que você se juntou a nós," disse En'en, aproximando-se por trás de Lahan. Ela fez uma reverência respeitosa para Luomen, enquanto para Maomao ofereceu um aceno de cabeça rápido e um olhar reprovador.

"Nunca foi minha intenção, acredite em mim", disse Maomao.

"Bem, certamente deveria ter sido. Você pertence aqui." En'en continuava olhando para trás. Maomao seguiu o olhar dela e viu Yao se escondendo atrás de um poste. Os olhos de En'en diziam: Deve-se sentir pena da jovem senhora. *Mas ela é tão fofa*!

Lahan, talvez ciente das inclinações de En'en, olhou para ela com algo crítico em seu olhar e depois se virou para Luomen. "Há quantos anos você não mora aqui, tio-avô? Você partiu antes mesmo que eu pudesse me lembrar—e acho que você não voltou desde então, não é mesmo?"

"Vamos ver, agora... Deve fazer pelo menos dezoito anos. Eu voltei uma vez para pegar minhas coisas, mas não mais que isso." O pai de Maomao estava olhando carinhosamente para a distância. Seu banimento desta casa teria correspondido aproximadamente ao período em que ele começou a criar Maomao.

"Seu quarto ainda está aqui, tio-avô, embora se pudesse desejar que você tivesse me informado um pouco mais cedo que viria." Ele coçou a bochecha. "Eu acabei de emprestar sua anexa para esses dois. A biblioteca ainda está aqui—mas se você for ficar, posso preparar um quarto na casa principal. O que acha disso?"

"Não, obrigado, não precisa se incomodar. Não vou passar a noite aqui. Só vim dar um pouco de dever de casa para Maomao. Devo dizer, no entanto, que o lugar parece ter sido largado às traças desde a última vez que o vi."

"Não se preocupe, nós o limpamos regularmente."

Dever de casa? Maomao pensou. Parecia que Luomen faria o que pudesse para manter a compostura diante do pedido de Jinshi. Se esse dever de casa estivesse relacionado à cirurgia, então Maomao jogaria junto com prazer. Mas ela tinha a sensação de que não seria tão simples assim.

Além das reflexões de Maomao, Lahan continuou a falar com Luomen. "De qualquer forma, tenho certeza de que meu honrado pai ficaria muito feliz se você viesse morar conosco."

"Receio que não. Minha perna ruim torna o dormitório muito mais conveniente—mais perto da corte. Esta casa seria um pouco longe para mim."

"Simples—basta usar uma carruagem."

Maomao suspeitava que a verdadeira motivação de Lahan fosse enredar Luomen em ajudá-lo a cuidar do velho, o que devia ser um trabalho bastante grande só por si.

Luomen continuou sorrindo, mas gentilmente recusou. Lahan, por sua vez, não estava disposto a pressionar o assunto com muita pressa—mas parecia provável que continuasse a ponderar sobre isso.

"Yao. En'en. Gostaria de ir para a anexa; tudo bem?" Luomen disse

"Não me importo," Ewen disse, "mas..." Ela olhou para Yao, que, para responder a uma pergunta de Luomen, estava disposta a sair de trás de seu poste.

"Está... tudo bem para mim também..."

Parecia que havia algo por trás de suas palavras; ela olhou para Maomao, mas Maomao limitou sua resposta a uma reverência educada. Ela estava mais interessada em saber sobre esse dever de casa que Luomen tinha mencionado.

Yao disse: "O que é essa coisa de dever de casa? Maomao vai receber instruções especiais que nós não vamos?" Seu rosto estava um pouco assustador. En'en gesticulava fora do campo de visão de Yao, tentando comunicar algo para Maomao.

Desculpe... Eu não entendi.

Luomen parecia preocupado com o tom crítico de Yao, mas ele respondeu: "Uma pergunta justa. Na verdade, achei que era o momento perfeito, quando Lahan me disse que vocês estavam aqui. Não seria bom ensinar certas coisas apenas para Maomao."

"Então você vai nos ensinar sobre medicina, senhor?" ela perguntou, as nuvens sob as quais ela estava se dissipando um pouco.

"Não imediatamente. É necessário provar-se digno de aprender os segredos da medicina. Quero ter certeza de que vocês dois—na verdade, os três, pois incluo Maomao—estejam preparados para fazer o que for preciso. Se estiver tudo bem para vocês?"

Provar-se digno?

Esse tipo de conversa não era como o seu velho, pensou Maomao. Ele adorava compartilhar seu conhecimento e dava livremente de sua sabedoria a qualquer um que pedisse. Ele resistia em privilegiar alguém sobre outro, ou considerar uma pessoa mais merecedora do que outra.

"Explicarei assim que chegarmos ao quarto. Eu sei que Maomao está pronta. E vocês duas?"

"Estou pronta," disse Yao.

"Se a Senhora Yao está preparada, então eu também estou," disse Ewen.

Elas seguiram o pai de Maomao, como, é desnecessário dizer, fez Maomao.

Então elas vão conosco? Maomao sentiu uma onda de ansiedade. Ela sabia sobre qual "medicina" seu pai iria ensiná-las—mas as outras mulheres não tinham ideia. Yao era uma jovem de boa criação, e En'en era sua serva.

Eu sei que não vamos ensiná-las a criar novas e audaciosas poções ou algo do tipo, mas ainda assim... En’en pode ser flexível, mas Yao pode ser teimosa. Maomao continuou a se sentir desconfortável enquanto seguia Luomen. Havia pouca conversa, então ela ocupou-se olhando ao redor dos terrenos. Não há nada tão estranho quanto o tabuleiro de Go gigante lá fora, ela pensou.

Ela viu um jardim, mas estava bastante desprovido de plantas ornamentais. Havia algumas pedras grandes ao redor, dispostas de uma maneira que tinha uma certa elegância e simplicidade. Parecia trabalho de Lahan para ela.

Ela não pôde deixar de notar uma coleção inquietante de marcas de queimaduras e cortes nos postes e corrimãos da casa. Ela se perguntou se houve uma briga aqui dentro

Eu acho que ele realmente expulsou sua família, e fez muitos inimigos políticos. Talvez ela não devesse ficar surpresa se ele tivesse se envolvido em uma ou duas batalhas no terreno de sua própria casa.

Na verdade, esta era a primeira vez que ela estava na casa do estranho. Ele tinha tentado levá-la embora várias vezes quando ela era pequena, mas a velha senhora sempre o tinha espancado com sua vassoura e libertado Maomao. Sem mencionar as várias vezes em que Lahan teve que vir buscar o velho amarrado como um porco

"Você tem muitos bandidos por aqui?" Maomao resmungou, passando os dedos ao longo de um dos postes queimados. O laca vermelho havia sido removido, e era óbvio que ninguém havia visto benefício em tentar consertá-lo.

"Oh, você está fazendo parecer um antro," Lahan disse. "Use seus olhos! Meu honrado pai fez essas marcas de queimadura, e você não consegue ver o quão antigas são as marcas de espada? Não houve quase tantos arrombamentos nos últimos dez anos."

Isso fez Yao e En'en darem um passo para trás.

Então ainda acontecem alguns, eu suponho?

Talvez as queimaduras tenham sido causadas com pólvora ou algo do tipo. Falar sobre ser um incômodo para o bairro.

"Deixe isso com seu irmão mais velho. Contratei o dobro de guardas do que o normal!"

"Quer dizer que você normalmente contrata metade do que precisa, tenho certeza. Não vai ter ladrões por aqui," En'en resmungou. Ela não tinha feito todo esse esforço para tirar Yao de seu terrível tio apenas para ser atacada por bandidos.

Lahan sorriu em resposta. Eles passaram pela casa principal, dirigindo-se para a anexa. Era menos espaçosa do que o prédio principal, mas ainda melhor equipada do que a moradia média de um plebeu.

“Aqui está,” anunciou Lahan.

Maomao olhou para dentro. Não era nada ostensivo, mas também não era simples. Se En'en havia decidido que era um lugar aceitável para sua jovem senhora ficar, não podia ser tão ruim.

“Dormiram bem na noite passada? Se precisarem de algo, não hesitem em me avisar,” disse Lahan aos seus hóspedes, de maneira mais obsequiosa do que tinha falado com Maomao. Talvez precisem de um lugar onde não haja arrombamentos! Pensou Maomao.

“Obrigada. Sim, dormimos muito bem. Foi uma noite sem incidentes, e enquanto não aparecerem ladrões, acho que ficaremos bem,” disse En'en, não deixando de enfatizar o ponto mesmo enquanto oferecia a Lahan um aceno de cabeça respeitoso.

“E você tem servos suficientes?”

“Sim. Enquanto eu estiver por perto, a jovem senhora não precisa de mais ninguém para cuidar dela.” En'en estufou o peito; Yao olhou para o lado desconfortavelmente.

“Bem, se não houver mais nada, vou voltar para a casa principal,” disse Lahan.

Maomao deu mais uma olhada no jardim. Havia muito poucos servos aqui, em relação ao tamanho da propriedade. As únicas pessoas que ela viu foram um homem fazendo alguns reparos na casa e três menininhas com cerca de dez anos de idade. Espera, talvez uma delas fosse um menino.

“Você contrata crianças?” Maomao perguntou, impedindo Lahan de sair.

“Eu vejo isso menos como contratação e mais como um investimento,” respondeu Lahan.

“Ah, pelo amor de...” disse Maomao. Yao e En'en agora também ouviam com interesse.

“Meu honrado pai às vezes acolhe crianças sem ter para onde ir. Ele alega acreditar que serão úteis.”

“Ah. Entendi.”

O estrategista excêntrico era uma negação como ser humano, mas era um excelente juiz de caráter.

“Nós estávamos apenas tentando acolher uma criança,” acrescentou Lahan. “Mas as outras duas vieram por conta própria, e acabamos ficando com todas elas.” Ele não parecia achar que foi um mau negócio—criar três crianças para conseguir um excelente funcionário no futuro. Poderia significar três bocas para alimentar agora, mas o investimento renderia no futuro.

“Um,” disse Yao, levantando a mão hesitante. “Quando o dono, Mestre Lakan, estará em casa?”

Maomao também queria saber exatamente isso.

“Ele estará fora por pelo menos três dias. Provavelmente mais. Ele disse algo sobre uma competição de melhor de três com o Sábio de Go, e eles não conseguem terminar uma única partida em um dia.” Lahan olhou diretamente para Maomao enquanto falava, como se quisesse tranquilizá-la de que o estranho realmente não estava ali. “Pode não ser um compromisso oficial, mas com certeza haverá espectadores. Provavelmente vão alugar um prédio onde todos possam ficar.”

“Ele não fez isso só por nossa causa, fez?” Yao perguntou, surpresa.

“Não, isso é algo que eles fazem anualmente. Com certeza posso me livrar um pouco do domínio de meu pai por alguns dias por ano, não é? Sua carta chegou no momento perfeito.”

“Você tem certeza sobre nós, então?” Yao perguntou.

“Está tudo bem. Contanto que vocês não tenham más intenções, meu pai não se importará. Mesmo que ele volte enquanto vocês ainda estiverem aqui, serão bem-vindas. Apesar de sua tendência de adotar crianças perdidas, ele não tem uma memória muito boa para quem ele trouxe para esta casa.”

Havia algo dentro do estranho que o permitia distinguir amigo e inimigo quase que imediatamente. Desde que Yao e En'en não mostrassem hostilidade para com ele, não haveria problema.

“Agora, como acho que minha presença só vai atrapalhar vocês, vou me retirar. É bom vê-lo novamente, tio-avô. Me avise quando quiser voltar para casa e prepararei uma carruagem.”

“Certamente, obrigado.”

Lahan estava prestes a voltar para a casa principal quando parou e disse: “Ah, isso mesmo. Maomao.”

Maomao não disse nada.

“Se você algum dia decidir que quer morar aqui, é bem-vinda a qualquer momento.”

“Não vamos perder tempo falando sobre coisas que nunca vão acontecer,” ela disse, lançando-lhe um olhar como se o tolo de óculos bem que poderia estar falando dormindo.

“Nunca? Acho que você pode se ver querendo ficar por um bom tempo. Temos algo que você quer, e de qualquer forma, este lugar está cheio de surpresas divertidas.”

E com esse comentário moderadamente sinistro, Lahan desapareceu.

“De jeito nenhum,” resmungou Maomao e olhou ao redor da anexa. Era uma antiguidade. Conforme avançavam pelo corredor, ela encontrou uma cozinha e uma sala de estar à esquerda, enquanto o quarto ficava à direita. A única coisa que lhe chamou a atenção foram as paredes. Elas usavam dois tipos de madeira para criar uma cor bicolor.

Ela abriu a porta no final do corredor e parou. Sentiu o cheiro de papel.

O cômodo além estava cheio de prateleiras alinhadas com antigas obras médicas, e contra a parede oposta havia uma cômoda do tipo usada para armazenar remédios. As paredes do quarto tinham o mesmo padrão bicolor que as outras, enquanto o

chão estava coberto por um tapete desbotado, e o teto continha uma imagem tipo mandala dividida em nove segmentos.

No entanto, ela não teve atenção suficiente para absorver tudo isso.

Agora entendi. Ela olhou para Luomen, cuja mão roçava as prateleiras com nostalgia.

“Isso é incrível. Não consigo acreditar que algo assim está aqui. Deve ser pelo menos tão bom quanto os arquivos médicos,” disse Yao, mas as palavras passaram direto pelo ouvido de Maomao. Ela estava abrindo as gavetas da cômoda médica, os olhos brilhando. Não havia nada nas gavetas, como ela esperava, mas os cheiros de remédios antigos que impregnaram a madeira faziam cócegas em seu nariz.

Em seguida, ela pegou um dos livros, uma coisa velha roída por traças. Seu velho pai havia se mudado para o distrito de prazer para criá-la; o velho eunuco, proveniente do palácio traseiro, provavelmente havia partido com pouco mais do que as roupas do corpo.

Maomao avistou muitos livros pelos quais já tinha se metido em encrenca por tentar espiar em seus dias mais jovens. Ela podia sentir a saliva escorrendo de sua boca.

En’en se aproximou dela. “Quase não acreditei quando vi isso ontem. Todos os livros notáveis sobre medicina.”

“Ah!” Maomao limpou a boca e tentou parecer calma e composta, mas o sorriso rapidamente tomou conta de seu rosto novamente.

“Não há como você conseguir ler todos esses em uma noite,” disse Yao.

“Provavelmente nem conseguiria passar por eles se passássemos toda a folga nisso.”

“Isso é verdade. É uma pena. Se você ficasse aqui conosco, Maomao, poderia lê-los.” En’en deu um cutucão significativo em Maomao.

Agora Maomao entendia o que Lahan queria dizer. Ele estava esperando apelar para os interesses pessoais de Maomao para conquistá-la.

Maomao deu um tapa firme em ambas as bochechas e olhou para Luomen. “Então, ah, Pops. Como exatamente provamos ser dignos?” Apesar da presença de Yao e En'en, ela voltou a adotar um tom familiar.

Luomen, ainda franzindo o cenho, tocou uma das prateleiras de livros. “É bastante simples. Vocês devem ser capazes de acessar um certo tratado médico que está em algum lugar deste quarto.”

“Acessar?”

Que maneira estranha de dizer. Será que ele queria dizer, não pegar fisicamente, mas aceitar seu conteúdo? Estaria ele dizendo que precisavam do conhecimento para mostrar que podiam entender este livro?

“Do que se trata esse tratado específico?” Yao perguntou, focada na questão em questão.

“É chamado de Livro de Kada,” disse Luomen. Kada—esse era o nome de um médico lendário. Dizia-se que ele possuía um conhecimento médico inestimável e a habilidade de curar qualquer aflição. Muitas das histórias o faziam parecer menos como um homem real e mais como um imortal mítico.

“Não entendo, senhor,” disse Yao. Sua franqueza era uma de suas forças.

“Então suponho que essa tarefa será muito difícil para você,” disse Luomen. Era estranho ele ser tão frio; normalmente ele nunca seria tão cruel.

Toda essa coisa de ser digno... Acho que ele não quer nos ensinar, pensou Maomao. Ela estava começando a pensar que tinha sido um erro trazer Yao e En'en aqui. Luomen poderia ter tornado o desafio ainda mais difícil do que ele originalmente planejara para salvá-los do que estava acontecendo. Para o bem de seus futuros, ele não queria que Maomao ou qualquer uma de suas companheiras continuasse pelo caminho da medicina.

Então, de todos os muitos livros neste quarto, eles deveriam encontrar o Livro de Kada, seja lá o que isso fosse, e compreender seu conteúdo.

Isso é um trabalho diabólico. Um tipo de problema bem diferente dos que Jinshi geralmente causava para ela.

Luomen estava prestes a sair do quarto, como se para sinalizar que havia terminado ali, quando En'en levantou a mão e disse: “Com licença, senhor. Há algo que gostaria de ter certeza.”

“E o que seria?”

“Este livro... Ele está neste quarto, não está?”

“Isso mesmo. Ou pelo menos estava quando deixei esta casa. Supondo que ninguém tenha mexido aqui, ele ainda deveria estar aqui.”

“E o livro é nomeado após Kada?” En'en disse, escrevendo os caracteres com movimentos de seu dedo, apenas para ter certeza.

O rosto de Luomen caiu ligeiramente.

Eu sabia que En'en era perspicaz, pensou Maomao. Aquela pequena mudança de expressão era o ponto fraco de Luomen quando ele se sentia encurralado. Era como anunciar que En'en havia tocado no coração do problema.

“Sim, é isso mesmo,” ele disse. “Embora eu não garanta que o livro tenha esse título exato. Mas sim, é sobre Kada.”

Maomao procurou em sua mente por mais alguma coisa que pudesse perguntar ao seu pai, mas En'en mais ou menos cobriu todas as bases.

“Também tenho uma pergunta,” disse Yao, levantando a mão.

“Pode falar.”

“Essa é uma tarefa que Maomao poderia completar sozinha?”

Depois de um momento, Luomen respondeu: “Duvido. Para ser bastante franco, a presença de vocês duas aqui foi algo de uma má avaliação minha.” Ele não disse mais nada, mas saiu mancando do quarto, apoiando-se em sua bengala.

“Não faço ideia do que ele está falando,” resmungou Maomao, enquanto pegava um livro. Estava completamente roído por insetos, tendo ficado lá por quase vinte anos. Entre a umidade, o sol e os insetos, alguns dos livros estavam começando a desbotar, enquanto outros estavam quase em frangalhos. A maioria deles era feita de papel, em vez de ser escrita em rolos de tiras de madeira, o que provavelmente seria muito volumoso para armazenar muitos em um único cômodo.

“Eles nunca arejaram essas coisas. Olha só o estado delas,” disse Yao.

“É. Eu gostaria de poder copiá-las - odiaria perder todos esses livros,” respondeu Maomao. Ela imaginou fazer o charlatão do médico conseguir algum papel de alta qualidade de sua cidade natal para que ela pudesse fazer cópias limpas. A maioria dos livros continha informações úteis, e se não fosse pelo "dever de casa" de Luomen, ela com prazer os teria lido todos em detalhes.

Ooh, aqui está uma poção que nunca experimentei!

Ela balançou a cabeça, tentando convencer-se a não se perder no livro que estava segurando. Ela não tinha tempo para isso. Até o anoitecer, ela teria que voltar para Jinshi. Ela queria fazer isso e acabar logo.

“Então, ah, vocês duas. Vocês disseram que estão lendo esses livros desde ontem? O que acharam deles?”

“Quero dizer... Todos parecem ser proveitosos,” disse Yao.

“Concordo. Todos muito úteis. Mas não vimos nada que eu caracterizaria como o Livro de Kada,” disse En’en.

O primeiro problema era entender o que era o "Livro de Kada".

Uma coisa da qual tenho certeza: meu velho não nos daria um problema sem solução. Ele disse que havia um livro que atendia à sua descrição — e ele havia dito para "pegá-lo".

Maomao olhou para as prateleiras com um Hrm. Luomen era um gênio — dê-lhe um e ele deduzirá dez. Ele saberia perfeitamente o que provavelmente havia acontecido com esses livros nos últimos vinte anos. Mesmo que, como Luomen sugeriu, ninguém os tivesse tocado, eles ainda estariam roídos por insetos e se desfazendo. Alguns deles talvez nem fossem mais legíveis.

"Yao, En'en. Vocês acham que poderíamos revisar nossos fatos, só para começar?"

Luomen havia dito que Maomao não poderia resolver isso sozinha. Ela havia assumido que era porque havia tantos livros que uma pessoa nunca poderia procurar todos sozinha, mas três pessoas juntas não pareciam ter muito mais esperança. O que significava que havia algum obstáculo além da pura quantidade.

"O que você quer dizer? Tipo, falar sobre quais livros existem?" disse Yao.

"As prateleiras estão organizadas por assunto. Gostariam que eu fizesse um esboço?" disse En'en.

"Se você puder."

En'en começou a escrever em um pedaço de papel em letras legíveis, dando a localização de cada prateleira e o assunto dos livros ali guardados. "Isso me lembra — há números na lombada de cada livro, para ajudar a catalogá-los," ela disse.

Maomao olhou para o livro que estava segurando. A capa era feita de um material resistente, então tinha resistido aos insetos. Ela ainda podia ler claramente uma inscrição na lombada: ——1—1.

"Eu não, ah, entendi exatamente, mas você disse que esses são números, certo?" disse Yao. Não é de se admirar que ela estivesse confusa; ela não conseguia ler nenhum idioma estrangeiro. Maomao e En'en eram familiarizadas com o básico, então podiam seguir o sistema de numeração.

"Sim, são números ocidentais," disse En'en, adicionando a numeração nas lombadas ao seu diagrama.

Maomao olhou atentamente para o livro e então percebeu algo. "Desculpe, mas uma de vocês pegou o livro que pertence aqui?" Ela apontou entre dois livros nas prateleiras.

"Não. Eu devolvi tudo o que peguei," disse En'en.

"Eu também," acrescentou Yao. "O que eu tenho agora, peguei de outra prateleira. Por quê? O que aconteceu?"

"Um dos números parece estar faltando."

Os livros estavam alinhados de acordo com os números em suas lombadas, mas um deles não estava lá.

"Qual número é?" En'en perguntou.

"—_2-IT," respondeu Maomao. "Vou verificar as outras prateleiras." Ela fez exatamente isso. Yao se moveu para ajudar, mas como não conseguia ler muitos dos números, ela ficou principalmente observando Maomao trabalhar. Finalmente, Maomao disse: "Nada está faltando aqui."

"Em outro lugar?"

"Teria que olhar... Mas duvido."

Um único livro faltando.

Será que meu velho o pegou? Maomao hm. Ela não se lembrava de nenhum livro na cabana deles no distrito de prazer.

"Você acha que deveríamos verificar com o Mestre Lahan?" En'en perguntou, adicionando o número —-2-II às suas notas. Então ela colocou o pincel de lado. En'en era muito boa em descobrir coisas, e Maomao tinha grandes esperanças nisso. "Ele provavelmente estará aqui por volta do meio-dia," En'en disse, olhando pela janela para verificar onde o sol estava no céu.

"Então ele vem te dizer quando o almoço está pronto?"

"Não, ele vem para comer. Falando nisso, devo começar a cozinhar."

"Você que faz a comida?" Maomao perguntou, incrédula.

"Ele disse que providenciaria as refeições para nós, mas En'en insistiu em fazer ela mesma. O Mestre Lahan fornece os ingredientes e uma cozinha para trabalhar, mas ele parece muito impressionado com a culinária da En'en. Ele esteve aqui para o jantar ontem à noite e para o café da manhã hoje de manhã," disse Yao. Que útil exposição.

Entendi...

Lahan amava coisas bonitas, adoráveis — e isso se estendia ao sabor. Se ele pudesse desfrutar de sabores suntuosos na companhia de duas mulheres bonitas, ele devia estar nas nuvens.

Que canalha.

Maomao achava que En'en estava cedendo demais aqui. Ela deveria saber que o esquisitão com cabelo bagunçado e óculos não conseguia resistir a mulheres bonitas.

"Então vou indo. Estou preparando seu prato favorito, jovem senhorita: pato! Por favor, cuide das coisas por aqui, Maomao," disse En'en, e então ela saiu do quarto.

Parece que a En'en está bem mais interessada na nutrição da sua jovem senhorita do que em ser digna ou algo do tipo. Maomao estava começando a se arrepender de confiar que En'en a ajudaria a aprender o que queria saber.

"Ela não precisava te chamar. Eu consigo muito bem olhar as estantes," disse Yao, com voz emburrada. O Sentido de Jovem Senhorita da En'en devia estar tinindo, pois apesar de ter acabado de sair, Maomao a viu espiando pela fresta da porta. Ela decidiu fazer um favor a ela e não dizer nada. En'en estava estudando Yao intensamente, como se estivesse gravando sua expressão em sua memória.

“Vamos perguntar ao Mestre Lahan sobre o livro que está faltando, então talvez devêssemos olhar os que sobraram?” Yao disse.

“Bem, sobre isso...” Maomao tinha considerado muitas possibilidades. Ela conhecia muito mais sobre seu pai, Luomen, do que qualquer uma de Yao ou En’en — então ela tinha uma chance melhor de adivinhar o que ele estava planejando. Ela pegou um livro da estante e folheou. Pedacinhos de algumas das páginas desgastadas pelo tempo estavam faltando, enquanto outras estavam grudadas pela umidade. Tentar separá-las provavelmente as tornaria ilegíveis. “Tenho a suspeita de que o Livro de Kada não é um livro livro, como este.”

“O que você quer dizer?” Yao perguntou.

“Meu velho... quer dizer, Luomen disse para pegar o Livro de Kada. Eu não sei exatamente o que ele quis dizer com ‘pegar’, mas se nem conseguirmos ler o que está nele, não vamos chegar a lugar nenhum, certo?” Ela falou de forma significativa não de Luomen o médico, mas Luomen, seu pai, membro de sua família.

“Bem, sim...”

“Se Luomen não quer fazer algo, ele pode nos dar uma tarefa muito difícil. Mas ele não nos daria um problema sem solução. É por isso que não acredito que a resposta esteja em um livro que está parado há vinte anos sem ninguém para cuidar dele. Pelo menos não um escrito em papel tão frágil.”

Yao a olhou. “Talvez ele só não tenha pensado que os livros estariam tão ruins. Você está pensando demais?”

“Duvido. Meu pai é um gênio — isso eu posso afirmar com certeza,” respondeu Maomao.

Yao pareceu um pouco exasperada com isso, mas disse: “Ok, suponha que não seja um livro normal, então. Que tipo de livro seria?”

“Essa é uma boa pergunta.” Maomao pegou um dos pergaminhos de tiras de madeira da prateleira mais baixa. Para economizar espaço, havia muito menos deles do que de livros de papel. Se um pergaminho era feito de madeira ou

bambu fazia alguma diferença, mas ambos duravam mais do que papel de baixa qualidade. “Acho que isso seria mais durável.”

“Sim, e daí?”

Ainda parecia algo estranho. Maomao desatou a amarra do pergaminho e o abriu com um leve tilintar. Sim, duraria muito tempo, mas papel era mais fácil de escrever, e esse pergaminho não continha nada de interesse especial.

Eram poucos o suficiente para, cada uma delas, atacar uma pilha e rapidamente passar por tudo o que estava ali.

“Parece que não é isso,” disse Yao.

“Parece mesmo.”

Elas suspiraram e recolocaram os pergaminhos no lugar.

“O Livro de Kada! O que isso significa, afinal?!”

“Concordo. O que tem de especial no Kada?” Maomao gostaria de pressionar um pouco mais o assunto da pergunta de En’en para Luomen. “Por que não Genka?”

“Esse é outro nome para Kada, não é? Na verdade, esse é o que você ouve com mais frequência,” disse Yao. Ela tinha conhecimento suficiente de medicina para estar familiarizada com o nome. Ela também sabia que o lendário Kada era mais frequentemente referido como Genka. Quanto ao porquê...

“Nomes com Ka, o caractere para flor, não são bem-vindos. Mesmo que ele tenha vivido muito antes da fundação de Li,” Maomao disse. Em geral, em Li, apenas a família Imperial tinha permissão para usar esse caractere em seus nomes. Às vezes, um agricultor analfabeto poderia inadvertidamente dar o nome ao seu filho, ou alguém poderia usá-lo deliberadamente como provocação...

Como minha irmã Joka.

Ela pegou esse nome, que significava “mulher flor”, quando se tornou cortesã. Lá estava ela, condenada a viver uma vida inimiga de alguém que odiava homens — sem dúvida, ela ressentia aqueles que viviam em um mundo que era concedido “flores”. O nome era sua pequena retaliação.

“Um médico da corte serve ao governo. Em princípio, ele nem deveria falar o nome Kada,” disse Yao, e ela estava certa. Era um fato que certamente não teria escapado a Luomen.

Nesse caso... Maomao sentiu-se cada vez mais perto de desvendar o enigma de Luomen. Ainda não sabia onde esse livro poderia estar — mas estava começando a ter uma ideia do que poderia ser.

Se for o que estou pensando, então não estará em nenhum lugar óbvio. Elas poderiam descartar tudo nas prateleiras, incluindo os pergaminhos.

Então onde estaria?

Capítulo 4: O Livro de Kada (Parte 2)

Maomao e Yao estavam vasculhando as estantes há algum tempo quando En'en voltou. "A comida está pronta!" ela disse. Ela havia trazido uma refeição quente e gostosa. Um homem pequeno a seguia, carregando o que ela não conseguia segurar. O anexo tinha sua própria cozinha, mas para cozinhar de verdade, ela deve ter usado a cozinha da casa principal.

Eles se mudaram da biblioteca para uma área de estar, onde a refeição foi colocada sobre uma mesa.

"Peço desculpas por interromper sua tarde. Obrigado por me convidarem," disse Lahan com um sorriso. Ele não mostrava nenhum sinal de arrependimento real.

Ninguém te convidou! Nesse ponto, Maomao e En'en estavam em total concordância. No entanto, Lahan havia trazido um presente. Maomao não sabia como ele descobriu, mas ele trouxe hasma — o favorito de Yao. Ele deve ter puxado alguns fios.

Por sinal, sempre que Yao tentava perguntar o que era, En'en desconversava. Parecia que a jovem senhorita ainda não sabia que seu lanche favorito era feito de rãs.

Lahan realmente deve ter lucrado muito no torneio de Go. Além disso, ele parecia estar envolvido em algum tipo de negócio com batatas-doces e outras atividades paralelas. Parecia trabalho suficiente para várias pessoas, mas ele de alguma forma conseguia manter todos os pratos girando. Isso, pelo menos, ela tinha que admitir.

"Estou tão feliz de ter todas essas lindas flores ao meu redor enquanto como. Uma rosa, um lírio... e uma azedinha." Ele não precisava explicar quem era essa última.

"Está um pouco cedo, mas que tal comermos?" Yao disse, gesticulando para a comida na mesa redonda. Havia quatro cadeiras ao redor dela, e eles se sentaram com Yao de frente para En'en e Maomao de frente para Lahan. Isso colocava uma "flor" em cada mão para Lahan, mas toda vez que ele olhava para cima e via Maomao, ele parecia vagamente irritado. Francamente, Maomao mal conseguia conter um riso debochado.

No centro da mesa, reluzente com seus próprios sucos, estava o prato principal: um pato assado inteiro. Maomao se viu engolindo em seco. Se fosse tão bom quanto parecia, ao final desta refeição, Yao não seria a única fã deste prato.

Os olhos de Lahan também estavam brilhando. Ele ainda era um jovem, com apenas vinte e um anos, e havia muito mais para comer em sua vida.

En'en, observando a cena, levantou-se da cadeira. "Vou picar mais alguns vegetais. Maomao, pode me ajudar?"

Será que ela achava que não tinham o suficiente? Ela parecia bastante descontente — e com razão. Aqui estava ela, pensando que ia aproveitar uma pequena pausa sozinha com sua senhora, apenas para encontrar insetos intrusos por aí.

"Eu ajudo também!" disse Yao.

En'en, no entanto, foi inflexível: "Não precisa, jovem senhora. Não vou demorar. Por favor, coma antes que esfrie."

Suspiro...

Yao fez beicinho. Apesar de toda a sua devoção, En'en tinha alguns pontos cegos estranhos quando se tratava dos sentimentos da jovem senhora. Talvez houvesse algo como estar perto demais para perceber.

Os vegetais estavam na sala ao lado, uma cozinha simples. Maomao se perguntou se Luomen havia preparado remédios ali há muito tempo, e sorriu com o pensamento.

"Vamos?" ela disse. Começou a picar alguns alhos-porós enquanto En'en cozinhava mais pão sírio. Não demorou muito; o fogo no forno havia sido deixado aceso para aquecer. "Você tem certeza de deixar Yao com o óculos-bagunçado?" Maomao perguntou. Ela só queria ter certeza. Mesmo que estivessem apenas na sala ao lado, ainda eram um jovem e uma jovem sozinhos juntos.

"O Senhor Óculos-Bagunçado não tocaria na jovem senhora. Ele nunca se meteria nos assuntos dela, a menos que achasse que havia um casamento político

em vista. E enquanto eles estiverem apenas conversando, ele é um melhor conversador do que a média dos brutamontes. Não, eu não estou preocupada."

Lahan podia ser perspicaz nos momentos mais estranhos. Sim, Yao tinha alguns familiares que poderiam significar problemas reais para ele se fizesse alguma coisa — e uma serva que poderia significar algo ainda pior. Nada aconteceria, nem por uma única noite.

Ainda assim, Maomao ficou surpresa ao perceber que ele poderia ter uma conversa adequada com uma jovem. Eu teria assumido que ele a entediaria até a morte com conversas sobre números. Yao teria dificuldade em contribuir para a discussão, mas ela apenas teria que tentar oferecer um "hmm" ou um "uh-huh" da melhor forma que pudesse.

"Se não se importar com a pergunta, há algo que está te preocupando?" Maomao disse. En'en era cuidadosa demais para realmente ter errado na quantidade de vegetais. Tinha que ser um pretexto para falar com Maomao sobre algo. O fato de ela ter esperado até Lahan estar presente significava que era algo que não queria que Yao ouvisse.

"Me preocupando? Eu pensei que pudesse haver algo preocupando você." En'en habilmente devolveu a pergunta para Maomao enquanto continuava trabalhando no pão sírio. Maomao colocou os alhos-porós em uma bandeja e começou a cortar um pouco de daikon.

Maomao decidiu aproveitar a oportunidade para esclarecer algo. "Yao está realmente determinada a se sustentar sozinha, não está? Ela quer ser uma das assistentes no escritório médico, mas eu não posso acreditar que esse seja seu objetivo final." Se fosse como Maomao imaginava, então ela absolutamente não poderia deixar Yao ver o Livro de Kada. "Se o que meu pai propõe nos ensinar for contra seus princípios ou ética, o que você faria?"

En'en colocou o pão sírio pronto em uma bandeja e olhou para o teto. "Você quer dizer que é esse tipo de livro?"

"Eu suspeito que sim."

As duas compartilhavam uma suposição que permitia essa conversa.

"Agradeço sua consideração, Maomao, mas eu respeitarei a opinião da jovem senhora."

"Mesmo que você a tenha guiado para isso?" Maomao estudou En'en de perto; a outra mulher começou a assar mais pão como se não soubesse o que Maomao queria dizer.

"Minha senhora pode ser bastante obstinada. Uma vez que ela tem uma ideia na cabeça, ela a levará adiante—não importa o que eu diga. Quando ela viu o anúncio do novo cargo, jurou que seria nomeada. Passou todos os dias em sua mesa estudando."

En'en habilmente virou o pão com um par de hashis. Maomao se considerava uma cozinheira decente, mas não chegava aos pés de En'en.

"Ela estava determinada a não ser superada nem pelos homens, então deve ter doído quando você a superou no exame de admissão. Ela estava agindo de maneira bastante atípica."

Isso se referia a fazer Maomao tropeçar e geralmente a assediar? Na verdade, tinham sido mais seus seguidores que fizeram isso, então Maomao não guardava rancor de Yao e mal pensava nisso agora.

"Eu me sinto meio mal por isso." Maomao nunca esperava ter uma pontuação tão boa quanto teve. Os métodos educacionais da madame eram uma força a ser reconhecida. "Tio ou não tio, por que Yao sente que precisa trabalhar tanto?" Maomao perguntou. Em parte, é claro, era porque se ela estivesse em casa, seu tio estaria sempre pressionando-a para se casar, mas Maomao sentia que havia algo mais em jogo.

"É... sua mãe. Ela é a razão," En'en disse após um momento. "Para a Lady Yao, sua mãe está praticamente morta. Ela costuma dizer que desapareceu ao mesmo tempo que seu pai morreu."

"Por que isso?" Maomao perguntou. Ela não tinha muita empatia no assunto de mães, mas sabia que ela e Yao foram criadas em situações muito diferentes.

"Tenho certeza de que você entende o que acontece com uma viúva que não consegue administrar sua própria casa."

"Você quer dizer que o tio de Yao assumiu."

"Sim, mas a mãe da Lady Yao permaneceu como chefe da casa."

A esposa do antigo mestre da casa permaneceu como esposa. Presumivelmente, isso significava que a mãe de Yao havia então se casado com o tio. Não era tão incomum—mas para uma jovem, isso poderia causar muitos sentimentos conflitantes, e o ressentimento ou até mesmo o ódio poderiam estar entre eles.

Yao também teria aprendido que mulheres que não podiam trabalhar tinham poucas opções. Se ela simplesmente seguisse e fizesse o que seu tio dizia, acabaria como sua mãe.

"Entendi," disse Maomao. Ela podia entender por que En'en não queria que Yao ouvisse essa conversa. Ela sabia que poderia chegar a um ponto como esse e havia sabiamente escolhido mudar de lugar.

Maomao colocou o daikon fatiado em uma bandeja. Acho que isso basta.

Ela queria se apressar e comer antes que tudo esfriasse.

Assim como En'en havia previsto, quando as duas mulheres voltaram para a sala de estar, Yao e Lahan estavam envolvidos em uma conversa animada.

"A nossa competente En'en tem uma culinária que é assunto de rumores, e eu esperava ter a chance de prová-la. Então, estranhamente, essa reviravolta dos acontecimentos é bastante agradável para mim," Lahan estava dizendo.

"Sim, a culinária dela é maravilhosa. Ela poderia se destacar em qualquer lugar como chef, e ainda é nutritiva!"

Onde ele ouviu rumores sobre a culinária de En'en?

A pergunta de Maomao logo foi respondida.

"O restaurante do irmão dela é muito popular, e dizem que a irmãzinha dele é quase tão boa quanto ele."

"Sim, acho que ela é tão habilidosa quanto qualquer chef principal," disse Yao, os elogios fluindo facilmente de seus lábios. Maomao lembrou-se de ter ouvido que Yao ajudou o irmão de En'en, fazendo dele o chef da sua família. Aparentemente, ele havia seguido seu próprio caminho algum tempo depois disso.

Foi por causa da mudança na chefia da família? Se o irmão de En’en tivesse sido dispensado pelo tio de Yao, isso explicaria um pouco da antipatia dela em relação a ele.

"Tive o privilégio de jantar três vezes no restaurante dele. Ahh! Foi uma refeição memorável todas as vezes."

"Três vezes? Quando você foi? O cardápio muda a cada estação, certo, En’en?"

"Sim. Na verdade, ele encontra os ingredientes mais frescos a cada mês."

Falar sobre o irmão de En’en foi o suficiente para envolver Yao de verdade. Ela passou a conversa para En’en, que se juntou a ela. Longe de dar uma palestra sobre números e cálculos, Lahan se revelou um ótimo conversador — um fato que Maomao não gostou necessariamente.

Em vez disso, ela se concentrou em saborear a pele crocante do pato. A mistura de óleo e ervas estava absorvida no pão sírio, que ela cobriu com um pouco de jiang doce e picante. Cada mordida enchia sua boca com o rico sabor da carne, as ervas proporcionando uma textura agradável, tudo complementado pelo pão sírio sublimemente simples. Era o suficiente para fazer a boca salivar.

Era, em uma palavra, delicioso.

"Ahh, isso é maravilhoso," disse Lahan, evidentemente da mesma opinião. Ele era, como já dissemos, um excelente conversador. Devia ser, para fazer a reticente Yao se abrir para ele tão prontamente. Se algo, a conversa havia ido bem demais, e En’en estava um pouco perturbada.

Por um tempo, o único som que vinha de Maomao era o de mastigação. Seu prato estava vazio antes que ela percebesse, e havia espaço suficiente em seu estômago para a sobremesa.

"Vou pegar algumas frutas," disse En’en. Ela saiu da sala e voltou com um recipiente de vidro contendo tangerinas. As cascas haviam sido removidas, as sementes cuidadosamente extraídas e elas haviam sido embebidas em água com açúcar. A acidez funcionaria maravilhosamente para cortar a gordura e o óleo do pato.

"Isso estava delicioso," Maomao disse enquanto colocava seus hashis na mesa. Ela estava ansiosa para chegar ao verdadeiro assunto. "Lahan, você não pegou nenhum livro das prateleiras, pegou?"

"Livros das prateleiras?" ele perguntou, olhando para ela com uma expressão questionadora enquanto pegava mais uma porção de frutas. "Não, não peguei. E tenho certeza de que meu honrado pai não faria nada com as posses do meu tio-avô. Na verdade, ele manda os servos limparem aquela sala regularmente."

Isso era uma consideração incomum por parte do estrategista excêntrico. Não é de se admirar que o anexo parecesse tão limpo.

"Você acha que algo está faltando?" Lahan perguntou. "Seria natural supor que um dos servos estivesse envolvido, mas meu pai nunca contrataria alguém menos que ético. Ele é um inimigo perigoso demais para isso."

Livros eram objetos valiosos e, como tal, suscetíveis a serem roubados, mas algum dos servos que trabalhavam na propriedade do estrategista seria capaz de tal coisa?

Essa é complicada, pensou Maomao.

"O que está faltando?"

"Isto." En'en entregou-lhe sua lista. Nela estava o código do livro desaparecido, —-2-II.

"Justamente o tipo de sistema de classificação que meu tio-avô desenvolveria. Tenho que admitir, é a maneira perfeita de organizar os mais de mil livros ali."

Ao perceber que Lahan também podia ler os números, Yao lançou um olhar frustrado para En'en. Ela odiava ser a única que não sabia o que significavam.

En'en parecia entender, pois começou a escrever números em algumas novas folhas de papel:

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9

1, I, II, III, IV, V, VI, VII, IX

A expressão de Yao suavizou, não mais tão zangada. Ela estava olhando fixamente para os números—tentando memorizar cada um deles. Finalmente, o papel coberto com "J, I, III, IV, V, VI, VII, VII, IX" pareceu fazer sentido para ela. "O próximo número seria escrito assim?" ela disse, traçando um X na mesa com o dedo.

"Sim! Excelente trabalho, Senhora!" En'en disse, aplaudindo. Yao parecia um pouco constrangida.

"Os livros estavam alinhados direitinho nas prateleiras, no entanto..." Yao disse. Pelo menos, estavam quando ela e En'en chegaram.

"Sim, e não parecia haver lacunas óbvias. Agora que olhamos os números, porém, um está definitivamente faltando," En'en acrescentou.

"Está mesmo?" Lahan estudou o número do livro desaparecido.

"Pensei que um contador como você teria notado imediatamente," Maomao disse com um toque de veneno.

"Infelizmente, raramente venho a este edifício. Tenho outras coisas para fazer. Embora este lugar seja certamente interessante."

"Outras coisas para fazer, como almoçar tranquilamente? Ou você tinha outra coisa em mente?" Oops. Seus verdadeiros sentimentos estavam aparecendo.

"Maomao, por favor, seja mais respeitosa na presença da Senhora Yao," En'en disse, entrando em seu modo de professora. Maomao havia deixado a etiqueta de lado porque estava com Lahan.

"Se os livros estão numerados, isso deve significar que eles seguem uma ordem, certo?" Yao disse.

"Sim. Os dois primeiros volumes são informações básicas. O Volume 1 era sobre a anatomia do corpo humano, e o Volume 2 era sobre tratamento cirúrgico." A especialidade de Maomao era a medicina herbal, mas esses ainda eram assuntos que ela gostaria de conhecer como praticante das artes curativas.

A questão era, onde estava o livro desaparecido?

Maomao parou e olhou para Lahan. "Você disse que este era um edifício interessante. O que... ahem. O que, posso perguntar, você quis dizer com isso?" ela disse, se controlando a tempo. Ela achava que lembrava de Lahan dizer algo sobre a biblioteca em particular ser um lugar intrigante.

"Oh, aquilo? As paredes e o teto deste anexo não parecem incomumente decorados para você?"

"Parecem, agora que você mencionou," Yao disse, olhando para o teto. A biblioteca tinha suas próprias decorações; aqui na sala de estar, o teto estava coberto de pinturas de todos os tipos de animais.

"E não é só o teto." Lahan levantou um canto do tapete no chão para revelar um padrão complicado de tábuas de madeira.

"Alguém colocou muito esforço nisso," En'en maravilhou-se.

"Antes de meu tio-avô viver aqui, era a casa de um arquiteto bastante excêntrico. Foi ele quem construiu esta casa. Ele tinha uma predileção por padrões incomuns — e adorava truques."

"Diga o que quiser sobre as personalidades do clã La, eles têm uma tendência para o gênio," En'en disse, assentindo. Então o arquiteto era membro da família de Maomao?

"Infelizmente, tomado por uma ideia para um novo dispositivo, o arquiteto ficou um pouco empolgado demais e acabou... bem, preso em seu novo dispositivo. Quando o encontraram, ele estava praticamente mumificado. As pessoas só estavam comentando que não o viam há um tempo, e lá estava ele, uma casca seca."

Nem Maomao, nem Yao, nem En'en disseram nada. Seus olhares percorreram a sala.

"Oh, relaxem. Não foi neste prédio — foi em outro. E conseguimos vendê-lo. Nenhuma múmia vai sair do nada aqui." Isso foi tranquilizador até certo ponto, mas agora tinham certeza dupla de que este era um lugar muito estranho.

"Não há, uh, dispositivos de mumificação nesta casa, certo?" Yao perguntou com um olhar ansioso para Lahan.

"Nada que ameace a vida, pelo que meu tio-avô disse. Mesmo eu não colocaria algumas jovens em uma casa potencialmente assassina."

"Você acha que essas paredes têm algum significado especial, então?" Yao perguntou.

"É possível. Talvez você possa explorá-las, se tiver alguns minutos."

"Realmente não temos," disse Maomao, que queria resolver isso antes que o estrategista excêntrico voltasse. Durante o dia de hoje seria perfeito.

"Mais alguma pergunta? Não sei sobre o seu livro, mas vou tentar perguntar aos servos." Lahan ajustou os óculos e levantou-se da cadeira. "Tenho algo para fazer amanhã, então se precisar de alguma coisa, é só chamar alguém. Qualquer um dos servos pode entrar em contato comigo."

"Obrigada," En'en disse, embora sem mais palavras.

"Obrigado pela refeição. Estava excelente. Tenho certeza de que você deve estar cansada. Pode deixar os pratos — vou mandar alguém cuidar deles."

Maomao estava planejando ajudar a limpar, mas se não precisasse, tanto melhor. Ela queria voltar a procurar o livro, e rápido.

Capítulo 5: O Livro de Kada (Parte 3)

Maomao voltou à biblioteca e olhou ao redor novamente. Será que eu já vi esse desenho em algum lugar? ela se perguntou. O padrão de duas cores nas paredes puxava algo de sua memória, mas ela não conseguia lembrar exatamente o quê.

Yao e En'en, assim como Maomao, estavam ignorando as estantes de livros e, em vez disso, observando as paredes e o teto.

"Se o que você disse é verdade, Maomao, não há sentido em verificar as estantes," disse Yao. Ela deve ter contado a En'en sobre o que as duas conversaram juntas, porque sua serva estava estudando as paredes atentamente.

"Não consigo tirar a sensação de que essa parede me é familiar," disse Maomao. O padrão era ligeiramente diferente dos das outras três paredes—embora também estivesse quase todo escondido pelas estantes. "Então... Um livro sobre anatomia humana." Isso, ela deduziu, era o que o volume ausente tratava, dado seu número.

Seu murmúrio foi interrompido por um estrondo. Ela olhou surpresa para ver que Yao estava sentada no chão e uma das estantes havia caído.

En'en empalideceu e correu até ela. "Senhorita Yao!" Sua patroa parecia não estar machucada; ela se levantou, tirando a poeira.

"Parece que você está bem," disse Maomao. "Mas o que aconteceu? Como você conseguiu derrubar uma estante?"

Provavelmente nada estava danificado—os livros eram resistentes o suficiente—mas a estante era pesada. Seria necessário esforço para colocá-la de pé novamente.

"Aqui, olhe isso," disse Yao. Ela segurava um livro com o código —-2-I. Era o número antes do que estava faltando.

"O que tem ele?" Maomao perguntou.

"Olhe a última página," disse Yao. Ela abriu o livro para mostrar a eles um pequeno círculo desenhado na borda da página final. Era dividido em duas partes: metade preta, metade branca.

"Isso é um símbolo taiji?" Maomao perguntou.

Um símbolo taiji: um diagrama do Grande Supremo, às vezes chamado de yin-yang, e às vezes considerado como dois peixes, um preto e um branco, nadando um atrás do outro. Era uma imagem comum na adivinhação e tinha uma conexão com a teoria dos “cinco elementos”—que, sim, estava relacionada à medicina, embora Maomao, sendo de uma natureza mais prática, não soubesse muito sobre isso.

“Mas o que isso está fazendo aí?” Ela olhou perplexa.

“Há outro aqui,” disse En’en. “Aqui.” Ela trouxe um livro numerado —-2-III. “Aqui, está escrito na primeira página.”

Maomao alinhou os dois livros e os ponderou. “E o livro que está faltando é o que deveria estar exatamente entre eles.”

“Isso mesmo. Então eu tive uma ideia,” disse Yao, dando um tapinha confiante na parede. “Acho que o livro desaparecido está escondido.”

“O que te faz pensar isso?”

Maomao queria uma explicação. En’en, no entanto, bateu palmas, com os olhos arregalados. “Claro! Senhorita Yao, você é brilhante!”

Até mesmo En’en não elogiaria sua patroa apenas por ser adorável. O que havia de tão brilhante na sugestão dela?

“Essas paredes mostram os oito trigramas!”

“Sim! Foi o que eu pensei!” disse Yao.

“Os oito trigramas?” Maomao, intrigada, buscou em sua mente. Ela comeu... um grama de quê? Acho que você poderia... tentar... Não... Ah! “Você quer dizer aqueles diagramas?” ela disse. Eles tinham algo a ver com o taiji, ela se lembrou, mas, infelizmente, não lembrava exatamente o que. Isso não era sua especialidade—e sua capacidade de lembrar das coisas caía drasticamente quando ela não se interessava por elas. Pelo menos isso explicava por que os padrões pareciam tão familiares.

Meu velho me disse para pelo menos aprendê-los. Mas não parecia tão prático quanto a teoria das ervas, então ela basicamente ignorou. Esqueça ter familiaridade com eles; ela mal havia dito olá.

“Sim! Você sabe. Este padrão aqui, acho que deve ser um yao,” disse Yao.

“Yao?” Maomao perguntou. Claramente não era o nome da outra mulher, mas ela estava certa de que não sabia o que era.

“Não me diga que você não sabe sobre eles?” Yao parecia surpresa—mas também, talvez, apenas um pouquinho satisfeita.

“Apostaria que a maioria das pessoas não sabe sobre eles,” Maomao resmungou, sentindo um impulso de petulância. Agora ela desejava ter prestado um pouco mais de atenção ao assunto.

“Você reconhece este tipo de padrão?” Yao perguntou, passando os dedos ao longo das paredes. Havia tábuas esbranquiçadas e outras mais escuras; ela tocava apenas as escuras. Ao contrário das outras tábuas na parede, que corriam todas verticalmente, as que Yao tocava corriam horizontalmente. “Os trigramas são feitos de yao, que são ou uma linha longa ou duas curtas. Os padrões dizem representar yin e yang, ou às vezes duro e macio.”

Maomao curvou os dedos, contando. Com três conjuntos de dois yao, você poderia fazer oito combinações possíveis; daí, os oito trigramas. “Então, você derrubou a estante para...”

“Poder ver a parede inteira. E outra coisa.” Yao levantou o carpete desbotado—mostrando que havia trigramas debaixo dele, assim como na parede.

“Luomen disse que o livro estava em algum lugar desta sala,” Maomao disse, lembrando. Nesta sala, mas não necessariamente nas estantes. “E o arquiteto que viveu aqui adorava pequenos truques.” Foi isso que Lahan lhes disse. Havia uma boa chance de que esta sala contivesse um daqueles mecanismos arquitetônicos. “E então há os símbolos taiji e os trigramas...”

Não era um assunto pelo qual ela tinha muito interesse. E seu pai disse que ela não conseguiria resolver esse enigma sozinha.

“Então é isso que ele quis dizer,” Maomao disse, batendo palmas.

“Tudo faz sentido!” disse En’en, entendendo.

Uma vez que tiveram a ideia, Maomao e En'en trabalharam rapidamente. Elas começaram a tentar mover uma das estantes.

"Ei! Eu encontrei primeiro!" Yao disse.

"Você só fica quieta, Senhorita Yao. Isso é perigoso. Além disso, é um trabalho muito físico."

Acho que Yao é provavelmente a mais forte das duas, pensou Maomao, embora tivesse o bom senso de não dizer isso em voz alta.

Mesmo trabalhando juntas, foi impossível para elas moverem a estante. Em vez disso, esvaziaram-na e depois deslizaram a estante vazia para o corredor. Fizeram isso repetidas vezes. Yao ajudou tirando os livros das prateleiras, embora não parecesse muito feliz com isso.

Quando todas as estantes foram removidas, as paredes foram reveladas em sua totalidade. Era o suficiente para deixar as cabeças das mulheres girando, mas quando também levantaram o carpete, a sensação se tornou completamente vertiginosa.

"É isso?" Maomao disse, olhando para o chão. Bem no centro havia uma peça de madeira branca, no meio de um trigrama padrão. Como a pintura no teto, estava dividida em nove partes.

"Está mostrando o sistema Primordial!" disse Yao, com os olhos brilhando. Mais uma vez, estavam se aventurando em um vocabulário que Maomao não reconhecia. Ela quase perguntou sobre isso, mas percebeu que isso só iria atrasar as coisas, então decidiu fingir que entendia.

"Sim, claro. O sistema Primordial. Então, onde está o livro?"

Yao ficou em silêncio. Evidentemente, era até aí que ela tinha chegado.

Luomen lhes deu essa tarefa, o que significava que havia uma resposta a ser encontrada em algum lugar. Maomao olhou para os dois livros com os símbolos taiji. Ambos eram sobre anatomia humana, um detalhando as mãos e o outro os pés.

“Yao,” disse Maomao. “Cada um dos trigramas tem um significado específico?”

“Muitos. Eles são associados a direções, animais e até relações familiares.”

“Eles são associados a partes do corpo humano?”

“Sim! Sim, são!” Yao disse, virando rapidamente para os livros.

“Exceto pelo volume faltante, há oito livros com o código —-2,” disse Maomao. Eles estavam faltando o segundo volume, mas todos os outros, incluindo os volumes quatro a nove, ainda estavam nas prateleiras. Os números estavam divididos da mesma forma que as figuras no chão e no teto.

“Já temos livros sobre os pés e as mãos,” disse Yao. “Isso implicaria que os outros são sobre a cabeça, boca, olhos, coxas, ouvidos e estômago. Seis volumes.”

“Eu os trouxe,” disse En’en, sempre rápida. Elas abriram os livros e descobriram que era exatamente como Yao havia previsto.

“Em termos da teoria do taiji, nada está faltando,” disse Yao. E ainda assim estavam com um número a menos. O livro não se relacionava a uma parte específica do corpo?

Maomao ficou bem no meio da sala, onde não havia um trigrama. Por intuição, ela olhou para cima. “Alguém desenhou muitos animais lá em cima,” ela disse.

“Você consegue dizer o que são se olhar bem. Vejo um cavalo, um cachorro, um faisão e... Esse parece um dragão? Você acha que isso está certo?” disse Yao.

“Parece uma escolha questionável,” disse Maomao. O dragão representava a família imperial, e usá-lo sem permissão poderia causar problemas.

“Você sabe? Até as figuras do teto estão relacionadas aos trigramas,” disse Yao.

Maomao semicerrava os olhos. As imagens estavam desbotadas pelo tempo, mas ainda visíveis. “Bem no meio do teto, vejo um cavalo e duas ovelhas. Isso significa algo para você, Yao?” O cavalo estava desenhado acima e as ovelhas abaixo.

“O trigrama associado ao cavalo é chamado qian,” respondeu Yao. “De acordo com o sistema Primordial, a direção de qian é o sul, sua relação familiar é o pai, sua parte do corpo é a cabeça, seu elemento é o metal, e seu número é um.”

“Número? Bem, e quanto é uma ovelha?”

“Uma ovelha pode ser dois ou oito, mas sob o sistema Primordial é dois.”

“Então temos um um, e dois doses.”

Maomao olhou para os livros. Misteriosamente—ou talvez não—o volume faltante tinha o número —-2-II. Um, dois, dois.

Será que Luomen tentou não tornar o problema muito difícil? Afinal, ele poderia ser resolvido simplesmente com o conhecimento dos trigramas, independentemente de você notar os livros. Por outro lado, sem esse conhecimento, o desafio seria insuperável.

Maomao olhou de volta para o chão; ele tinha um padrão mais complexo de tábuas brancas e pretas do que o teto. “Yao?” ela disse.

“Sim?”

“Quais são os trigramas que representam um e dois?”

Yao se moveu para dois pontos no chão. “Um é este aqui, com três linhas longas. Para dois, a linha superior é quebrada, enquanto as duas inferiores são longas.”

= e =, então. Maomao olhou tão fixamente para a parede que parecia que poderia fazer um buraco nela.

“O que você está fazendo?” Yao perguntou.

“Tentando ver se há um arranjo de um, dois e dois.” Isso fazia sua cabeça doer; todas as combinações pareciam tão semelhantes. O pior de tudo era que, com o menor lapso de concentração, ela perdia o lugar e tinha que começar de novo.

“Vou começar a procurar no lado oposto,” disse Yao.

“E eu vou torcer por vocês! Vou fazer um lanche,” disse En’en, e escapou. Maomao queria correr atrás dela, mas não se atrevia a tirar os olhos da parede. Ela desejava poder marcar os trigramas, mas não podia escrever na parede. A dor de cabeça continuava.

Maomao não disse nada.

Yao não disse nada.

En’en não disse nada, pois estava preparando chá.

Com tantos trigramas, era de se esperar que houvesse um arranjo de um, dois e dois em algum lugar—mas não parecia ser o caso. Maomao encontrou repetidamente um e depois dois, mas nunca com aquele esquivo segundo dois.

Deve estar por aqui em algum lugar! ela pensou—e exatamente nesse momento, esbarrou em Yao.

“Você encontrou?”

“Não, não está aqui,” Maomao disse.

“Como pode ser?”

“Talvez tenhamos perdido?” Maomao piscou várias vezes e olhou para as paredes. Ela teria que revisar tudo novamente, ver se tinham deixado passar algo, mas realmente não queria.

“Quem quer chá?” En’en perguntou, entrando com um barulho de utensílios de bebida.

“Eu quero!”

“Sim, por favor!” Yao e Maomao falaram simultaneamente.

Como todos os móveis tinham sido movidos para o corredor, elas desenrolaram um tapete no chão para tomar sua bebida.

“Isso é delicioso!” Yao disse, muito feliz, mas quando terminassem, teriam que verificar as paredes novamente. Se ainda não conseguissem encontrar o que estavam procurando, teriam que admitir que o palpite de Maomao estava errado. “É frustrante quantas vezes um e dois aparecem, mas então o último número é diferente.”

“Sim. Nunca encontramos aquele último dois. Só precisamos que ele apareça uma vez!” Maomao disse.

“Isso mesmo, mas uma linha diferente faz com que seja outro número. Como aqui—se apenas este yin fosse um yang.”

Yang era uma única linha longa; yin eram duas linhas curtas.

“Se yin fosse yang?” Maomao disse, e olhou para os trigramas no chão. Se você pegasse a linha yang superior de = e a mudasse para yin, ela se tornaria =.

Ela se levantou e olhou novamente para as paredes. Estava bem por aqui...

Ela encontrou um, dois e um. Não achava que esse padrão se repetia em outro lugar. Ela foi até o terceiro, o =, e tocou a linha superior.

bem no meio da linha, que cedeu, recuando para dentro.

De yang para yin!

Houve um estalo mecânico, e algo surgiu da parede—uma gaveta.

“Você está brincando,” disse Yao, com os olhos arregalados.

“Isso é uma surpresa,” disse En’en, olhando fixamente para a gaveta.

Maomao puxou a gaveta e encontrou um livro dentro.

—-2-II.

A construção do livro faltante era muito menos sofisticada do que qualquer outra coisa nas prateleiras; a espessura das páginas não era uniforme.

“Isso é pergaminho de pele de carneiro?” En’en perguntou.

“Pelo toque, eu diria que sim,” Maomao disse. A pele de carneiro durava muito mais do que o papel grosso.

Com muito tremor, Maomao virou as páginas. O texto não estava escrito com um pincel, mas com uma caneta de estilo ocidental. Muito pouco estava escrito no estilo Li. Em vez disso, eram caracteres finos e fluentes do oeste, com algumas anotações ocasionais em Linese.

Isso deve ser da época em que ele estudava lá. Seu pai havia vivido e estudado no oeste quando era mais jovem, uma experiência que lhe havia conferido grande parte de seu extraordinário conhecimento médico. Maomao murmurava para si mesma enquanto decifrava o texto estrangeiro. Havia muitas palavras que ela não entendia, mas conseguiria entender se dedicasse tempo suficiente.

Então, o sangue drenou de seu rosto. Ela tinha encontrado exatamente o que esperava.

“Maomao...” En’en disse, parecendo ansiosa.

“O que é? O que diz?” perguntou Yao, a única que não conseguia ler as letras ocidentais. Maomao ficou ali, imóvel. “O que há de errado?” Yao estendeu a mão e virou a página.

Lá, Maomao e En’en viram o que temiam.

“O que é isso?” Yao perguntou.

Havia um desenho cuidadosamente elaborado de um corpo humano. Isso, em si, não era um problema. Mas essa imagem mostrava a pessoa sem a pele, revelando os detalhes da carne por baixo.

Yao prendeu a respiração e desviou o olhar, parecendo enjoada. A imagem era realista demais para ter sido desenhada a partir da imaginação. O artista devia ter tido um exemplo à sua frente.

Ainda temerosa, Maomao virou para a próxima página. Esta mostrava um estômago humano, aberto, com as entranhas detalhadamente representadas.

Meu velho usou a expertise médica que aprendeu no oeste para abrir a barriga da Imperatriz Viúva. Foi assim que ele conseguiu entregar seu filho. Normalmente, quando mãe e filho estavam ambos em perigo, um médico se esforçaria para ao menos salvar o bebê—mas Luomen conseguiu salvar os dois. Não era um feito que apenas o conhecimento poderia realizar. Ele deve ter feito isso antes—quem sabe quantas pessoas ele tinha aberto? Quantos corpos ele tinha cortado em nome da prática?

Agora Maomao entendia por que seu velho sempre tentara mantê-la afastada dos cadáveres. Por que ele a criara como farmacêutica em vez de médica.

Isso explica tudo.

Maomao fechou o livro repugnante. Ela não censurava Luomen pelo que ele tinha feito. Se você queria praticar medicina, tinha que conhecer o corpo humano—inclusive Maomao experimentava em uma pessoa real, a saber, ela mesma. Mas a maioria das pessoas? Elas reagiriam da mesma forma que Yao.

Ela estava pressionando as mãos contra a boca, olhando para o texto horrível com repulsa. Maomao não sabia como era no oeste—mas a pessoa comum em Li nunca poderia aceitar o que estava neste livro. Havia fé; havia tabus. Isso ia contra ambos.

Maomao olhou para a parte de trás do livro, que trazia letras finas e espinhosas lendo: *bruxaria*

Ela não sabia o que significava, mas sabia por que Luomen tinha escondido o livro. Se alguém descobrisse sobre ele, seria queimado. Não poderia ser permitido existir.

Aceitar o Livro de Kada era a condição do tutelado de Luomen. Elas teriam que lidar com o que encontraram aqui—estar dispostas a viver com isso.

Se algum livro pudesse ser chamado de Livro de Kada, era este.

Capítulo 6: Um Convite para a Capital Ocidental

“Vou guardar isso,” disse Enen, embrulhando cuidadosamente o Livro de Kada em um pano. Ela e Maomao tinham adivinhado que tipo de livro poderia ser—mas Yao não. Mesmo assim, ela o tinha visto. Por alguns minutos, ela ficou paralisada de choque.

Ainda assim, acho que isso mostra que ela amadureceu um pouco. Quando Maomao a conheceu, Yao teria feito muito mais alarde sobre o livro. Seis meses como assistente médica pareciam ter permitido que ela aceitasse ideias que antes não aceitava.

Lahan enviou uma mensagem a Luomen, que viria buscá-las no dia seguinte. Maomao esperava conseguir organizar seus pensamentos antes disso.

“Receio que haja algo que preciso fazer,” disse ela a Yao e En’en. Ela estava preocupada com como elas estavam, mas tinha outro problema para resolver, do qual não podia fugir.

Logo, estava sacolejando em uma carruagem, retornando da casa do estrategista excêntrico para seu dormitório. Seria muito mais rápido se eu pudesse ir direto para lá, pensou. Ela não queria usar a carruagem que Lahan havia providenciado diretamente para a vila de Jinshi, no entanto. Uma outra carruagem a buscaria no dormitório. A mulher que administrava o prédio lançou um olhar duvidoso para Maomao, mas não fez perguntas. Talvez o salário incluísse um extra para garantir que ela não fizesse.

Assim que Maomao chegou à vila, sentiu a tensão no ar. A atmosfera estava tão sombria que Jinshi poderia estar tentando cultivar cogumelos; Gaoshun andava por aí com a testa constantemente franzida, e Suiren parecia perturbada, murmurando: “Meu, meu...” O único ponto de luz no ambiente era Chue, a empregada. Ela trouxe chá para Maomao, emitindo aquele som característico ao caminhar.

“Este é um chá fermentado do oeste,” disse ela. “Tem um cheiro agradável e é delicioso com uma gota de álcool destilado, mas me disseram para não deixar você beber nada.” Ela lançou um olhar para Suiren. Maomao desejava poder tomar o chá alcoólico. Na verdade, queria que segurassem o chá.

Depois de um momento de hesitação, Maomao perguntou: “Devo perguntar?” Ela realmente não queria saber, mas Jinshi parecia prestes a explodir a qualquer momento, e ela não queria que nada disso caísse sobre ela.

“Se você puder, por favor?” disse Chue, e Gaoshun veio correndo. Não havia sinal de Basen, e parecia provável que não haveria enquanto seu pai estivesse no trabalho.

“Sim, bem... Ele terá que ir à capital ocidental novamente,” disse Gaoshun.

“Oh. Sério. Pobre rapaz.”

O rosto de Jinshi se enrugou de aborrecimento. Atrás dele, Gaoshun fazia um gesto enfático de não, não, cruzando os braços em um X. Por alguma razão, Chue estava imitando-o, embora com ela parecesse quase que estivesse dançando. Ela fazia parecer divertido.

“Quem é ela, afinal?” Maomao perguntou a Suiren antes de se conter.

“Se eu dissesse que ela é nora de Gaoshun, isso ajudaria?” respondeu Suiren.

“Nora? Então isso a tornaria esposa do filho dele?”

“Sim. Não do Basen—há um irmão mais velho, além da irmã mais velha.”

“Entendo.”

Enquanto Maomao conversava com Suiren, os esporos metafóricos tinham praticamente se tornado uma nuvem ao redor de Jinshi. Maomao se voltou para ele, resignada ao fato de que teria que ouvir o resto da história.

“Então, hum, por quê? Ele não acabou de ir ano passado?”

“Sir Gyoku-ou pediu isso. Ele quer que o Mestre Jinshi veja como as coisas estão indo bem, mesmo na ausência de Sir Gyokuen.”

“Meu Deus,” comentou Maomao calmamente, mas em sua mente pensou: Parece um saco.

Gyokuen era o pai da Imperatriz Gyokuyou, atualmente residindo na capital. A menos que Maomao estivesse enganada, o irmão mais velho da Imperatriz, Gyoku-ou, era quem atualmente supervisionava os assuntos na capital ocidental.

Chegar a essa cidade distante levava mais de duas semanas por terra.

Uma viagem de ida e volta, incluindo o tempo no destino, poderia facilmente fazer com que Jinshi se afastasse da capital por mais de um mês e meio.

“Talvez não seja meu lugar sugerir, mas seria possível que outra pessoa fosse em nome do Mestre Jinshi desta vez?” Maomao disse. Era uma ideia admirável, e Gaoshun e Suiren a reconheceram com um aceno. Apenas Chue balançou a cabeça, continuando a dançar.

Ela é muito, hum... notável. Não tenho certeza do que fazer com ela, Maomao pensou. Ela estava tentando ser séria aqui, mas com Chue pulando ao redor à beira de sua visão, sentia que poderia explodir de tanto rir. Talvez fosse essa a ideia. Especialmente porque ela estava fazendo isso onde apenas Maomao poderia vê-la. Não muito gentil. Eu sei que você está tentando me fazer rir. Ela tentou olhar para algum lugar onde não veria a outra mulher.

O olhar de Maomao deve ter entregado Suiren, pois Chue logo encontrou a velha senhora desferindo um golpe na parte de trás de sua cabeça. Gaoshun tinha uma nora muito incomum. Ele pediu desculpas a Suiren em nome de Chue.

“Sinto muito, mas acho melhor irmos para outro lugar,” Jinshi disse, inevitavelmente distraído pela confusão.

“Mas é claro, jovem mestre,” disse Suiren. Ela foi para o próximo cômodo para preparar bebidas. Isso era perfeito para Maomao, que estava ansiosa para começar a tratar Jinshi.

Ela o seguiu para o próximo cômodo e fechou a porta. Agora privado de sua matrona e de seu guardião, Jinshi suspirou. “Posso continuar a conversa?” ele perguntou.

“Fique à vontade. Posso dar uma olhada em seu ferimento enquanto conversamos?”

“Fique à vontade.”

Maomao tirou bandagens e medicamentos. Jinshi tirou seu sobretudo para revelar a bandagem ao redor de seu abdômen.

Chue tinha praticamente feito Maomao esquecer sobre o que estavam falando. O que era mesmo? Felizmente, Jinshi refrescou sua memória; ela ouviu enquanto removia o curativo.

“Sir Gyoku-ou me pediu pessoalmente para voltar à capital ocidental. Pensei que poderia recusar, considerando que estive lá recentemente. Mas primeiro a Imperatriz Gyokuyou, e então Sua Majestade, pediram que eu fosse, então suponho que isso resolva a questão.”

“O Imperador e a Imperatriz ambos? Você acha que estavam planejando isso, então?” Maomao sentiu-se começar a suar frio. O ferimento exposto ainda estava vermelho. Ela tinha conseguido parar o sangramento, mas era claramente recente.

“A carta de Sir Gyoku-ou chegou ontem à noite. Ele quer que alguém vá ver como as coisas estão indo na capital ocidental sem a presença de Sir Gyokuen.”

Maomao não disse nada. Jinshi já parecia estar se preparando mentalmente. Se ele fosse para o oeste, então Maomao teria que ir com ele. Ela inspecionou o ferimento para garantir que não estivesse infectado e então aplicou mais pomada.

Preciso fazer com que meu velho me ensine alguma cirurgia, e rápido. O assunto era ainda mais urgente do que ela havia percebido. Se eu soubesse como substituir pele danificada por nova... Jinshi estava tentando cercá-la, mas ela se recusava a simplesmente deixá-lo ter seu caminho. Me pergunto se alguém já fez isso com sucesso.

Ela buscou em sua memória por qualquer menção nos livros que havia lido. No passado, houve tentativas de enxertos de dentes e pele em escravos, mas todos que ela tinha ouvido falar haviam terminado em fracasso. No entanto, houve alguns sucessos em mover a própria pele de uma pessoa de uma parte do corpo para outra.

Talvez se eu pudesse escolher uma parte do corpo de Jinshi onde não chamaria atenção...

As nádegas, talvez. Ela puxou distraída as calças de Jinshi.

Ele quase saltou da pele. “O que você pensa que está fazendo?!”

Acho que não posso dizer a ele que estava tentando dar uma olhada em suas nádegas.

“Desculpe. Eu precisava soltar um pouco suas calças para alcançar com a pomada.”

“Você poderia pelo menos me avisar. Você não tem vergonha alguma?” Ele olhou para ela com a expressão mais estranha.

“Agora você se preocupa com vergonha, senhor?” Maomao estava um pouco agitada recentemente graças às explosões de Jinshi, mas agora estava em seu elemento. Quando ela tinha um novo método de tratamento em mente, sua mente começava a trabalhar muito rápido

Ela esfregou a pomada no ferimento e depois o enfaixou cuidadosamente. “Realmente preciso que aprenda a fazer isso sozinho, senhor,” ela disse, mostrando-lhe o método mais uma vez para garantir.

Ela se afastou, e Jinshi vestiu seu manto, parecendo de alguma forma desolado.

“Isso significa que terei que acompanhá-lo até a capital ocidental, não é mesmo?” Maomao perguntou.

“Sim, é o que isso significaria.”

Em sua última viagem para lá, ela tinha certeza de que havia um médico de verdade entre a equipe, embora não tivesse prestado muita atenção neles. Talvez houvesse... Talvez não. A memória de Maomao não podia ser confiável em tais casos. Seria tão conveniente se ela conseguisse se lembrar das pessoas depois de vê-las apenas uma vez. E, na verdade, ela conhecia alguém assim.

Rikuson — era isso. O ajudante do estrategista excêntrico estava na capital ocidental agora. Talvez ela o visse.

“Entendido, senhor. Por quanto tempo ficaremos lá?” Se fosse aproximadamente o mesmo tempo que da última vez, ela pensava que poderia dar um jeito, de alguma forma.

“Não sei. Esperaria um mínimo de três meses.”

“Três meses?” Isso era muito tempo—e isso era o mínimo? De repente, ela teve um pensamento: esta era uma missão punitiva. Ele tinha feito algo impensável na frente das duas pessoas mais importantes da nação. Claro que haveria repercussões.

“Mestre Jinshi...”

“Eu sei. Não diga.”

Ele sabia o que ela estava pensando, ou estava imaginando algo diferente? Ele poderia pedir para ela não perguntar, mas perguntar ela devia — embora se contentasse com uma pergunta comparativamente mais fácil.

“Tenho muitas perguntas, mas deixe-me fazer esta: Por que Lady Gyokuyou insistiria que você fosse?”

O Imperador ela poderia entender, mas até a Imperatriz tinha dito a Jinshi para ir para a capital ocidental. Por quê? Aquela área era governada por sua família, e Jinshi tinha acabado de prestar juramento de fidelidade a ela.

“Eu não sei ao certo ainda, mas tenho uma ideia,” disse Jinshi, meio para si mesmo. “A filha de Sir Gyoku-ou logo entrará no palácio traseiro.”

“Oh?” Maomao assentiu, mas também estava perplexa. Entrar no palácio traseiro significava que a garota se tornaria a noiva do Imperador. Até Sua Majestade teria dificuldades em recusar a filha de um dos homens mais poderosos da capital ocidental.

Um de seus parentes já é a Imperatriz — a esposa apropriada de Sua Majestade, Maomao pensou. Gyoku-ou estava tentando fortalecer a base de poder de sua família insinuando mais um parente sanguíneo na corte?

“Não tenho ideia do que a Senhora Gyokuen deve pensar disso, mas você não acha que isso coloca a Imperatriz Gyokuyou em uma posição bastante difícil?” Maomao disse. A filha de seu irmão mais velho seria a sobrinha da Imperatriz. Casamentos políticos muitas vezes envolviam parceiros com laços sanguíneos próximos, mas Gyokuyou não poderia ficar satisfeita com a perspectiva. E Gyokuen? Com a posição de sua filha já garantida, ele realmente iria querer que um neto se juntasse à corte também?

Isso, se ela realmente for uma parente por sangue.

Maomao achava que estava vendo rachaduras na fachada da família de Gyokuyou.

“A Imperatriz é contra a admissão de sua sobrinha no palácio?” ela perguntou. Jinshi não respondeu imediatamente, o que Maomao interpretou como indicativo de que ela estava certa. Sua expressão contava a história.

Finalmente, ele disse: “É verdade, ela não está ansiosa. No entanto, ela não pode expulsar a garota do palácio traseiro também. O que significa que deve haver um compromisso.”

Havia apenas alguns poucos príncipes na linha Imperial atual. Apenas três deles, na verdade—e dois eram bebês. Havia apenas um candidato sério.

“Parabéns pelo seu casamento, Mestre Jinshi!” Maomao disse, batendo palmas.

Sem dizer uma palavra, Jinshi agarrou-a pela cabeça e apertou. Ela deu um grito de surpresa; quando ele a soltou, ela esfregou o lado da cabeça e lembrou a si mesma que às vezes era melhor manter a boca fechada.

“Você acha que vou me casar—com esse corpo?!”

É o corpo que você escolheu para si mesmo! Maomao objetou em particular, mas desta vez ela foi esperta o suficiente para guardar para si mesma. Em vez disso, ela perguntou: “Apenas como referência, há mais alguém além de você adequado para se casar com ela?”

“Você teria que voltar várias gerações na família Imperial. O tipo de pessoas que passam a maior parte do tempo hoje em dia enclausuradas em templos lendo textos sagrados e mantendo distância do mundo comum. Supondo que nenhum deles tenha começado a abrigar ambições tão grandes que estejam prontos para fomentar uma rebelião, não vejo nenhum candidato lá.”

“E suponho que ela e seu pai não se contentariam com um digno servente?”

Se, no entanto, Jinshi estivesse partindo para a capital ocidental logo que a jovem senhora chegasse, o casamento poderia ser adiado por meses. O pai da noiva nem poderia objeção, porque era ele quem tinha convocado Jinshi.

Sinto pena da garota, se esforçando tanto para vir até aqui apenas para ficar sentada e esperar.

Por mais simpática que pudesse ser, no entanto, não havia nada que Maomao pudesse fazer. De qualquer forma, se Jinshi estivesse disposto a se casar com uma garota apenas para fazê-la feliz, não haveria fim de jovens senhoras com histórias tristes aparecendo à sua porta.

Não se pode se preocupar demais com os assuntos dos outros.

Maomao tinha outras coisas a fazer. “Quando você acha que vai partir?” ela perguntou.

“Daqui a dois meses,” ele respondeu.

Não havia muito tempo. Ela tinha tanto a aprender, e teria que fazer isso com pressa.

Jinshi parecia querer dizer mais alguma coisa, então ela perguntou: “Há mais alguma coisa em sua mente, senhor?”

Ele hesitou, então disse: “Eu ainda não tenho informações suficientes. Poderei entrar em contato com você em outro momento.”

“Muito bem, senhor.” Maomao reuniu seus medicamentos e bandagens, confirmou quando deveria voltar, e então deixou a vila.

Capítulo 7: Tabu

No dia seguinte, a biblioteca na casa do estrategista peculiar tinha sido cuidadosamente arrumada. O tapete estava de volta no lugar, as estantes de livros estavam onde deveriam estar. Se algo estava diferente, era apenas que o tapete desbotado tinha sido substituído por um novo.

"O Mestre Lahan mandou um dos servos arrumar as coisas", En'en relatou.

"É mesmo?" Maomao disse com alívio. Ela saiu imediatamente após os eventos do dia anterior e se sentiu mal por deixar Yao e En'en desfazendo o quarto sozinhos.

"Ele realmente fez, e o mínimo que você poderia fazer é ser grata, Irmãzinha", disse alguém a quem ela não queria de forma alguma ser grata. Ele estava sentado em uma cadeira no momento.

"O que diabos você está fazendo aqui mesmo?" Maomao perguntou.

"Que maneira de falar! Com meu honrado pai fora, estou encarregado desta casa."

"Em outras palavras, você tem muito tempo livre. Meu pai está vindo ou não?"

"Maomao, cuidado com o tom", En'en disse. Yao já estava sentada e esperando ansiosamente.

Luomen chegou, anunciado pelo som de sua bengala batendo no chão. Ao entrar na biblioteca, ele agradeceu ao servo que o estava ajudando.

En'en fechou a porta. As janelas também estavam fechadas; velas foram acesas para iluminar, preenchendo a sala não apenas com luz, mas também com um doce cheiro de mel.

Eu não estou muito inclinada a usar fogo em uma biblioteca... Maomao garantiria que apagasse as velas e trocasse o ar da sala assim que essa conversa terminasse.

Ela puxou uma cadeira para Luomen. "Obrigado", ele disse, mas parecia preocupado. Provavelmente tinha a ver com o livro sobre a mesa.

"Você se importa se eu estiver aqui, Tio-Avô?" Lahan perguntou.

"Talvez você queira reconsiderar onde enfia o pescoço, Lahan", disse Luomen.

"Entendo seu ponto, mas gostaria de estar ciente do que está acontecendo em minha casa. Não é do meu estilo fugir da responsabilidade dizendo que não sabia."

Em alguns aspectos, Lahan tinha uma personalidade completamente oposta à de Maomao. Talvez ele simplesmente estivesse confiante de que seria capaz de lidar com quaisquer problemas que surgissem de sua abordagem.

"Estamos corretos? Este é o Livro de Kada?" Yao perguntou, levantando-se e apoiando o tomo de pele de ovelha.

"Sim... Eu o compilei enquanto estudava no ocidente."

O rosto de Yao se contraiu. En'en permaneceu impassível, e Lahan, se alguma coisa, parecia bastante intrigado.

"Você também fez essas ilustrações, então, Mestre Luomen?" Yao perguntou. Ela virou as páginas, mostrando as representações de corpos humanos abertos.

"Eu fiz. Eu desenhei aquelas ilustrações, e também fiz as dissecções."

Com a palavra dissecções, o rosto de Yao ficou ainda mais rígido. Dissecação humana não era ideia de diversão para muitas pessoas. Profanar um corpo morto era considerado imoral e proibido.

"Eles eram... criminosos?" Yao perguntou.

Luomen balançou a cabeça tristemente. Ele se levantou e virou para a última página do livro, onde havia uma imagem de uma mulher. Ela parecia ser estrangeira; seu cabelo flutuava, e seu tom de pele claro era representado em pinceladas delicadas. Seus órgãos internos estavam desenhados de maneira realista, mas seu rosto tinha a expressão estilizada e serena de um bodisatva. Havia manchas de tinta aqui e ali; esta página estava visivelmente menos limpa do que as outras.

"A terra ao oeste sabe muito mais do que nós, e há muito que podemos aprender com eles. Mas isso não significa que tudo o que fazem está certo. Eu frequentemente os via punir pessoas que não haviam cometido crime algum." Havia pesar nos olhos de Luomen; ele parecia estar olhando para o passado. "Diziam que esta mulher era uma bruxa. Para testar se a acusação era verdadeira, a amarraram a uma pedra e a jogaram na água, onde ela afundou."

Maomao estremeceu.

Luomen não falava muito sobre o tempo que passara estudando além das fronteiras de Li. Quando o fazia, era principalmente para compartilhar histórias de ferimentos e doenças que encontrara.

“Se ela não flutuasse à superfície, isso provaria que ela não era uma bruxa. Se ela flutuasse, mostraria que era uma bruxa, e eles a queimariam viva. Determinaram que a mulher não era uma bruxa, mas isso não trouxe o fôlego de volta aos seus pulmões.”

Yao estava pálida e suas mãos tremiam. Parecia estar debatendo se deveria tampar os ouvidos, sentindo que precisava ouvir, mas não querendo escutar.

En’en fez a pergunta que estava na mente de todos. “Essas bruxas... São criminosas?”

"Não. Elas poderiam ter sido seguidoras de uma fé diferente. Supostas hereges. Estudantes de medicina. Às vezes, camponeses errantes também eram tratados

como bruxas. Nesse sentido, talvez eu fosse um deles.” Luomen fechou o livro, seus dedos roçando a palavra bruxaria na capa. “Ela entendia por que a acusariam de ser uma bruxa. Ela foi quem me ensinou os caminhos da medicina ocidental. Ela mesma me pediu para usá-la para dissecação quando morresse. Pelo avanço da medicina, ela ofereceria o próprio corpo...” Havia o mais leve tremor na voz de Luomen. “Por causa dela, pude salvar a Imperatriz Viúva e seu filho.”

A Imperatriz Viúva engravidara muito jovem e não conseguira dar à luz ao filho — tiveram que abrir a barriga dela.

Yao bateu na mesa com uma mão ainda trêmula. “Então você abandonou sua própria professora, Mestre Luomen?! Isso é horrível!”

Havia uma tensão no ar. Luomen não negou. En’en também ficou em silêncio.

"Não—" Maomao começou, mas foi interrompida pelo próprio Lahan.

“Eu acredito que meu tio-avô fez o certo”, ele disse. “Considere os fatores em jogo. Se a mulher fugisse, significaria que ela era uma bruxa. Se ela fosse resgatada, mostraria que era uma bruxa. E aquele que a resgatou — apenas um estudioso itinerante que veio à terra deles para ‘aprender’. Material de bruxa, sem dúvida. Mesmo que isso tenha sido antes de meu tio-avô ser castrado, o que ele poderia ter feito sozinho? Você parece estar imaginando algo de um livro de imagens. Um homem contra o mundo, chegando para resgatar a princesa capturada e derrotar os malfeitores, e todos vivem felizes para sempre. É isso que você tem em mente? Isso não teria acontecido. A única coisa que teria sido diferente é que haveria dois cadáveres em vez de um.”

"Mas... Mas..." Yao entendia intelectualmente, mas emocionalmente era difícil processar.

Maomao estendeu a mão para o livro, tentando abrir novamente aquela última página, mas Luomen manteve sua mão na capa, mantendo-a fechada. “É verdade,” ele disse, “eu era impotente. Minha professora faria qualquer coisa para salvar pessoas. Ela se vestiria como homem para participar das convocações de médicos, participar da dissecação de criminosos. Algumas pessoas ela conseguiu ajudar, mas havia outras vidas que não pôde salvar. Ela sempre perguntava o que mais poderia fazer, e não recusava nenhuma resposta. No dia anterior mesmo de ser presa como bruxa, ela foi convocada como médica. Ela foi até a próxima cidade para ajudar uma criança ferida, e alguém lá afirmou que seus métodos eram antinaturais. Seu acusador era uma mulher que também era suspeita de ser bruxa. Para provar sua inocência, ela ofereceu minha professora como sacrifício.”

A história poderia parecer uma digressão, mas Maomao viu o que Luomen estava tentando dizer. Duas coisas, na verdade. Primeiro, que a dissecação poderia ser anátema, mas era uma maneira de salvar vidas. Segundo, que a heresia seria perseguida.

O Livro de Kada, aquele do qual meu pai fala, é herético, mas não é maligno. Ainda assim, as pessoas insistem em equipará-los

Quando ele disse para eles aceitarem o Livro de Kada, ele quis dizer que eles tinham que aceitar as práticas "desviantes" dentro dele, sim, mas também que eles mesmos teriam que se afastar dos caminhos aceitos por sua sociedade.

As mulheres tinham pouco status em Li. Elas não podiam se tornar médicas, e se de alguma forma se envolvessem com uma dissecação, não havia como saber como seriam tratadas. Luomen estava preocupado, não apenas com o futuro de Maomao, mas também com o de Yao e En'en.

A expressão de En'en era difícil de ler. Ela tinha dito que seguiria a escolha de Yao, mas a história de Luomen parecia abalá-la profundamente. Yao estava igualmente perturbada. Quanto a Maomao, ela já sabia o que precisava fazer.

"Certo! Tio-avô, uma pergunta," Lahan disse, erguendo a mão com força o suficiente para cortar a tensão na sala. Maomao gostaria de mandar esses óculos e aquele cabelo bagunçado direto para fora. "Foi essa autópsia o motivo pelo qual você voltou de suas viagens?"

"Sim, foi. Eu desenterrei o túmulo dela e a dissecado, e quando tentei devolvê-la ao seu lugar de descanso, fui descoberto e quase morto. Se um colega estudante não tivesse me ajudado, provavelmente estaria no fundo de um rio agora. Meu amigo roubou um cavalo e me levou em segurança para a propriedade de um comerciante com ligações em Li. Foi assim que sobrevivi."

Acontece que Luomen podia ser bastante corajoso às vezes.

“Este amigo seu. Seria o Dr. Liu?” En’en perguntou.

“Devo dizer... que causei ao Dr. Liu bastante problema ao longo dos anos.”

Dr. Liu! Maomao conseguia imaginar o rosto cansado do médico. Ela sempre soube que ele era rigoroso com ela porque era parente de Luomen, uma compreensão que agora estava reforçada.

“Outra pergunta, se eu puder,” En’en disse. “Se não estou enganada, as leis de Li só permitem a dissecação de criminosos executados. No entanto, você está falando como se o Dr. Liu tivesse experiência com dissecações.” Ela parecia estar escolhendo cuidadosamente suas palavras. Para Maomao, parecia que ela já estava bastante certa disso — mas mesmo assim queria perguntar.

“Não posso dizer nada sobre o que está por vir depois disso. Mas deixe-me perguntar: Se você tem habilidade em trabalhos de agulha, isso significa que pode costurar pele humana na primeira vez que é chamado para fazer isso? Você poderia cortar carne humana tão facilmente quanto corta um peixe na cozinha?”

A resposta, é claro, era não. En’en talvez achasse as perguntas tolas; ela ficou quieta.

Houve um longo momento em que nenhum deles falou. Lahan quebrou o silêncio.

“Talvez um médico deva fazer pelo menos um pouco de dissecação, hm? Sabemos com certeza que a experiência do meu tio-avô nessas coisas o capacitou a salvar a Imperatriz Viúva e seu filho. Naturalmente, é improvável que essa seja a última vez que um membro da família imperial se encontre em apuros — doente ou ferido.”

Maomao queria gritar com ele para se calar, mas ela tinha uma pergunta própria que queria fazer, então ela manteve-se em silêncio. Um membro ferido da família real, huh? Isso a lembrou de algo que ela realmente não queria lembrar.

Luomen parecia preocupado novamente. “Acho que isso requer outra história,” ele disse. Maomao sabia muito bem que histórias às vezes faziam desvios. “Há muito, muito tempo, havia um médico chamado Kada. Não o Kada da lenda, mas um verdadeiro médico de habilidade incomparável. Seu nome vinha tanto de seu dom para a medicina quanto de uma conexão distante com a linhagem imperial.”

Seria isso uma das coisas que inspiraram Luomen a chamar este texto de "Livro de Kada"?

"E o que aconteceu com ele?" En’en perguntou.

"Ele fez muitas dissecações, ou assim dizem, em prol da medicina. Ele não tinha medo de usar sua autoridade como membro da família imperial, por mais marginal que fosse, para promover seu trabalho. Ele não se limitava a criminosos; ele colecionava os corpos de qualquer pessoa que tivesse morrido de doenças incomuns. Ele confiava em suas habilidades e em sua convicção de que o que estava fazendo era correto."

Luomen continuou. "Mas ele cometeu um erro de cálculo. Entre os corpos que ele reuniu estava o de um jovem príncipe — o filho do monarca reinante e a menina dos olhos de seu pai. O príncipe havia morrido jovem de uma doença misteriosa."

A maioria das pessoas ao redor da mesa rapidamente viu as implicações do que lhes foi dito — apenas Yao parecia estar tendo dificuldades para acompanhar.

Os restos dos membros da família imperial deveriam permanecer no mausoléu por um ano após a morte. Estava claro demais que o imperador ficaria furioso ao descobrir que Kada não apenas havia retirado o corpo de seu local de descanso, mas também o havia dissecado.

"Kada foi expulso da família real e executado. Seu verdadeiro nome não foi deixado para a posteridade, e até o médico da lenda passou a ser chamado de Genka a partir desse momento. Todos os rolos, todas as notas que Kada havia feito foram queimados, e os médicos foram proibidos de praticar a dissecação. Considerando o estado de espírito do imperador na época, duvido que alguém ousasse objeção."

Naqueles dias, era proibido até mesmo mencionar o nome Kada.

"Assim, esse homem foi apagado da história — exceto entre os próprios médicos, que continuam a falar dele e contar sua história uns aos outros. Suas ações foram a salvação de muitos pacientes. Mas ele não era nem um deus nem um imortal, apenas um humano como você ou eu."

Luomen, Maomao viu, estava elogiando os grandes feitos deste médico sem nome ao mesmo tempo em que censurava sua arrogância. "Isso fez com que os métodos médicos se tornassem dramaticamente mais rudimentares?" ela perguntou, cuidando para adotar um tom educado para que En'en não ficasse chateada.

"Muito sim. Caso contrário, poderíamos ter salvado os irmãos honrados do ex-imperador. As pessoas sussurram que a ex-imperatriz viúva os tinha assassinado, mas temos registros escritos indicando que na verdade foi tuberculose."

Tuberculose? Maomao ficou surpresa; ela só tinha ouvido dizer que os irmãos tinham morrido de uma doença contagiosa. A tuberculose era notoriamente mortal, sim, mas para ter matado todos os irmãos do ex-imperador — o tratamento deve ter sido terrivelmente atrasado.

Ou eles falharam em isolar o primeiro paciente, ou erroneamente pensaram que era apenas um resfriado.

Ela sempre havia assumido que era uma questão de linhagem que havia impedido o ex-imperador de pegar a doença, mas talvez fosse porque ele passava tanto tempo separado dos outros príncipes. Ela ouvira dizer que sua mãe, a que frequentemente era chamada de imperatriz reinante, havia sido uma das consortes inferiores.

“Quando o estudo é negligenciado, não há limite para o quão baixa uma disciplina pode afundar. Eu fui estudar no ocidente porque a ex-imperatriz viúva estava alarmada com a escassez de conhecimento médico que possuíamos.”

Tenho certeza de que ela esperava que seu próprio filho não sucumbisse a alguma doença.

“Por mais que ela gostasse de fazer mudanças revolucionárias, Kada ainda tornou impossível para ela reverter abertamente a proibição de dissecações. Suponho que ela entendia os sentimentos de um pai cujo filho havia sido tão profundamente desrespeitado.”

Ela não podia mudar as leis abertamente. Esse era o ponto-chave: atrás de portas fechadas, em segredo, médicos estavam conduzindo autópsias até mesmo agora para o avanço da medicina.

“Talvez possamos concluir esta conversa aqui?” Luomen olhou para cada um deles como se fosse uma pergunta genuína.

Yao não respondeu.

“Sim, senhor,” disse En’en, ainda incomodada mas exausta.

“Muito bem,” disse Maomao, com mais firmeza. Ainda havia tantas coisas que ela queria saber, mas Luomen parecia estar cansado de responder perguntas.

“Hmm. Então essa é a história,” disse Lahan. Ele começou essa conversa como um intruso e terminou sem parecer mais envolvido.

“Se você não tomar essa decisão, então eu lhe imploro para esquecer tudo o que ouviu aqui hoje. Você será mais feliz assim,” disse Luomen, ainda consciente o suficiente para deixá-los uma saída. Ele confiava que Yao, En’en e até Lahan guardariam o segredo para si mesmos. “Então eu vou voltar. Há uma carruagem, Lahan?”

“Eu mandei preparar uma imediatamente.”

Luomen guardou o livro cuidadosamente entre as dobras de suas vestes. “Este livro não pode mais ficar aqui,” ele disse, e então se dirigiu para sair da biblioteca, sua bengala batendo no chão. Maomao tirou um lenço de suas próprias vestes e entregou a ele.

“Você não pode deixar um livro tão valioso apenas por aí. Alguém vai roubar,” ela disse, em voz baixa o suficiente para En’en não ouvir.

“Verdade, verdade. Obrigado; vou ter cuidado.”

Ela o observou partir, o som da bengala sendo a única coisa audível. Ela poderia ter se desculpado para acompanhá-lo até sua carruagem, mas Lahan foi com ele, então Maomao optou por ficar. Ela estava mais preocupada com as outras duas na biblioteca naquele momento.

Estou com fome, ela pensou. O sol estava alto no céu agora, mas En’en não mostrava sinais de preparar uma refeição, então Maomao resignou-se a fazer alguma comida.

“Tudo bem, a comida está pronta,” Maomao disse. Eles estavam fazendo pãezinhos na cozinha principal, e ela conseguiu convencê-los a compartilhar alguns ingredientes com ela. Ela acrescentou recheio de carne para transformá-los em bolinhos adequados — e não fez um trabalho ruim, se ela mesma dissesse. Ela poderia ter parado por aí, mas havia alguns outros ingredientes interessantes por perto, então ela decidiu fazer mais um prato também.

Agora ela estava em frente às outras duas mulheres, nenhuma das quais parecia ter muito apetite, segurando os bolinhos e algo que elas nunca tinham visto antes.

Yao foi a primeira a reagir. “O que é isso?”

“Talvez pudéssemos chamá-lo de basi hongshu — batatas-doces com fios de seda,” Maomao respondeu. Em outras palavras, batatas-doces com um molho amiláceo sobre elas. Ela havia cortado as batatas-doces, com casca e tudo, fritado-as em óleo e depois coberto-as com xarope de amido.

“Parece que há muitas batatas-doces nesta casa. É praticamente um alimento básico por aqui,” En’en disse.

“Tenho um parente que é agricultor de batatas,” Maomao disse. Especificamente, o pai biológico de Lahan.

“Eu achei que estava vendo muitas delas no mercado. Eu me pergunto se o Mestre Lahan as está colocando lá.”

“Huh! Basi, é?” Yao pegou um pedaço de batata com seus pauzinhos. Ela parecia divertida pela forma como ela deixava longos fios de xarope de amido após si. Parecia que Maomao tinha conseguido distraí-la.

“Eles vão esfriar se não comermos. Que tal começarmos?” Maomao pegou um dos pãezinhos do vaporizador e deu uma grande mordida.

“Aqui, Senhora Yao, use isso.” En’en entregou a Yao um lenço úmido. Yao pegou, limpou as mãos e depois pegou um pãozinho.

“Está bom, mas sinto que está faltando alguma coisa,” ela disse.

“Por favor, não compare minha culinária com a de En’en.”

“É um esforço muito bom para uma leiga, Senhora Yao.” Até mesmo o comentário de En’en foi, bem, um pouco rude.

Quer dizer, eu sou uma leiga.

Maomao tinha esperado que a comida proporcionasse um pouco de lubrificante para a conversa, mas a conversa não veio; eles comeram em silêncio. En’en parecia ainda mais chocada com a discussão anterior do que Yao.

O que ela faria se sua preciosa jovem senhora começasse a fazer dissecações?

En’en, Maomao sabia, sempre pensava em Yao em primeiro lugar. Por enquanto, ela afastava todos os homens que se aproximavam como se fossem insetos irritantes, mas um dia seus pensamentos se voltariam para o casamento de Yao.

Consigo ver isso agora.

Se algum nobre aparecesse e conseguisse suportar o teste de En’en, Yao provavelmente seria completamente honesta com ele sobre seu trabalho — mas

mesmo um homem iluminado o suficiente para aceitar uma mulher trabalhando provavelmente teria dificuldade em aceitar a ideia dela fazendo dissecações.

Além disso, não podemos permitir que ela saia falando dos segredos dos médicos.

Havia também a questão de quanto tempo ela poderia continuar ligada ao consultório médico como dama de corte. Os cargos recém-criados muitas vezes desapareciam novamente em poucos anos.

Muitos obstáculos pela frente, pensou Maomao. Havia desafios reservados para ela também — mas ela era quem era. Enquanto tivesse ingredientes medicinais e pessoas doentes, ela enfrentaria teimosamente.

Os três ainda estavam mastigando quando a porta se abriu. “Tendo um lanche sem mim? Isso não é justo.” Tousleglasses estava de volta. Lahan se serviu da cadeira vazia como se fosse a coisa mais natural do mundo e pegou um dos bolinhos restantes.

“Hrm. Está faltando alguma coisa.”

“Guarde isso para você.”

Por que todos aqui estavam tão obcecados com o sabor?

As batatas-doces pareciam ter sido recebidas favoravelmente; ninguém as criticou. No entanto, a garganta de En’en devia estar seca, pois ela deu um gole de chá. “Quais são seus sentimentos, Mestre Lahan?” ela perguntou enquanto colocava sua xícara.

“Meus sentimentos sobre o quê?”

“Sobre o que o Mestre Luomen falou. Para ser mais direta, gostaria de saber o que você pensa sobre jovens senhoras recebendo uma educação equivalente à de um médico.”

“Você quer saber o que eu penso, ou o que as pessoas vão pensar?”

“Os dois, se possível.”

Lahan olhou para o teto e ponderou sobre isso. “Quanto à dissecação, acredito que seja necessária. Se você falhar em avançar, isso é a própria definição de estagnação. Água que não flui começa a apodrecer.” Uma visão notavelmente progressista. “No entanto, tornar tal prática pública neste momento convidaria perseguição. As pessoas temem o não convencional e odeiam minorias. Se você quer uma vida tranquila e agradável, eu sugeriria abandonar essa prática maluca de se envolver com a equipe médica imediatamente.”

“Eu pensei que pelo menos você estaria acima dessas coisas, Mestre Lahan! Então você acredita que as mulheres devem ficar em casa, então?!” Yao levantou-se, indignada. A mesa tremeu, e Maomao pegou as xícaras de chá para estabilizá-las. “Eu pensei que você julgaria as pessoas por seus méritos, não por seu sexo!”

“Senhora Yao,” En’en disse pacificamente.

Lahan, por sua vez, não estava incomodado. “Você está correta: é mais difícil para uma mulher trabalhar do que para um homem. Um homem não pode ter filhos — embora possa criá-los.

Isso é óbvio.

Homens e mulheres eram biologicamente diferentes, e os papéis que assumiam também eram diferentes.

“É fundamentalmente impossível para homens e mulheres fazerem o mesmo trabalho. Reconheço, no entanto, que há muitas mulheres com habilidades excepcionais por aí.”

“Então por que você diria a elas para ficarem em casa?!”

“Você ainda não ouviu tudo o que tenho a dizer. Se você fosse tão gentil. Acredito que eu comecei minha observação dizendo que isso era se você quisesse uma vida tranquila e agradável. Homens e mulheres não estão e não podem estar em pé de igualdade no ambiente de trabalho — os fardos não relacionados ao trabalho inevitavelmente recaem mais pesadamente sobre as mulheres. Se ambos vão percorrer o mesmo caminho, e um de vocês está algemado, então você precisará de algo para ajudar a compensar a diferença: conhecimento muito maior, ou força física, algo. Você precisará de mais simplesmente para ficar no mesmo nível.”

“Isso mesmo.”

“Você já entende, então. Ser médica é considerado um trabalho exigente até mesmo entre os homens. Para uma mulher entrar nesse campo, ela precisaria de muita habilidade e convicção. Significando que se sua decisão pode ser influenciada de um jeito ou de outro pela minha opinião, então eu acho que você deveria desistir e ir para casa.”

Lahan geralmente era tão cortês com mulheres — mas quando decidia falar o que pensava, ele certamente o fazia. Yao e En’en permaneceram congeladas.

“Sou a favor de que mulheres tenham permissão para fazer o mesmo trabalho que homens. Ainda assim, nem toda mulher pode ou deve entrar no mundo do trabalho. De qualquer forma, nossa sociedade, como está, não é muito receptiva às mulheres trabalhadoras. Existem muitos homens incompetentes por aí — e mulheres também. Mesmo dentro de um grupo específico, há diferenças individuais, então não há como todos conseguirem trabalhar quando já estão acorrentados. Se você acha que parece muito difícil, se acha que não consegue aguentar, então não é lógico sugerir que você deveria encontrar algo mais para fazer com sua vida?”

Maomao realmente concordava com Lahan, mas com Yao ali, ela decidiu não concordar abertamente.

“Ouvindo isso de você, Yao,” ele continuou, “alguém poderia acreditar que ir trabalhar é o único caminho verdadeiro, e cuidar da casa é algo sem sentido e insignificante. Mas acho que isso por si só pode ser um erro. Muitas vezes se vê oficiais trabalhadores em uma festa dizendo que suas esposas são inúteis, mas na maioria das vezes, eles estão realmente nas mãos de suas senhoras. Quanto mais alto você sobe no mundo, mais você precisa de classe. As roupas, como dizem, fazem o homem. Sim, há exceções. Claro. Um homem sem nenhum talento distintivo, no entanto, precisa parecer bom, e quanto menos talento ele tiver, melhor ele precisa parecer. Então sua esposa monta um conjunto para ele, coloca seus sapatos e o envia para fora de casa. Se algo, acho que você pode estar um pouco demais desdenhosa das mulheres que não podem ou não entram no mercado de trabalho, mas ficam em casa.”

Não vamos dizer exatamente quem ele tinha em mente quando falava de exceções. A boca de Yao se movia como se ela quisesse dizer algo, mas ela não conseguia responder.

“Minha mãe foi escolhida por meu avô para ser a noiva do meu pai. Orgulho ela tem de sobra. Qualquer móvel elegante que você vê por aqui, ela pagou com seu próprio dinheiro, com o restante de seus recursos financeiros. O que a entristeceu mais do que qualquer coisa quando foi expulsa desta casa foi que ela não teria mais a oportunidade de desfrutar da vida brilhante da capital. À primeira vista, você pode pensar que ela não tinha qualidades redentoras, mas ela tinha bom gosto. Quando os móveis desta casa foram vendidos, muitos deles foram vendidos por quase o mesmo preço que tinham quando novos — alguns até valorizaram! Se eu tivesse sido um pouco mais esperto na época, talvez tivesse encontrado algum outro meio

de emprego para minha mãe, em vez de deixá-la ser enviada para o campo. Ela teria sido muito mais bem-sucedida como esposa de um comerciante — ou como uma comerciante ela mesma — do que casada com um homem da família La. Embora, para ser justo, minha mãe seja uma pessoa muito determinada para ter entrado no comércio, ou para ter consentido em se casar com um mero homem de negócios."

Lahan tinha se tornado bastante loquaz, mas de alguma forma nada do que ele disse fez Maomao querer intervir com uma interjeição sarcástica.

"No que exatamente você está querendo chegar, Mestre Lahan?" En'en perguntou.

"Hah, fui um pouco indireto demais. Meu ponto é simplesmente que eu mesmo me tornei bastante teimoso e odeio ver pessoas capazes embarcando em um caminho que não combina com seus talentos. É muito ineficiente, e não é bonito. Ambas têm talento, então, quer trabalhem sob os olhares públicos ou ofereçam apoio dos bastidores, tenho certeza de que se sairão bem. Se alcançar a maestria é outra questão. Mas ver alguém perseguir o que realmente deseja — questões de eficiência à parte, a paixão em si torna a busca bonita."

Em resumo, para Lahan, a questão parecia se resumir a concordar ou não com suas estéticas.

Ele tomou um pouco de chá, depois se levantou da cadeira parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. "Se não se importam, vou me retirar agora." Ele limpou os óculos e saiu prontamente.

Maomao apoiou o queixo nas mãos e o observou partir. Ninguém a repreendeu por seu comportamento grosseiro — En'en estava olhando para o chão. Yao, no entanto, estava olhando diretamente para frente; ela ofereceu uma pequena reverência à forma partindo de Lahan.

Entendi. Ela pensou que viu para quem Lahan realmente estava explicando. Quão prestativo ele foi.

Maomao sabia o que ia fazer, não importava qual resposta Yao ou En'en dessem a Luomen. Ela não tinha direito de interferir em suas vidas, qualquer que fosse o caminho que escolhessem.

Ela pegou o último pedaço de batata, que estava intocado, e o comeu, depois bebeu o último gole de seu chá.

Capítulo 8: Lições Secretas

Maomao foi ao distrito de prazeres para verificar Sazen e à vila de Jinshi para cuidar dele, e então sua pausa acabou. Ela escreveu uma carta para Luomen dizendo que sua determinação permanecia firme e que ela queria aprender mais sobre as artes médicas. As férias terminaram antes que ela recebesse uma resposta.

Quando ela voltou ao consultório médico, descobriu uma montanha de roupas esperando por ela. Não há nada pior do que o trabalho acumulado durante uma longa pausa.

“Faça a roupa. Imediatamente, se não se importar”, disse o Dr. Liu. Ele fez parecer tão simples, mas lavar roupas no inverno era uma perspectiva fria. Suas mãos iam ficar dormentes. Ela gostaria de poder olhar bem para ele, mas agora que sabia o quanto Luomen o tinha incomodado em seus dias de juventude, sentia que não podia dizer nada — exceto “Sim, senhor”.

Só havia uma coisa a fazer: o que lhe foi ordenado. A pilha de roupa revelou que enquanto Maomao e as outras mulheres estavam de folga, os médicos estavam trabalhando.

“Acho melhor eu começar”, disse Maomao.

A maior parte da roupa consistia em curativos que precisavam ser desinfetados. O primeiro passo seria separá-los em bandagens relativamente limpas e aquelas sujas de sangue ou fluidos corporais. As mais sujas seriam jogadas fora, enquanto cortariam as manchas das mais limpas e as reutilizariam. Bandagens eram consumíveis; era esperado que fossem descartadas após o uso suficiente. Maomao especialmente não queria usar nada com sangue — sangue humano poderia ser uma fonte de contaminação.

“O que é isso?”, disse Yao, mordendo preocupadamente o polegar. Ela estava olhando para o jaleco de alguém. Eles devem ter estado tratando um paciente gravemente ferido, porque estava coberto de sangue. Cheirava levemente a álcool, talvez de uma tentativa de desinfetá-lo.

“Não podemos permitir que os médicos joguem seus jalecos nesta pilha. De quem é isso?”, disse En’en. Ela olhou para o forro — todos os uniformes dos médicos eram iguais, então seus nomes estavam bordados por dentro. Ela não disse nada, mas franziu o cenho.

Maomao olhou por cima do ombro para descobrir o nome Tianyu. Um dos jovens médicos, um homem um tanto... descompromissado. Ele tinha tentado convidar En'en várias vezes, mas ela sempre o ignorava.

Ela simplesmente o jogou de lado...

En'en continuou a separar as bandagens como se nada tivesse acontecido.

Ambas foram perturbadas pela conversa com Luomen, mas pelo que Maomao pôde observar, parecia que En'en tinha se recuperado durante o resto da pausa. Não sei que resposta deram a ele, no entanto.

Luomen nem mesmo tinha respondido a ela ainda; ela duvidava que ele tivesse respondido a En'en e Yao também.

"Já que estamos lavando roupa de qualquer jeito, En'en, por que não lavamos para ele?" Yao disse.

"Senhora Yao, não deve mimar essas pessoas, mesmo que sejam médicos. Regras são regras."

Especificamente, a regra em questão era que os médicos deveriam lavar seu próprio uniforme médico.

"Mas eles estavam trabalhando enquanto estávamos de folga..."

En'en adotou uma expressão de raiva contida muito incomum. Sem dúvida, ela não estava feliz em ouvir Yao dar qualquer benefício da dúvida a Tianyu.

"Não tenho certeza de como remover as manchas de sangue, porém," Yao disse.

En'en não fez nenhum movimento para resolver esse problema em particular, então Maomao deu um passo à frente. "Me dê isso por um segundo," ela disse. Ela olhou para as manchas de sangue desbotadas. Suficiente tempo havia passado para que elas adquirissem uma cor vermelho escuro. Maomao não tinha certeza se sairiam, mas mesmo assim ela encheu um balde com água fria e mergulhou o jaleco nele.

"Qual é o seu plano? Vai usar cinzas?", Yao perguntou. Era uma tática comum para remover sujeira da roupa. A jovem senhora tinha aprendido algumas coisas em seus meses de lavagem. No entanto, algo mais era necessário aqui.

"Vou pegar alguns materiais," Maomao disse. Ela voltou ao escritório e começou a vasculhar o estoque de suprimentos médicos.

“O que você está procurando?”, perguntou o Dr. Liu, que estava na sala.

“Estava pensando em usar nabo para ajudar a remover algumas manchas.”

Ela sabia que o rabanete gigante também era usado como um remédio para a tosse. Não era apenas um vegetal delicioso, mas também uma medicina salutar.

“Manchas? Ah, você quer dizer o sangue.” O Dr. Liu, é claro, foi rápido em conectar os pontos com a menção do nabo. “Se vai fazer isso de qualquer maneira, então lave estes também.” Ele lhe entregou outro jaleco branco manchado de sangue — depois mais um, e outro. Logo ela estava segurando cinco ou seis deles.

Ela não disse nada.

“Tem algum problema?”

“Que ideia absurda, senhor.”

Ele era tão ranzinza, esse médico — ela podia ouvir a ponta em sua voz. Os traços fortes de seu rosto devem tê-lo tornado bastante popular em seus dias de juventude, mas com a idade, simplesmente o tornaram um velho de aspecto severo.

Ainda assim, ela ouvira como ele ajudara Luomen, e por isso suportaria isso.

“Houve uma cirurgia importante?”, ela perguntou.

“Hmm.”

Com essa resposta ambígua, o Dr. Liu voltou a trabalhar no relatório diário.

Para sujar tantos jalecos, devia ter havido várias pessoas precisando de cirurgia — ou uma pessoa que precisasse muito, muito mesmo.

Eles sequer estavam usando os aventais? Maomao se perguntou. A quantidade real de sangue não era tão grande, mas algumas das manchas a incomodavam. E aquele cheiro. Ela sabia que o serviço de lavanderia estava fechado durante o inverno, mas gostaria que os médicos não tivessem deixado isso por tanto tempo.

Ela colocou os jalecos em um cesto de roupa e ralou um pouco de nabo.

“Leve o nabo todo. Não precisamos de meio nabo por aí,” o Dr. Liu disse.

“Sim, senhor... Devo entender que devemos remover todas as manchas?”

Esta era uma ordem direta de um superior, então não havia nada a fazer além de obedecer — mas fez Maomao lamentar que não tivesse simplesmente entrado, pego o nabo e saído novamente.

Yao fez uma careta azeda quando viu todo o novo trabalho que Maomao estava carregando.

Desculpe...

Maomao mergulhou os jalecos brancos e depois colocou tecido sob as manchas. Então começou a bater as manchas com uma bola de pano — um pedaço de algodão cheio de nabo ralado.

"E isso vai tirar as manchas?", Yao perguntou, espiando para baixo.

"Sim. O nabo tem nutrientes que quebram o sangue. Também funciona se você molhar a cama ou derramar um pouco de ovo."

"Ah! Eu nunca soube disso."

Maomao puxou o pano que havia colocado sob os jalecos, garantindo que Yao, claramente impressionada, pudesse ver. As manchas de sangue haviam desaparecido dos jalecos brancos e transferido para o pano abaixo. A verdadeira questão era se conseguiriam remover as manchas completamente, dado o tempo que tinha passado.

"Viu como funciona? Se estiver fazendo sentido, ajude, por favor. Precisamos fazer isso enquanto o nabo está fresco."

"Cl-Claro."

En’en também ajudou, e começaram a bater o nabo ralado nas roupas sujas.

"Terminei!", Yao disse.

"Então vamos lavá-las. Não adianta substituir as manchas de sangue por manchas de nabo."

"Isso mesmo!"

Yao era uma boa aluna. Desde que entendesse o que alguém estava fazendo e por que, ela ficava feliz em acompanhar — embora, pelo mesmo princípio, se tivesse alguma dúvida, poderia se recusar e atrasar tudo.

Terminaram a lavagem e penduraram as bandagens para secar quando um jovem médico passou. Era Tianyu, o aprendiz de médico.

"Com licença?", disse Maomao. En’en tinha uma visão negativa de Tianyu, e ninguém queria que ele começasse a conversar com Yao, então por eliminação Maomao se tornou a porta-voz do grupo. "Desculpe, mas acho que seu jaleco foi misturado na nossa carga de roupa."

"Oh, uh, é. Desculpe por isso. Acha que poderia lavá-lo para mim?" A resposta foi suficientemente leve, mas Tianyu parecia mais contido em comparação com seu eu habitual.

“Você teve que ajudar em uma cirurgia?”, perguntou Maomao.

"Sim... quer dizer, acho que sim."

A resposta vaga incomodou Maomao. Primeiro o jaleco manchado de sangue, agora Tianyu claramente fatigado.

“Você parece muito cansado. Por favor, entenda que não vamos lavar seu jaleco no futuro. Quanto a hoje, está pendurado ali. Pegue quando estiver seco, se puder.”

"É. Claro", disse Tianyu com um entusiasmo mínimo, e então foi embora.

"Eu nunca vi um médico tão desanimado!", disse Yao, limpando com raiva o balde que tinham usado. Os jalecos estavam secando, mas as bandagens ainda precisavam ser fervidas para desinfetá-las. Do ponto de vista da higiene, poderia ter sido uma boa ideia ferver também os jalecos, mas isso danificaria o tecido, e eles não eram descartáveis. Passá-los a ferro seria uma escolha melhor, mas Maomao não estava com vontade de se esforçar tanto.

Suspiro. Tudo bem. Quando secassem, pelo menos ela os colocaria embaixo das camas no consultório médico.

Ela estava exausta de fazer toda aquela roupa e queria uma pausa. “Já que vamos ferver coisas de qualquer maneira, que tal cozinharmos também algumas batatas?”

“Batatas!”, disse Yao animadamente. Ela e En’en haviam trazido braçadas de batatas de Lahan quando voltaram para o dormitório. Tantas, na verdade, que trouxeram algumas para abastecer o consultório médico.

Deve ter sido uma safra abundante este ano, pensou Maomao. Batatas-doces rendiam uma colheita maior do que arroz, mas não se armazenavam tão bem. O xarope de amido que ela havia usado para fazer o basi hongxiu também era feito de batatas-doces — o serviçal da cozinha, que estava encontrando todos os tipos de usos para as batatas-doces, inclusive moê-las em pó, tinha dito a ela.

Mas fazê-las é fácil e delicioso. O pensamento colocou um pouco da primavera de volta no passo de Maomao. Os olhos de Yao estavam brilhando.

"Melhor nos apressarmos, Maomao!"

"Estou indo!"

Com os braços cheios de bandagens encharcadas, Maomao seguiu Yao e En’en.

O sol já estava começando a se pôr no céu quando terminaram de desinfetar as bandagens e pendurá-las para secar.

"Não tive chance de fazer nada..."

O tempo havia desaparecido em parte devido à quantidade de roupa, mas também por cozinhar as batatas. Enquanto as três estavam aproveitando o lanche, uma série de outros médicos apareceu para pedir algumas para eles próprios.

Queria poder preparar algum remédio, pensou Maomao. Enquanto estivesse no consultório médico, queria experimentar. Infelizmente, assim que escurecesse, as mulheres seriam mandadas para casa. Sem mencionar que assim que as bandagens estivessem secas o suficiente, elas teriam que ser trazidas para dentro, para não congelarem durante a noite.

Maomao olhou para os jalecos brancos secando ao longo de uma borda da área de lavanderia. Havia um a menos do que antes — alguém deve ter vindo buscar suas roupas. Ele não podia ter levado o resto consigo? ela pensou.

Ela verificou os forros dos jalecos, curiosa para ver de quem eram os jalecos que ainda estavam lá. Ela encontrou o jaleco do Dr. Liu. Isso não foi tão surpreendente — mas os nomes nos outros jalecos a fizeram parar e pensar.

Ele disse algo sobre cirurgia, certo? Uma cirurgia importante exigiria uma grande equipe de médicos — mas por que o Dr. Liu era o único médico experiente entre todo o grupo? Todos os outros nomes nos outros jalecos pertenciam, pelo que Maomao podia se lembrar, aos aprendizes de médicos.

"Não me diga..."

Os médicos poderiam estar fazendo uma dissecação? Os aprendizes haviam começado a se estabelecer no trabalho; seria razoável que dessem o próximo passo.

Se era isso que estavam fazendo, Maomao absolutamente tinha que fazer parte disso. Alguma chance de meu velho ter entrado em contato com o Dr. Liu? Com um certo receio, Maomao levou os jalecos brancos de volta ao consultório médico.

Tianyu era o único lá. Ele estava passando seu jaleco, que tinha coletado. Não podia se incomodar em passar o de mais alguém? Maomao pensou, mas tomou cuidado para que seu rancor não escapasse de sua boca. Em vez disso, ela disse: "Vou deixar estes aqui."

"Claro. Certo", respondeu Tianyu, que parecia tão cansado passando o ferro quanto estava quando passou mais cedo. Ele pode não estar entusiasmado com a tarefa de passar, mas o Dr. Liu o repreenderia se seu uniforme estivesse amarrotado, e provavelmente era mais conveniente usar o ferro aqui do que ligar um em casa.

Ele nem sequer olhou para Maomao — ele estava se concentrando tanto assim, ou simplesmente não se importava o suficiente para levantar os olhos? De qualquer

forma, isso não incomodou Maomao, que colocou o jaleco do Dr. Liu perto de sua mesa. Ainda estava um pouco úmido, mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Hm?

Sobre a mesa estava o relatório diário que ele estava escrevendo. Maomao o pegou e folheou. Nada incriminatório. No entanto, ela voltou a olhar as entradas dos últimos dias.

Não há nada...

Se ela fosse levar as palavras do Dr. Liu ao pé da letra, uma cirurgia tinha acontecido, uma que havia requerido a atenção de uma verdadeira multidão de médicos. Ela esperaria pelo menos uma palavra sobre isso no relatório. Em vez disso, as entradas dos últimos dias diziam simplesmente: Nada de incomum.

Ele deve estar escondendo alguma coisa, ela pensou, olhando para Tianyu.

"Aquela cirurgia deve ter sido um verdadeiro pesadelo, não é, Tianyu?", ela disse.

Depois de uma pausa, ele disse: "Com certeza foi. Nunca trabalhei tanto na minha vida." Será que o leve atraso era porque ele estava passando roupa, ou foi um segundo de confusão ou hesitação?

"Que tipo de cirurgia foi essa?", perguntou Maomao enquanto dobrava os jalecos.

"Que diferença faz? Ninguém gosta de fazer cirurgias", disse Tianyu, sua reação ainda indeterminada.

Será que fizeram algo para calá-lo?, Maomao se perguntou. A atitude de Tianyu em relação a En'en o fazia parecer um idiota incapaz de entender uma dica, mas ele era pelo menos inteligente o suficiente para passar no exame médico — e ele falava mais do que os outros aprendizes de médico. Ele provavelmente poderia inventar uma ou duas mentiras se precisasse.

Talvez devesse ter conversado com outra pessoa, Maomao pensou — ou pelo menos usado En'en para chegar até Tianyu. Sentindo um remorso, ela bateu nos jalecos dobrados. Preciso tentar com um dos outros aprendizes.

Ela olhou para a escuridão que se aproximava, então foi coletar as bandagens secas.

Maomao tinha certeza: os médicos estavam secretamente fazendo algo que todos ao seu redor consideravam tabu. Mesmo com essa certeza, no entanto, ela ainda não tinha descoberto exatamente o que estava acontecendo. Não dava exatamente para chegar a um dos aprendizes e perguntar: "Vocês estão fazendo dissecções?" Não ajudava que poucos deles fossem tão extrovertidos quanto Tianyu; a maioria era quieta e reservada. E ainda havia o rumor de que falar com Maomao poderia atrair a ira do estrategista excêntrico, o que deixava a maioria das pessoas relutantes em falar com ela individualmente.

Talvez eu pudesse conseguir que Yao e En'en me ajudassem de alguma forma?

Não. Ela não podia envolvê-las nisso quando não sabia qual resposta elas tinham dado a Luomen. Seu pai havia dito para esquecerem completamente o assunto se escolhessem não prosseguir com ele.

Assim, o tempo passou, desperdiçado e sem sentido.

Quando iremos para a capital ocidental? Jinshi tinha dito dois meses — Maomao estava começando a sentir a pressão. No entanto, ela não podia deixar isso atrapalhar suas tarefas diárias. Hoje, Yao e En'en estavam fazendo a lavanderia, enquanto Maomao ficava para cuidar do consultório médico.

Hã? Ela percebeu que um canto do consultório de repente parecia bastante vazio. Antes lotado de equipamentos, livros e outros suprimentos que um dos aprendizes estava usando, agora estava arrumado, ordenado e muito menos bagunçado do que antes.

"Alguém resolveu fazer uma limpeza?", ela perguntou.

"Ele foi transferido", disse o Dr. Liu.

"Ele terminou seu aprendizado?"

"Mais ou menos", respondeu o Dr. Liu enquanto fazia algumas anotações em um livro.

Na verdade, o consultório médico perto do acampamento militar era um lugar privilegiado para os médicos trabalharem. Sempre havia muitos feridos, dando-lhes a chance de aprimorar suas habilidades. Assim, os aprendizes eram enviados aqui primeiro, para colher os frutos de uma prática abundante, e depois de um aprendizado de vários meses, seriam transferidos para um consultório médico diferente. Quanto mais talentoso fosse um médico, mais ocupado ele poderia esperar ser destacado. Se você estiver curioso, o motivo pelo qual o velho com monóculo — isto é, Luomen — não estava estacionado perto do acampamento militar devia-se à intervenção do estrategista excêntrico.

Eu também gostaria de sair daqui...

O velho com monóculo aparecia quase todos os dias desde que Maomao foi designada para cá. Ultimamente, ela ficou satisfeita em observar, havia menos dele, talvez devido ao seu jogo de Go com Jinshi. Por outro lado, ele parecia bastante ocupado com algo desde o torneio. Ela não se importava muito com o que era; estava apenas feliz por não vê-lo.

Felizmente!

Ela sabia ser grata quando era necessário.

Ela terminou a limpeza, assim como reabasteceu alguns bálsamos dos quais estavam com pouca quantidade e trocou os lençóis da cama. "Não há mais nada para eu fazer, então posso usar o fogão?", ela perguntou.

"Pensando em ferver alguma coisa?"

"Quero aquecer um pouco de vinho para extrair o álcool." Ela precisava de o suficiente para usar em Jinshi.

"Luomen teve a mesma ideia uma vez, há muito tempo", disse o Dr. Liu, a mistura de frustração e amargura em seu rosto denotando uma triste história. "Mas então ele saiu para se aliviar, e algum idiota entrou na sala com um cachimbo aceso."

"Vixe! Aposto que ele foi um tolo muito chamuscado depois disso."

Qualquer um sabia que poderia haver apenas um resultado: bum! As palavras saíram de sua boca antes que ela pudesse se conter, mas o Dr. Liu fez uma careta. "A culpa é de Luomen por não colocar um aviso!" Seu desconforto deixava óbvio quem era o tolo. Desta vez, Maomao foi sábia o suficiente para manter a boca fechada.

Aliás, o consultório médico ostentava uma placa proeminente proibindo fumar.

Maomao ficou feliz por esses vislumbres ocasionais do passado de seu pai, cortesia de outro médico que o conhecia e trabalhava com ele há tanto tempo. Ela começou a se perguntar se ele poderia possivelmente lhe contar um pouco sobre o tempo deles no oeste.

Eu queria poder apenas mencionar isso para ele... Ela sabia, no entanto, que se abordasse o assunto da maneira errada, poderia ter o efeito oposto do que desejava. Melhor esperar e deixar as coisas se desenrolarem um pouco mais.

"De qualquer forma, é melhor não usar o fogão. Você nunca sabe quando algum idiota cortando o trabalho e fumando pode entrar. Aqui, use este braseiro. Leve-o para o outro cômodo."

"Não acho que vá ficar quente o suficiente, senhor..."

"Não precisamos de tanto. Além disso, eu te conheço. Você está se perguntando se há algo que você possa fazer para passar o tempo."

Acertou em cheio...

Ele era perspicaz, como ela esperaria de alguém que estudou ao lado de Luomen.

"Você também pode estar pensando que ninguém vai perceber se você se servir de uma taça do vinho."

Por que ele precisava ser tão malditamente perspicaz?

Maomao pegou o braseiro de tamanho razoável; ela também pegou uma chaleira, um dispositivo de destilação com um tubo saindo dele, alguns espíritos desinfetantes e um balde de água fria.

"Ah. Pegue esses também", disse o Dr. Liu, empilhando tesouras, pacotes de remédio e alguns pós. "Faça cem pacotes."

"Sim, senhor..."

Algum trabalho para ocupá-la. Ele claramente não pretendia dar a ela a chance de ter algum tempo livre.

Maomao adicionou um pouco de carvão ao braseiro e colocou o destilador sobre ele. Ao contrário do dispositivo de destilação improvisado que ela havia feito no Pavilhão de Jade usando o que estava à mão, este era um equipamento distinto. Havia duas coisas que pareciam panelas de cozimento com bicos de bule invertidos presos a elas, uma acima e outra abaixo. Vinho era colocado na inferior, aquecido para evaporar, e então esfriava na panela superior, produzindo o álcool destilado.

Quem me dera ter um desses no dormitório, pensou ela. Era algo bastante especializado, então construir um levaria muito dinheiro. O dispositivo à sua frente era feito de cerâmica; obter um feito de metal só aumentaria o custo. Talvez eles me dessem este quando ficasse velho e não precisassem mais?

Bem, era bom desejar coisas. Ela deixou os pensamentos vagarem por sua mente enquanto embalava os medicamentos nos pacotes. Eles seriam dados aos funcionários que inevitavelmente apareciam com resfriados nessa época do ano. Remédios, assim como alimentos, estragavam se não fossem usados prontamente, mas ela esperava que esses pacotes se esgotassem em breve.

Enquanto Maomao estava ocupada enchendo os pequenos envelopes, ela achou que ouviu alguém chegar na próxima sala. Talvez alguém com ferimentos! Ela tentou voltar, mas o Dr. Liu estava parado na porta; ele a encontrou com um "Fique aí e faça seu trabalho" afiado. Então ele continuou, "Temos um visitante, mas não precisaremos de chá. Você não precisa preparar nada para nós."

Alguém que ele preferiria não ver muito?

Ou talvez alguém em quem ele não queria desperdiçar o chá? Maomao estava confusa, mas voltou a encher os envelopes... exatamente pelo tempo que o Dr. Liu levou para se virar.

Espero que não seja o estrategista excêntrico, ela pensou, pressionando o ouvido contra a porta. Ela podia ouvir o Dr. Liu falando, embora ele soasse incomumente respeitoso e educado. Isso parecia indicar que ele estava falando com alguém mais importante do que ele.

"Você quer outro médico capacitado, senhor? Receio que esteja realmente me esgotando..."

Com quem ele está falando? Maomao se perguntou. Sua pergunta logo foi respondida.

"Eu entendo que estou pedindo muito. Na verdade, porém, poderia usar mais dois médicos."

Mesmo através de uma porta, ela reconheceu aquela voz maravilhosa. Não era tão melodiosa quanto havia sido no palácio posterior, mas em vez de mel, tinha alguma qualidade indescritível que atraía as pessoas para si.

Menos uma ninfa celestial e mais um imortal celestial, huh?

Era, sem dúvida, Jinshi.

"Estive dando aos aprendizes médicos o melhor treinamento que posso, como você pediu, mas eles ainda estão apenas a meio caminho da competência total, no máximo. Eles têm a fortitude, mas não a habilidade, ou têm a habilidade, mas não a mente. Desenvolver a habilidade e a mente leva tempo, se me permite dizer."

Força, mente e habilidade? Esses eram os ingredientes proverbialmente necessários para se tornar um médico...

"Não seria possível deixá-los aprender através de, hmm, experiência prática?"

"Ha! Experiência prática? Por favor, senhor, poupe um pensamento para os pacientes em que eles estariam aprendendo! É verdade, os praticantes de medicina buscam salvar pessoas, mas, infelizmente, não temos garantia de sucesso. Às vezes falhamos, e então os pacientes - ou seus parentes mais próximos - às vezes têm

coisas muito desagradáveis para nos dizer. Se você não tem um coração excepcionalmente forte, tais momentos logo o quebrarão."

Jinshi queria um médico, mas o Dr. Liu estava resistindo, alegando que não tinham pessoas suficientes. Havia jovens médicos aprendendo a profissão, mas não aconteceria da noite para o dia.

Isso tem a ver em encontrar pessoas para acompanhá-lo para a capital ocidental? Aparentemente, Jinshi sentiu a necessidade de tomar as rédeas da situação em suas próprias mãos. Não era fácil estar no topo.

"Pessoas de coração forte? Eu deveria pensar que você tem algumas dessas", disse Jinshi, quase despreocupado. Maomao começou a suspeitar que o pedido por mais pessoal médico era um pretexto para fazer com que o Dr. Liu a enviasse com Jinshi.

O Dr. Liu normalmente atende à família imperial, lembrou Maomao. Se Jinshi parasse subitamente de convocá-lo, ele poderia começar a suspeitar de algo. Ela sabia o quão perspicaz ele era; isso o tornava tão formidável.

"Se eu tivesse que escolher, eu escolheria alguém sem muitos vínculos com a capital", disse o Dr. Liu. "Se eles tivessem, digamos, um pai superprotetor, só tornaria as coisas mais complicadas. Além disso, ninguém está ansioso para ir tão longe."

Seu comentário começou de forma... direta. Na verdade, ele parecia ter uma pessoa muito específica em mente. Estavam falando sobre o pessoal para a viagem à capital ocidental. Talvez colocar Maomao no séquito não fosse a única razão para ter mais médicos por perto - afinal, era uma viagem em uma escala maior do que a última.

Da última vez foi quase secreta. Maomao se viu levada junto quase sem saber o que estava acontecendo. O grupo não era pequeno, mas considerando que Jinshi era membro da família imperial, bem, não era muito grande.

Shaoh estava a oeste, e Hokuaren estava ao norte. Li estava separada de Hokuaren por uma grande cadeia de montanhas, picos com vários li de altura, diziam ser quase intransponíveis. A grande maioria dos exércitos do norte aparecia na verdade do noroeste, onde as montanhas terminavam. Pelo menos, essa tinha sido a alegação de um dos problemas de leitura no exame das damas da corte.

Em resumo, se Hokuaren fosse agir, eles apareceriam ao norte da capital ocidental.

Não posso acreditar que ainda me lembro disso. Acho que posso agradecer aquela velha. A madame não tinha permitido que Maomao tentasse simplesmente absorver tudo em uma única noite.

Maomao estava tão ocupada tentando ouvir que não percebeu que o destilador estava vazio e havia começado a produzir uma estranha fumaça. Até, é claro, ela sentir o cheiro do ar e olhar lentamente, temerosa, para trás. No momento em que viu a fumaça, ela correu e jogou água no braseiro para apagar o fogo. Suas reações foram rápidas, mas não havia como as pessoas na próxima sala perderem o barulhento splash da água.

"O que está acontecendo aqui?", perguntou o visitante exasperado - Jinshi, como Maomao havia adivinhado.

"Uh, apenas acabei cochilando na vigilância contra incêndios", disse Maomao, que estava melancolicamente usando um lenço para secar a água.

"Interessante! A vigilância contra incêndios envolve encostar em uma porta? Porque eu posso ver claramente a marca de uma na sua bochecha", disse o Dr. Liu. Maomao deu um tapa em sua bochecha direita, mas era tarde demais.

Ela não disse nada.

Eles não disseram nada.

Ela foi pega no flagra ouvindo atrás das cortinas - ou talvez com as bochechas coradas. Ela desviou o olhar do Dr. Liu, mas ele se recusou a tirar os olhos dela. Em vez disso, ele a agarrou e a colocou em um estrangulamento.

Ai ai ai!

Ela se contorceu de volta para a posição de cócoras. Eles não poderiam estar tão preocupados em ser ouvidos ou não a deixariam na sala ao lado. Aparentemente era uma questão de princípio.

Jinshi parecia prestes a explodir de rir e estava se esforçando muito para não fazê-lo. Basen estava ao lado dele junto com outros dois homens que Maomao supôs serem guardas. Aparentemente, não era fácil ser bonito.

Jinshi conseguiu reprimir a hilaridade e tossiu de maneira solene. "Dr. Liu. Posso te perguntar algo?"

"Sim, senhor?"

"Você me disse que os aprendizes médicos ainda estavam apenas meio prontos, mas qual é sua opinião sobre os ocupantes do cargo recém-criado? As damas da corte designadas para o seu escritório?"

"Não tenho certeza do que você quer dizer. Elas são... bem, são damas da corte, senhor."

"Sim, mas pelo que ouvi, o trabalho que fazem é praticamente o mesmo que o dos aprendizes médicos. Significando que se elas tivessem a mente, habilidade e força de que você falou, poderiam concebivelmente ser promovidas a médicas, não poderiam?"

As pessoas ao redor de Jinshi olharam para ele espantadas.

Damas de corte promovidas a médicas? Teoricamente não era possível. Não havia como o Dr. Liu ficar ali parado e deixar alguém ditar tais coisas para ele, nem mesmo o irmão mais novo do Imperador. Insistir no ponto, no entanto, só tornaria as coisas mais difíceis para Maomao, então ela ficou quieta.

Ao longo de seu conhecimento com Jinshi, ela desenvolveu um entendimento bastante bom de como ele pensava. Nem tudo que ele fazia fazia sentido para ela, mas ela via o que ele estava tentando dizer aqui.

O que ela deveria fazer? Como poderia ajudar?

"Uma dessas damas está bem aqui, senhor. Se quiser tê-la", ela disse.

"Hoh. Bem, quão forte de coração ela é?" Jinshi olhou com malícia para Maomao, não um sorriso amigável, mas um travesso.

Esse filho da...! De quem era a culpa dela ter que limpar a bunda dele? Na verdade, talvez a pele da bunda dele fosse a solução perfeita...

Ela resistiu em retrucar em voz alta.

"Aqui, Maomao é audaciosa, e só isso", disse o Dr. Liu. "Acima de tudo, ela é uma mulher. Ela nunca poderá ser médica."

Ele tem razão, ela pensou. Ela nem sequer especificamente queria ser médica - ela só foi forçada a precisar das habilidades de um médico. Sou uma boticária! Foi assim que Luomen a criou. Ela queria treinamento cirúrgico para salvar mais pessoas, mas isso não a distrairia de sua verdadeira vocação.

Enquanto isso, ela tinha seu orgulho como boticária. "Não ouvi você dizer que sou ainda melhor em misturar remédios do que alguns dos aprendizes médicos, Dr. Liu?" ela perguntou.

Ele lhe lançou um olhar desdenhoso. Ela tremeu de frustração ao saber que esta não era uma situação em que ela poderia responder - sabendo que ela só tinha que aguentar isso.

"Não preciso de um médico propriamente dito desta vez. Desde que possuam habilidades equivalentes, não me importo se é o médico da cidade ou até mesmo um boticário. Posso conceder a eles permissão especial. Você tem certeza de que não pode me encontrar pelo menos mais duas pessoas nessas condições?" disse Jinshi. Estava claro que ele queria dizer mais do que estava expressamente afirmando. Maomao estava bastante familiarizada com esse tom; no palácio traseiro, isso sempre precedia seus pedidos mais irritantes.

Isso ia ser tão irritante quanto qualquer coisa que ele já a tivesse pedido para fazer, mas ao mesmo tempo, prometia satisfazer a curiosidade intelectual de Maomao. Ela não teria outra chance como essa. Se conseguissem convencer o Dr. Liu, ela teria a oportunidade de aprender algo totalmente novo. Ela sentiu seu coração começar a acelerar, acompanhado de um prazer agradável e um suor frio decididamente menos agradável.

Ela cerrou os punhos. Dr. Liu lhe lançou um olhar longo e duro, um olhar que claramente dizia para ela recusar.

Eu não posso fazer isso, ela pensou. Em vez disso, ela se ajoelhou em um joelho diante de Jinshi. "Sou uma boticária, senhor, se você realmente me aceitar."

Os cantos da boca de Jinshi se curvaram para cima. "Você ouviu. Qual é a sua opinião profissional, Dr. Liu?"

Por um momento, o Dr. Liu lançou a Maomao um olhar de silêncio. E aqui ela esperava que ele avaliasse justamente o seu trabalho em comparação com os aprendizes e os outros assistentes. Será que era realmente tão problemático que ela fosse mulher?

Finalmente ele disse: "Ela é, como ela diz, uma boticária. Mas há alguns problemas que não podem ser tratados com ervas."

"Não é trabalho do seu superior médico resolver isso? Se ela precisa saber mais do que ervas, ela não pode ser ensinada?"

Maomao não pôde ver o Dr. Liu devido à sua reverência submissa, mas naquele momento ela sabia que ele devia estar cerrando os dentes e suprimindo sua raiva.

"Tenho certeza de que posso confiar em você para fazer o que precisa ser feito, doutor", disse Jinshi, e então ele saiu da sala. Basen obedientemente o seguiu, mas não sem lançar um olhar simpático ao Dr. Liu.

Com Jinshi fora, o olhar silencioso apenas se intensificou. Tudo o que Maomao pôde oferecer foi um sorriso fraco.

"Me dê sua cabeça. Uma vez, e chamaremos isso de quitação."

"Sim, senhor..."

Seu nó de dedo bateu em seu crânio. Na verdade, foi bem doloroso - ele poderia dar um corrida para o dinheiro da velha senhora.

"Vou deixar você sair dessa. Argh! Maldito seja Luomen. Ele me deixou com uma encrenqueira de verdade!" Dr. Liu caiu em sua cadeira e sugou furiosamente seu cachimbo. Então ele ouviu a história de Luomen!

Talvez ele estivesse planejando se fazer de desentendido.

De certa forma, então, foi uma sorte muito grande que Jinshi tivesse vindo.

Dr. Liu continuou a soprar, ainda visivelmente irritado.

"Você deveria estar fumando, senhor?" Maomao perguntou, apontando para a placa.

"Agora? Sim! Por favor, finja que não viu só desta vez. Você não tem mais limpeza na outra sala?"

Opa, olha quem está se sentindo irritado.

Ainda assim, Maomao sabia melhor do que provocá-lo ainda mais. Ela entrou na próxima sala, olhou para o braseiro inundado e para o destilador quebrado, e colocou as mãos na cabeça.

Ainda sozinha, a destilação valia seis meses de salário para ela.

Capítulo 9: A Mensagem

Em sua vila, Jinshi recebeu uma carta. Ela não estava escrita em tiras de madeira nem em papel, mas em pergaminho, enrolada e amarrada, e selada com cera. Diferentes terras tinham suas diferentes maneiras de enviar cartas; isso era característico do ocidente.

Gaoshun confirmou a suspeita de Jinshi: “É da capital ocidental”, ele disse.

“Sim, do Sir Gyoku-ou. Eu sei muito bem que eles têm papel lá nos dias de hoje…”

Mesmo no ocidente, onde árvores para fazer papel eram escassas, ainda era mais barato do que pergaminho. Jinshi deu mais uma olhada no selo, confirmando que era o que ele esperava. Tornara-se bastante familiar para ele recentemente—parecia muito com aquele agora queimado em sua flanco.

Ele puxou a amarração, tentando romper o selo, mas ele resistiu. O material parecia delicado o suficiente. Poderia ser cortado, com certeza. “Você tem tesouras, Gaoshun?” Jinshi perguntou.

“Aqui estão, senhor.”

Jinshi quebrou o selo—e suspirou. Se Basen estivesse aqui, ele imediatamente começaria a questionar Jinshi sobre o que poderia inspirar tal reação, mas Gaoshun sabia melhor. Ele esperou Jinshi falar.

“Você quer ler?” Jinshi perguntou. Gaoshun olhou para o pergaminho, mas balançou a cabeça.

“O que diz, senhor?”

“A filha dele entrará no palácio traseiro mais ou menos na hora em que estaremos saindo da corte—conforme planejado. Carta terrivelmente imperiosa para um homem que está simplesmente confirmando um horário.” Será que Gyoku-ou pensava que Jinshi ainda estava encarregado de administrar o palácio traseiro?

“Praticamente falando, a admissão dela ao palácio traseiro terá que ser adiada até você voltar”, observou Gaoshun. Jinshi sentiu pena da princesa que teria vindo até aqui, mas ela teria que ficar em uma vila separada em algum lugar e esperar. Dadas as objeções da Imperatriz Gyokuyou, ela não poderia entrar no palácio traseiro.

Havia um compromisso óbvio: torná-la a consorte do irmão mais novo do Imperador. A pegadinha sendo que Jinshi, é claro, não tinha a intenção de se casar com ela.

Jinshi, por sua vez, sabia exatamente o quão próximo o assunto havia chegado, e isso fez com que os pelos de sua nuca se arrepiassem. Se ele não tivesse marcado aquele brasão em sua coxa, até mesmo o Imperador provavelmente o teria ordenado a engolir em seco e se casar com a garota.

Jinshi não disse nada, mas bateu na sua têmpora. Ele repassou a questão em sua mente - algo ainda parecia errado. A Imperatriz Gyokuyou sabia sobre a marca de Jinshi. O segredo era uma arma na mão da Imperatriz, mas era uma espada de dois gumes. Não podia se tornar de conhecimento público que Jinshi carregava o próprio brasão da Imperatriz em seu corpo. O Imperador e a Imperatriz o viram fazendo isso e sabiam o que significava, mas qualquer outra pessoa assumiria que era uma prova de adultério. Adultério envolvendo algumas predileções muito estranhas, para dizer o mínimo.

Como possíveis parceiras de casamento, até mesmo a própria sobrinha da Imperatriz era muito perigosa.

Do ponto de vista de Gyokuyou, teria parecido menos prejudicial simplesmente aceitar a entrada da garota no palácio traseiro. E daí se o Imperador a visitasse algumas vezes? A Imperatriz nunca seria tão mesquinha a ponto de ficar com ciúmes por causa disso, não agora. Então, havia algo na própria garota com o que a Imperatriz se opunha?

“Gaoshun... A Imperatriz Gyokuyou é próxima do Sir Gyoku-ou e de sua filha?”

“Eu diria que a Senhora Suiren estaria melhor posicionada para responder essa pergunta do que eu, senhor.”

Jinshi olhou para a velha dama-de-companhia. Ela disse: “Duvido. O Mestre Gyoku-ou não tinha essa filha quando a Imperatriz Gyokuyou ainda estava na capital ocidental. Eu suspeito que nunca sequer se viram.”

Suiren colocou alguns biscoitos de arroz na frente de Jinshi. Não eram seus favoritos; ela estava se preparando para Maomao, que estaria chegando em breve. A jovem não comeria nada enquanto estivesse na vila, mas Jinshi sabia que ela ficaria feliz em poder levar alguns lanches para casa.

“Isto é praticamente uma ordem para ir ao oeste, né?” Jinshi disse. Sim, a sugestão só poderia ter sido destinada a expulsá-lo. Ele conhecia a Imperatriz desde que ela havia sido apenas uma consorte no palácio traseiro, e ela sempre fora uma mulher astuta. “Gostaria de acreditar que ela tem boas intenções no coração”, murmurou Jinshi para si mesmo. Boas intenções poderiam, é claro, ser definidas de muitas maneiras, mas o ponto era que ele esperava que ela tivesse algum tipo de plano.

Simplesmente como uma questão de política, no entanto, ele não podia confiar nela sem críticas.

Jinshi releu a carta. O selo era autêntico, mas parecia ter sido escrita por um amanuense. A redação era franca, impulsiva—mas na realidade, o que importava era apenas que Gyoku-ou queria garantir que tudo estivesse em ordem. Era um tanto desconcertante, essa discrepância entre forma e conteúdo. De qualquer forma; Jinshi teria que retê-la em seus arquivos. Ele passou para Gaoshun colocar na caixa de correspondência.

Ele estava prestes a jogar a amarra cortada fora quando parou. O cordão, ele percebeu, era feito de papel torcido. Foi por isso que parecia tão delicado. Ele ficou surpreso: uma amarra de papel parecia uma coisa estranha para usar para amarrar um rolo de pergaminho.

Ele começou a inspecionar a amarra de papel, trabalhando-a suavemente solta. Acabou sendo uma carta em uma única folha de papel. Quando desenrolado, revelou uma série extensa de números.

“Príncipe da Lua”, disse Gaoshun. Ele não usava mais o nome Jinshi, e nunca mais o usaria.

“Parece que há algo acontecendo na capital ocidental que eu preciso investigar”, disse Jinshi. Ele não sabia o que os números significavam, mas algo estava obviamente suspeito. Para reiterar, o selo era autêntico; no mínimo, a carta em si era real. Quanto à amarra, ela havia sido secretamente trocada? Ou alguém além de Gyoku-ou selou a carta? Era, é claro, teoricamente possível que Gyoku-ou mesmo tivesse feito isso, mas Jinshi duvidava muito. “Mas por quê?” ele se perguntou em voz alta. “É alguma espécie de mensagem codificada para mim?”

Gaoshun disse: “Parece muito indireto para isso, mas talvez se o remetente não tivesse outras opções…” Ele se absteve de dizer algo definitivo.

Foi um jogo. Jinshi poderia encontrar a mensagem, e poderia não. Se não encontrasse, então o quê? Outra mensagem, talvez. Várias mais, talvez, até que Jinshi finalmente notasse.

“Não faço ideia do que esses números deveriam significar. Acho que é melhor chamarmos um especialista”, disse Jinshi. Felizmente, ele sabia exatamente a pessoa.

Gaoshun franziu a testa. Era um gesto familiar, mas os sulcos pareciam mais profundos do que o habitual.

"Parece que você tem alguma ideia do que está acontecendo", disse Jinshi.

"Não, senhor", respondeu Gaoshun. "No entanto, me lembro de algo semelhante ter acontecido antes."

"Quando foi isso?", perguntou Jinshi, olhando para o pergaminho.

"Há dezessete anos. Uma mensagem secreta precipitou a extinção do clã Yi."

O clã Yi. Eles haviam governado a capital ocidental antes de Gyokuen assumir o poder. De fato, a área anteriormente era conhecida como Província de Isei, ou "Província Ocidental Yi", em referência a eles. Mas eles não existiam mais, pois a imperatriz reinante os havia destruído. Supostamente, eles estavam tramando uma rebelião. Jinshi tinha apenas quatro anos na época e não se lembrava dos eventos.

"Eliminar o clã Yi foi um dos atos mais notáveis da imperatriz reinante, juntamente com seu trabalho no palácio traseiro", disse Jinshi.

A imperatriz reinante: ou seja, a ex-imperatriz viúva. Ela nunca foi capaz de ocupar o trono, mas conduziu a política em nome do ex-imperador em uma capacidade muito semelhante a de um primeiro-ministro.

"Sinto muito. Eu sei quem era o tolo naqueles dias."

O ex-imperador—o pai de Jinshi—não tinha interesse em política. Desde que Jinshi conseguia se lembrar, o homem estava fraco devido a doenças; a maior participação que ele teve no governo foi quando ele ocasionalmente perambulava

pelo palácio. Nos últimos anos, ele quase nunca saía de seu quarto, mas permanecia fechado com suas pinturas.

A ex-imperatriz viúva havia feito alguns movimentos enérgicos, mas quase todos foram para o benefício do povo. Ela promoveu aqueles que eram capazes—mas ao mesmo tempo, ela ganhou a antipatia e até mesmo o ódio de altos funcionários que valorizavam a linhagem sanguínea acima do mérito.

Mesmo os movimentos aparentemente mais inscrutáveis da ex-imperatriz tinham uma lógica por trás deles. Assim foi para a expansão do palácio traseiro—talvez fosse também para a destruição do clã Yi.

A história era simples: o clã Yi havia tramado uma rebelião e fora punido com a extinção. No entanto, exatamente que tipo de rebelião estavam tramando não foi transmitido—e mais preocupante ainda, esta era a primeira vez que Jinshi ouvia falar de mensagens secretas.

Então ele perguntou: “Que tipo de rebelião o clã Yi estava planejando?”

Os Yi não foram o último clã a ser destruído; o destino do clã Shi estava mais fresco em sua mente. Jinshi tocou a cicatriz em sua bochecha direita enquanto revivia a memória.

“Se isso fosse conhecido, tenho certeza de que você teria sido informado, Príncipe da Lua”, respondeu Gaoshun. Uma maneira eufemística de dizer que o clã Yi foi aniquilado antes que se soubesse o que estavam tramando.

"E você aprovou isso?" Jinshi perguntou.

"Não", respondeu Gaoshun com uma honestidade inesperada. Jinshi percebeu que sua pergunta tinha sido injusta. Gaoshun já teria sido o cuidador de Jinshi naquela época; ele não teria tido participação na política. “A imperatriz viúva era apenas humana. Isso deve ter sido por volta do tempo em que o ex-imperador perdeu a razão.”

Esse era o único ex-imperador que Jinshi lembrava, assombrado e incoerente.

“Tenho certeza de que você gostaria de saber mais, mas Xiaomao estará aqui em breve.”

“Você ainda a chama assim?” Jinshi estreitou os olhos.

“Se eu parasse agora, tenho certeza de que ela teria perguntas.”

Ele estava certo, é claro, mas ainda doía.

“Por que não chamar Maamei de Xiaomei, então? Para combinar.” Maamei era a filha de Gaoshun, e Jinshi estava bem ciente de como ela podia ser assertiva com o pai.

Gaoshun parecia cansado. “Eu costumava. Mas fui proibido de fazê-lo—então, minhas desculpas, senhor, mas não posso.”

“Proibido? O que, você escorregou e a chamou assim em público?”

"Não... Eu desenvolvi o hábito infeliz de chamar a outra de Damei."

“Damei...” Em outras palavras, "Grande Mei" em oposição a "Pequena Mei". A filha de Gaoshun era Maamei, e sua esposa se chamava Taomei. Talvez não fosse um grande problema, mas a esposa de Gaoshun podia ser tão temível quanto sua filha.

“Lembre-me, qual é a diferença de idade entre vocês?”

“Seis anos”, disse Gaoshun, dobrando os dedos para enfatizar. Um casamento em que o homem era seis anos mais velho do que a mulher não pareceria incomum, mas ao contrário, isso não era comum. Mesmo que Gaoshun não tivesse pretendido nada com isso, era fácil imaginar como poderia ter se tornado desconfortável.

“Hum, entendi. Sim, acho que devemos deixar o nome de Maamei como está.”

“É claro, senhor. Obrigado.” Gaoshun se curvou profundamente.

Jinshi colocou a carta em uma gaveta trancada. Eles ouviram um sino tocar no corredor, sinalizando que havia um visitante.

“O gato chegou”, disse Jinshi. Maomao ainda estava verificando sua lesão a cada poucos dias. Como ela estava vindo diretamente do consultório médico, ele

esperava receber uma bronca sobre quaisquer problemas que ela tivesse tido no trabalho naquele dia.

A carta ainda incomodava Jinshi, mas ele lidaria com isso depois. Por enquanto, deixou seu rosto relaxar em um sorriso e esperou enquanto os passos de Maomao se aproximavam.

Capítulo 10: Exercícios Práticos

Eles começaram com galinhas. Ainda quentes, na verdade, nem mesmo rígidas. Apenas o peito e o abdômen haviam sido depenados; as aves nem mesmo haviam sido sangradas. Quando Maomao enfiou a faca afiada e cuidadosamente polida, o sangue jorrou para fora.

"Retire os órgãos internos - cuidadosamente. Não quero ver um único arranhão. Estes serão o jantar, então trate-os com delicadeza."

Tenho que ter cuidado para drenar todo o sangue ou a carne vai cheirar mal, pensou Maomao. A tarefa de sangrar foi deixada para eles para forçá-los a aprimorar suas habilidades.

Havia cinco ou seis outras pessoas lá além de Maomao. Pelos rostos que ela reconheceu, concluiu que todos os outros eram aprendizes de médico.

Ela havia sido orientada a acompanhar uma entrega de medicamentos, mas se viu em uma fazenda de galinhas a alguma distância da capital. Começou pegando uma das aves criadas soltas, o que seria quase impossível com roupas de médico. Em vez disso, eles receberam roupas de fazenda com aventais de couro sujos e foram

postos para trabalhar. Quando pegavam uma ave, tinham que torcer seu pescoço e depois seguir para uma cabana próxima para começar a cortar.

Quem teria imaginado que esses eram médicos, a elite, o melhor da safra da capital?

"Apenas seja grato por não estarmos pedindo para vocês fazerem vivissecção", disse o Dr. Liu. Ele quase parecia estar se divertindo. Tendo entregado suas instruções com todo o pompa que pôde reunir, ele começou a negociar com o fazendeiro de galinhas. Estavam calculando o valor de tudo o que medicinal que poderia vir de uma galinha, desde seu fígado até o revestimento seco de seu estômago.

Maomao teve a impressão distinta de que estava mais acostumada com trabalhos como pegar e abater galinhas do que o resto dos aprendizes de médico - o que a incomodou quando Tianyu foi o primeiro a pegar uma ave. O incômodo a estimulou a perguntar: "Diga, você cresceu em uma fazenda?"

“Não. Esta é minha terceira vez neste treinamento, então estou começando a pegar o jeito. Mas nunca se sente bem, porém.”

Ela estava certa: os trajes manchados de sangue mostravam que os aprendizes já haviam começado a prática no mundo real.

“Agora eu tenho uma pergunta para você, Niang-niang,” disse Tianyu. Maomao ergueu uma sobrancelha com o nome. Ela não gostava muito, mas ele só começou a usá-lo mais desde que percebeu que a incomodava, então o melhor que ela poderia fazer era não dizer nada. “Como você convenceu o Dr. Liu a se aproximar?

Os olhos de Tianyu estavam brilhando. Ele devia ter uns vinte e poucos anos, mas naquele momento ele parecia um menino de dez anos com travessuras em mente. Para pensar que, normalmente, ele não mostrava interesse em Maomao, reservando todas as suas energias para En’en.

Mas ele adora um pouco de fofoca...

Ele também havia bombardeado En’en com rumores, então, a princípio, Maomao o considerou apenas de ouvidos aguçados, mas parecia que ele também tinha curiosidade inata. Apesar de toda sua loquacidade, no entanto, ele nunca deixou escapar uma palavra para Maomao sobre o que os exercícios práticos dos médicos envolviam. Parecia que ele não compartilhava dos lábios soltos do charlatão.

De qualquer forma, Maomao não estava com vontade de conversar com ele e sabia que não conseguiria muitas informações úteis dele se o fizesse.

“Em vez de falar, que tal se concentrar na tarefa em mãos? Vou agradecer para você não cortar essa vesícula biliar.

Fazer isso espalharia a bile por toda parte e faria a carne ter um gosto terrível. Além disso, a vesícula biliar de um animal era um ingrediente medicinal potencial, então estragar uma provavelmente lhes renderia um golpe do nó dos dedos do Dr. Liu.

Tianyu era uma tagarela e, no geral, parecia ser uma desculpa inútil para um homem, mas ele pelo menos parecia ser habilidoso com as mãos. Ele cortou a carne escorregadia da ave com facilidade.

“Enquanto trabalham, considerem como os órgãos correspondem aos seus equivalentes humanos,” instruiu o Dr. Liu.

Humanos e galinhas eram construídos de maneira diferente, é claro, mas este ainda era um primeiro passo sensato. Se você não conseguia pegar uma galinha fugindo, como conseguiria tratar um paciente debatendo-se? Se você não tinha coragem de torcer o pescoço de uma ave viva, onde encontraria a audácia para cortar um ser humano? E se você não era habilidoso o suficiente para cortar a ave mesmo depois de morta, então não tinha chance de trabalhar em um corpo humano.

Essa prática era tão básica quanto poderia ser, mas havia aprendizes que não conseguiam lidar com essa primeira etapa.

“Em que trabalhamos depois das galinhas?” perguntou Maomao - presumindo que, de fato, ela chegaria à próxima etapa.

“Porcos,” respondeu Tianyu. “Eles são grandes o suficiente para trabalharmos em grupos de três. Quando chegamos às vacas, são grupos de cinco. Mas há muito menos pessoas nessa fase. Uma vez que você começa a pegar o jeito, eles fazem você usar seu uniforme de médico e dizem para não sujar de sangue. Há mais um passo depois disso, mas eu não sei o que é.”

“Você ainda não chegou lá?”

“Não, eles me fizeram começar de novo. Alegaram que eu não estava levando a sério o suficiente.”

“Eu entendo por que,” Maomao disse antes de poder se conter. Outra coisa que ela não tinha conseguido evitar de fazer, no final das contas, foi se aproximar de Tianyu - ele parecia muito mais calmo do que os outros aprendizes. Por falar nisso,

todos os outros, exceto Tianyu - que já havia estado aqui antes - tinham empalidecido com a visão do sangue das galinhas.

“Poderia ser pior. Se eles decidirem que você simplesmente não é adequado para esse trabalho, é praticamente o fim para você.”

Não adequado, huh?

Ela se perguntou o que acontecia com médicos que não conseguiam lidar com um pouco de dissecção - talvez fossem transferidos para outros departamentos. Eles seriam, por assim dizer, separados de qualquer potencial carreira como médicos.

“Não posso dar à minha doce En’en a vida que ela merece com o salário de um aprendiz de médico!”

O cara ainda não tinha desistido - ele não sabia quando parar?

Continue firme, En’en!

Enquanto as pessoas cortavam suas galinhas, o cheiro de sangue começou a impregnar o ambiente. Um aprendiz que não aguentava mais pressionou um lenço sobre o nariz e a boca, mas no momento em que o Dr. Liu voltou, o médico sênior o arrancou dele. “Usar uma máscara é o protocolo correto ao tratar um paciente. Mas não aqui,” ele disse.

Sob o lenço, o rosto do aprendiz estava tão sem cor quanto sua galinha. Logo ele estava tão doente que não conseguia mais ficar no galpão e saiu correndo para fora.

"Meu Deus. Quantas vezes já foi isso agora? Ele vai ficar sem chances," disse Tianyu como se não o afetasse em nada.

Maomao arrumou os órgãos internos em uma bandeja. O coração, o fígado, os intestinos, o estômago.

Os intestinos são fáceis de danificar, mas deliciosos. Eu quase poderia comê-los agora mesmo. Os intestinos de frango eram pequenos e delicados, no entanto, frustrantes de lavar. O que eu não daria para colocar o moela em um espeto e grelhá-lo. Um pouco de sal, é tudo o que precisa. Se tivessem retirado o sangue corretamente, seria delicioso. E a vesícula biliar está intacta. Perfeito. Derramar bile por toda parte teria arruinado toda a ave.

Ela colocou os órgãos cuidadosamente na bandeja. Quando terminou, o Dr. Liu veio ver. "Tudo bem. Coloque de volta e costure," ele disse.

"Desculpe?" Mas ela já os tinha arrumado de acordo com a comestibilidade!

"Posso ver que você está ansiosa para cavar - e não posso deixar você fazer todo o trabalho nessas condições. Você começará a ver os pacientes apenas como pedaços de carne."

"Sinceramente duvido disso, senhor", ela disse, mas na verdade ele tinha visto direto através dela.

Ela colocou todos os órgãos de volta onde pertenciam, tendo o cuidado especial de não danificar a vesícula biliar.

"Você sabe o que fazer com isso?" Dr. Liu perguntou, empurrando algo sob o nariz de Maomao. Parecia um anzol e um pouco de linha, cuidadosamente envolvidos em pano.

"Sim, senhor, mais ou menos."

A linha provavelmente era de seda; isso explicaria o brilho característico. Ela passou a linha no anzol com a seda, depois pressionou as laterais do corte juntas com os dedos enquanto costurava.

Pelo menos já costurei antes. Sempre com uma agulha reta, mas a curva se mostrou mais fácil de usar do que ela esperava. Ela conseguia ver o quanto mais eficaz seria uma vez que se acostumasse com ela. Eles certamente te dão coisas boas quando você é oficial.

Assim ela continuou costurando e ficando impressionada na mesma medida. Se ela pudesse pedir algo, poderia ser um gancho ligeiramente mais longo - era um pouco curto e difícil de segurar. Isso teria sido mais fácil com algo que pudesse segurar melhor.

Pinças não funcionariam para segurar isso. Preciso de algo que possa segurar melhor.

Ela ainda estava pensando se poderiam desenvolver uma nova ferramenta só para ela quando terminou o trabalho. Ela olhou para o lado e viu que Tianyu já havia terminado. Lá estava aquela frustração novamente.

“Deixe-me ver isso,” disse o Dr. Liu, inspecionando as suturas. “Hmph. Tudo bem, você pode fazer o que quiser com isso depois disso. Mas estou recolhendo os órgãos que podemos usar para a medicina. Você pode ficar com o resto.” Ele se virou, não parecendo particularmente impressionado. Isso era o que passava, parecia, pela sua aprovação. “Certifique-se de lavar essas agulhas. Ferva e desinfete-as. Elas não são baratas.”

Desde sua forma até sua delicadeza, os anzóis eram claramente obra de artesãos habilidosos. Maomao secretamente esperava levar um para casa com ela - tanto para essa ideia.

Ela cortou as suturas e retirou os órgãos novamente para limpá-los.

Maomao passou das galinhas para os porcos e, de lá, para as vacas, e foi por volta desse tempo que ela recebeu uma entrega.

“Muito obrigada,” ela disse, pegando da mulher que administrava o dormitório. Já era depois do jantar; o trabalho tinha se estendido. A mulher tinha estado esperando por ela todo esse tempo. Ela também... estava sorrindo um pouco? Maomao olhou para o remetente e descobriu que era, de todas as pessoas, Gaoshun.

Posso garantir que ela está com a ideia errada.

Poderia ter vindo no nome de Gaoshun, mas apenas uma pessoa poderia ter enviado. Jinshi. Ele também poderia ter usado o nome de Basen, mas parecia provável causar aflição se Basen descobrisse, então Gaoshun foi o escolhido.

Maomao ainda ia à vila de Jinshi uma vez a cada vários dias. Ela havia se preocupado com como esconderia isso de Yao e En’en quando o recesso de fim de ano terminasse, mas o problema acabou se resolvendo sozinho.

“Sei que você acha que está me passando na frente, Maomao, mas não está!” Yao havia declarado. Evidentemente, ela pensava que as visitas de Maomao a Jinshi eram outras excursões para “exercícios práticos”.

Acho que ela não está totalmente errada, pensou Maomao. De qualquer forma, ela estava grata pela conveniente má interpretação de Yao. Pelo modo como Yao agia, parecia que ela, também, havia escolhido seguir esse caminho brutal.

O nome de Gaoshun na entrega levou Maomao a pensar em seu filho. Eu nunca vejo Basen pela vila. Ele era tão forte quanto um javali em carga e tão sutil quanto. Provavelmente, estava sendo distanciado deliberadamente da vida pessoal de Jinshi para que não percebesse nenhuma mudança em seu mestre.

Parece que ele ainda acompanha Jinshi no trabalho, no entanto. Para o consultório médico, por exemplo. Era natural não envolvê-lo no que estava acontecendo, mas mesmo Basen ficaria frustrado se não o manuseassem com cuidado. Felizmente, Gaoshun saberia como fazer isso. Ou pelo menos, Maomao esperava que ele soubesse.

Assim que estava de volta em segurança em seu quarto, Maomao abriu o pacote. Havia uma carta e algo envolto em pano, algo com um leve cheiro.

"Elegante como sempre, vejo." Ela desfez o embrulho para revelar um recipiente de cerâmica com incenso dentro. Ela o aproximou do nariz e cheirou.

Base de sândalo com algumas adições.

As misturas provavelmente eram todas muito chiques, mas os cheiros não se complementavam muito bem, e ela não conseguia escapar da impressão de que o resultado parecia barato. Um pouco abaixo do padrão de Jinshi, que sempre tinha apenas o melhor.

Não... Espere.

Será que ele mandou algo não tão bom de propósito porque era para Maomao? Ela parecia se lembrar dele dizendo algo uma vez sobre como se podia dizer a classe de uma pessoa pelo incenso que usavam. Nesse ponto de vista, isso era um pouco mais bonito do que o que se poderia esperar para uma dama da corte, mas não muito.

Isso ainda deixava a questão de por que Jinshi estava enviando incenso para ela. Ela cheirou sua manga e descobriu um leve odor de sangue.

Pensei que tivesse tirado o cheiro antes de vê-lo...

Ultimamente, ela tinha encoberto suas viagens de dissecção para a fazenda alegando que estava saindo para visitas domiciliares. Os próprios animais eram fáceis o suficiente de explicar - os órgãos eram medicinais e a carne era para comida.

Hoje, aconteceu que um caçador teve a sorte de pegar um urso, e os médicos puderam se envolver na dissecção. O Dr. Liu estava extasiado; ele disse a eles que era uma oportunidade muito rara. O sangue tinha que ser drenado rapidamente,

para não contaminar a carne, então os médicos raramente tinham a chance de observar.

Eles tinham trocado suas roupas de dissecção e vestido aventais de couro. Depois que tudo acabou, Maomao tinha tomado um banho antes de voltar para a corte.

Bom poder sair para um dos banhos públicos de vez em quando, ela pensou. Não havia banheiro no dormitório, então esta era uma oportunidade particularmente agradável. Um dos poucos luxos do distrito de prazer, que Maomao experimentara enquanto crescia, era que as pessoas tomavam banho todos os dias. Mesmo no palácio traseiro, ela conseguia se lavar uma vez a cada poucos dias.

Será que ela gostava de banhos? Se pressionada, teria que dizer que sim. Desta vez, até pagaram sua entrada para o banho público, e tomar um banho no meio do dia era um prazer só seu.

Ah... Talvez seja o meu cabelo. É claro que não teria tempo para secar o cabelo, então ela foi sem lavá-lo.

Ela se perguntou se Jinshi entendia o que era necessário para se tornar um verdadeiro médico.

Algumas coisas, talvez. Mas não tenho certeza se ele sabe sobre a dissecação de corpos humanos.

Evidentemente, ele havia percebido o cheiro que ela trouxera quando veio examiná-lo. Ele podia ser exigente com as coisas mais estranhas.

Ainda ponderando a situação, Maomao pegou uma colher do incenso e o acendeu. Então colocou uma cesta sobre ele e, em cima da cesta, colocou as roupas que usaria no dia seguinte.

Vamos começar com isso. Ela usou apenas um pouquinho do produto; ela nem tinha certeza se seria perceptível.

Assim preparada para o dia seguinte, ela decidiu que era hora de ir para a cama. Ela estava prestes a trocar de roupa quando ouviu uma batida na porta. “Entre,” ela disse.

En’en entrou com alguns rolinhos primavera na mão. “Isso sobrou do jantar. Você quer?”

“Com certeza.” Maomao nunca perderia a chance de experimentar a culinária de En’en. Ela não estava com tanta fome agora, mas poderia ser o café da manhã de amanhã. Com todas as suas saídas ultimamente, indo ver Jinshi e praticar medicina, ela não teve muitas oportunidades de aproveitar as refeições caseiras de En’en.

En’en colocou o prato de rolinhos primavera na mesa - e então ela avistou o incenso. “Agora, isso não é típico de você, perfumando suas roupas.”

“Eu tenho meus dias. Acontece que tem havido mais sangue do que o normal ultimamente.” Não era mentira; era exatamente nessa época do mês que ela ficava um pouco melancólica por alguns dias. “Eu sei que Yao faz isso, e pensei que poderia ser uma boa ideia.”

Ela sabia, é claro, que provavelmente era En’en quem estava realmente fazendo o trabalho.

“Oh, entendi.” Maomao esperava uma réplica pontiaguda de En’en, mas ela não disse mais nada além disso. Mesmo que ela certamente tivesse notado o quanto Maomao estava ocupada esses dias.

Então ela não vai tentar me sondar sobre nada?

Enquanto Maomao não estivesse envolvendo Yao em nada, En’en parecia contente em não se intrometer nos seus assuntos.

Maomao colocou um pano sobre os rolinhos primavera e voltou a trocar de roupa.

Quando Maomao chegou ao consultório médico no dia seguinte, encontrou Yao conversando com o Dr. Liu e não parecendo muito feliz. As duas jovens muitas vezes se encontravam pouco no trabalho esses dias, então não haviam se visto muito - e parecia que a reunião poderia ser tempestuosa.

Espero que ela não diga nada suspeito, pensou Maomao ansiosamente enquanto se organizava para organizar o armário de medicamentos.

"E você não sente necessidade de me enviar para nada?" Yao disse.

E... aí está.

Yao estava resoluta, aparentemente decidida a parecer tão temível quanto o Dr. Liu.

"Não, eu não sinto," respondeu o médico sênior, e então olhou o relatório diário como se isso encerrasse a discussão. O relatório relatava apenas que não havia muito a relatar ontem.

"Engraçado. Parece que você tem tarefas para fazer o tempo todo ultimamente, Maomao," disse Yao. Ótimo. Agora Maomao estava envolvida.

"Sim, parece que sim," ela respondeu. Não havia sentido em discutir isso.

"E onde suas tarefas a levaram ontem? Para fazer o quê?"

"E estava recuperando um pouco de bile de urso," disse Maomao. Naquele momento, na verdade, ela estava guardando a bile que havia obtido no dia anterior. O caçador lhes tinha dado um pouco, já processado. Era uma bela medicina; parecia um pouco com um caqui seco deformado.

Ela achou que percebeu um indício de um olhar de repreensão do Dr. Liu, mas ele não disse nada para impedi-la. Ele sabia que ela não estava dizendo nada incriminador.

"A bile é um componente medicinal tão importante que pedi para ser mostrada como é preparada. Também ajudei a dissecar uma vaca para ver se havia pedras em sua vesícula biliar. O que, sinto dizer, não havia."

"Pedras na vesícula biliar de uma vaca - você quer dizer bezoares? Ouvi dizer que são encontrados em apenas um em cada mil animais. Por que você iria procurar algo que sabe quase certamente não estar lá?" Yao perguntou.

"Pergunta justa. As chances de encontrar um bezoar são muito maiores se o animal apresentar sintomas de cálculos biliares. As pedras ficam muito mais caras assim que entram no mercado, então se você vê um animal mostrando os sinais, é perfeitamente lógico procurar no local."

Maomao andava numa linha tênue, tentando evitar que o Dr. Liu ficasse chateado com ela e ao mesmo tempo não dizendo nada estritamente falso. Ela se sentia um pouco culpada em relação a Yao, mas precisava sair dessa conversa. Eu sei que não é muito justo da minha parte...

Ela estava se escondendo atrás de Jinshi. Yao poderia dar-lhe uma dura por táticas sujas, mas Maomao não estava com vontade de conversar. Ela tinha outras coisas mais urgentes para fazer.

Yao olhou para ela e fez uma careta. Dr. Liu voltou a olhar o relatório diário. Parecia estar dizendo que estava satisfeito com a resposta de Maomao.

Eu entendo, Yao. Acredite em mim, eu entendo! Maomao sabia o que Yao realmente queria dizer. "Por que eu não posso ir também?" É isso que você quer saber.

Foi o Dr. Liu quem finalmente deu a resposta. "Se você quer algumas tarefas para fazer, comece indo para a cafeteria."

"A-A cafeteria, senhor? Por quê?"

"Deixe-me adivinhar: você nunca matou ou depenou nem mesmo uma galinha na vida. Você pensa que Maomao estava apenas assistindo eles cortarem aquele urso? É isso que está acontecendo aqui - e ela já está acostumada com isso." Foi um raro elogio do Dr. Liu, mas de alguma forma não trouxe prazer a Maomao.

"Bem, e quanto a En'en, então? Ela deve ser até melhor do que Maomao em depenar galinhas."

"Talvez sim, mas por que trazer alguém que não está interessado na tarefa em primeiro lugar? O que, você achou que En'en iria na frente e te deixaria sozinha?

Não vou pressionar ninguém que não tenha ambição. Você acha injusto que apenas Maomao vá nessas tarefas? Você quer que as coisas sejam diferentes? Então comece garantindo que você não seja um peso morto para as pessoas ao seu redor!"

Ah, lá estava o habitual Dr. Liu, implacável e impiedoso.

Yao segurou sua saia; as palavras do médico claramente a machucaram, mas ela não disse nada. Ela sabia que era verdade - ela nunca havia segurado nem mesmo um cutelo na cozinha. Os rolinhos de primavera que Maomao tinha comido no café da manhã hoje de manhã eram inteiramente obra de En'en.

Temos outra coisa com que nos preocupar...

Houve um som audível de dentes rangendo atrás de Yao. Era En'en, que estava alcançando uma garrafa de álcool desinfetante. Assustador. Muito assustador.

Yao, no entanto, estendeu a mão e a deteve. "En'en," ela disse. Ela frequentemente parecia fazer o que sua dama de companhia queria, mas neste momento ela mostrou que sabia como lidar com uma acompanhante superprotetora. Ela se virou

para Dr. Liu e disse, “Eu entendi o que o senhor está dizendo. Vou aprender a manejar um cutelo imediatamente.”

“Hoh! Você vai, é? Bem, comece decapitando uma galinha viva.”

"D... Decapitar?"

Era verdade que se ela não conseguisse fazer isso, não seria capaz de seguir o caminho em que Maomao estava. Até um dos médicos aprendizes havia desabado em lágrimas feias e ranhosas enquanto matava o porco que usaria para sua dissecação. Se era assim que os animais de fazenda afetavam você, você nunca seria capaz de trabalhar em seres humanos. Afinal, um médico muito bem poderia se ver tendo que amputar um braço ou uma perna sem nem mesmo um anestésico para o paciente.

Acontece o tempo todo no campo de batalha.

Na guerra, você não precisava dos livros de anatomia escondidos de seu pai - você veria órgãos humanos suficientes para uma vida inteira. A capacidade de proibir um livro sobre dissecação era, de certa forma, um luxo permitido por um tempo de paz.

“Eu me pergunto se você teria coragem de cortar os órgãos de alguém enquanto eles ainda estivessem vivos,” Dr. Liu disse com um sorriso sarcástico.

“Eu consigo! Eu posso! Foi para isso que vim aqui,” Yao insistiu. Ela não estava apenas tentando ser contrária com o médico sênior; ela parecia genuinamente querer adquirir as habilidades da medicina.

Se Yao estivesse aqui apenas no consultório médico como uma forma de escapar da influência de seu tio, este seria um excelente momento para ela desistir e voltar para casa. Apesar da lesão física que sofrera ao provar comida envenenada, Yao ainda era jovem, bonita e inteligente. Deve ter havido muitos pretendentes por aí que estariam ansiosos para tê-la.

Pare com isso. Estou pensando exatamente como o tio dela.

Yao e En’en desprezavam tanto o tio de Yao, mas, admite-se, em algum nível ele ainda estava pensando na felicidade de Yao. Li, em sua maior parte, não era um

lugar onde uma mulher solteira poderia viver confortavelmente. Muitos hábitos, costumes e circunstâncias militavam contra isso. Não era lugar de Maomao dizer isso a Yao, porém. Se ela tinha decidido que era isso que queria fazer, então Maomao manteria sua paz.

Foi quando ela deu uma olhada em En'en, parada atrás de Yao e olhando para o Dr. Liu zombeteiro. Maomao sabia que En'en, como ela, se absteria de comentar sobre o que quer que Yao decidisse fazer. Naquele momento, no entanto, havia uma indecisão incomum em seus olhos.

Estou curiosa para ver como isso vai se desenrolar.

De qualquer forma, isso ainda não envolvia Maomao. Ela anotou os ingredientes recém-obtidos enquanto os colocava no armário.

Yao não perdeu tempo: naquela noite, ela estava de pé na cozinha. En'en observou com apreensão seu manuseio inexperiente do cutelo. Maomao, que estava em casa mais cedo dessa vez, observou-as ambas pacientemente enquanto esperava o jantar ficar pronto.

"Então eu pego isso e—" Corte!

"M-Mestra..."

Yao abaixou a faca como se estivesse cortando lenha; ela parecia que poderia ter cortado ossos, não apenas carne. Mesmo que Maomao quisesse ajudar, não parecia seguro se aproximar demais.

"É perigoso, trabalhar assim. Você deveria começar com algo menor!"

"Não, carne! Preciso cortar carne!"

En'en estava nitidamente em pânico. Ela era normalmente tão serena que Maomao esperaria que ela fosse uma melhor professora para Yao, mas eles não iriam a lugar nenhum assim. Maomao decidiu fingir que não viu nada e apenas sair da sala — quando, infelizmente para ela, seus olhos encontraram os de En'en. En'en lhe deu

o olhar que encerrava todas as conversas, e então apontou para a mesa. Havia comida ali. Pronta para comer. Camarão com pimenta, nada menos.

Maomao engoliu em seco. En'en teria preparado algo antecipadamente? Vapor saía do prato fresco, que consistia de camarões fartos e enormes e uma mistura completa de legumes. Sabendo da culinária de En'en, Maomao tinha certeza de que ela tinha usado pasta de soja para dar um toque, mas provavelmente também algum suco de fruta para completar o sabor. Seria divino com arroz. Ela quase conseguia sentir os suculentos camarões em sua boca.

Era muito claro que En'en estava enviando uma mensagem.

"Se você quer jantar, então nos ajude", é?

Maomao fez uma careta, mas foi lavar as mãos. Ela não poderia resistir aos camarões suculentos.

Ela começou selecionando um cutelo um tamanho menor que o que Yao estava segurando. Então ela colocou uma única cenoura em uma tábua de cortar. "Comece cortando isso, Yao", ela disse.

"Uma cenoura? Mas estou tentando aprender a cortar carne aqui!"

"Eu consigo ouvir Dr. Liu agora: Você? Cortar carne quando você não consegue cortar nem mesmo um pedaço de ginseng?" Maomao respondeu, substituindo algo mais tradicionalmente medicinal pela cenoura.

"Tudo bem", Yao disse depois de um momento.

"Bom. Agora, pegue esse cutelo. Na verdade, existem diferentes tipos de cutelos, e você tem que cortar com eles de maneiras diferentes. O facão que você está segurando agora é para quebrar ossos. Não é adequado para algo tão delicado quanto carne macia. Se você estivesse praticando amputar o braço de um paciente, seria perfeito."

Yao não tinha nada a dizer sobre isso; ela mordeu o lábio e trocou de faca. En'en parecia aliviada. Yao estava dedicada aos seus estudos, então ela saberia de certas

coisas que a medicina tinha em comum com as artes culinárias - mas isso não incluía os tipos de cutelos. Quando se tratava de assuntos de cozinha, ela estava mais familiarizada em comer do que cozinhar.

"Ok, agora vamos trabalhar em como segurar a faca. Faça assim. E quando você corta a cenoura, é assim." Maomao moveu a mão de Yao centímetro por centímetro.
"Uma vez que você a fixou no lugar para que a cenoura não se mova, você pode cortar devagar e com cuidado; você não precisa sair cortando. En'en cuida bem dos equipamentos, então este facão tem uma excelente lâmina afiada. Você não precisa de muita força. Lembre-se disso quando estiver cortando pele ou carne infectadas, você está cortando vasos sanguíneos vivos."

Foi o som do cutelo quando Yao fez um corte instável.

"Ok. Agora corte em cerca de cinco pedaços."

Thunk, thunk, thunk. Yao era uma jovem perfeitamente capaz; ela só precisava de alguém para mostrar o que fazer. Valia a pena lembrar que, por mais adulta que parecesse, ela ainda tinha apenas dezesseis anos.

"Pronto!" ela disse ao terminar de cortar a cenoura.

"Ok, agora isso." Maomao colocou um nabo daikon na mesa.

"Nada de mais vegetais", disse Yao.

"Tudo o que você fez até agora foi fatiar uma cenoura", disse Maomao. "Vamos trabalhar em descascar um nabo daikon antes de passarmos para a carne."

Seja o que fosse, descascar a pele de um nabo daikon era a tarefa mais difícil, mas Maomao queria que Yao aprendesse com os produtos. Ela não queria que ela entrasse no escritório do Dr. Liu só porque tinha conseguido cortar um pouco de carne. Bem, para ser justa, ela precisaria estrangular uma galinha primeiro.

Yao parecia infeliz, mas resignou-se a trabalhar no nabo.

"Não se preocupe, não vou pedir para você descascar tudo de uma vez na sua primeira vez. Corte-o em pedaços menores para que seja mais fácil descascar."

"Claro. É exatamente o que eu ia fazer", resmungou Yao. Enquanto ela trabalhava descascando, Maomao contemplava o que fazer com a cenoura.

"Maomao", disse En'en, apontando primeiro para a carne de porco que Yao estava tentando cortar e depois para alguns cogumelos shiitake secos. Os cogumelos eram um ingrediente de luxo; Maomao decidiu não perguntar como ela os havia conseguido. A única outra coisa que ela viu por perto eram algumas especiarias.

"Faça carne de porco agridoce", é isso que estou ouvindo?

Na verdade, havia ali mesmo amido de batata doce. Poderia ser perfeito para cobrir a carne de porco, que poderia então ser frita.

Maomao não pôde deixar de desejar os camarões, que estavam lá esfriando, mas En'en estava fixada em observar Yao para garantir que ela não se machucasse. Maomao não teve escolha a não ser seguir em frente e fazer a carne de porco.

"Maomao", disse Yao dessa vez. "Só para você saber, eu não estou desistindo do caminho de médica."

"As mulheres não podem ser médicas", respondeu Maomao, relutante em mentir para Yao. O máximo que Maomao e seus companheiros poderiam ser permitidos neste momento era obter conhecimento equivalente. Eles não receberiam nenhum título e não ganhariam nada com isso, além de satisfazer sua própria curiosidade intelectual e, talvez, saber que poderiam responder caso alguma emergência surgisse.

"Mas eles já estão te ensinando as coisas que você precisa para se tornar uma médica, certo?"

Isso pegou Maomao de surpresa. Ela não respondeu; se estava determinada a não mentir para Yao, então o silêncio era a única resposta.

"Tenho pensado muito sobre isso," disse Yao. "Quero dizer, desde que encontramos o livro na casa do Mestre Lakan."

Esse não era um nome que Maomao gostava de ouvir, mas dar um olhar desagradável para Yao não ajudaria em nada, então ela apenas ouviu em silêncio.

"É verdade, acho difícil aceitar esse modo de pensar, mas posso entender que provavelmente é necessário para aqueles que praticam medicina. O Mestre Luomen deixou isso perfeitamente claro. Sempre assumi que aprenderíamos essas coisas eventualmente, mas agora vejo que há algo mais que você precisa para colocá-las em prática."

Meninas inteligentes eram ótimas, mas às vezes a ignorância era uma bênção. Se Yao não soubesse, ou se pudesse fingir não saber, então um caminho mais simples e fácil poderia estar aberto para ela. Maomao desejava que Yao fosse feliz—e se até ela sentia isso, quanto mais intensamente não sentiria En'en?

Se Yao estava determinada a aprender as mesmas coisas que um médico, no entanto, então a felicidade ignorante e abençoada só ficaria mais distante.

"Yao," disse Maomao lentamente, "ser médica significa, às vezes, ter que usar uma faca nas pessoas. Se uma mãe grávida não puder dar à luz, você pode ter que cortar ela para tirar o bebê—e pode ter que fazer isso sabendo que, na melhor das hipóteses, apenas o bebê sobreviverá. Pode ter que amputar um braço ou uma perna de um paciente implorando para não fazer isso, e pode não haver anestésicos disponíveis para anestesiar a dor. Pode ter que enfiar intestinos saindo de volta na cavidade abdominal e costurar a pele por cima deles."

"Eu sei de tudo isso."

"Esta é uma profissão ensanguentada. Pode significar que não haverá ninguém disposto a passar a vida com você. As pessoas podem te repudiar porque consideram o sangue impuro. Você tem que realmente querer essa vida, ou seria melhor se afastar."

"Eu não estaria interessada em qualquer homem que se assustasse com um pouco de sangue. Estaria, En'en?"

"Se-Senhorita..." En'en, geralmente tão ansiosa para manter qualquer homem afastado quando se tratava de Yao, parecia conflitada.

Normalmente, alguém como Yao estaria seguindo um caminho mais adequado. Até Maomao podia ver a decepção nisso, mas não havia razão para ela impedir Yao. Ela só podia rezar para que um pouco de luz brilhasse sobre o caminho que Yao escolhesse.

"Ops, quebrou. Descascar um daikon é muito mais difícil do que parece," disse Yao, fazendo uma careta e mostrando uma tira grossa da casca do rabanete.

"Você está certa, não é fácil," disse Maomao.

"En'en consegue fazer parecer flores de peônia!"

"Sim, bem, ela é especial." Essa era a verdade sincera. Enquanto falava, Maomao mergulhou a carne de porco batida no óleo e fritou bem. Yao continuava olhando feio para a tira de casca de rabanete rasgada.

Parecia que levaria um tempo antes que elas pudessem provar aquele camarão.

Capítulo 11: A Dissecção

O clima começava a esquentar e as flores de butterbur já estavam com seus brotos comestíveis quando Maomao e os aprendizes de medicina foram levados a um local escuro e úmido.

"Finalmente chegou a hora do trabalho de verdade, hein?" disse Tianyu despreocupadamente. Ele era o único que tinha a ousadia de agir como se não estivesse intimidado; os outros aprendizes estavam todos pálidos. De vez em quando, eles lançavam olhares a Maomao que diziam: O que você está fazendo aqui? mas se abstinham de realmente dizer algo. Maomao já havia aguentado muitos desses olhares enquanto dissecavam animais juntos. Ela não iria se deixar abalar agora.

Bem, não era totalmente verdade que ninguém dizia nada.

"Alguém está recebendo um tratamento muito especial," comentou Tianyu. Por mais frívolo que pudesse parecer, ele tinha nervos de aço. Quando estavam dissecando gado, ele era o mais calmo de todos. Ele talvez não se destacasse tanto nas aulas teóricas quanto os outros estudantes, mas sua compostura o tornava um praticante mais talentoso que os demais. De fato, ele era muito bom.

"Se você quer chamar isso assim," respondeu Maomao.

"Ooh. Estou com inveja."

Maomao começava a pensar que Tianyu não conseguia manter a calma a menos que estivesse conversando com alguém. A maioria dos outros aprendizes estava muito nervosa durante o trabalho prático para falar com qualquer um, muito menos com Maomao, mas Tianyu parecia tagarelar incessantemente com ela.

"Se meu tratamento é realmente tão especial, talvez eu pudesse conseguir um daqueles jalecos brancos."

"Ooh, não acho que isso seja possível, Niang-niang."

É Maomao! Será que ele estava fazendo isso de propósito? Tanto faz; seria muito trabalhoso corrigi-lo, então ela deixou pra lá.

Para ser justa, ela podia entender de onde Tianyu vinha. Tratamento especial, hein? Acho que não posso culpar ninguém por me acusar disso. Em circunstâncias normais, Maomao nunca teria caminhado por este corredor escuro e úmido na companhia dos médicos. Quanto a onde o corredor levava—era a sala onde os criminosos executados eram colocados em repouso. Os médicos estavam usando uma passagem especial para que ninguém os visse indo para lá.

Não era, porém, a primeira vez que Maomao a usava. Não, isso havia sido quando ela foi ver se Suirei estava realmente morta. Suirei, que agora vivia com a ex-consorte Ah-Duo. Meio que queria que ela também pudesse ter aprendido cirurgia.

Uma vez, a caminho da capital ocidental, ela ajudou Maomao a tratar alguns guardas feridos e se mostrou imperturbável, mesmo que o tratamento envolvesse, entre outras coisas, amputar um braço humano. Ela teria se saído muito bem aqui.

Acho que as circunstâncias de seu nascimento teriam tornado isso impossível, pensou Maomao. Embora não fosse oficialmente reconhecido, Suirei era neta do antigo imperador. Ela também era membro do extinto clã Shi, então, embora sua vida tenha sido poupada, ela estava fadada a permanecer nas sombras enquanto vivesse.

Que desperdício. Não havia nada que Maomao pudesse fazer além de lamentar isso. Qualquer outra coisa estava muito além de seu poder. Alguém poderia pensar, então, que talvez Suirei deveria ter permanecido morta—mas isso seria uma

afronta. Não se podia esquecer que houve outra garota que encenou uma performance única na vida para que Suirei pudesse viver.

"Então, quem está apoiando sua participação aqui?" perguntou Tianyu. Muito direto.

"Você está me acusando de nepotismo?" Maomao perguntou—a mesma coisa da qual ela havia sido suspeita quando entrou pela primeira vez na equipe do escritório médico.

"Não. Acho que é algo maior que isso. Intuição masculina."

Esse filho de uma-

Como Tianyu podia agir de maneira tão frívola e ainda assim ser tão perceptivo? Seria ruim para todos se ele descobrisse o envolvimento de Jinshi aqui.

"Vou contar para a En'en," disse Maomao em vez disso.

"Ela não está aqui, então como você poderia contar para ela?" respondeu Tianyu. Tanto faz para tentar desviar o assunto—mas isso lhe comprou exatamente o tempo necessário. Eles haviam chegado ao destino.

"Aqui," disse o Dr. Liu, apontando para uma porta no final do corredor. Ela se abriu com um grande rangido, liberando uma lufada fresca de ar úmido e abafado.

Sinto cheiro de álcool, pensou Maomao. Isso deveria ter sido um conforto para ela—ela adorava bebidas alcoólicas—mas simplesmente não estava com vontade de beber naquele momento. Deitado em uma maca no meio da sala estava um homem, de barriga para cima e completamente nu. Marcas de corda estavam em seu pescoço. Ele era um criminoso, executado por enforcamento, e o cheiro de álcool provavelmente era porque o corpo havia sido limpo.

"Vamos colocar aventais, mas tentem não sujá-los, se puderem evitar," disse o Dr. Liu. Maomao pegou o avental que lhe foi dado e colocou-o. Ela também recebeu uma bandana branca, não para amarrar o cabelo, mas para colocar sobre o rosto, cobrindo tudo abaixo dos olhos. O Dr. Liu continuou: "Vou fazer o corte. Vocês vão me assistir, e vão gravar cada órgão, cada camada de tecido, em sua memória." Ele já segurava uma faca de dissecação. "Quero que lembrem de cada coisa que virem aqui." Seu tom era decididamente ameaçador.

Eles foram avisados com antecedência para não tomar nenhuma nota. O simples fato de o Dr. Liu estar ali, ensinando-lhes isso, supostamente era algo que não deveria acontecer. A única coisa que podiam levar desse lugar era o que pudessem lembrar.

Então, tudo se resume a um conflito entre a moral pública e o progresso médico. O compromisso dos médicos era não fazer nada de maneira muito aberta.

A pequena e afiada faca deslizou facilmente no abdômen rechonchudo do corpo. Não foi o suficiente para fazer o sangue jorrar, mas, ao mesmo tempo, a carne não estava rígida; o Dr. Liu parecia ter escolhido um corpo no qual o rigor mortis já havia passado. Ele abriu o cadáver e começou a mostrar-lhes os órgãos internos, que eram muito mais fáceis de ver do que nos animais recém-abatidos. Trabalhar com um cadáver humano, no entanto, era algo muito mais impactante. Os estudantes já estavam acostumados a trabalhar com animais, mas mesmo assim, alguns deles levaram as mãos à boca.

"Este é o coração, aqui. Em nenhuma circunstância você deve cortar os grandes vasos sanguíneos conectados a ele," disse o Dr. Liu. Em seguida, ele continuou pelos órgãos. "O estômago, o intestino delgado, o intestino grosso. Esses compõem o trato digestivo. Vocês devem reconhecê-los; já fizemos linguiças suficientes com intestinos."

Eles tinham feito isso por ordem dele; ele lhes disse que os animais não deveriam ser desperdiçados. As linguiças estavam deliciosas, mas parecia que alguns dos aprendizes nunca mais seriam capazes de comer outra.

"Aqui estão os órgãos reprodutivos. Vou chamar vocês no momento em que executarem uma prisioneira. Os órgãos reprodutivos têm uma forma substancialmente diferente nas mulheres, sem dúvida." A essa altura da vida, Maomao, é claro, não se surpreendia nem se escandalizava com a visão dos genitais masculinos. "Alguém pode me dizer de que doença este homem sofria?" perguntou o Dr. Liu.

Não sei como se espera que a gente saiba, pensou Maomao. O homem estava morto há dias, o que significava que a cor de sua pele já não era um guia confiável para sua condição. Ela achava que podia ver algumas manchas, e embora fosse a primeira vez que via os órgãos internos de um humano de perto, achava que podia fazer uma suposição

Ninguém mais parecia disposto a responder, então ela arriscou: "Foi uma doença no fígado, senhor?" Maomao não estava ansiosa para se destacar muito, mas alguém tinha que responder ou ficariam presos ali para sempre.

"Qual é a sua base para sugerir isso?" perguntou o Dr. Liu.

"Não consigo deixar de perceber que a cor do fígado dele é ruim comparada aos animais com os quais trabalhamos. Há também algumas manchas amareladas em sua pele, e a icterícia é um bom indicador de problemas no fígado."

Yao tinha o mesmo sintoma.

"Notas de aprovação para você. Este homem ficou bêbado e ficou violento. Arrumou uma briga com outro cliente no bar e acabou matando-o. A própria mãe dele tentou detê-lo, e ele a matou também. Na verdade, ele tinha acabado de ser solto da prisão por um crime anterior e estava sem segundas chances."

Daí o enforcamento.

"Como seria mais óbvio se pudéssemos comparar isso com um fígado saudável, este aqui está visivelmente inflamado. O uso excessivo de álcool é tipicamente o culpado, mas às vezes pode ser contaminado pelo sangue, então tenha cuidado para não se cortar ou ferir as mãos enquanto trabalha com algo assim. O veneno pode entrar no seu corpo pela ferida e te deixar doente."

O tom do Dr. Liu era tão intimidante que até Tianyu não tinha um comentário esperto. Na verdade, seus olhos estavam arregalados; ele estudava o órgão atentamente. Ele parecia mostrar um lado sério inesperado quando estavam realmente trabalhando.

Maomao parecia muito com ele: ela estava olhando fixamente para o corpo dissecado, absorvendo tudo, certificando-se de não perder uma palavra do que o médico dizia, intimidante ou não.

Quando a “aula especial” terminou, os alunos trocaram de roupa e se dirigiram para a casa de banhos. Eles foram a uma próxima a um templo—imaginava-se que a casa de banhos tinha começado como um lugar para o clero se purificar, mas agora o estabelecimento exigia moeda secular.

Os banhos eram divididos por gênero, não mistos, e ali no meio do dia o lugar não estava muito movimentado, mas mesmo assim a sala de troca parecia apertada. Ainda assim, as prateleiras bem compactas provavelmente tinham espaço para

quinze conjuntos de roupas. Havia várias casas de banho na capital, e se esta não era a mais luxuosa, era limpa e bem mantida.

“Phew...” A água estava boa e quente, e havia poucos banhistas—na mente de Maomao, isso era o paraíso.

Os alunos tinham sido informados de que podiam ir para casa depois de se lavarem, então ela aproveitaria o tempo para lavar o cabelo hoje. Ela lavou a sensação pegajosa da umidade e da escuridão. Era muito importante ter esses momentos em que se podia simplesmente mergulhar no banho e não pensar em nada.

É uma pena que não pudemos anotar nada, ela pensou. Mas, se tivessem, suas anotações seriam consideradas livros proibidos por si só.

Hoje eles apenas observaram, mas no futuro Maomao e os outros seriam esperados para fazer a dissecação por si mesmos. Maomao ficou surpresa com o quão calma e racional ela permaneceu na presença de um cadáver. Talvez seja porque eu nunca o vi antes. Porque ele era um criminoso. Porque eu podia dizer a mim mesma que foi culpa dele morrer.

Será que ela conseguiria fazer o mesmo se fosse alguém que conhecia? Ou talvez ajudasse o fato de estarem cortando não uma pessoa viva, mas algo que antes fora uma pessoa.

Maomao pensou no livro escondido de Luomen. Ele havia dito que era seu professor na última página. Ela não parecia muito velha, porém, não nos desenhos dele. Não consigo imaginar como ele se sentiu ao fazer essas ilustrações. O que o professor de Luomen deve ter significado para ele?

Enquanto Maomao soltava outro suspiro, algumas jovens entraram no banho.

"Você acha que eles me aceitariam?" uma delas disse.

“Claro! Com certeza,” respondeu a outra.

Maomao escutava, tentando entender sobre o que elas estavam falando.

“Ouvi dizer que não fazem um chamado há muito tempo, sabe, para senhoras do palácio posterior?”

“É isso mesmo! Devem estar com poucas candidatas. Agora é sua chance!”

Um chamado para senhoras do palácio posterior? Maomao franziu a testa pensativa. Jinshi não havia dito que a filha de Gyoku-ou, sobrinha da Imperatriz Gyokuyou, iria entrar no palácio? Mesmo que tivessem encontrado uma maneira de adiar isso. Então eles realmente pedem voluntárias.

Uma jovem tão importante não poderia ter exclusivamente damas de companhia da capital ocidental ao seu redor; e de qualquer forma, ela era filha de alguém muito importante e influente.

“Todo mundo fala sobre o Príncipe Herdeiro, mas o Imperador só tem dois filhos agora. Muitas chances de encontrar seu lugar. Não podem ter filhos demais, certo?”

Uau! Essa jovem tinha ambição. Ela planejava não apenas entrar no palácio posterior como uma dama do palácio, mas também se tornar a concubina do Imperador e até mesmo uma mãe da nação.

Se você vai sonhar, sonhe grande.

Mesmo que, Maomao imaginasse, as coisas acabariam muito diferentes do que a mulher esperava. Ela balançou a cabeça, fazendo com que gotas de água caíssem de sua franja encharcada. Isso me lembra. Ela sabia que iriam para a capital ocidental antes da chegada dessa nova consorte, mas ainda não tinha ouvido uma data exata. Além disso, ela nem sabia quem mais viria com eles.

Vou perguntar a ele na próxima vez, pensou, e então se levantou do banho e se dirigiu para o vestiário.

Capítulo 12: O Segredo dos Números

Jinshi se espreguiçou bastante, sua merecida recompensa por ter terminado uma parte de seu trabalho. Ele estava sozinho em seu escritório. Não, isso não era totalmente verdade - atrás de uma divisória, vinha o som de alguém mexendo em papéis. Quem? Baryou, aquele com transtorno de ansiedade social.

Jinshi estava quase terminando seu trabalho, mas havia algo que ele queria perguntar a Baryou.

“Baryou, posso te perguntar uma coisa?”

“Sim, senhor, o que é?” veio uma voz fina de trás da divisória.

“Como começou o amor?”

“Hrm? Como começou qual amor?”

“Se eu dissesse Chue, você entenderia?”

Amor pode parecer algo estranho para se falar, mas apesar da divisória e da atitude reservada, Baryou era, de fato, um homem casado. Um homem casado, na verdade, com alguém que recentemente entrou em serviço como uma das damas de companhia de Jinshi: Chue. A principal condição de Jinshi ao escolher seus atendentes era que eles nunca o olhassem de forma amorosa. Chue certamente cumpria esse requisito.

“Sim, ela mal parece humana, não é?” respondeu Baryou. Outra declaração que parecia convidar a mal-entendidos.

“Erm, ela não é sua esposa? Vocês têm filhos, não têm?”

Jinshi tinha que admitir, era difícil entender como uma mulher com uma personalidade tão forte conseguia conviver com Baryou. A curiosidade o levou a perguntar sobre a história de amor deles, mas ele não esperava a resposta que recebeu.

“Foi um pouco de conspiração por parte da minha mãe e da minha irmã mais velha, Maamei. Elas olharam para mim, e olharam para Basen, e escolheram a maneira mais segura de continuar a linha da família.”

Jinshi ficou sem palavras.

“Eu aceitei, com a condição de que elas cuidariam de toda a criação dos filhos, e assim o casamento foi decidido. Nos vemos cara a cara uma vez a cada duas semanas, e não conversamos muito, mas devo dizer, acho que nos damos muito bem.”

“Sim... Quer dizer, se você diz...”

Os irmãos Ba pareciam ser polos opostos um do outro. Jinshi conseguia entender como alguém poderia considerar o excepcionalmente frágil Baryou uma escolha melhor do que o excepcionalmente poderoso Basen. Era um casamento político do começo ao fim.

“Eles apontaram que não se sabe quanto tempo eu poderia viver e me ordenaram a apressar a produção de alguns herdeiros. Eles até queriam que eu colocasse isso à frente do exame do serviço civil.”

Baryou tinha passado no exame do serviço civil dois anos antes, o que implicava que ele só o havia feito depois de conceber filhos.

“Ela é certamente... única, mas com Suiren para mantê-la na linha, ela tem sido uma ajudante bastante confiável,” disse Jinshi. Isso realmente o lembrava de quando Maomao trabalhava sob seu comando.

“Ela vem do clã Mi, embora de uma linha subsidiária.”

Isso explicava muita coisa. Assim como o clã Ma fornecia guarda-costas para a família imperial, o clã Mi produzia uma rede de informações que servia diretamente ao imperador e seus parentes. Ambos protegiam a família real, um na luz, outro nas sombras. Fazia sentido que às vezes casassem seus membros entre si para fortalecer os laços entre eles.

“Vejo que não é fácil ser você,” comentou Jinshi.

“Eu diria que você tem muitos mais problemas do que eu, Mestre Jinshi. Em termos de sua aparência e seu posto. Quanto a mim, minha irmã me disse para simplesmente deitar quieto à noite e minha esposa cuidaria do resto.”

Mais uma vez, Jinshi não tinha resposta. Baryou havia dito algo bastante atrevido e seguido com algo que Jinshi sentia distintamente que não deveria ter ouvido. Como a vida seria fácil se Jinshi pudesse aceitar um casamento político tão prontamente quanto Baryou.

A conversa foi interrompida pelo som de alguém vindo pelo corredor; o corredor fora do escritório de Jinshi era especificamente projetado para fazer os passos ecoarem audivelmente.

“Ah, falando da minha irmã, aí está ela,” disse Baryou. E então acrescentou: “Se você algum dia se encontrar sem saber como lidar com Chue, apenas pergunte a ela.”

Os passos vinham de sapatos femininos, e como Jinshi fazia questão de manter a maioria das damas da corte à distância (menos problemas dessa maneira), era natural supor que era Maamei se aproximando.

“Obrigado, mas esqueça a Chue,” respondeu Jinshi. Ele estava simplesmente curioso sobre como o amor tinha começado—infelizmente, a investigação não lhe rendeu nenhum insight útil.

Houve uma batida na porta, e de fato, Maamei apareceu, com papelada em uma mão e suprimentos de chá na outra.

“Olá, voltei... O que há com vocês dois?” ela perguntou quando os viu ambos a olhando.

Jinshi não tinha intenção de perguntar a ela sobre Chue naquele momento; se não fosse cuidadoso, havia até uma chance de Maamei interpretar errado a situação, e ele nunca se livraria disso. Baryou e Basen não eram os únicos que se intimidavam diante dessa mulher formidável. Em vez disso, ele tentou pensar em alguma maneira de distraí-la.

“Você está tentando pensar em alguma maneira de me distrair, não está?” Maamei disse, fixando nele um olhar penetrante.

“Eu? Não, não. Eu estava apenas me perguntando se já temos uma resposta sobre o que eu te perguntei.”

O que ele havia perguntado a ela era sobre a fita anexada à carta recente de Gyokuou. Confuso com a folha de números, Jinshi chamou um especialista.

“Ah, você quer dizer Mestre Lahan. Eu tenho uma carta dele bem aqui.”

Quando se pensava em números, pensava-se em Lahan. Era a solução óbvia, e nesse caso, parecia que também tinha sido a certa. Jinshi abriu a carta, que de fato detalhava a verdade por trás dos números.

“Posso ver?” perguntou Maamei, se aproximando. Jinshi colocou a carta sobre a mesa. Até mesmo Baryou aparentemente estava intrigado o suficiente para sair de trás de sua tela. “O que é isso? Um livro-caixa?” disse Maamei.

“Parece que sim,” respondeu Jinshi.

Lahan havia enviado uma cópia de algum tipo de livro-caixa—parecia estar relacionado aos impostos sobre colheitas. Alguma porcentagem dos impostos coletados na capital ocidental era enviada para o centro nacional. A fita parecia ser feita de várias páginas danificadas, presumivelmente registros da mesma área cobrindo vários anos.

“Talvez seja isso,” disse Maamei.

Parecia ser do primeiro semestre do ano anterior. A capital ocidental não produzia muitas colheitas, mas havia algumas. Trigo e uvas, algodão e beterrabas, por exemplo. A lã de ovelha era outra grande exportação da região.

Conforme Maamei indicava, os registros correspondiam aos números misteriosos que haviam sido enviados. Os números, entre dois e quatro dígitos, mostravam as quantidades colhidas; multiplique-os pela taxa de imposto para obter o valor dos impostos arrecadados.

“Hm? Olha aqui—os números são diferentes.” O dedo de Maamei havia parado sobre os dados do trigo. Ali, e apenas ali, o número no livro-caixa era maior. “Se os números são diferentes, isso implica que alguém adulterou o livro-caixa. Mas isso não faz sentido...”

“Concordo. Eu não entendo,” disse Jinshi. Se o número no livro-caixa fosse menor, seria simples. A irregularidade seria exposta. “Mas o número que eles relataram foi maior.” Significando que alguém relatou mais do que realmente havia sido colhido. Naturalmente, isso significaria que mais impostos seriam arrecadados. “Eles estão deliberadamente pagando mais impostos?”

Jinshi não conseguia entender por que fariam isso. Só poderia prejudicá-los.

Pode não fazer sentido para ele, mas parecia que Lahan havia decidido que os números que eles haviam recebido diziam respeito aos impostos sobre a colheita.

“É muito gentil da parte deles pagar mais do que devem, mas isso cheira muito mal,” disse Maamei.

“O trigo é o único número que eles adulteraram?” perguntou Baryou, olhando através dos vários anos de registros. “Parece que todas as colheitas foram menores que a média no ano passado.”

“Se essa mensagem, ou seja, lá o que for for para ser acreditada, o trigo estava particularmente escasso,” disse Jinshi, franzindo o cenho para as fileiras de números.

A região da capital ocidental havia sido alertada para tomar precauções contra pragas de insetos; se estivessem tentando esconder o verdadeiro estado das coisas, essa seria uma maneira de fazer isso.

“Quando o trigo é colhido?” perguntou Jinshi.

“Bem, há o trigo de inverno e o trigo de primavera, então depende, mas a primeira metade do ano seria a colheita do trigo de inverno, no início do verão,” respondeu Baryou.

Isso significava que foi muito depois de Jinshi ter deixado a área e até depois do pai da Imperatriz, Gyokuen, ter chegado à capital.

“Estou impressionada que ele conseguiu perceber isso em meio a tudo isso,” disse Maamei, admirando o trabalho de Lahan. Era verdade que notar a discrepância nos números era uma façanha impressionante, mesmo que os números fossem algo com que ele lidava em seu trabalho.

“Ele mencionou algo sobre isso em sua última carta,” disse Baryou e folheou seus papéis. “‘Os registros que nos foram enviados incluíam o selo de um conhecido meu. Eu me lembro disso.”

“O selo de um conhecido?” A carta de Lahan continuava a dar um nome que Jinshi também reconhecia. Ele pensou nas pessoas que o acompanharam à capital ocidental no ano anterior. Havia Maomao e Ah-Duo, assim como Lahan—pessoas enérgicas e memoráveis—mas havia uma que era mais distante.

“Rikuson... Ele era o ajudante do Grande Comandante Kan, não era?” disse Baryou.

“Sim, acredito que já ouvi esse nome antes,” disse Maamei.

Rikuson: o braço direito do estrategista excêntrico. Aquele que havia dançado com Maomao no banquete na capital ocidental. Atualmente, ele estava servindo como assistente de Gyoku-ou a pedido de Gyokuen.

“E você ouviu algo específico sobre ele, Maamei?” perguntou Jinshi. Tudo o que ele realmente sabia sobre Rikuson era seu título de trabalho. Ele nem sabia como o homem era. Tudo o que sabia era que tinha visto um lado de Rikuson de que não gostava muito, e era difícil se afastar dessa má primeira impressão.

“Sobre o Mestre Rikuson? Deixe-me ver... Receio que tudo o que sei sobre ele são boatos,” respondeu Maamei enquanto preparava o chá. “Ele era um funcionário civil antes de servir ao Mestre Lakan, mas pelo que entendi, ele não chegou lá passando nos exames do serviço civil. Ele tinha conexões. Vem de uma família de comerciantes, e sua disposição gentil sempre lhe deu certa popularidade entre as damas da corte.” Talvez fosse também de onde Maamei tirou suas informações.

“Quem eram essas conexões?”

“Receio que não sei. Posso investigar se você quiser.”

“Não é urgente. Mas gostaria de saber antes de partir para a capital ocidental.”

Maamei, esperta Maamei, colocou petiscos de chá na frente de Jinshi e começou a escrever uma carta. Sem dúvida, ela descobriria sobre Rikuson, e rapidamente. Quando terminou de escrever, abanou a página para secar a tinta e a enfiou nas dobras de suas vestes.

“Erm... Não poderíamos simplesmente perguntar diretamente ao Senhor Lahan?” Baryou perguntou com uma hesitação que implicava que ele sentia que poderia estar sendo inconveniente ao sugerir isso.

Jinshi franziu a testa. “O Senhor Lahan já me fez vários favores. Incluindo este.”

“Entendo...”

“Se eu tiver que incorrer em mais uma dívida, prefiro não ir a ele como uma folha em branco. Melhor ter algum conhecimento e pagar apenas pelo que não posso obter por conta própria. Certo?”

“Sim, claro.”

Lahan não era um exemplo de virtude, mas não se envolvia em negócios sujos—ele os consideraria indesejáveis. De qualquer forma, quanto menos favores Jinshi devesse, menos fraquezas ele teria que poderiam ser exploradas, melhor.

“Vou deixar o restante da papelada aqui,” disse Maamei, colocando-a junto ao chá. Sua maneira nada sutil de dizer a ele para voltar ao trabalho.

“Ótimo, obrigado. Eu troco isso por isto—dê uma olhada, se puder.” Jinshi entregou algo a ela; ela não era a única que podia distribuir papelada.

Os olhos normalmente estreitos de Maamei se arregalaram bastante, e ela passou os olhos pelo papel várias vezes, certificando-se de que estava lendo corretamente. “Isso é verdade?” ela perguntou. “E isso quando não há necessidade de você ir à capital ocidental pessoalmente, Mestre Jinshi.”

“Nem mais uma palavra. Estou bem ciente do perigo.” Nações estrangeiras e desastres naturais não seriam seus únicos inimigos.

“Posso perguntar o que você planeja fazer se alguém tentar tirar sua vida em algum país distante?” perguntou Maamei. Esse era o ponto de maior preocupação para ela.

“Estarei viajando com médicos e guerreiros selecionados exatamente por essa razão.”

“Sim, ouvi dizer que você ordenou ao Dr. Liu que nos trouxesse médicos mais capacitados. E quanto ao seu guarda-costas?”

“Quanto aos soldados...”

“São exatamente os soldados que me preocupam! Você tem certeza de que estará seguro com... com quem escolheu?”

Jinshi puxou o cabelo; Maamei deu um olhar que mostrava que achava isso incivilizado.

“Escolheu,” repetiu Jinshi. “Isso implica que eu tive escolha.”

“Estou dizendo—!”

“Bem, agora!” interrompeu Baryou, olhando para os papéis ao lado de Maamei. “Ele realmente vai com você? Mestre Lakan?”

“Sim, eu pedi ao Senhor Lakan para vir comigo.”

“Você fez o quê?” O rosto de Maamei se contorceu de uma maneira que Jinshi não achava possível. Tamanho desgosto aberto não era típico dela. “Posso perguntar o que está pensando? Ele vai causar estragos! Isso é terrível! No momento em que você virar as costas, encontrará a lâmina dele nela!”

“Eu sei. Eu sei.”

“E seus guardas—todos eles são homens do Mestre Lakan, do início ao fim! Eles podem matá-lo e fazer parecer um acidente!”

“Ele realmente me odeia tanto assim?” Jinshi estava sob a impressão de que o estrategista tinha adquirido um mínimo de respeito por ele desde o torneio de Go.

“Quem vai segurá-lo? É isso que quero saber. Você pode trazer o Mestre Lakan, mas certamente não conseguirá mantê-lo sob controle. Por outro lado, se o Mestre Luomen estivesse entre os médicos...”

Ah, Maamei. Ela sabia como o jogo era jogado.

“Não o Senhor Luomen, não posso pedir que venha. Sua idade não permite uma jornada tão longa. Especialmente com sua perna ruim. Em qualquer caso, ele seria um último recurso absoluto.”

Na verdade, tudo isso já havia sido resolvido há muito tempo. Depois do que Jinshi havia feito, ele tinha que ir à capital ocidental.

“Quem, então?” Maamei perguntou, mas então parou. “Você não quer dizer...”

Sua intuição era excelente; não havia necessidade de explicar. Se Lakan não podia vir e Luomen também não, isso deixava poucas pessoas. Uma, em particular—simultaneamente a melhor e a pior.

“Você está falando de Maomao.” O rosto de Maamei se contorceu. Jinshi ofereceu-lhe um sorriso fraco, mas não conseguiu olhar em seus olhos.

Capítulo 13: Gyoku-ou

A pena na mão de Rikuson deslizava rapidamente sobre o pergaminho. Quantas dessas assinaturas ele já havia feito até agora, na forma comprimida que facilitava a escrita rápida? De vez em quando, ele comparava sua versão com o original apenas para garantir que não tivesse mudado.

De volta à capital, tudo o que ele precisava fazer era pressionar um carimbo em um pedaço de papel; isso não cansava sua mão como agora. Ele parou um momento para sacudir o pulso e olhou para o papel.

"Mestre Rikuson. Poderia cuidar destes também?" Um funcionário chegou com mais papelada. Ele era o quinto burocrata a vir aqui; pelo seu sotaque mínimo, Rikuson presumiu que ele vinha da Província de Kaou. Seus lóbulos eram um pouco grandes, uma forma tradicionalmente associada a bênçãos. Seu ombro esquerdo também inclinava-se ligeiramente para baixo em relação ao direito; talvez ele tivesse o hábito de carregar tudo do lado direito.

"Obrigado. Pode colocar aqui", disse Rikuson.

"Sim, senhor."

Esses novos papéis eram, bem, trabalho burocrático. Ou pelo menos, o governador via assim.

A maior parte da população da Província de I-sei estava concentrada nas cidades ao longo das rotas comerciais que ligavam o leste ao oeste. Esse "trabalho burocrático" envolvia petições de camponeses que viviam nas áreas rurais, longe das principais rotas comerciais. Em vilarejos, não cidades. Aldeias. A maioria deles era de agricultores de algum tipo, criadores de gado ou cultivadores de uvas—coisas que podiam sobreviver ao clima árido. Alguns queriam canais de irrigação; outros reclamavam dos ataques cada vez mais frequentes de bandidos noturnos que os deixavam sem seu gado. A colheita de trigo tinha sido péssima ultimamente, e havia várias petições pedindo para que alguém viesse verificar.

"Ha ha ha!" Rikuson estava rindo alto antes de se dar conta, o que lhe rendeu um olhar desconfiado do burocrata que saía.

Devia ter mais de seis meses desde que ele viera da cidade Imperial. Ele fora enviado aqui, supostamente, porque queriam alguém que entendesse a política da capital, e no entanto, tudo o que ele havia recebido para fazer era esse trabalho burocrático. A única coisa que tinha mudado todo esse tempo era que Rikuson

ficara melhor nisso, mais rápido em lidar com isso, o que só significava que ele recebia cada vez mais trabalho para fazer.

"Quase tenho a sensação de que não confiam em mim", resmungou para a sala vazia, o escritório que lhe havia sido designado. Ele mexeu a mão direita novamente—começava a sentir uma tendinite se aproximando—e olhou os papéis mais uma vez. Até ele conseguia detectar padrões quando recebia tanta papelada dia após dia. Afinal, ele tinha (gostava de pensar) mais talentos do que apenas uma memória fotográfica.

"Eu me certifico de relatar tudo a ele, e ainda assim estamos aqui."

Era Gyoku-ou quem mandava todo esse trabalho para ele. Se Rikuson notasse algo e não relatasse, poderia muito bem ser descartado mais tarde, quando algo precisasse ser resolvido. Ele tinha a distinta sensação de que essa era a verdadeira razão pela qual havia sido convocado.

Gyoku-ou era o atual, embora ostensivamente temporário, governante da capital ocidental. Se Gyokuen, que fora para a região central, decidisse não voltar, então seu filho mais velho—Gyoku-ou—o sucederia. Gyokuen tinha vários outros filhos, mas nenhum tão determinado quanto Gyoku-ou.

"Com licença." Outro burocrata apareceu com mais papelada. Não mais petições, mas papéis que Rikuson havia enviado aos seus superiores e que estavam sendo devolvidos. Esse burocrata em particular servia diretamente sob Gyoku-ou, e Rikuson o havia visto exatamente duas vezes antes. A primeira vez foi quando fizeram sua viagem à capital ocidental no ano passado, e a segunda foi quando Rikuson fora dar suas saudações formais a Gyoku-ou—ele e esse homem se viram de passagem. "Estes estão sendo devolvidos", disse o homem.

Não havia nada escrito nos papéis; sem assinatura, sem selo.

"Posso entender que a permissão foi negada?" Rikuson perguntou.

"Sim. Pode ser necessário, mas há vários trabalhos mais importantes. Precisamos ter nossas prioridades."

Bem. Ele não poderia ser mais claro do que isso. Os cantos da boca de Rikuson se ergueram e ele colocou os papéis em uma gaveta.

"Há mais uma coisa", disse o homem.

"Sim?"

"O Mestre Gyoku-ou está pedindo por você. Não imediatamente—ele sugere que se encontrem para tomar chá quando você terminar suas tarefas matinais. Poderia ser tão gentil?"

Embora formulado como um convite, Rikuson não tinha liberdade para recusar. Em vez disso, disse, "Mas é claro. Devo ir ao pavilhão ao ar livre no pátio central antes de tocar o sino da tarde, certo?"

"Isso mesmo."

Então, sem demonstrar mais interesse, o burocrata deixou o escritório.

O pavilhão era onde Gyoku-ou sempre gostava de tomar chá. Era o lugar mais fresco disponível, bem ao lado do oásis. Rikuson podia ter adivinhado: incenso repelente de insetos era queimado lá durante toda a manhã sempre que havia chá.

Este homem, Gyoku-ou, não era de forma alguma incompetente. Ele havia recebido uma educação digna do filho de um homem influente, e até Rikuson podia sentir um desejo genuíno—talvez herdado de seu pai comerciante—de tornar a capital ocidental um lugar mais próspero. Gyoku-ou possuía uma ambição quase irrestrita; ela estava em seus olhos quando era jovem, e permanecia lá agora.

Com tal ambição vinha um elemento de perigo.

"Isso também está dentro da minha jurisdição?" Rikuson perguntou ao escritório vazio. Ele estava frequentemente sozinho lá, e descobriu que havia adquirido o hábito de falar consigo mesmo. "Por mais que eu apreciasse algumas novas amizades..."

Lembrar-se dos rostos das pessoas não era apenas uma habilidade única que Rikuson possuía; era também seu hobby. Ter uma memória perfeita para cada rosto que via significava que ficava entediante ver as mesmas pessoas repetidamente.

Entre os papéis, ele encontrou faturas de sedas, gemas e outros acessórios de luxo. Eles eram muito mais baratos aqui em um centro de comércio do que na

capital imperial, mas ele ainda se espantava com os preços. Ele sabia muito bem para o que esses recursos estavam sendo usados. Logo após chegar ao oeste, Rikuson cruzou caminhos com uma jovem. Ela tinha talvez quinze ou dezesseis anos, e parecia muito com a Imperatriz Gyokuyou.

Quando Rikuson perguntou ao burocrata que o estava mostrando ao redor, foi informado que ela era filha de Gyoku-ou. O burocrata havia acrescentado em um murmúrio que eles não se pareciam muito—mas tinha sido sábio o suficiente para deixar por isso mesmo.

"Ambicioso... Sim, ele é mesmo."

Rikuson não via mais a jovem em lugar nenhum. Ela provavelmente estava a caminho da capital há dias.

Ele sentiu os cantos da boca se levantarem novamente e, em seguida, voltou ao trabalho, a pena deslizando rapidamente pelas páginas mais uma vez.

Além de sua pele bronzeada, a pessoa honrada à frente de Rikuson não parecia muito com alguém da capital ocidental. Ele tinha uma barba rica e escura e, além de algumas rugas incomumente profundas, poderia passar por uma pessoa perfeitamente comum de Li. Seu cabelo liso emoldurava um rosto redondo; ele era mais magro que o habitante médio da capital ocidental, mas tonificado e musculoso.

Este era, obviamente, Gyoku-ou. Se o pai, Gyokuen, parecia um comerciante amigável, o filho parecia um guerreiro. Ele estava na casa dos quarenta, mas parecia pelo menos dez anos mais jovem, aqui entre os habitantes da capital ocidental, onde era tão fácil ganhar uma barriga. Seus dentes perfeitos e brancos provavelmente ajudavam a causar uma boa impressão.

Rikuson olhou para os dentes frontais retos de Gyoku-ou e, em seguida, desviou o olhar. "Estou honrado com seu convite", disse ele com uma longa e lenta reverência.

"Oh, você não precisa se curvar tanto. Sente-se."

Um criado puxou uma cadeira de vime e Rikuson se sentou. Havia copos de suco na mesa.

"Você preferiria chá?" Gyoku-ou perguntou.

"Não, senhor. Trabalhos de escritório realmente fazem a gente desejar algo doce."

Havia condensação nos copos; Rikuson se perguntou se haviam sido resfriados com água subterrânea.

"Você está tentando ser deferente novamente. O que, acha que eu tenho algum tipo de motivo oculto aqui?"

"Ha ha ha! Não, mas estou nervoso." Rikuson riu e tomou um gole do suco. "Confesso, temo que você deve estar desapontado que eu fui o melhor que a capital pôde enviar. Não estou de forma alguma à altura da sua posição."

"Ha ha ha. Meu pai nunca escolheria a pessoa errada, disso eu te asseguro. Você serviu sob o comando do Sir Lakan, não é? Eu diria que isso sozinho é prova de sua competência."

Sir Lakan, não é? Rikuson pousou o copo. Havia uma variedade de sucos diferentes na mesa.

"Se me permite perguntar," disse Gyoku-ou, levantando-se e virando-se. Seu olhar se fixou em um grupo de mercadores. "Há alguém que você reconheça nesse grupo?"

"Três pessoas, senhor," disse Rikuson após um segundo. "Dois deles dirigem as caravanas que vêm para a capital todos os anos. O outro faz seus negócios principalmente por mar."

O criado reapareceu e colocou utensílios de escrita na frente de Rikuson. Ele anotou os nomes.

"Eu só conheço os nomes de dois. E todos os outros desse grupo são novos para mim."

"Entendido. Vou verificar os nomes em nossos registros." Talvez Gyoku-ou suspeitasse de um deles de algo—ou talvez ele apenas quisesse testar os poderes de memória de Rikuson.

Pouco tempo depois, um burocrata veio e sussurrou no ouvido de Gyoku-ou.

"Hum," disse Gyoku-ou, parecendo satisfeito. Ele acariciou a barba. "Impressionante. Você estava certo em ambos os casos."

"Eu simplesmente os reconheci," disse Rikuson com outra reverência humilde.

"Engraçado isso. Você deve ver dezenas ou centenas de rostos todos os dias, e ainda assim os lembra. Sabe, na capital, dizem que os membros do clã La têm habilidades bastante incomuns. Tem certeza de que não é um deles? Isso poderia explicar por que você estava servindo Sir Lakan."

"Q-Que ideia, senhor!" Pela primeira vez naquele dia, Rikuson riu de coração. Pode ter sido a coisa mais engraçada que ele ouviu desde que chegou ao oeste. Nenhum comediante itinerante poderia ter contado uma piada mais engraçada do que a sugestão de que Rikuson poderia ter sangue La correndo em suas veias. "Aquele clã está cheio de pessoas que... fogem do padrão, digamos assim. Quanto a mim... Hmm. O que eu faço é mais um hábito."

"Hábito?"

"Sim, senhor. Minha mãe sempre me disse que eu não devia esquecer os rostos das pessoas."

"Ah, sim. Parece que me lembro de que você vem de uma família de comerciantes, não é?"

"Venho, senhor, e esquecer o rosto de um cliente é arriscar uma relação comercial vital. Minha mãe me alertava que lembrar era viver." O riso de Rikuson parecia ter dissolvido seu medo, pois ele falava agora com facilidade.

"Parece que você teve uma educação rigorosa."

"Sim, senhor."

Rikuson deixou o momento fluir; ele tomou um gole do suco. Ele estava pensando no hábito do honorável estrategista de beber suco quando Gyoku-ou disse algo inesperado.

"Você acha que Sir Lakan gostaria desse suco?"

"Você sabe que Mestre Lakan é abstêmio?"

"Quem não sabe?"

Rikuson estava ciente de que a história era bem conhecida. Afinal, sempre que aquele homem passava por algum lugar, era como um tufão—e cabia a Rikuson limpar depois da tempestade.

"Vou garantir que haja um pouco desse suco disponível quando ele vier para a capital ocidental," disse Gyoku-ou.

"Quando ele vier aqui, senhor?" Rikuson repetiu, pego de surpresa. De repente, percebeu que estava coberto por uma fina camada de suor.

"Ah, você está tenso novamente. Sim, suponho que seja a primeira vez que ouve isso. Deixe-me contar um pequeno segredo." Parecia que eles finalmente haviam chegado ao ponto principal do que Gyoku-ou queria discutir. "Sir Lakan está vindo para nossa cidade—com o irmão mais novo do Imperador a reboque."

Ele quase fez parecer que o membro da família imperial era secundário.

Rikuson forçou os cantos da boca em um sorriso, mas por dentro, soltou um suspiro.

Pergunta: Quanto 300.000 pessoas comem em um ano?

Resposta: Depende do que estão comendo.

A resposta era tão absurda que Rikuson passou da raiva para a pura incredulidade.

Após a abrupta festa do chá, ele teve a oportunidade de conversar com várias pessoas—todas elas familiarizadas com o comércio. Ele esperava que pudessem ter respostas mais ponderadas para ele.

"É impossível dizer com certeza. As regiões ocidentais não são tão férteis quanto a Província de Kae. O arroz é muito mais um luxo aqui do que na região central."

Ele já tinha ouvido essa justificativa. Ele a ouviu muitas vezes.

Se não arroz, então trigo. Se não trigo, trigo sarraceno. Ele estava procurando possíveis alimentos substitutos, queria saber quanto de cada um eles provavelmente poderiam obter. Ele fez os cálculos repetidamente, mas não era um matemático; não conseguia encontrar a resposta. A verdade é que, no entanto, nenhum dos burocratas na capital ocidental iria se esforçar tanto por Rikuson. Ele era simplesmente afastado, tratado como um forasteiro; ou então diziam que

alguém mais acima na hierarquia os havia impedido; ou que estavam ocupados demais e não podiam dispensar o tempo.

"Suponho que é assim que o Príncipe da Lua sempre se sentiu", disse Rikuson, incapaz de conter um suspiro. Para um jovem tão novo, aquele nobre, muitas vezes vítima da interferência de Lakan, trabalhava duro. Infelizmente, trabalho árduo não era o suficiente. Ser parte da família imperial significava que você tinha que brilhar mais do que qualquer um para ganhar reconhecimento e aceitação.

Rikuson troteou de volta ao seu escritório e encontrou um mensageiro esperando do lado de fora. "Uma carta da Província de Kae, senhor", disse o homem.

Ele entregou a Rikuson uma pequena caixa—dificilmente uma carta, na opinião de Rikuson. A caixa estava fechada com um cordão amarrado em um laço decorativo. Ele frequentemente recebia tais cartas na capital. Uma variedade de regras esotéricas governava como o cordão deveria ser amarrado e, uma vez desfeito, não podia ser facilmente reatado.

Havia uma técnica para desfazer esses laços, e Rikuson a possuía, mas para ser perfeitamente honesto, naquele momento, ele não tinha muita energia para tais coisas. Em vez disso, ele pegou uma faca e simplesmente cortou o nó.

No topo do pacote havia uma folha com um L estilizado de maneira extravagante, um toque lúdico que Lahan gostava de adicionar à sua correspondência.

Lahan era sobrinho de Lakan, então eles frequentemente trabalhavam em prol dos mesmos objetivos. Rikuson considerava Lahan mais um amigo do que um colega, mas no final, refletiu com pesar, eles só falavam sobre trabalho.

"Pelo menos ele sabe o que está fazendo." Lahan era um homem dos números, e ele havia fornecido a Rikuson exatamente os dados que ele queria.

Para o arroz, cada tan renderia cerca de 150 quilos, aproximadamente o suficiente para alimentar uma pessoa por um ano. Claro, poderia ser esticado se o arroz fosse misturado com outros alimentos. Havia cálculos detalhados de como o rendimento seria afetado se adicionassem trigo, soja ou batatas. Além disso, Lahan indicava quão facilmente cada um poderia ser preservado, a liquidez das várias culturas e até mesmo os preços de mercado atuais.

"Eu estava com medo de que ele tentasse empurrar suas batatas para nós. Acho que devo a ele um pedido de desculpas."

O pai de Lahan cultivava batatas, mas elas não se conservavam tão bem quanto o arroz ou o trigo, e a família de Lahan estava atualmente tentando desenvolver maneiras de fazê-las durar mais ou processá-las de outra forma.

As colunas sinuosas de números faziam a cabeça de Rikuson girar. Ele não tinha dúvidas de que Lahan os havia organizado de forma ordenada, mas era rara a pessoa que conseguia olhar para um monte de números e perceber a verdade das coisas. Rikuson havia se familiarizado com números por necessidade, mas para a maioria das pessoas, a capacidade de interpretar os preços na loja era toda a habilidade numérica de que precisavam.

Rikuson folheou as páginas vagamente. A maior parte era pura informação, mas uma página continha uma inscrição: Coisas interessantes acontecerão em breve.

"Acho que ele sabe", disse Rikuson.

Lakan estaria vindo para a capital ocidental. Lahan provavelmente havia rabiscado a nota na esperança de dar um pequeno choque em Rikuson, mas infelizmente para ele, Gyoku-ou havia tirado o impacto da surpresa.

Rikuson sorriu enquanto colocava a carta de volta na caixa. Então pegou o laço que havia cortado.

"Hum." Agora ele desejava não tê-lo cortado. Vasculhou suas gavetas, esperando encontrar algo para substituir, e encontrou um pedaço de corda de cânhamo que amarrou ao redor da caixa. Enquanto lembrasse como havia feito o nó, saberia imediatamente se alguém tivesse aberto e tentado refazê-lo.

Ele colocou a caixa em um baú na prateleira inferior e se espreguiçou bastante. "Acho que é hora de uma pequena caminhada."

Sim, ele estava falando consigo mesmo muito mais nesses dias. Ele havia ouvido falar de funcionários que desistiam de seus empregos porque haviam sido derrotados psicologicamente pelo trabalho de escritório; talvez ele estivesse indo pelo mesmo caminho.

Primeiro uma festa do chá, agora uma caminhada. Para um observador, poderia parecer que ele estava procrastinando no trabalho, mas ele era normalmente tão diligente. Eles teriam que aceitar isso.

"Eu me pergunto se um dia serei autorizado a fazer rondas fora daqui." Isso era outra coisa que sua mãe lhe havia dito: um comerciante que não sabe o que está acontecendo no terreno não pode vender nada. Fazia muito tempo desde que ele havia ouvido essas palavras, mas ainda as lembrava.

Talvez ele pudesse convencê-los a enviá-lo para ver as aldeias agrícolas alegando que era para uma petição. Ele deu uma volta ao redor do pátio, ponderando como poderia explicar a situação para que aprovassem sua expedição.

Enquanto caminhava, ouviu gritos. Fez um desvio, indo em direção às vozes, que descobriu pertencerem a alguns homens corpulentos. Pareciam estar brigando; um grupo de homens formara um círculo, e no centro, dois deles se engalfinhavam. Ah: eles estavam lutando.

Os homens que gritavam estavam todos sorrindo e rindo; estavam se divertindo. Rikuson lembrou-se de que todos eram soldados. Os lenços em volta de suas cabeças eram todos da mesma cor, um tom de azul. Pelas cores das faixas, ele julgou que eram de diferentes patentes.

Rikuson se enfiou entre os homens, tentando ter uma visão mais próxima da luta. Quando terminou, o vencedor era alguém que ele conhecia bem: era Gyoku-ou. O homem que havia estado tomando chá com ele mais cedo agora estava vencendo uma luta de wrestling.

Ali, suando e rindo com suas tropas, ele não parecia o governante de uma cidade inteira. Para aqueles ao seu redor, ele devia parecer alguém que compartilhava dos sentimentos dos seus subordinados.

Rikuson engoliu em seco. Ele não pensava que Gyoku-ou estava lutando com seus subordinados apenas para ganhar pontos. Ele gostava tanto quanto eles.

Rikuson não queria que Gyoku-ou o notasse. Se o governador o convidasse para lutar, temia que poderia ser partido ao meio. A culpa que já sentia por estar caminhando apenas porque queria uma pausa o compeliria a participar.

Virou nos calcanhares, determinado a voltar para o seu escritório. De repente, parecia melhor se lançar ao trabalho do que tentar respirar um pouco de ar fresco. Afinal, ele havia sido enviado para a capital ocidental para ajudar a cuidar do excesso de trabalho que Gyoku-ou não conseguia lidar sozinho. O fardo sobre Rikuson era grande, sim, mas não era como se o governador não tivesse seu próprio trabalho a fazer. Mesmo esse momento amigável com seus soldados dobrava como uma maneira eficaz de ganhar seus corações e mentes.

Rikuson pensou numa peça que havia assistido há muito tempo. Nela, um general passava a noite inteira bebendo com suas tropas, um momento fugaz de diversão antes de enfrentarem o campo de batalha, onde poderiam ser abatidos a qualquer instante. Gyoku-ou era muito parecido com aquele general. Havia protagonistas neste mundo e personagens secundários. Rikuson entendia que ele não era um dos primeiros.

Em uma terra em guerra, seu papel teria sido morrer sem fazer nada de notável. Aqui, neste mundo de paz, era fazer serviços e tarefas variadas.

Gyoku-ou era diferente. Ele era um personagem principal, no centro da ação.

Não como Rikuson.

Rikuson soltou mais um grande suspiro.

“Acho que a capital ocidental precisa dele.”

Gyoku-ou podia roubar a cena tanto na paz quanto na guerra.

Capítulo 14: Seleção

Eu me senti... surpreendentemente calma.

Maomao gentilmente pressionou a mão contra a boca para evitar que sua opinião saísse. Em vez disso, lavou as mãos cuidadosamente e trocou de roupa. Em seguida, ela iria tomar banho. Isso era tudo.

Ela havia dissecado um corpo humano pela primeira vez, o cadáver de um homem enforcado por roubo. Agora ele estava coberto de incisões. Se ele soubesse que seria cortado depois de morto, talvez tivesse reconsiderado suas escolhas de vida.

Tenho que me certificar de lavar muito bem, pensou Maomao. Ela cheirou suas mãos para ver se ainda tinham algum odor. Havia perfumado sua roupa trocada para ter certeza extra, então achava que estava tudo bem...

"Niang-niang!"

Ela não tinha certeza se deveria parar ou não. Apenas uma pessoa a chamava assim. Ela se virou para ver Tianyu.

Ela não disse uma palavra — fazer isso seria o mesmo que admitir que responderia por "Niang-niang". Ao mesmo tempo, não parecia certo simplesmente ignorá-lo.

Se acabar que ele só vai tagarelar, vou embora.

Na verdade, Tianyu tinha um bom motivo para detê-la hoje. "O Dr. Liu quer falar conosco", disse ele.

"E o meu banho?"

"Parece que vai ter que esperar", disse Tianyu com uma quantidade considerável de desapontamento — aparentemente Maomao não era a única que estava ansiosa para se lavar. Tianyu pressionou sua roupa contra o nariz e cheirou fortemente.

Se ela não era a única sendo atrasada, então Maomao dificilmente poderia reclamar. Ela seguiu Tianyu. Não pôde deixar de notar que os outros aprendizes estavam indo para casa.

"E os outros?" ela perguntou.

"O que mais? Eles foram retidos", disse Tianyu, e então fez sentido. Os outros aprendizes haviam se saído bem dissecando animais, mas suas mãos tremiam ao cortar carne humana. Parecia que apenas Maomao e Tianyu conseguiram parecer que pertenciam àquele lugar.

Então ele também dissecou? Bah. De qualquer forma, pensei que pelo menos teríamos mais algumas tentativas, pensou Maomao e cheirou suas mãos novamente.

Eles foram levados para uma sala com o Dr. Liu, o velho de Maomao (ou seja, Luomen) e vários outros médicos. Havia uma longa mesa de conferência cercada por bancos, com todos dispostos em torno da extremidade mais distante.

Eles são... todos os médicos superiores?

Todos os homens presentes eram habilidosos e eruditos. O escritório médico, como em qualquer outro lugar, tinha sua hierarquia, mas, em linhas gerais, os médicos eram comumente classificados como superiores, intermediários ou aprendizes.

Maomao esfregou os olhos, pois naquela companhia distinta viu alguém que nunca esperaria. Ele acenou alegremente para ela, seus olhos gentis, sua figura corpulenta. Ele ostentava um bigode de peixe-do-mato, apesar de ser um eunuco.

"Mestre Médico..." disse Maomao. O que poderia, claro, ser qualificado como: médico do palácio traseiro.

Era o charlatão.

O que ele está fazendo aqui? Quero dizer, acho que faz sentido, de certa forma. Independentemente do que ela pensasse sobre sua experiência médica, ele cuidava do escritório médico do palácio traseiro sozinho, o que significava que ele devia pelo menos ter um título equivalente aos outros médicos superiores. No entanto, ele parecia claramente deslocado. Sentava-se lá como um leitão entre os homens que de outra forma pareciam distintos por sua inteligência e habilidades.

Pensando bem... O charlatão tinha medo até de tocar em um corpo morto. Como ele conseguiu passar de aprendiz a médico?

Era um mistério. Uma das sete maravilhas da corte real, poderia-se dizer.

Os pensamentos de Maomao foram interrompidos por uma batida. "Parece que estamos todos aqui," disse o Dr. Liu, acalmando a sala murmúria.

Maomao percebeu que vários médicos intermediários haviam se juntado a eles em algum momento, e estavam olhando para Maomao como se ela estivesse ainda mais deslocada ali do que o charlatão. Ele talvez não fosse tão impressionante fisicamente quanto os outros, mas uma mulher no meio dessa reunião de homens sempre iria chamar atenção para si mesma.

"Muito bem, vamos começar. Podem ocupar qualquer assento livre."

Fácil para ele dizer...

Os médicos superiores estavam todos sentados; agora, os médicos intermediários começaram a se mover. Tianyu, um aprendiz, permaneceu em pé, então Maomao fez o mesmo, esperando até que todos os outros estivessem acomodados. O convite do Dr. Liu soava universal, mas ainda havia uma hierarquia ali. Uma ordem. Poderia ser diferente em uma emergência, mas naquele momento seria melhor respeitar o protocolo se ela não quisesse causar fricções desnecessárias

Tianyu tomou o assento mais baixo de todos, e Maomao ocupou a última cadeira restante depois dele.

Então me encontro em outra posição ambígua, ela pensou. Evidentemente ninguém teve coragem de sentar-se ao lado dos médicos superiores, então o único assento livre era ao lado do charlatão. Ele lhe deu um sorriso amigável enquanto ela se sentava. "Nossa, faz um tempo," ele disse. "Quer um pedaço?" Ele mostrou furtivamente o doce que estava escondendo debaixo da mesa.

O que ele é, a tia da vizinhança? Maomao pensou, mas disse, "Talvez não agora."

Era melhor recusar educadamente; ela nunca conseguiria se concentrar na discussão com um doce rolando na boca. Além disso, o Dr. Liu estava olhando feio para eles. O charlatão não percebeu que havia sido notado.

Dr. Liu prosseguiu explicando por que os havia reunido ali, aparentemente escolhendo ignorar as bochechas cheias do charlatão.

"Reuni vocês para que possamos decidir quem vai para a capital ocidental," ele disse. O mesmo assunto que Maomao havia ouvido ele discutindo com Jinshi. Jinshi queria que médicos o acompanhassem na longa viagem — mais dois, se possível.

Mais dois... Então eu me pergunto quantos já há.

No calor do momento, Maomao se sugeriu como candidata. Ela não sabia se algo resultaria disso. Sabia, no entanto, que se não fosse escolhida, isso significaria problemas para ela. Muitos problemas.

"Há alguém aqui que queira especificamente ir para a capital ocidental?" Dr. Liu perguntou. Maomao olhou ao redor e estava prestes a levantar a mão, mas alguém foi mais rápido, levantando a mão no ar.

“Pergunta, senhor!”

Se alguém tinha uma pergunta, então Maomao não podia muito bem se voluntariar ainda. Ela deixou sua mão deslizar de volta para baixo.

“Os parâmetros desta viagem são muito vagos. Por que estamos sendo solicitados a ir para a capital ocidental? Esta é uma missão punitiva?”

O orador era um dos médicos intermediários, alguém que supostamente era bastante hábil. Maomao não lembrava seu nome.

Na verdade, é uma pergunta justa. Jinshi já havia falado com ela sobre essa viagem, então ela naturalmente assumiu que era simplesmente uma longa expedição. Alguém que não conhecia as circunstâncias, no entanto, poderia muito bem pensar que Jinshi estava sendo efetivamente rebaixado.

Espere... Ele está?

Uma missão punitiva, um rebaixamento... Bem, mas pela forma como Jinshi havia falado, parecia que ele partiria muito em breve, então não parecia um rebaixamento. Para todos os outros, no entanto, parecia que Sua Majestade e a Imperatriz Gyokuyou desejavam que Jinshi fizesse uma viagem muito longa. Com o Imperador

tendo gerado alguns príncipes, até seu próprio irmão poderia parecer um obstáculo.

“O que foi? É um castigo?” o charlatão disse baixinho para Maomao, preocupado.

Ele não ouviu?

Parecia que todos os outros médicos superiores estavam familiarizados com o assunto. Talvez o charlatão tenha sido deixado de fora especificamente porque era um charlatão. Ou talvez ele estivesse tão ocupado chupando algum doce que perdeu a informação.

O Dr. Liu tossiu de maneira significativa; Maomao não teve escolha a não ser fingir que não ouviu o médico corpulento.

“Esta missão não é punitiva. No entanto, será uma longa viagem, considerando o destino. Mesmo na estimativa mais otimista, você deve esperar ficar fora da capital por pelo menos três meses.”

“Está começando uma guerra?” Era um assunto delicado, mas esse médico intermediário não mediu palavras. Os médicos reunidos começaram a murmurar, e o charlatão se agarrou a Maomao com medo. Ela podia praticamente sentir todos olhando para eles.

“Meu caro Guen. Se você for tão gentil,” disse Luomen, cutucando o charlatão.

Ele tem um nome? É Guen?

Maomao nunca teve a chance de descobrir seu nome no palácio traseiro; todos simplesmente o chamavam de “doutor”. Ok, talvez ela tenha ouvido em algum momento, mas, sinceramente, lembrar os nomes das pessoas não era uma das habilidades especiais de Maomao.

Aquele soldado nunca esqueceria, ela pensou, imaginando Rikuson. Ele havia sido enviado para a capital ocidental, não havia? No caso dele, foi definitivamente um rebaixamento.

O charlatão soltou Maomao, mas se agarrou a Luomen em vez disso. “O que você acha de tudo isso, Luomen?”

“Hrm. Bem, vamos ouvi-lo e ver onde isso vai dar.”

O Dr. Liu estava tão cansado das palhaçadas do charlatão a essa altura que ele nem sequer olhava mais para ele. Ser totalmente alheio era, de certa forma, um tipo de genialidade.

Não acredito que ainda não o demitiram. Como ele ainda tinha um emprego era um dos mistérios da vida.

“Não posso falar sobre a possibilidade de guerra,” disse o Dr. Liu. “Nosso trabalho é tratar os doentes e feridos. Fazemos o que nos é mandado. Além disso, essa viagem promete ser de grande escala.”

O Dr. Liu não estava encontrando uma recepção calorosa entre os médicos. Parecia improvável que alguém se voluntariasse.

Eles poderiam mudar de opinião se soubessem quem estava no centro desta expedição. Jinshi era membro da família real, e um médico que fosse com ele poderia ter a oportunidade de falar com ele pessoalmente. Mas não tenho certeza se foi divulgado que Jinshi vai...

Considerando seu status, o assunto provavelmente seria mantido em segredo até o último momento — e assim ninguém levantaria a mão. Maomao, sentindo-se mais ou menos confortável, estava prestes a levantar a mão novamente, mas viu o Dr. Liu olhar feio para ela.

O que há com ele? ela se perguntou. Ele estava dizendo a ela para não se oferecer aqui? Será que seu status baixo realmente a impediria no final?

“Nenhum voluntário? Imaginei que sim. Vim preparado com uma lista de três candidatos, mas gostaria de preencher mais um lugar. Ninguém quer essa última vaga?”

Apesar da insistência do Dr. Liu, ninguém reagiu. Os médicos superiores pareciam cansados disso; talvez já tivessem ouvido a história.

“Sim, senhor!”

Uma pessoa levantou a mão: Tianyu.

“Eu sei que ainda sou um aprendiz, mas se mais ninguém for, posso ir?”

Ele soava animado como sempre. Tão feliz como se estivesse dissecando um animal — ou um ser humano.

Sua persistência diante da total indiferença de En'en havia levado Maomao a pensar que Tianyu devia ser um homem audacioso de fato, mas conforme ela conversava com ele durante o trabalho, ela gradualmente percebeu que não era o caso. Tianyu simplesmente não experimentava as amplas flutuações de emoção que outras pessoas tinham. Sua natureza falante poderia fazer os estranhos pensar que ele era emocional, mas era até possível que ele falasse com En'en precisamente porque estava intrigado com a recepção fria dela, algo que ele não conseguia de mais ninguém.

Ele é um cara estranho, Maomao pensou. Não que ela se sentisse inclinada a pressionar o assunto; todo mundo tinha suas peculiaridades.

"Alguém mais?" Dr. Liu perguntou. Nenhuma mão se levantou. Os médicos superiores respiraram coletivamente aliviados.

Tenho certeza de que ele poderia convencer um deles se soubessem que Jinshi está vindo. Com o Dr. Liu no comando, porém, isso nunca aconteceria. Maomao pensou que seu pai Luomen seria um bom candidato — ele tinha um profundo conhecimento sobre as regiões ocidentais e também sabia o idioma —, mas ela balançou a cabeça. Ele é velho demais, e não tem mais força. Ter se tornado um eunuco o deixou ainda mais envelhecido do que simplesmente ser velho. O fato de estar com a rótula faltando também não ajudava. Uma jornada tão longa estava além das suas capacidades.

Se três pessoas já haviam sido escolhidas, no entanto, o que aconteceria com Maomao? Acho que só tenho que acreditar que já estou na lista.

Parecia uma pena. Muitas pessoas descartavam a capital ocidental como uma região rural, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Era uma cidade próspera, um núcleo da cultura ocidental. Sem mencionar um lugar onde seria muito mais fácil adquirir as mais novas habilidades médicas e tecnologia.

Tenho certeza de que o Véio não vai, não é?

Mesmo enquanto fazia a pergunta, ela sabia que não aconteceria, sabia que era impossível. Quanto a Luomen, o charlatão ainda estava grudado nele; Luomen não parecia entusiasmado, mas não conseguia se desvencilhar.

"Alguém mais, de todo jeito?" Dr. Liu perguntou novamente, momento em que o médico intermediário super dedicado levantou a mão mais uma vez. "Você está se voluntariando?" disse Dr. Liu.

“Outra pergunta, senhor.” O médico olhou diretamente para Maomao. “O que uma de nossas damas da corte está fazendo aqui?” Sem dúvida, a pergunta estava na mente de todos — mas todos sentiam que esse não era exatamente o momento para perguntar. “Certamente sua presença excepcional não deve ser interpretada como se ela estivesse sendo contada entre os médicos?”

Espero que sim. Se Maomao pudesse finalmente obter sua resposta aqui e agora, isso seria maravilhoso, mas o resto da sala não compartilhava de seu entusiasmo. Os médicos superiores não demonstraram muita reação, quase como se não estivessem mais ouvindo, mas os olhares dos médicos intermediários eram de desdém. Tianyu assistia à cena se desenrolar sem mudar expressão.

"Ela não deve ser considerada uma médica. No entanto, ela está vindo conosco," disse o Dr. Liu.

Maomao sentiu uma onda de alívio. Então ele encontrou um compromisso. O ponto era que ela estava apta a acompanhar.

"Senhor, não tenho certeza se uma dama da corte é adequada para uma viagem tão prolongada." O médico intermediário não desistiria.

"Concedo que ela pode não ter a resistência de um homem, mas ela passou no exame prático. Ela tem as habilidades de uma médica, se nada mais. Além disso, para ser bem franco, o conhecimento dela sobre medicamentos provavelmente é melhor que o seu. Quando e se ficarmos sem suprimentos médicos em nosso destino, será útil ter alguém que possa fazer substitutos usando os ingredientes disponíveis e sem recorrer a um livro didático."

Dr. Liu podia ser duro, mas também era um juiz firme de caráter e habilidade.

Os médicos intermediários ainda pareciam menos do que satisfeitos. Alguns deles lançaram olhares incrédulos para Maomao, como se dissessem "Aquele exame?" e "Temos certeza sobre isso?"

"Ainda não estão felizes que uma mulher vá conosco e seja tratada da mesma forma que vocês? Então pensem assim. Desta vez será um grupo grande. Haverá muitas outras damas da corte nos acompanhando para ajudar com outros deveres administrativos. Vocês não se opõem a um pouco de ajuda extra, não é?"

"Ainda é o caso de que esta é a primeira vez que uma dama é trazida especificamente em uma capacidade médica. E fazê-la fazer o exame! Isso é ir longe demais, Dr. Liu, mesmo para você."

Hrm. Este médico intermediário parecia ser o oposto de Tianyu: ele era um pouco chato, mas parecia estar preocupado com Maomao. Mesmo seus arroubos mais

desatentos eram coisas pelas quais ela poderia ter sido grata em outras circunstâncias. No entanto, agora não era esse momento.

"Eu não tomei essa decisão", disse Dr. Liu, perigosamente próximo de parecer petulante. Seu próximo anúncio, enquanto isso, foi suficiente para silenciar qualquer objeção. "O Grande Comandante Kan se juntará a nós desta vez."

Isso causou um burburinho entre os médicos intermediários. Maomao sentiu todos os seus pelos se arrepiarem. Ela olhou para Luomen, que olhou de volta para ela melancolicamente.

Maomao não era En'en, mas estava prestes a ranger os dentes.

"Vocês todos acham que podem lidar com ele?" perguntou Dr. Liu, perigosamente próximo de parecer desesperado. Isso foi o suficiente para silenciar quaisquer outras objeções. Talvez Dr. Liu devesse ter mantido essa informação confidencial para si mesmo, mas, independentemente disso, os outros médicos certamente aceitariam qualquer pessoa que pudessem para ajudá-los com essa pessoa em particular.

Maomao, no entanto, não teve tempo para pensar sobre o assunto de forma calma e racional. Tudo o que ela teve foi um instante, no qual ela ficou muito irritada. Seu filho da mãe! Ele sabia!

Pela primeira vez em muito tempo, Maomao desejava que Jinshi estivesse lá para que ela pudesse olhar para ele como se fosse um verme preso em uma poça.

Dr. Liu não havia terminado. "Partimos em cinco dias. Vou dar a todos o tempo livre para se prepararem, então se despeçam e se preparem para ir."

A boca de Maomao ficou aberta e ela não conseguia fechá-la.

Capítulo 15: Preparações

Eles partiriam em cinco dias. Foi tão repentino que Maomao teve que se apressar para se preparar. Ela tinha que fazer as compras, e havia algumas pessoas com quem ela precisava conversar.

Talvez eu não devesse sair contando para todo mundo que estou saindo da cidade, pensou ela, mas uma comunicação já havia sido enviada, então evidentemente estava tudo bem. Eu definitivamente tenho que contar para a velha senhora. Ela não queria ser recebida com outro soco no estômago quando chegasse em casa.

Foi assim que ela foi para a Casa Verdigris, onde a senhora disse: "Ah, é? Nesse caso, eu quero um âmbar como lembrança."

Sim, isso não vai acontecer.

O nome da substância, na língua de Maomao, significava "incenso de saliva de dragão", e dizia-se que era feito da saliva de um dragão, embora não fosse de onde realmente vinha. Era muito caro e também tinha funções medicinais; era eficaz para o coração.

"O que você quer dizer com isso, que está saindo de novo?! Isso é ridículo! Nunca ouvi falar de uma dama da corte se afastando tanto da corte com tanta frequência!"

Essa objeção angustiada veio do aprendiz de boticário, Sazen. Havia até lágrimas em seus olhos.

"Desculpe. Você terá que se virar de alguma forma. Você tem o Kokuyou, e sempre pode entrar em contato com meu pai se surgir alguma coisa." Maomao entregou-lhe uma folha de papel assinada, e isso foi tudo. Um cliente havia chegado à loja de boticário, então Sazen voltou para ajudá-lo.

Acho que ele é mais boticário do que ele mesmo pensa, Maomao pensou. Ele certamente era um preocupado crônico - talvez isso o fizesse pensar menos de si mesmo do que ele merecia.

"Meu Deus. É melhor você ter cuidado. Dizem que o sol do oeste pode deixar você terrivelmente bronzeado." Tal foi o aviso da irmã mais velha de Maomao na Casa Verdigris, Pairin, cuja pele estava particularmente saudável hoje.

Teve um bom cliente ontem à noite? Maomao pensou. Os apetites sexuais de sua irmã iam muito além do comum, então, para ela, um "bom" cliente era mais do que apenas alguém com muito dinheiro. Sem dúvida ele era um espécime bem construído de homem.

"Aqui. Você vai precisar disso com certeza. Passe todas as manhãs e depois lave o rosto para tirar antes de dormir." Meimei colocou um recipiente de cerâmica na mão de Maomao. Presumivelmente, continha algum tipo de creme que seria bom para a pele.

"Não tenho certeza se sempre vou ter a chance de lavar o rosto," disse Maomao. A capital oeste era muito longe, e seja por terra ou por mar, a água seria preciosa.

"Vão levar nossa querida Maomao para algum lugar assim? Que idiota tomou essa decisão?" exigiu Joka.

Engraçado você perguntar. Você pode conhecê-lo como um certo nobre mascarado...

Isso explicava as três famosas princesas da Casa Verdigris.

"Oohh, estou preocupada com você! É tarde demais para você desistir, Maomao?" Pairin disse, abraçando-a. Ela realmente tinha estado ocupada na noite anterior - o calor ainda estava irradiando dela.

"Só pense nisso. O dinheiro que trabalhamos tanto para ganhar, os nobres estão desperdiçando em uma viagem," Joka cuspiu.

"De jeito nenhum! Esses nobres ajudam nosso negócio a prosperar. Só temos que tirar o máximo proveito deles - garantir que o ciclo continue," Meimei disse, seu riso claro e alto, em contraste pontual com a vulgaridade do que ela estava realmente dizendo. Então ela olhou pela janela. "Eu admito, estou tão preocupada quanto qualquer um de vocês... Mas acho que tem alguém junto que será implacável se alguém ousar tocar em Maomao."

Agora ela olhava para Maomao, seu olhar era de tristeza.

"Meimei," disse Maomao. "Vou manter isso indireto, mas estou mais preocupada com ele do que com qualquer outra pessoa."

O estrategista excêntrico estava indo com eles. Maomao não sabia por que, mas se as pessoas na capital oeste tivessem entendido com quem estavam lidando, teriam pedido para ele ficar em casa.

Ou talvez não estivessem em posição de recusar? Não me diga que eles o convidaram realmente.

A ausência dele não seria um problema na capital, já que seus subordinados poderiam manter seu escritório funcionando sem problemas por meses sem ele. O verdadeiro medo de Maomao era sobre que tipo de problema ele poderia causar na estrada. Apenas imaginar isso já era o suficiente para lhe dar dor de cabeça.

É para isso que eles realmente estão me usando? Ela cerrou os dentes. Ela sempre soube que ele poderia e usaria qualquer pessoa disponível para ele - era culpa dela por esquecer. Na verdade, estranhamente, ela sentiu um pequeno alívio ao perceber que a forma como ele lidava com as pessoas não havia mudado desde o palácio traseiro.

Aqueles que estão no topo não podem se deixar levar pelo sentimento. O comportamento de Jinshi poderia ser emocional às vezes, mas Maomao acreditava que ainda havia algum vestígio de racionalidade funcionando nesses momentos. Pelo menos, ela queria acreditar.

Não... Não é possível, ela pensou, imediatamente descartando a ideia. Caso contrário, ele nunca teria queimado um ferro em sua própria pele.

Dito isso, talvez isso não fosse realmente culpa de Jinshi. Suas mãos podem ter sido amarradas em sua seleção de pessoal. Não importava realmente. No final, isso significava problemas para Maomao, e nada mais.

Ela estava guardando o creme que Meimei lhe tinha dado quando uma voz insolente disse de trás dela: "Ei, Sardas!"

"Sim? O que foi, Chou-u?" Maomao virou-se, irritada.

"Você é burra!" ele gritou, e com isso o garoto boca-suja saiu correndo. Ele ainda arrastava uma perna parcialmente paralisada, mas obviamente isso não diminuía seu espírito. Sua subordinada Zulin, da mesma forma, mostrou a língua para Maomao e correu atrás de Chou-u.

"O que foi aquilo?" Maomao resmungou.

"Chou-u sente sua falta, Maomao", disse Meimei.

"Hrm. E parece que Zulin ainda está seguindo ele por aí?"

"Isso começou de novo recentemente." Meimei parecia preocupada.

"Começou de novo?"

"Ela tem uma irmã mais velha, você se lembra? A garota que você trouxe com ela. Ela estava treinando como aprendiz, e este ano começou a atender clientes."

"Ela começou, hein?" Tantas mulheres entravam e saíam da Casa Verdigris que Maomao não conseguia acompanhar todas elas. "Não é um pouco cedo?" Ela se lembrou que a jovem era terrivelmente magra.

"Ela tem quinze anos. Uma dieta decente fez uma grande diferença para colocar um pouco de carne em seus ossos, e nossos clientes começaram a notar. Ela tinha tudo o que precisava. Ela deve realmente ter estado se alimentando mal de onde ela veio."

Além disso, a própria garota estava cheia de ambição; ela estava ansiosa para fazer sua "estreia". Tudo isso deve ter inspirado sentimentos conflitantes em sua irmã mais nova.

"Ela ainda não é muito culta, mas acho que vai crescer nisso, aquela garota."

"Você acha? Acho que ela é um pouco espinhosa demais", disse Joka.

Pairin riu abertamente disso. "Essa é a última coisa que eu quero ouvir de uma mulher que adotou o nome 'Joka'!"

Não era o nome que seus pais lhe deram. A madame costumava renomear as garotas para encorajá-las a esquecer suas vidas passadas, mas Joka havia se dado um nome que era uma paródia do nome da deusa que criou o mundo — e audaciosamente incluía o caractere supostamente proibido ka.

"Minha mãe sempre me disse que meu pai era alguém muito importante. Tenho todo o direito de usá-lo", ela às vezes dizia.

Um pai que justificasse o uso desse caractere? As únicas pessoas que poderiam fazer isso eram da família imperial. A única pessoa que se encaixaria nessa descrição, cuja idade faria sentido com a de Joka, era o ex-imperador, mas Maomao estava bem ciente de que isso era impossível.

Como Joka deve ter se sentido ao saber que sua mãe havia sido enganada? Talvez fosse daí que surgisse seu ódio pelos homens. Talvez.

Além de tudo, a velha madame realmente a deixou usar aquele nome espinhoso.

Muito assustador.

A Casa Verdigris continuaria sem Maomao. Estava cheia de mulheres fortes — e, na verdade, os homens aqui também eram bastante fortes, então as coisas ficariam bem.

Maomao suspirou e passou para a próxima etapa de suas preparações.

O sol já estava baixo no céu quando Maomao terminou suas compras e voltou para o dormitório.

Esta próxima parte pode ser a mais difícil de todas, ela pensou, enquanto soltava um suspiro e entrava no prédio.

Ela podia ouvir o som constante de um cutelo: thunk, thunk. Ela ainda está nisso, Maomao pensou, espiando na cozinha. Yao estava lá, cortando frango sob a direção de En'en. Ela ainda não era uma especialista, mas havia reduzido o vigor de quebrar ossos do outro dia e agora parecia estar preparando uma refeição adequada.

Maomao não disse nada.

En'en não disse nada.

Yao estava muito concentrada no seu frango para notar Maomao; En'en viu Maomao e lhe lançou um olhar suplicante.

Acho que ela está dizendo... "Estamos concentradas agora. Por favor, não interrompa."

Maomao estava indo para o seu quarto quando encontrou a mulher que administrava o dormitório vindo na direção oposta. "Maomao, é verdade que você vai embora por vários meses? Eu posso deixar o seu quarto reservado para você, mas quer que eu limpe?"

A voz da mulher ressoava bem, facilmente chegando até a cozinha. O resultado foi previsível: um "Ai!" seguido de um "Senhora!"

Maomao espiou por uma fresta na porta e viu exatamente o que esperava. "Não faça isso, jovem senhora," disse En'en. "Você não deve colocar o dedo na boca! Carne de frango crua é perigosa. Aqui, vou te dar um curativo."

Mesmo a carne destinada à alimentação poderia conter venenos ou bactérias.

"Acho que isso é um pouco exagerado, En'en," disse Maomao enquanto observava En'en envolver tanto a mão de Yao com bandagens que ela ficou praticamente imobilizada.

Maomao se envolveu na situação, mas Yao parecia irritada. Era óbvio que Yao queria dizer algo, mas Maomao não era exatamente a pessoa mais habilidosa socialmente e não sabia o que deveria dizer a Yao. Dado que ela ainda estava aprendendo a segurar o cutelo corretamente, parecia altamente improvável que o Dr. Liu a tivesse convidado para participar das aulas especiais ainda.

Finalmente, Maomao apenas disse: "Desculpe. Eu vou ficar fora por um tempo."

"Eu entendo," disse En'en, e teve a boa graça de parecer arrependida — mas, por um instante, uma expressão passou por seu rosto que Maomao não conseguiu identificar bem, algo que dizia "Agora será só eu e Lady Yao!" Yao, felizmente, estava olhando para o chão e não percebeu.

Yao entendia tão bem quanto En'en, Maomao suspeitava. Ela era uma mulher inteligente e compreenderia o que estava acontecendo intelectualmente — suas emoções só precisavam de um tempo para se ajustarem.

Ela ainda tem apenas dezesseis anos, Maomao lembrou a si mesma. Quatro anos mais nova que Maomao.

Pensando que já tinha dito tudo o que podia, Maomao estava prestes a voltar para o seu quarto quando ouviu outro baque - desta vez de alguém batendo no chão com força.

"Maomao!"

"Sim?"

O ar saiu das narinas de Yao como um javali furioso. Ela se ergueu alta, com a resolução clara em seu rosto.

"Jovem senhora..." En'en tinha produzido dois leques dobráveis, um inscrito com Yao e o outro com Vai com tudo! De onde ela tinha tirado aqueles? Realmente, esta era uma dama de companhia de habilidades sublimes.

Yao deu mais um grande bufar e ficou na frente de Maomao.

"Aqui, jovem senhora." En’en entregou-lhe algum tipo de livreto.

"Mn!" Yao pressionou o livreto contra Maomao.

"O-O que é isso?"

"O-O que você quer dizer com, o que?"

Yao parecia incapaz de explicar, então En’en ajudou. "Ela copiou coisas dos livros na biblioteca. Ela coletou tantos exemplos quanto pôde encontrar que não estão no livro didático, então acho que até você ficará surpresa com algumas das coisas que estão aí, Maomao."

"O quê?" Meu Deus, eu quero isso. "P-Posso realmente levar isso?"

"B-Bem, eu disse que você podia ficar com isso!" Yao retrucou, embora, de fato, ela não tivesse dito isso.

Se ela estava oferecendo, porém, não precisava oferecer duas vezes. Maomao pegou o livro e imediatamente começou a folheá-lo. "Uau! Uuuuuuuaaaaau!"

"Não! Não olhe agora! E-Escute, eu não fiz nada que fosse, você sabe, algo tão grande. En’en insistiu, então eu copiei um pouco. Só um pouquinho!"

Ela era tão doce quanto azeda, essa garota! Era quase demais.

Infelizmente para Yao, Maomao podia distinguir entre a caligrafia dela e a de En’en - mas ela foi educada o suficiente para não apontar qual das duas havia feito as cópias.

Em vez disso, ela inclinou a cabeça e disse: "Muito obrigada." Quase sem perceber, ela até pegou a mão de Yao em um aperto de mão. Para ser perfeitamente honesta, ela estava tão feliz que o ranho poderia ter começado a escorrer do nariz.

"Hmph... Bem, você precisará de algo para passar o tempo na sua viagem." Yao estava corando e sua voz parecia muito baixa. Atrás dela, En’en estava dando ao aperto de mão um olhar gelado.

"Eu vou te trazer algo como lembrança em troca," disse Maomao.

"Eu não preciso de nenhuma lembrança!" Yao disse, e voltou para a tábua de cortar ainda parecendo irritada.

"Você não pode cortar nada nessa condição. Pelo menos deixe-me cuidar do seu ferimento," disse Maomao. Se ela deixasse En'en fazer todo o tratamento, Yao parecia provável acabar como uma múmia de bandagens.

Yao se submeteu aos cuidados de Maomao, mas En'en pairava ameaçadoramente por perto o tempo todo.

Capítulo 16: Uma Viagem pelo Mar

No dia em que partiriam, Maomao se viu andando de carruagem com apenas um pacote de pertences nas costas.

É tão emocional quanto... comum, até agora.

Yao e En'en estavam lá para se despedir, En'en olhando ao redor do jeito que sempre fazia e Yao um pouco carrancudo. Maomao se sentia triste em dizer adeus, mas não era como se ela nunca mais voltasse.

Seus suprimentos médicos já estavam todos preparados com antecedência e embalados. Outros itens necessários também estavam com a carga, então tudo o que ela tinha consigo eram algumas roupas frescas e o livro que Yao e En'en tinham lhe dado. Maomao não sofria de enjoo de carruagem, então ela estava ansiosa para passar o tempo lendo.

Ouvi dizer que quatro médicos iriam, ela pensou, mas no final ninguém havia lhe dito exatamente quem. Isso a incomodava — havia todas as indicações de que estavam escondendo algo.

Mal havia embarcado na carruagem quando descobriu quem era um dos médicos.

"Ooh! É esse o navio em que vamos estar?"

Tianyu colocou a cabeça para fora. Maomao estava esperando por ele — afinal de contas, apesar de todas as pressões do Dr. Liu, ele ainda era o único voluntário.

Bastante inexperiente para uma missão como essa. Acho que não sou a pessoa certa para falar.

Maomao também tinha sido escolhida, embora não fosse contada entre os médicos. Então havia quatro médicos e um ajudante. O Dr. Liu tinha falado sobre a escassez de pessoal, então ele deve ter pensado muito nessa seleção.

Maomao tinha que constantemente lembrar a si mesma que estava ali apenas para ajudar — sem também esquecer por que realmente estava lá.

O irmão mais novo imperial, também conhecido como Jinshi, estaria nessa viagem, assim como o estrategista excêntrico, então isso seria uma questão maior do que da última vez. Três grandes navios à vela os aguardavam, os maiores que Maomao já tinha visto. Disseram-lhe que iriam pelo mar, e os navios pareciam a parte. Cada um tinha quatro ou cinco mastros, e ela viu canhões também. A construção dos navios sugeriu que tinham sido fortemente influenciados pela tecnologia ocidental, mas uma coloração vermelha, verde e dourada berrante os marcava como navios Linenses. Maomao não sabia o quão grandes eram os navios por dentro, mas pareciam que podiam facilmente abrigar várias centenas de pessoas cada um. Talvez até mil, se todos se apertassem.

"Será que realmente será mais rápido do que ir por terra?" Maomao perguntou antes que pudesse se conter. Ela havia pegado um barco para casa em sua última visita à capital ocidental, mas desta vez iriam pelo mar, não pelo rio. A rota definitivamente era mais longa pelo mar, mas também poderia viajar sem interrupções, dia e noite.

"Provavelmente por causa de toda a carga. Você precisa quando tem um VIP tão importante ficando em algum lugar por tanto tempo. Além de todos os presentes que eles têm que trazer." A explicação, oferecida com um toque de ressentimento, veio de um dos médicos superiores, um homem com barba e rosto robusto. Sua pele estava visivelmente bronzeada apesar do fato de que provavelmente passava a maior parte do tempo em uma mesa. Ele tinha cabelos claros que sugeriam pelo menos algum sangue estrangeiro em suas veias. Maomao o reconheceu vagamente, mas porque trabalhavam em escritórios médicos diferentes, ela não sabia seu nome. Evidentemente, ele era um dos quatro médicos escolhidos para ir nesta viagem.

"Sim, isso faz sentido," Maomao disse. Em quaisquer outras circunstâncias, ela poderia simplesmente tentar ignorar o fato de que não se lembrava do nome dele, mas desta vez ela precisaria aprendê-lo. Ela teria que descobrir depois.

"Eu vou estar encarregado durante a viagem," o médico disse. "Estou ansioso para trabalhar com você."

Ele parecia ter os pés no chão, Maomao pensou. Conhecendo o Dr. Liu, ele teria escolhido suas pessoas não apenas por sua habilidade, mas também por suas atitudes. Esse homem dava a sensação de que vinha da capital ocidental.

"Os outros dois médicos já estão a bordo," disse o homem. "Eu estarei no navio principal, Tianyu estará no navio traseiro, e Niang-niang, você estará no navio do meio. Você será acompanhada por outro dos médicos superiores."

Maomao não disse uma palavra. Deveria dizer a ele que ele tinha o nome dela errado? Por outro lado, ela tinha o direito de fazer isso, considerando que ela também não se lembrava do nome dele?

Ela se contentou com "Senhor, uma pergunta."

"Sim?"

“Quem mais estará no navio comigo?” Ela fez uma careta grande, vasta e poderosa enquanto falava.

“O navio do centro é para nosso viajante mais importante. Um jovem parente. Você não percebeu o quanto é suntuoso?”

O navio no meio era realmente o maior e mais chamativo de todos.

“Um jovem,” Maomao ecoou, se perguntando se já podia sentir alívio. Isso parecia implicar que era Jinshi, não o excêntrico. Eu poderia ter adivinhado, mas ainda assim.

Ao mesmo tempo, isso a deixava com a pergunta de qual médico estaria com ela. Se Jinshi a chamasse para ele sozinha, poderia levantar suspeitas.

“Pelo que Luomen nos diz, o Grande Comandante Kan geralmente fica bastante tranquilo em um barco balançando, ele só precisa de medicamentos contra o enjoo e um pouco de suco para complementar sua nutrição.”

“É mesmo, senhor?”

Se ele ficasse enjoado no mar, isso o tornaria muito parecido com Lahan. Evidentemente, não era apenas álcool que fazia sua cabeça girar.

“Eles te disseram o que você precisa saber sobre os navios?”

“Sim, senhor. Eles disseram que há um consultório médico a bordo onde todo o equipamento necessário será armazenado — e onde eu vou dormir na maior parte do tempo.”

“Isso mesmo. Embora você seja bem-vinda para dormir com as damas de companhia se preferir, Niang-niang.”

“O consultório, por favor.”

A presença das damas de companhia era natural o suficiente; Jinshi dificilmente poderia viajar sem elas. Mas Suiren estaria lá?

Suiren, a acompanhante de Jinshi nos primeiros anos de velhice. Uma viagem tão longa seria difícil para ela, mas se ela não estivesse aqui, a única outra candidata que Maomao conseguia pensar seria a irmã mais velha de Basen, Maamei. Mas não ouvi algo sobre ela ter filhos?

Pedir a uma mãe para deixar seus filhos por tanto tempo também não seria fácil.

Maomao ponderou a situação, mas de qualquer forma, haveria outras damas de companhia a bordo. Escolhidas cuidadosamente, sem dúvida, mas ainda seria do melhor interesse de Maomao manter distância.

“O outro médico a bordo pode te informar sobre qualquer outra coisa que você queira saber,” disse o médico com barba.

Sim, tudo bem, mas quem é ele?

Eles pareciam felizes em contar a todos que o estrategista excêntrico estaria junto, então por que estavam sendo tão cautelosos sobre o médico? Não fazia sentido.

“Ah, é você, senhor?” Tianyu disse ao subir em seu barco.

“Tem algum problema com isso?” respondeu, de todas as pessoas, o médico do meio da convocação. Ele parecia ser um tipo de super-realizador — e aparentemente, nessa ocasião, isso tinha explodido em seu rosto. Claro, Maomao não sabia seu nome.

Não é nele que estou preocupada. Ela embarcou em seu barco, ainda se perguntando quem poderia ser o outro médico.

A bordo, os marinheiros estavam trabalhando diligentemente.

Será que é o quarto do nosso VIP? Câmaras suntuosas se projetavam do convés. Teriam uma brisa agradável e eram certamente bem equipadas. O mesmo quarto não teria parecido fora de lugar em uma vila pertencente à família imperial. Parece o mais confortável... mas também o alvo mais óbvio.

Maomao desceu as escadas, para baixo do convés. O ar úmido grudava em sua pele. Não havia paredes, talvez para permitir que o ar circulasse melhor; havia apenas desculpas esfarrapadas para divisórias no espaço. Os burocratas provavelmente teriam que dormir apertados aqui embaixo, Maomao pensou. Seria mais ou menos o mesmo quando estivessem comendo. O navio havia contratado marinheiros, então os administradores teriam tempo livre. Jogos de tabuleiro pareciam propensos a se tornarem ainda mais populares, já que os navios estavam desprovidos de outras formas de entretenimento.

Havia canhões suficientes a bordo para que o navio pudesse ser usado como um navio de guerra. Havia algumas áreas que estavam devidamente isoladas — provavelmente quartos para as damas de companhia e os viajantes mais importantes. A proporção de gênero neste navio estava muito inclinada a favor dos homens, e os quartos separados presumivelmente eram para evitar que alguém tivesse ideias estranhas, como poderiam ter se todos estivessem dormindo juntos.

Nossa, isso é meio... emocionante.

Admitidamente, provavelmente ela ficaria enjoada deste navio após vê-lo o dia todo, todos os dias, durante toda a viagem, mas qualquer pessoa quer explorar um novo ambiente. Havia cordas robustas e dispositivos de flutuação de madeira aqui e ali nas paredes.

O navio tinha três níveis — quatro, se você contasse a câmara VIP acima do convés. O próximo andar abaixo era semelhante na construção ao de cima, mas continha o consultório médico e a cozinha. Maomao decidiu deixar o consultório médico por último; em vez disso, ela foi dar uma olhada na cozinha. Havia vários barris de água e um fogão, que foi construído de forma inteligente para permitir que a fumaça escapasse.

Coisas assustadoras, usar fogo a bordo de um navio.

A área ao redor do fogão foi construída com materiais resistentes ao fogo, mas ainda assim você teria que ser muito cuidadoso.

Parecia uma cozinha muito pequena considerando o número de pessoas a bordo — provavelmente era destinada a cozinhar as refeições do VIP e pouco mais. Pessoas como Maomao teriam que se contentar com sopa morna.

O que quer que você coma eventualmente tem que sair pelo outro lado — Maomao estava apenas se perguntando onde ficava o banheiro quando viu uma estrutura construída na proa do navio. Provavelmente foi feita para permitir que as coisas caíssem diretamente no mar — possivelmente incluindo um ocupante desprevenido. Maomao pretendia ser cuidadosa.

No fundo do navio estava a carga. Munições e água eram armazenadas lá, junto com provisões e o que Maomao supunha serem presentes para a capital ocidental. Ela não ficou muito feliz ao ver alguns batatas-doces — estava claro quem tinha feito a venda pesada sobre esses.

Será que eles realmente vão durar? Ela deu uma espiada em uma das caixas de madeira. As batatas-doces tinham sido armazenadas em cascas de arroz, aparentemente como uma medida contra a umidade.

Uma vez satisfeita por ter visto o resto do navio, Maomao foi para o consultório médico. Tinha paredes de verdade, para que pudessem isolar qualquer pessoa que estivesse doente. Quando ela abriu a porta, encontrou o mestre do lugar sentado em uma cadeira — um homem de aparência suave e gentil.

Ela não disse nada; por um segundo, ela pensou que era seu velho, Luomen — mas não, não exatamente.

"Oh! Olá, jovem senhora!"

A voz era despreocupada — e familiar. Pertencia a alguém que normalmente era encontrado no palácio traseiro: o médico charlatão.

"É você mesmo, senhor?" Maomao perguntou. Saíra como uma pergunta, e com razão: o característico bigode de loacha do charlatão estava ausente. Seu rosto estava liso como o traseiro de um bebê.

"Ai! Não me olhe. Estou muito envergonhado..." O charlatão corou e franzia os lábios, como se fosse uma jovem mulher com idade suficiente apenas para começar a cortar a franja.

"O que aconteceu, senhor? Aquele bigode era o seu orgulho e alegria."

Ele fungou. "Eles me disseram que eu tinha que raspar. Disseram que não era normal para um eunuco crescer cabelo assim."

"Admito, é algo incomum."

Eunucos estavam sem o que os tornava homens, então também tendiam a perder características físicas masculinas distintivas. Os pelos faciais e corporais cresciam mais finos — mas é claro, poderia haver exceções. Em alguns casos, até parecia que a parte "masculina" realmente permanecia dentro do corpo. De qualquer forma, o charlatão tinha conseguido crescer um bigode apesar de ser um eunuco, e parecia ter muito orgulho disso, frequentemente acariciando os fios finos de cabelo.

"Isso ainda não explica por que você está aqui," Maomao disse.

"Bem, você vê, não há consorte no palácio traseiro que exija atenção especial no momento. A Consorte Lihua é realmente a única consorte principal, e Luomen é mais do que capaz de cuidar dela. Ouvi dizer que poderia vir uma nova consorte, mas acho que não deu certo."

Ele estava falando sobre a sobrinha da Imperatriz Gyokuyou? Então ela não iria entrar no palácio traseiro afinal.

Um rebaixamento, de fato...

O Dr. Liu era um homem muito minucioso. Ele havia encontrado para Jinshi seus médicos, com base no fato de que não havia o suficiente para uma viagem à capital ocidental — e se tivessem um médico superior capaz, não pareceria certo se não tivessem pelo menos mais um. Então ele escolheu usar o charlatão, que tinha a patente e o título, se nada mais. Era até possível que ele tivesse se esforçado tanto para equipar Maomao com conhecimento médico porque sabia que ela se dava bem com o charlatão. Alternativamente, talvez ele tivesse escolhido o charlatão porque sabia que Maomao iria junto.

"Hoo hoo hoo! Nunca viajei de navio antes. Não faz o coração bater mais rápido? Não sei o que vai acontecer, mas tenho certeza de que vai ser uma viagem divertida enquanto você estiver aqui, jovem senhora."

Se o médico charlatão tinha algo a recomendar, tinha que ser seu lado otimista. Maomao também tinha a sensação de que ele tinha a boa sorte de sobreviver de alguma forma a qualquer coisa que pudesse acontecer com ele. Alguém ou algo que ela não conseguia identificar parecia gostar dele.

"E que tal começarmos com um pouco de chá? Vou ferver um pouco de água."

"Acho que eles podem ficar chateados se você usar o fogão sem permissão", Maomao disse.

"Sério? Bem, podemos usar um braseiro então."

"Acho que podemos sufocar se queimarmos carvão aqui dentro."

O ambiente não recebia muito ar, e o carvão queimaria de forma incompleta. Havia uma janela, mas era muito pequena; o quarto em si era bastante escuro.

O rosto do charlatão caiu. "Estou começando a pensar que viajar de navio pode ser menos aconchegante do que eu pensava..."

"É desnecessário dizer, senhor."

O charlatão enterrou seu semblante desapontado na cama próxima. "Suspiro! E as camas são duras, vejo."

"Receio que não haja muito a ser feito a respeito, senhor. Apenas fique contente por não ter que dormir apertado com todos os outros. Oh, aqui, podemos usar esta prateleira para nossa carga."

Maomao colocou sua troca de roupas na prateleira e abriu o livro que Yao lhe havia dado. Ela se acomodou para poder usar a luz que entrava pela janela; estava no ângulo perfeito para permitir que ela se sentasse na cama.

"Oh. Você está lendo um livro, senhorita?"

"Parece que vai demorar um pouco até partirmos. Tenho certeza de que alguém virá nos chamar."

"Hrm." O charlatão estufou as bochechas, desapontado, e tirou um tabuleiro portátil de Go. "Tudo bem. Vou resolver alguns problemas de Go." Ele tirou um livro próprio — o do estrategista excêntrico, é claro.

Eles tiveram uma espécie de cerimônia de despedida para o navio e então partiram. Os VIPs, principalmente Jinshi, conduziram o que parecia ser algum tipo de ritual, mas Maomao só prestou meia atenção. Ela avistou o estrategista excêntrico bisbilhotando, então desceu e se refugiou em um dos quartos.

Era difícil chamar uma viagem de navio de agradável, mas era um modo de viajar menos duvidoso do que ela tinha imaginado. Certamente melhor do que seu cruzeiro fluvial, de qualquer forma.

Ouvi dizer que costumavam ter que comer pão infestado de insetos em navios. Então os marinheiros colocavam um peixe vivo para atrair os insetos primeiro. Maomao já tinha sido conhecida por comer gafanhotos e cobras, mas nem ela apreciaria a ideia de comer pão cheio de insetos.

Acho que a viagem não vai ser tão longa assim.

Para ela, parecia longa, mas não era nada comparado aos meses que os marinheiros às vezes passavam no mar. Eles poderiam ficar no navio por mais de duas semanas no máximo, e fariam várias paradas em portos pelo caminho. Para a primeira refeição, eles tiveram carne envolta em folhas de bambu, sopa de peixe e até tangerinas. Um toque de luxo para o primeiro dia a bordo, ela supôs.

“Até tem frutas! Isso é maravilhoso!” disse o charlatão, sorrindo beatificamente enquanto descascava e comia sua tangerina. Maomao já tinha terminado de comer há muito tempo e estava escovando os dentes.

Ela tinha uma vaga ideia de por que tinham sido servidas tangerinas. "As pessoas não consomem bastante produtos frescos em viagens marítimas", ela disse.

"Muito verdadeiro. Não dura o bastante."

"Isso causa um desequilíbrio na nutrição e deixa as pessoas doentes."

"Sim, exatamente. Uma dieta equilibrada, isso é o que importa."

Não estava muito claro se o charlatão sabia do que ela estava falando ou não.

Ele comentou: "Nossa, muito tempo livre aqui. Parece que não há pacientes."

Tenho certeza de que não é mais tempo livre do que você tinha no palácio traseiro, Maomao rebateu mentalmente. Ela enxaguou a boca com um pouco de água e cuspiu pela janela. Alguns poderiam chamar esse comportamento de grosseiro, mas era apenas o oceano do lado de fora. Era rápido e conveniente.

"Se isso significa que ninguém está se machucando ou ficando doente, então é uma boa notícia", ela disse e olhou para as prateleiras do consultório. Para um navio, eles tinham uma variedade generosa de medicamentos, incluindo ervas para tratar os problemas mais comuns, bem como algumas poções para combater doenças específicas de navios. Eles até tinham alguns medicamentos tópicos.

"Posso te perguntar algo?" Maomao disse, decidindo abordar um assunto que ela vinha se perguntando há algum tempo. "Me lembro de uma vez que você nem

queria olhar para um cadáver, então como você conseguiu passar no teste para se tornar médico?"

"O teste? Ah, o teste. Sim, eu passei!" O charlatão deu um pequeno bufar triunfante e bateu no peito.

Maomao o olhou com dúvida. "Não imagino que você esteja falando de um teste escrito?"

"Sim, claro. Não havia médico no palácio traseiro, então abriram o exame de médicos para os eunucos. Eu fui o único que passou!" Outro pequeno bufar; o charlatão obviamente estava muito orgulhoso de si mesmo. Às vezes diziam que os eunucos eram pessoas que não conseguiram se tornar burocratas ou soldados. Também havia muitos entre eles que eram ex-escravos castrados por nações estrangeiras. Para ser bastante honesta, Maomao conseguia entender por que a maioria dos eunucos não passava no teste: muitos deles simplesmente não eram muito educados.

Parecia improvável que algum médico estivesse tão ansioso para trabalhar no palácio traseiro a ponto de se tornar um eunuco pelo privilégio, então eles foram com o oposto e tentaram transformar um eunuco em médico. Ela se perguntou se eles esperavam o que conseguiram.

"E depois disso? O exame prático?" Maomao pressionou.

"Exame prático? Hmm... Não tenho certeza se me lembro de algum... Ah, agora que você menciona, acho que eles me fizeram dissecar um frango."

"E?"

"Ah, eu estava no limite, deixe-me dizer! Quando tentei torcer o pescoço dele, o pássaro me deu uma bicada forte na testa e me nocauteou completamente!"

Maomao ficou completamente silenciosa — e surpresa ao perceber o quão facilmente ela podia imaginar isso.

"Também me chamaram para dissecar um porco, mas quando ele me olhou com aqueles olhos grandes e escuros, bem, eu simplesmente não pude fazer isso!"

Naturalmente. Também igualmente assustadoramente imaginável.

"Entendi," disse Maomao. Depois de tudo isso, os superiores provavelmente desistiram de transformar o charlatão em um médico de verdade, mas ainda precisavam de alguém que pudesse fazer as rondas para as consortes no palácio traseiro, então deram a ele o título e deixaram por isso mesmo. "Alguns outros eunucos se tornaram médicos depois de você?" Certamente, se tivessem aplicado o teste algumas vezes mais, poderiam ter encontrado alguém mais qualificado.

"Bem, sobre isso. Você se lembra de que a Imperatriz Viúva construiu um prédio para as damas que ela reuniu no palácio traseiro, não é?"

"Sim, me lembro."

Era para servir como um refúgio para as meninas que haviam sido amantes do ex-imperador, em algum lugar para mantê-las seguras, mesmo que não pudessem sair do palácio traseiro. Infelizmente, no final, foi usado na rebelião do clã Shi.

"Enquanto estavam sem médicos, aquele lugar se tornou uma espécie de clínica. Eles não ficaram felizes quando entrei no consultório médico e lutaram com unhas e dentes contra qualquer outro eunuco médico."

"Ah..."

Fazia algum sentido. As mulheres do palácio que serviam na clínica sabiam muito mais sobre tratamento médico do que o charlatão mal preparado.

"Eles alegaram que o palácio traseiro não precisava de mais médicos, então, infelizmente, qualquer conversa sobre promover mais eunucos ficou pelo caminho." Então o charlatão acabou sendo o único médico oficial do palácio traseiro.

Este é um homem que vive apenas de sua sorte...

Ela teria que pedir para ele puxar uma sorte para ela algum dia.

Shenlii, esse era o nome da mulher, não era? Ela acabou no centro de tudo isso.

O charlatão estava olhando para o horizonte.

Shenlii era uma mulher de meia-idade na clínica. Ela teria ajudado Shisui e o clã Shi a escaparem, ou assim Maomao tinha ouvido dizer. Não apenas isso, mas

quando começou a enfrentar suspeitas, ela teria planejado suicídio — mas Maomao não ouvira mais nada desde então.

Acho que ela provavelmente estava destinada a morrer de qualquer maneira, quer fosse por suas próprias mãos ou esperasse que fizessem isso com ela. Aparentemente, ninguém achou que Maomao precisava ser informada de uma forma ou de outra.

O charlatão terminou de escovar os dentes e começou a preparar suas ferramentas médicas. "Bem, então, faremos um exame uma vez por dia. Depois da refeição, me disseram."

Um exame de quem? Das pessoas mais importantes, presumivelmente. Ou da pessoa mais importante.

"Ahh! Não vejo o Mestre Jinshi — digo, o Príncipe da Lua — há séculos. Estou tão nervoso!"

Maomao não ouvira mais ninguém chamá-lo de Jinshi há muito tempo. Ele era o Príncipe da Lua agora — ou mais precisamente, ele era o Príncipe da Lua mais uma vez — e já era há mais de um ano.

"Sim, claro."

É verdade, o charlatão tinha ficado tão corado quando acreditava que Jinshi era um companheiro eunuco.

Hm...

Eles a fizeram sua ajudante, sem perguntar como ela se sentia a respeito.

O quarto de Jinshi era muito mais suntuoso do que qualquer outra parte do navio.

Ele tem uma brisa agradável aqui. Espaçoso também. E luminoso.

É claro, tudo isso vem por estar acima do convés, mas de qualquer maneira, tinha que ser bastante agradável, pensou Maomao.

"Por aqui, por favor", disse uma mulher suavemente.

Viajar pelo mar não deve ser fácil para alguém tão idoso.

Era a dama de companhia um tanto idosa, Suiren. Talvez não houvesse mais ninguém que pudessem trazer. Ela deixou o charlatão entrar no quarto sem pestanejar, mas quando seus olhos encontraram os de Maomao, uma careta passou rapidamente por seu rosto.

Boa sorte para vocês dois, pensou Maomao para as outras duas damas de companhia no quarto. Elas, por sua vez, lançaram um olhar para o charlatão, mas estudaram Maomao. Eles realmente escolheram boas pessoas.

Essas duas claramente conseguiam perceber o que estava acontecendo - a realidade das coisas. Maomao até sentiu uma certa afeição por elas, na medida em que não eram imediatamente hostis com ela.

Uma das mulheres parecia ter por volta dos quarenta anos. Idade suficiente para ter sido uma das amas de leite de Jinshi. A outra senhora, Maomao já tinha visto antes - era Chue, que tinha estado na vila de Jinshi ultimamente.

Acho que ela deve ser bastante capaz, apesar da maneira como age.

Seu comportamento ocasionalmente estranho parecia permanecer inalterado.

A maioria das mulheres ao redor do irmão mais novo imperial parecia bastante simples, mas isso era muito característico dele. Enquanto Maomao atravessava o quarto, ela se perguntava se En'en estaria aqui, se tivesse permanecido no serviço de Jinshi.

"P-Por favor, c-com licença", gaguejou o charlatão, já tropeçando em suas palavras.

Jinshi, sentado em uma cadeira, esperava do outro lado de uma tela dobrável. Ele havia trocado sua roupa ritualística por algo comparativamente mais fácil de se mover.

"Faz muito tempo, Mestre Médico. Se for tão gentil." Jinshi estendeu o braço. O cheiro de incenso pairava no ar, mas Maomao não conseguia evitar a sensação de que era Jinshi quem cheirava mais fragrantemente de todos. O brilhante Jinshi estava em plena exibição, como estivera no palácio traseiro, sem dúvida em parte porque estava com o charlatão.

Você não precisaria ser o charlatão para se sentir um pouco intimidado.

"Eep..." chiou o charlatão. Maomao ficou de lado e o observou. Se ele ainda tivesse seu bigode de loach, ele estaria tremendo.

O "exame" parecia consistir em pouco mais do que tirar o pulso de Jinshi e fazer-lhe algumas perguntas.

Acho que não posso esperar muito desse cara, pensou Maomao. Quando lhe ocorreu que talvez fosse exatamente por isso que o charlatão tinha sido escolhido, ela sentiu uma onda de pena genuína por ele. Ele nunca notaria a mudança em Jinshi, muito menos teria coragem de pedir para ele tirar a camisa para um exame.

Suiren era uma mulher experiente; ela seria bastante capaz de cuidar da saúde de Jinshi mesmo sem as minúcias do charlatão.

Enquanto isso, Maomao ficou de olho para garantir que nada parecesse prestes a dar errado. Não que ela esperasse que o charlatão, por mais descuidado e aleatório que fosse seu trabalho, de repente levantasse a roupa de Jinshi.

"B-Bem, não vejo nenhum p-problema", declarou o charlatão, gaguejando até o fim amargo.

"Obrigado. Estarei te vendo diariamente a partir de agora."

"Eep!"

O charlatão arrumou suas ferramentas, que mal havia tocado durante o exame. Jinshi ainda o estava observando. Quando o charlatão olhou para cima, Jinshi aumentou ainda mais o brilho.

O que diabos?

Rosas flutuavam atrás das costas de Jinshi.

"Mestre Médico, vejo que você raspou seu bigode. Fica bem em você."

O charlatão não chegou a chiar de verdade, mas poderia muito bem ter sido. Parecia estar nas nuvens.

Jinshi continuou: "Devo pedir desculpas por retirá-lo de seu ambiente familiar no palácio traseiro para fazer você viajar pelo mar. No entanto, você tem um papel

muito importante a desempenhar. Ficaria muito grato se você me acompanhasse até o fim."

"S-S-Sim! Sim, claro!" disse o charlatão, olhos transbordando. Ele acreditava completamente em cada palavra de Jinshi.

Para Maomao, entretanto, parecia uma farsa. Suiren e as outras damas de companhia também não estavam comprando a história. Mas isso não importava. Apenas o charlatão precisava acreditar.

"Os outros aqui estão cientes de que você é um eunuco, Mestre Médico. Se você se sentir incomodado com alguma coisa por causa disso, espero que me diga."

"S-S-Sim, senhor!" disse o charlatão, tão ansioso que as lágrimas agora estavam praticamente jorrando de seus olhos. Suas bochechas estavam rubras, e Maomao quase pensou que podia ver uma flor desabrochando atrás dele também.

"Mais uma coisa." Jinshi olhou para o charlatão com tristeza nos olhos. Maomao o encarou com raiva, mas queria que essa ridícula peça de teatro terminasse o mais rápido possível. "Seu nome, Mestre Médico. É Guen, não é?"

"S-S-Sim, senhor!"

Ah. Esse é o nome dele?

"Você é o único médico neste navio, e como tal, solicitei que todos se refiram a você não pelo seu nome, mas como Mestre Médico. Se você não tiver objeções?"

"E-eu... eu seria honrado!"

O charlatão, de fato, não tinha objeções. Ele estava praticamente implorando para ser chamado por esse grande título.

Algo está acontecendo aqui, só não sei o quê, pensou Maomao.

Enquanto o charlatão terminava de arrumar seus equipamentos, Suiren disse: "Com licença, mas tenho um pequeno pedido. Você acha que nós, mulheres, poderíamos receber exames diários também? Claro, não sonharia em incomodá-lo com assuntos tão triviais, Mestre Médico. Se puder poupar a jovem que está lhe ajudando, estará tudo bem."

Ah-hah. Está começando.

Maomao olhou para o charlatão. "Tenho certeza de que está muito ocupado, senhor. Pode prosseguir."

"Sim, claro," disse o charlatão, que não hesitou ao falar com Suiren. "Bem, então, jovem senhorita. Posso confiar em você com isso?"

Maomao pegou o saco de suprimentos médicos do charlatão. "Claro, senhor", disse, com todo o entusiasmo de alguém lendo um roteiro.

Ela acompanhou educadamente o charlatão até a porta, e quando estava certa de que não conseguia ouvir nem mesmo seus passos no corredor, virou-se para Jinshi, que de repente parecia muito sombrio mesmo. Maomao estava prestes a resmungar com ele, mas Suiren a impediu com um tapa.

"Que tal algo para beber?" perguntou Chue, sempre socialmente consciente.

"Não preciso de chá", respondeu Maomao.

"Claro."

Chue mal podia ser chamada de bonita, mas seria rude dizer que era exatamente isso que facilitava relaxar perto dela?

De qualquer forma, há pessoas bonitas demais no mundo, pensou Maomao. Suiren mesma provavelmente fora uma bela dama uma vez; mesmo com sua idade, ainda tinha muita beleza. Quanto à outra mulher de quarenta e poucos anos, seu rosto era severo, mas ainda assim bastante bonito.

Foi ela também quem falou primeiro com Maomao, estendendo a mão. "Lady Suiren disse que está disposta a esperar pelo exame, então talvez você possa começar comigo?"

Hm? Maomao tinha certeza de que já tinha visto a mulher em algum lugar antes. Se fosse um pouco mais jovem...

"O que foi? Tem alguma coisa no meu rosto?" Aquela face fez Maomao pensar num predador. Ela definitivamente já tinha visto antes.

"Maomao, Taomei é a mãe de Basen", disse Suiren.

"Sua mãe?"

Se ela era mãe de Basen, isso significava que ela era...

"Talvez você tenha conhecido minha filha, Maamei", disse Taomei. Sim, era com quem ela se parecia. Maamei, a mulher que trouxera guloseimas para o torneio de Go. Em mais vinte anos ou algo assim, Maamei provavelmente seria a cara dessa mulher.

"Er..." Maomao não tinha certeza do que dizer. Deveria agradecer educadamente por Basen ter lhe prestado um favor? Bem, mas ele realmente não tinha feito nada por ela. E Maamei certamente não tinha.

Mas espere—uma pessoa relacionada a Taomei tinha.

"Sempre sou grata pelos bons ofícios de Gaoshun", disse Maomao. Um homem atento a cada detalhe. Se essa mulher era mãe de Basen, isso significaria que ela era esposa de Gaoshun.

Merda! Isso significa que devo ter cuidado.

Uma vez, Maomao ofereceu uma dama do distrito de prazeres a Gaoshun — que recusou com o argumento de que sua esposa era uma mulher assustadora. Maomao na verdade não esperava que Taomei descobrisse o que ela tinha feito, mas isso ainda lhe dava um sentimento ruim no fundo do estômago.

"Oh? É bom saber disso. Ele está nessa viagem também, sabe."

"O Mestre Gaoshun está?"

Maomao deu uma olhada rápida em Jinshi, mas não viu nenhum sinal de Gaoshun. Talvez ele estivesse patrulhando o navio? Havia guardas na entrada do quarto de Jinshi, mas tudo lá dentro era mulheres — o que a deixava um pouco inquieta.

"E quanto ao Mestre Basen, então?"

"Ele está seguindo uma rota separada para a capital do oeste. Por terra."

Ele teve que ir sozinho? Isso não o incomodava?

Basen tinha sido cuidadosa e deliberadamente distanciado de Jinshi recentemente — ele não era um animal político, mas mesmo assim ele deve ter percebido até agora.

"Ele tem o próprio trabalho dele para fazer", disse Taomei e depois riu, escondendo delicadamente a boca enquanto o fazia. Ela parecia vagamente divertida com toda a situação.

Que tipo de trabalho? Maomao se perguntou. Ela tinha meio que vontade de perguntar — mas agora, ela precisava priorizar seu trabalho.

"Me dê seu braço, por favor", ela disse.

"Claro."

Taomei ofereceu o braço, e Maomao tomou seu pulso. Estava bom e forte. Ela parecia estar em excelente saúde, mas Maomao notou algo estranho. Os olhos esquerdo e direito de Taomei pareciam ter cores ligeiramente diferentes. Ela os estudou por um momento.

"Há algo errado?" Taomei perguntou.

"Não", disse Maomao. Os dois olhos também pareciam se mover ligeiramente fora de sincronia. Por impulso, Maomao moveu sua mão esquerda ao redor. Então ela fez o mesmo com a direita, e só então viu os olhos de Taomei se moverem.

Ela é cega no olho direito?

Às vezes, as pessoas nasciam com diferenças entre os dois olhos, mas a cor também poderia mudar mais tarde na vida — frequentemente por causa da cegueira.

"Aquilo foi algum tipo de teste agora?" Taomei perguntou. Ela deve ter notado os pensamentos no rosto de Maomao. Ela apontou para o olho direito — ela era tão perspicaz quanto Maomao poderia esperar da esposa de Gaoshun.

"Me desculpe, senhora. Não quis ser rude. Você não acha que isso atrapalha na vida cotidiana?"

"Não, não é nada preocupante. Aconteceu há muito tempo, e estou perfeitamente acostumada agora."

"Muito bem, senhora. Nesse caso, há mais alguma coisa que a esteja incomodando?"

"Não, nada."

"Posso dar uma olhada nos seus olhos e língua?"

Maomao puxou a pele sob os olhos de Taomei e olhou para ela. O olho direito estava definitivamente cego, sua cor turva. Havia condições da velhice que poderiam causar o embaçamento dos olhos, mas como Taomei disse que havia perdido a visão naquele olho há muito tempo, Maomao suspeitava que tivesse sido por causa de uma lesão.

"Por favor, tenha cuidado especial nesta viagem. Tudo balança em um navio veleiro."

"Estou ciente", respondeu Taomei. Maomao se sentiu um pouco tola por ter dito algo tão óbvio. "Devo dizer, no entanto, não acha que o jardim de viagem do Príncipe da Lua carece de flores notáveis?"

Era tão difícil concordar com ela quanto discordar.

"Se minha filha Maamei pudesse ter vindo nesta viagem, uma avó idosa como eu poderia ter ficado em casa. No entanto, não poderíamos mandá-la com toda a sua família."

"Meu Deus. Se você é uma avó, eu devo ser um velho esfarrapado", retrucou Suiren.

"Tenho três netos. Não posso sair por aí fingindo ser uma jovem mulher, não é mesmo?", disse Taomei. A maneira como enfrentou de frente a provocação de Suiren mostrava seu lado teimoso, talvez. Maomao pensou que podia quase ver faíscas voando entre as duas. Parecia que Jinshi tinha uma maneira de reduzir as mulheres ao seu redor apenas para as mais fortes e capazes. Maomao terminou sua avaliação prontamente e depois passou para as damas de companhia mais jovens.

"Meu nome é Chue."

"Sim, eu sei."

"Mas você pode me chamar apenas de Senhorita Chue. Como fazem os amigos!" Ela parecia completamente séria.

"Um... Certo", disse Maomao. Ela era especial, com certeza. Ela era nora de Gaoshun, o que também a tornava nora de Taomei. Uma jovem um tanto frívola para uma sogra tão rígida. Maomao se perguntou se elas se davam bem.

Com seu nariz parecido com um bolinho, olhos pequenos e pele bronzeada, Chue se parecia muito com seu homônimo, o pardal.

Ela não era exatamente bonita. Mas ao mesmo tempo... Agora que Maomao a via pela segunda vez, ela percebia que era difícil não achar Chue encantadora. Ela parecia mais adequada para vender mercadorias em uma barraca de rua do que servir ao irmão mais novo do Imperador.

"Chue é a esposa do meu filho", explicou Taomei.

"Sim, o Mestre Gaoshun me contou. Seu filho mais velho, não é?"

"Isso mesmo. Não Basen, mas Baryou. Embora eu gostaria que Basen se apressasse e se estabelecesse." Taomei tinha aquele mesmo olhar divertido no rosto como antes.

Parecia haver bastante coisa acontecendo nessa família de Gaoshun.

"Já que estamos no assunto, deixe-me apresentar meu filho mais velho", disse Taomei. Ela caminhou até uma cortina no canto da sala e a puxou para trás, revelando um homem pálido resolvendo problemas de Go.

Havia alguém mais aqui o tempo todo? Maomao nem mesmo o tinha sentido.

"S-Sim, mãe? Posso ajudar em algo?"

"Poderia ao menos dizer olá, Baryou."

"O-Olá?" Baryou se parecia muito com Basen, se ele fosse menor, mais magro e não tivesse visto o sol por pelo menos seis meses. "S-Sim, olá..."

Baryou mal olhou para Maomao, mas ele se curvou para o chão, segurando o estômago. Parecia doente, e Maomao estava prestes a correr até ele e cuidar dele, mas Chue chegou primeiro, empurrando Baryou sumariamente de volta atrás de sua cortina.

"Querida sogra, sinceramente acho que quando se trata de pessoas que ele está conhecendo pela primeira vez, precisamos começar com comunicações escritas, e depois que ele se acostumar com elas, podem falar com ele através da tela. Só largar alguém na frente dele assim cara a cara — bom, não há medicamento suficiente para o estômago no mundo para fazê-lo se sentir melhor!"

O que Chue estava dizendo era perfeitamente razoável — bem, não, de certa forma não era, mas parecia razoável.

"Sim, você sempre foi melhor em lidar com ele... Me parece que ele está muito pior do que costumava ser, porém."

Essa era uma relação peculiar que essa mãe e filha de criação tinham. Maomao não teria sabido que piada fazer mesmo se tivesse tido a chance.

"Você não acha que deveríamos ter deixado Baryou e trazido Maamei em vez disso?", disse Taomei.

"Sim, mas então quem cuidaria do meu filho?"

"Justo o suficiente. Você nunca teve interesse em criar crianças. Seria de grande ajuda para mim se você tivesse pelo menos mais um."

As oportunidades para piadas surgiam rápido e furiosas, mas Maomao suspeitava que se a zombaria começasse, nunca pararia.

Vamos resumir:

Esposa de Gaoshun, Taomei.

Filho de Gaoshun, Baryou.

Esposa de Baryou, Chue.

Todos eles muito...característicos.

Seria demais para Basen — aliás, tê-lo lá só tornaria as coisas ainda mais características. Maomao conseguia imaginar Gaoshun franzindo a testa tão claramente que era como se ele estivesse lá com eles. No entanto, seja como Basen havia arranjado uma viagem separada, havia sido a escolha certa.

Justo quando Maomao achava que isso era tudo o que havia de interesse nos exames e estava se perguntando se deveria sair, Suiren a cutucou.

"Sim, senhora?" ela perguntou. Virou-se para se deparar com um olhar tão amigável quanto um enxame de abelhas. Jinshi estava olhando para elas de trás de sua tela elegante.

Maomao tinha completamente esquecido qual era o motivo real de sua presença ali.

"Devo chamá-lo de Mestre Jinshi?"

Depois de um momento ele respondeu: "Sim."

Aparentemente, ele estava esperando atrás daquela tela o tempo todo. Ele finalmente espiou quando os exames das mulheres pareciam nunca terminar — mas mesmo assim, ela questionava seu julgamento por olhar quando as mulheres estavam sendo examinadas.

"Mas apenas aqui", Jinshi acrescentou. "Não use esse nome em nenhum outro lugar."

"Entendo, senhor. Mas os exames ainda estão..."

Suiren estava fazendo chá com um sorriso. Maomao tinha dito que não precisava de nenhum, mas aparentemente a outra pessoa ali precisava. Bem, os exames eram apenas uma fachada, afinal. Jinshi a chamou para trás da tela dobrável, e ela não teve escolha a não ser ir. Atrás da tela havia uma porta, e atrás da porta havia um quarto.

"Leve o seu tempo, então", disse Suiren, entregando o chá para Maomao. Nenhuma das outras damas de companhia as seguiu. Por sinal, o som de pedras sendo movidas podia ser ouvido de trás da cortina — evidentemente, Baryou havia retomado seus problemas de Go.

O quarto estava escuro; não havia janelas. Em vez disso, havia luz de velas tremeluzentes. Deve ter havido algum tipo de ventilação, porque apesar da ausência de janelas, parecia haver bastante ar no ambiente.

"Tranque a porta, por favor", disse Jinshi. Maomao colocou o chá de lado e trancou a porta obedientemente. Era uma porta de vaivém, não uma de correr, talvez refletindo a influência ocidental no design do navio. Ela colocou a bolsa que havia pegado do charlatão na mesa e tirou bandagens novas. Na verdade, foi Maomao quem havia arrumado a bolsa, então ela se certificou de incluir as bandagens, junto com pomada.

"Se quiser, então", disse Jinshi. Ele sentou-se na cama e tirou o sobretudo, como

sempre fazia.

"Sim, senhor. Com licença." Maomao limpou as mãos e então alcançou a lateral de Jinshi. Ela tocou a carne vermelha e elevada, e Jinshi deu um salto. "Parece que está progredindo bem."

"Estou começando a ficar enjoado dessa pomada."

"É preciso observar um pouco mais. Vou limpar, tudo bem?"

Maomao limpou a pomada antiga e aplicou a nova. Jinshi se contorceu um pouco — talvez ela estivesse o fazendo cócegas —, mas ele fazia a mesma coisa toda vez, então ela não deu importância, apenas continuou trabalhando.

Maomao tinha várias queimaduras em seu próprio braço, mas nunca tratou uma tão grave quanto a de Jinshi. Ela só conseguia avaliar a cicatrização, tentando lembrar o que Luomen havia feito.

Queria que Yao tivesse copiado algumas páginas sobre tratamento de queimaduras para o livro dela, pensou. Ela folheou o volume, mas não viu nada de imediato. Ela poderia pedir aos outros médicos, mas teria que ser cuidadosa para fazer isso sem despertar suspeitas de que Jinshi estava envolvido.

Depois que a pomada foi aplicada, ela trocou a bandagem, novamente como sempre fazia.

"Já terminou?"

"Já terminei", confirmou ela.

"Você não tem mais nada para conversar?"

Bem, não havia mais nada para tratar. Exceto talvez sua cabeça. A vida teria sido muito mais fácil se ela pudesse apertar os parafusos que ele claramente tinha soltos.

Claro, havia muitas coisas que ela queria dizer — seria rude dizer a ele, porém, que não havia nada sobre o que ela quisesse conversar?

Jinshi ficou em silêncio; aparentemente, ele estava tão sem ideias de tópicos de conversa quanto ela.

Maomao inclinou a cabeça, então disse: "Posso ser tão audaciosa a ponto de falar primeiro, senhor?"

"Por favor."

"Essa viagem para a capital do oeste. Quanto tempo você espera que dure?"

Ela não esperava que ele tivesse uma resposta exata para ela, mas estava se agarrando a palhas de conversa.

"Para ser honesto, eu não sei. Acredito que falamos sobre ser pelo menos três meses, não foi?"

"Sim, senhor. Outra pergunta, então. Sobre os méritos de me trazer nesta viagem. Tenho algum valor aqui além de tratar sua ferida?"

Jinshi não disse nada a isso, mas desviou os olhos.

Argh. Eu sabia.

"Você me usou para atrair o estrategista maluco, senhor?"

Houve outra pausa, e então Jinshi respondeu: "Isso ajudaria se eu dissesse que me sinto mal com isso?"

Maomao queria lhe lançar um bom olhar, mas se conteve. De jeito nenhum estou sendo paga o suficiente por isso!

Ela não podia acreditar. Eles teriam que lhe dar um álcool muito caro ou ela nunca aguentaria isso. Tudo o que ela tinha à mão, porém, era o chá que Suiren havia servido. Ela deu o primeiro gole, antes de Jinshi — sua pequena maneira de revidar.

"Você está pensando que não está sendo paga o suficiente por isso", disse Jinshi. Ele podia ser bastante perspicaz quando queria. Ele tirou um item embrulhado em pano das dobras de suas vestes e desenrolou para revelar uma pedra esbranquiçada-acinzentada.

"Isso é o que eu penso que é?!"

"Deveria ser. Você se importaria de confirmar?" Jinshi tirou uma agulha de uma gaveta ao lado da cama.

"Confirmar? Você quer dizer..." Maomao pegou a pedra. Parecia mais leve do que parecia. Muito leve, na verdade. Jinshi parecia estar lhe dizendo para investigar exatamente o que era. "Com prazer, senhor."

Maomao aqueceu a agulha na chama da vela e depois a enfiou na pedra clara. Produziu um cheiro distintivo.

"É real! Não que eu esperasse que você me trouxesse um falso, Mestre Jinshi. É âmbar verdadeiro!" Eles mal tinham partido e Maomao já havia conseguido sua lembrança para a velha senhora.

"Laka—ahem. Quero dizer, o estrategista tinha absolutamente que nos acompanhar nesta viagem."

"Foi um pedido da capital do oeste?" Maomao perguntou.

"Foi. Mas eu também queria obter a opinião dele sobre o lugar."

Então é isso que está acontecendo.

O estrategista era um maluco, lixo, e basicamente estabeleceu o nível mais baixo para a humanidade, mas quando se tratava de estratégia ele não tinha igual.

"Ouvi dizer que pode haver uma guerra", arriscou Maomao, olhando ao redor. Esperava que, sendo o quarto de Jinshi, tivesse sido devidamente à prova de som.

"O melhor a fazer não é ganhar uma guerra", disse Jinshi. "É não começar uma. Mas fazer o que é melhor às vezes é muito difícil."

Em outras palavras, o potencial de guerra estava muito em sua mente. Ela estava começando a entender por que os médicos haviam sido trazidos junto, gostassem ou não.

"Não acho que minha presença aqui vá tornar mais fácil lidar com o estrategista maluco. Meu pai poderia ser outra história."

Sim, Luomen parecia ter um jeito com o estrategista. Se ele fosse mais jovem, se seu joelho não estivesse ruim, ele poderia ter vindo com eles nesta viagem. Infelizmente, a vida não era tão simples, e foi o médico charlatão quem veio em seu lugar.

Ele nunca será um substituto para meu — hm? Maomao pensou sobre como Jinshi havia se comportado com o charlatão. Ele o elogiou, o fez se sentir bem. Para quem estava assistindo, na verdade, ele parecia extremamente bajulador.

Ele particularmente elogiou a barba recém-feita do charlatão. Conhecendo o charlatão, ele não deixaria aquela barba crescer de volta por um tempo. Além disso, Jinshi não usou o nome do charlatão em momento algum, mas insistiu em se referir a ele como "Mestre Médico". Quase ninguém mais a bordo conhecia o charlatão. E, presumindo que Maomao não usasse seu nome, ele não seria um charlatão — apenas mais um médico. Mesmo que suas características físicas provavelmente o entregassem como eunuco.

Então os médicos superiores foram convocados nesta longa viagem, e um deles era um eunuco. Um com quem Maomao era frequentemente vista.

De repente, ela queria bater na mesa.

Não, não posso fazer isso! Se acalme!

Ela foi dar outro gole no chá para se acalmar, mas percebeu que já estava vazio. Jinshi ofereceu sua própria xícara. Ela a pegou sem hesitação e bebeu tudo. Era feito parcialmente com ervas que tinham um efeito sedativo, talvez para ajudá-lo a manter suas emoções sob controle. Suiren era realmente algo, percebendo que eles precisariam de algo assim.

Maomao soltou um longo suspiro, então encarou Jinshi. "Você está tentando usar o mestre médico como dublê do meu pai."

"Você sempre é tão rápida para perceber as coisas. Poupa-me de ter que explicar." Ele a olhou da mesma forma que havia feito no palácio.

Luomen e o charlatão eram ambos eunucos, mas tinham aparências muito diferentes e não tinham nada em comum em termos de idade. Para aqueles que haviam ouvido apenas rumores, no entanto, tudo o que veriam era um médico eunuco — e havia apenas tantos deles. Eles nunca imaginariam que Jinshi traria deliberadamente o médico do palácio traseiro. Se esperassem alguém, seria Luomen, que havia emergido da humilhação para servir na corte real.

Esta era a razão pela qual eles mantiveram Maomao no escuro sobre os médicos escolhidos até o último momento.

“A capital do oeste — ou devo dizer, Sir Gyoku-ou — insistiu que Sir Luomen viesse. Você entende o que isso significa?”

“Não imagino que seja tão simples quanto eles terem um paciente que gostariam que ele visse?”

Luomen era um médico extraordinário; sem dúvida, havia muitas pessoas doentes na capital do oeste que poderiam se beneficiar de seus serviços. Mas parecia provável que algo mais estivesse acontecendo.

“Do meu ponto de vista, acho que eles podem estar sob a impressão de que isso manterá o estimado estrategista na linha. Claro, eu não dei uma resposta específica a eles. Se eles por acaso confundirem o mestre médico com Sir Luomen, isso é problema deles.”

O tom de autoridade na voz de Jinshi indicava que ele não era o seu habitual e um pouco patético eu, mas sim o irmão mais novo do Imperador. Um homem que poderia e iria usar pessoas como peões.

“Manter na linha, senhor? Acho que seria mais seguro dar sua mão a um verdadeiro raposo. Especialmente porque este homem Gyoku-ou — ele é o irmão mais velho da Imperatriz Gyokuyou, não é?” perguntou Maomao.

“Muitas pessoas assumem que podem fazer o que os outros não podem. Às vezes, eles ficam desesperados o suficiente para tentar qualquer coisa. No entanto, nem todo seguidor de um sábio é um sábio em si mesmo. Acima de tudo, não faltam países que foram colocados de joelhos pelos parentes de sua rainha.”

Um momento. Maomao sentiu arrepios. “Você deveria mesmo estar me contando isso?”

“Não estou te contando nada. Estou apenas falando de possibilidades.”

Sim, mas não de dúvidas.

Ao mesmo tempo, não ser informada de nada também teria irritado Maomao.

Jinshi levantou o dedo indicador e o apontou para Maomao. “Quando eles ficarem desesperados o suficiente para tentar qualquer coisa, quem eles vão alvejar?”

"Você está dizendo que sou uma fraqueza que poderia ser explorada?"

"Obviamente você é. E o antigo assistente do estrategista agora serve ao Sir Gyoku-ou."

Ele está falando sobre Rikuson.

"O Sir Gyoku-ou sabe sobre você, disso podemos ter certeza."

Rikuson teria que contar a eles, se perguntassem a ele. Ela estava começando a entender a seleção aparentemente maluca de Jinshi para sua comitiva nesta viagem.

"Você achou que eles viriam atrás de mim se eu ficasse na capital?"

"Novamente, é uma possibilidade. Você sabe quantos inimigos o estimado estrategista tem."

Isso deixou Maomao quieta.

"Eu suspeito que você seja muito mais conhecida do que jamais pensaria, e nem todos que te conhecem são tolos o suficiente para te ignorar."

Nesse ponto, ela teve que concordar com ele. Ela deveria ter pensado mais antes de se tornar uma assistente médica. Foi Jinshi quem providenciou a oportunidade para ela, mas sua vida poderia ter sido muito mais tranquila se o estrategista maluco não tivesse feito tanto alarde sobre si mesmo. Bem, lamentar o passado não lhe traria benefícios.

"Lahan será capaz de gerenciar as coisas, de alguma forma, por isso o deixei para trás. Também pedi ao Sir Luomen que aparecesse ocasionalmente no palácio traseiro. E, com todas as desculpas a você, precisei que você viesse comigo. Pensei que seria melhor para você em algum lugar onde o estrategista pudesse te ver. Não mais fácil, talvez, mas mais seguro."

"Você isso, 'você' aquilo." Justo quando ela pensava que ele finalmente havia começado a usar seu nome de vez em quando.

"Também aconteceu de ser muito conveniente para mim."

Seu filho da mãe! Maomao quase exclamou, mas em vez disso deu um gole de chá, respirou fundo e disse simplesmente: "É mesmo, senhor?"

Por mais que pudessem tê-la perturbado, as palavras de Jinshi mostravam que ele tinha feito o que fez considerando Maomao. Ele levou em conta sua teia de relacionamentos pessoais, as pessoas que ele precisava e onde ele precisava delas, e acima de tudo o que ele achava que seria melhor para a segurança dela.

"Designei um antigo amigo seu como guarda-costas do mestre médico. Um tal de Lihaku."

"Sim, senhor," respondeu Maomao friamente. Ela lançou um olhar distante para o âmbar gris.

Não tenho certeza se essa explicação me convence completamente. Ela recolheu os suprimentos de chá e fez menção de sair do quarto. Ela nem tinha tocado nos petiscos.

"Você não quer levar alguns petiscos com você, Maomao?" Suiren, sempre prestativa, tinha alguns quitutes assados todos embrulhados e prontos para levar.

Isso vai deixar o quack feliz, pensou Maomao, então ela disse: "Sim, obrigada." Ela pegou os petiscos, fez uma reverência respeitosa e saiu do quarto.

"Você tem certeza disso, jovem mestre?"

Suiren estava dizendo algo para Jinshi, mas Maomao ignorou.

"Oh, er..." Jinshi estendeu a mão, começando a dizer algo para Maomao, mas francamente ela já tinha tido bastante conversa por um dia. Fingindo que não tinha notado, ela saiu.

Gaoshun tinha retornado e estava esperando do lado de fora. Apoiador diligente que era, ele parecia sentir algo quando olhava para Maomao, pois sua testa se franziu, mas não havia nada que ele pudesse dizer. Maomao lhe deu um olhar interrogativo, mas decidiu voltar para o consultório médico.

Capítulo 17: Chue

Maomao escrevia diligentemente no relatório diário: três casos de enjoo, duas lesões, uma pessoa se sentindo mal.

"Meu Deus, tem sido movimentado", disse o charlatão, cuja ideia de trabalho era um exame rápido e distribuir algum remédio. Ele enxugou um suor mais ou menos inexistente da testa. Por alguma razão, ele parecia mais energizado do que no palácio traseiro.

Ele realmente tinha muito tempo livre, pensou Maomao.

Eles estavam vivendo no navio há vários dias. Algumas pessoas ainda não tinham se acostumado com o constante balanço, mas os casos de enjoo haviam diminuído no geral. Se o primeiro dia no mar parecia tranquilo, no segundo dia, os viajantes enjoados batiam à porta em massa.

"Certamente tem sido", disse Maomao. Ela estava acostumada ao consultório médico do acampamento militar, que via mais ação do que isso, mas o charlatão estava acostumado ao consultório do palácio traseiro — que via mais ervas daninhas do que pacientes — e deve ter parecido uma loucura para ele.

Eles haviam preparado bastante remédio para enjoo com antecedência, mas isso só ajudava a aliviar um pouco; quando se tratava daqueles que apareciam pálidos e enjoados, Maomao achava que o melhor tratamento era dar-lhes um balde e levá-los para uma área bem ventilada.

Não é de se estranhar que Lahan não esteja aqui. Ela achava que ele poderia estar, considerando que o estrategista excêntrico estava vindo — mas aquele mão-de-vaca sofria do pior enjoo. Ele poderia ser realmente útil nessa viagem, por mais que ela odiasse admitir, mas deve ter encontrado alguma desculpa para escapar. Além disso, ele era — independente do que ela pensasse dele — o próximo na linha de sucessão da família, então ele e o estrategista provavelmente não deveriam se ausentar de casa ao mesmo tempo.

Ela estava preocupada que o estrategista de alguma forma a notasse e viesse para o navio dela, mas até agora nada havia acontecido. Provavelmente ele estava de cama com enjoo.

"Agora, então, que tal um lanche rápido? Se não se importa, senhorita, vá chamar nosso amigo."

No momento em que não havia mais pacientes no consultório, o charlatão começou a preparar chá. O uso de fogo era fortemente restrito, então ele não podia ferver água. Tinha que ser servido frio.

Havia três xícaras — e três lanches. Comida de lanche era um luxo nos navios; essa era a que o charlatão havia recebido quando foi examinar Jinshi. Na verdade, todas as vezes desde então, lanches estavam disponíveis durante suas visitas, e cada vez ele voltava para casa com alguns como lembrança.

Acho que ele quer se revigorar. Maomao suspirou e abriu a porta do consultório médico.

"O que houve, jovem?" No corredor estava um homem pelo menos duas cabeças mais alto que Maomao — Lihaku. Ele havia sido designado como guarda-costas deles, e no momento segurava um grande peso em cada mão. Ele passava a maior parte do tempo parado, então parecia ter decidido aproveitar a oportunidade para se exercitar.

"É hora do lanche, senhor."

"Obrigado! Isso é uma ótima notícia." Ele colocou os pesos no chão e entrou no consultório, embora sua presença ali o tornasse significativamente mais apertado.

"Você não se importa com doces, certo, meu querido Lihaku?" perguntou o charlatão.

"Eu como qualquer coisa!" disse Lihaku.

"Bom, bom. Você coloca açúcar no seu chá?"

"O quê? Alguém faz isso?"

"Ouvi dizer que é o costume no sul."

"Muito interessante! Pode colocar bastante açúcar, por favor!"

Lihaku estava tão curioso sobre como essa bebida iria provar que estava prestes a colocar uma generosa porção do precioso suprimento de açúcar do navio em seu

chá. Maomao arrancou o açúcar de suas mãos. "Receio que não posso deixar você fazer isso. O açúcar é extremamente valioso."

"Oh, droga." O charlatão fez beicinho. Ele era um infrator habitual — Maomao teria que esconder o açúcar e o mel. Era uma coisa quando ele estava apenas matando tempo no palácio traseiro, mas em uma viagem onde seus suprimentos só podiam diminuir, ela precisava que ele exercesse algum controle.

Isso não era a única coisa...

Chá doce? Isso não pode ser real.

Maomao gostava de sua comida apimentada e de seu álcool seco — em outras palavras, ela não iria tolerar chá adoçado.

"Certamente um pouquinho não faria mal? O sabor fica tão fraco quando você faz com água fria", disse Lihaku, também fazendo beicinho.

"E se você moer as folhas de chá em um pilão? Isso as deixa mais saborosas", sugeriu Maomao.

"Ei, essa não é uma má ideia. Temos um pilão?"

"Temos! E talvez você possa cuidar do trabalho físico para nós?" aventurou o charlatão. O tagarela eunuco e o soldado amigável não poderiam parecer mais diferentes, mas logo se tornaram amigos. Lihaku foi a escolha certa para esse trabalho.

Ainda assim, havia a questão do charlatão, que involuntariamente havia sido transformado no sósia de Luomen. O que ele pensaria se algum dia descobrisse a verdade?

Acho que o silêncio é de ouro, pensou Maomao. Ela conhecia o charlatão e sabia que não seria bom para ele saber algo tão desagradável, de qualquer forma. Se ao menos Jinshi me tratasse da mesma maneira.

Ela rejeitou a ideia quase tão logo quanto surgiu em sua mente. Tinha certeza de que Jinshi lhe contou o que estava acontecendo porque achava que seria o melhor, e Maomao não podia negar que era mais fácil compreender as opções disponíveis para ela com mais informações. O belo irmão mais novo do Imperador era um homem bastante capaz. No mínimo, ele pensava racionalmente, agindo com base

em análises em vez de instinto. Era muito mais fácil aceitar as respostas que ele chegava, mesmo que não fossem perfeitas, sabendo que ele refletia sobre as coisas — mesmo Maomao não podia realmente reclamar.

Exceto por aquela marca estúpida.

Aquilo, ela ainda não podia acreditar.

Ela deixou aquele pensamento levá-la de volta à questão do charlatão. Estava zangada porque Jinshi o usou como isca? Ou—

"Não vai comer, senhorita?"

"Vou comer", disse Maomao, pegando um lanche. Era um pãozinho recheado com algo em conserva, uma boa maneira de garantir que durasse. Dava ao lanche um sabor bastante forte, mas quando combinado com o chá, era perfeito. Ela não pôde resistir a um pequeno "Hrm?!" enquanto comia; estava realmente bom.

"Não é nada doce", disse o charlatão, com o rosto abatido. Ele deu a primeira mordida esperando algo açucarado.

"Uau, isso é bom! Não parece grande coisa, mas esse negócio é potente!" disse Lihaku.

“Deveria estar. É um presente do próprio Príncipe da Lua”, respondeu o charlatão com um risinho, como se estivesse muito orgulhoso do fato — e aqui os lanches tinham sido tecnicamente dados a Maomao.

Maomao pegou mais chá e olhou pela janelinha. “Consigo ver terra”, disse ela.

“Ooh! Sério?” O charlatão veio e se espremeu na janela.

“Ouvi dizer que deveríamos atracar ao meio-dia, mas parece que estamos um pouco atrasados. Nada inesperado, no entanto”, disse Lihaku, conferindo um caderno para ter certeza. “Vamos ficar duas noites, depois partimos na manhã seguinte. Vai ser corrido.”

“Em qual navio está o velho rabugento mesmo?” perguntou Maomao.

“O velho rabugento está na embarcação principal”, disse Lihaku, que sabia exatamente de quem Maomao estava falando.

Ele pode tentar vir para cá quando o enjoo melhorar. Maomao franziu a testa. Se acabassem viajando no mesmo navio, mesmo que por acaso, não seria nada divertido.

“Não acho que você precise se preocupar com ele”, acrescentou Lihaku. “Assim que o velho desembarcar, ele terá um banquete para comparecer. Tem que fazer um pouco de diplomacia, já que tivemos todo o trabalho de trazer um membro da família imperial.”

“Ah, eu ouvi sobre o banquete. Eles vão precisar de um médico para acompanhar, mas como eu não vou, você também não precisa ir, senhorita”, disse o charlatão. Então ele lhes deu um olhar questionador e disse: “A propósito, quem é esse velho rabugento?”

Maomao estava distraída com outro pensamento e não respondeu. “Diplomacia? Claro.

“Claro. Quer dar uma olhada?” Lihaku puxou um mapa simples do caderno. Mostrava a costa junto com a rota do navio. “Estamos em uma terra estrangeira aqui, mesmo que eles sirvam Li”, disse ele. De fato, o mapa também incluía fronteiras. “A princesa deste país viveu no palácio traseiro alguns anos atrás. Ouvi dizer que ela foi dada em casamento.”

Sim, isso parecia familiar. Muito familiar.

“Ah, Consorte Fuyou”, disse o charlatão. “Ahem, bem, ela não é mais uma consorte.”

“Eu me lembro dela!” Maomao bateu palmas, sua memória despertada pela interjeição do charlatão. Era a mulher que tinha sido vista dançando nos muros do palácio traseiro.

“Você acha que a Srta. Fuyou estará lá também?” perguntou o charlatão.

“Hmm. Acho que não”, disse Lihaku. “Ela é a que foi dada a um soldado que se destacou com seu serviço, certo?”

“Acho que sim. Não tenho certeza se foi a coisa certa a fazer, no entanto — você não pode sair dando princesas para qualquer um, mesmo princesas de um estado vassalo”, disse o charlatão.

Se eu tivesse que adivinhar, diria que as autoridades sabiam muito bem que havia mais nisso do que aparentava.

Se o soldado fosse um velho amigo da Princesa Fuyou, havia uma boa chance de que sua família também fosse. Eles poderiam até ter sentido que, se Fuyou não pudesse cumprir seu papel no palácio traseiro, então quanto mais cedo ela saísse de lá, melhor.

“O problema é que também não podemos simplesmente mandar nossos melhores soldados de volta para seus países de origem”, disse Lihaku.

“Ah, sim, isso faz sentido.”

“Uma noiva do palácio traseiro... Se eu fosse receber uma recompensa por serviço distinto, acho que preferiria dinheiro”, continuou Lihaku.

“Devo dizer que estou surpreso, meu bom Lihaku. Você não parece do tipo que ama dinheiro.”

“Oh, todo mundo tem coisas nas quais gostaria de gastar.”

Como comprar a liberdade de uma cortesã cara, certo?

Maomao se perguntou qual era o salário atual de Lihaku. Ele parecia estar subindo constantemente nas fileiras, mas se não ficasse rico em breve, Pairin acabaria se tornando uma cafetina.

Maomao olhou pela janela novamente. Se não chegarmos à terra até a noite, acho que todas as lojas estarão fechadas.

Eles estavam em um país logo ao sul de Li, mas não podiam esperar desembarcar no momento em que o navio atracasse. Julgando pela altura do sol no céu, não teriam muito tempo para fazer compras. Se tivessem sorte, poderia haver um mercado noturno ou algo assim — mas lugares assim não costumavam vender os itens que Maomao procurava.

Geralmente são petiscos grelhados, ou espetinhos, ou frutas.

Claro, essas coisas eram divertidas, mas não eram o que ela queria. Ela esperava que pudessem ter algum tempo livre no dia seguinte.

“Alguém está vindo?” o charlatão perguntou ao ouvir passos distintos do lado de fora da porta do consultório. Pouco depois, houve uma batida. “Por favor, entre”, disse o charlatão, e Chue entrou.

“Olá! Desculpe a interrupção.”

"O que houve? O Príncipe da Lua está se sentindo mal?"

"Não. Tenho um favor a pedir, se tudo bem." Ela virou seus pequenos olhos para Maomao. "Nos pediram para emprestar um provador de alimentos para o banquete desta noite." Os olhos de Lihaku e do charlatão se juntaram aos dela.

Quero dizer, eu não exatamente desgosto desse trabalho. O que ela realmente não gostava era de estar no mesmo lugar que o estrategista esquisito. Ela estava tentando encontrar alguma maneira de recusar o pedido quando Chue tirou algo e mostrou a ela.

Maomao não disse nada. No entanto, não conseguiu evitar que seu olhar desviasse para o cogumelo que Chue estava segurando. Parecia ser um shiitake seco.

Hnngh...

Será que isso era um toque inteligente de Jinshi, ou de Suiren? Shiitake eram um luxo mesmo entre os cogumelos, raramente encontrados na natureza. En’en os usava em sua culinária de vez em quando, mas, de modo geral, eram praticamente inacessíveis para Maomao.

Se eu pudesse cultivá-los, pense no negócio que eu poderia fazer!

Sob o nome xianggu, eles também eram um remédio, usados para tratar anemia e pressão alta. Maomao poderia usar esse para fins medicinais, ou poderia reidratá-lo e usá-lo para adicionar um sabor extra à sua culinária. Poderia até transformá-lo em uma sopa ou caldo.

Será que essa dama de companhia, Chue, estava provocando Maomao? Após um rápido vislumbre, o cogumelo desapareceu de sua mão — apenas para reaparecer na outra. Então, desapareceu novamente — apenas para reaparecer com um segundo, e depois um terceiro. Era como se ela estivesse fazendo algum tipo de show de mágica.

"O que você acha?" Chue perguntou, tão educada quanto possível — mas estava claro que ela não aceitaria um não como resposta. Ela teve a decência de parecer constrangida com isso, mas faria o que tinha que fazer — ou melhor, faria Maomao fazer o que ela tinha que fazer Maomao fazer. Uma abordagem muito ao estilo de Jinshi.

"Tudo bem," disse Maomao após um momento. "Eu entendo."

"Então, isso é para você!" Chue prontamente produziu um conjunto de roupas, novamente aparentemente do nada, e entregou a Maomao. "É para você usar no banquete. Vamos te maquiar também!" Ferramentas de maquiagem, incluindo um pincel para blush, apareceram entre seus dedos com um estalo! como você veria no vilão de uma peça de teatro.

Ela é tão marcante, mal consigo suportar. Uma simples descrição como "a esposa do irmão mais velho de Basen" nunca seria suficiente para explicar essa pessoa. Ela se destaca mesmo entre todos os personagens ao seu redor.

A aparência de Chue poderia ser comum, mas talvez ela tivesse fortalecido seu eu interior para compensar. Talvez você tivesse que ser mentalmente forte assim para sobreviver com as poderosas mulheres Ma.

Acho que vou acabar sendo ofuscada aqui, pensou Maomao, se perguntando se deveria fazer algo para aumentar sua individualidade e acompanhar o ritmo. Por outro lado, ela pensou, não havia razão para se destacar deliberadamente. Terminar todas as suas frases com algum padrão de fala distintivo só iria irritar com o tempo.

"Dispenso a maquiagem, obrigada. Só os cogumelos, por favor."

"Se você tem certeza," disse Chue, um pouco desapontada com a reação muito comum de Maomao. Mesmo assim, ela entregou os cogumelos.

Agora eles me deixaram curiosa sobre quantas plantas medicinais trouxeram, pensou Maomao, olhando para seu prêmio.

Quando Maomao desembarcou, foi recebida pelo cheiro de peixe e pela agitação da atividade. Já estava anoitecendo e muitas das lojas estavam fechadas, mas ela podia ver algumas pessoas correndo de um lado para o outro tentando fazer compras de última hora.

"Tome cuidado!" gritou o charlatão, acenando um lenço do navio.

"Ela vai ficar bem — ela tem a mim com ela!" Lihaku gritou de volta.

Ele não deveria ser o guarda-costas do charlatão? Maomao pensou. Evidentemente, ela também fazia parte de seu mandato, até onde sabia.

As roupas que Chue lhe deu eram de tecido fino, mas despojadas e de cor simples. Um compromisso razoável para um provador de alimentos. O linho macio era agradável em sua pele, aqui nesta terra úmida.

Vou usar isso o tempo todo a partir de amanhã. Maomao tinha levado poucas roupas além das roupas íntimas, então isso veio na hora certa. Além disso, o material secaria rapidamente após a lavagem, muito conveniente. Ela tinha seu uniforme de ajudante médica, mas o tecido grosso o tornava inadequado para as condições abafadas.

Chue havia aproveitado várias outras oportunidades para perguntar a Maomao se ela não gostaria de um pouco de maquiagem, mas Maomao recusou consistentemente. Ainda assim, seria rude aparecer completamente de cara lavada, então ela aplicou um pouco de pó branqueador e um toque de rouge.

"Disseram que haveria uma carruagem esperando," disse Lihaku, olhando ao redor.

"Você acha que é aquela?" Maomao perguntou, apontando para uma carruagem parada em frente a um dos outros navios.

"Aquela? Já tem passageiros — não acho que haja espaço para nós." As pessoas estavam se amontoando.

Mulheres? As damas de companhia das pessoas importantes, supôs ela. Parecia haver tantas delas, porém.

Ela e Lihaku estavam ali, sem saber o que fazer, quando Chue apareceu. "Olá!"

"Caramba! De onde você veio?" Lihaku gritou. Ele não havia notado sua aproximação. Normalmente, seus passos distintivos a denunciavam, mas desta vez eles não ouviram nada.

"Há uma carruagem esperando por ali, toda pronta para vocês. Por aqui, por favor."

"Você é bem leve nos pés, senhora."

"A senhorita Chue é tão ágil quanto é discreta. Isso é o que a torna ótima! Sinta-se à vontade para me chamar de Senhorita Chue, a propósito." Ela sorriu, girou e fez uma pose sem sentido.

"Bem! Não me importo se o fizer, Senhorita Chue."

"Claro, Mestre Lihaku. A propósito, a Senhorita Chue é uma mulher casada, então deve recusar quaisquer avanços."

"Que pena. Você é do meu tipo. Se eu a tivesse conhecido antes de encontrar a mulher com quem estou destinado, definitivamente teria tentado algo com você."

O que era uma maneira de dizer que ela não era do tipo dele.

"É uma pena para você. Não se encontra muitas mulheres tão boas assim," disse Chue.

Ela simplesmente aceita tudo, não é? Com toda essa alegria — ela era um tipo de pessoa que Maomao não tinha ao seu redor até então. Enquanto isso, Chue havia de alguma forma puxado uma série de pequenas bandeiras das dobras de sua túnica.

Gostaria de fazer uma piada sarcástica, mas nem sei por onde começar, pensou Maomao, e então entrou na carruagem, ignorando a Chue, que parecia um pouco solitária.

Este país em que estavam situado ao sul de Li, chamava-se Anan. Era um vassalo há mais de um século; até o nome "Anan" não era seu nome original, mas fora imposto por um antigo imperador. O caractere "a" significava coisas como "segundo", "secundário" ou "inferior". O mesmo acontecia com Hokuaren, a coleção de países ao norte de Li. Esse nome significava, literalmente, a coleção — ren — de países inferiores — a — no norte — hoku.

Quem quer que tenha dado esse nome devia ser extremamente importante, pensou Maomao. E extremamente cheio de si, para impor a outro país um nome tão abertamente degradante.

Imagino que todos os outros países também devam ter seus próprios nomes para o nosso.

As pessoas do oeste tinham pele mais clara do que os linenses e geralmente eram altas. Assim, às vezes, chamavam os linenses de "macacos". Elas estavam falando a língua local e provavelmente achavam que não podiam ser entendidas — mal sabiam que o conhecimento básico de Maomao do idioma ocidental era suficiente para que ela entendesse que estava sendo insultada. Se a madame tivesse percebido que alguém a estava menosprezando, simplesmente sorriria e aumentaria os preços.

Acho que cada um faz isso com o outro.

Se você não queria que as pessoas o insultassem, não as insulte — mas Maomao estava menos preocupada com ser insultada e mais preocupada com se manter segura. Países eram realmente apenas grandes grupos de pessoas, então as relações entre países se resumiam, em última análise, a uma forma de relações humanas.

Quando Maomao desceu da carruagem, deu de cara com um enorme palácio. A laca vermilion era da mesma cor que em Li, mas o formato do telhado era sutilmente diferente. Era um pouco mais arredondado e pendiam lanternas, brilhando.

Um caminho totalmente branco atravessava o centro do palácio, passando por um jardim com palmeiras de moinho plantadas em pares ordenados.

"Por aqui, por favor," disse um homem que parecia ser um servo. Felizmente, ele falava a língua de Li, embora com um leve sotaque.

Não importa o que eu prefira. Eu sou apenas uma provadora de comida, pensou Maomao. Ela até considerou dizer isso em voz alta, mas Chue já estava trotando à frente, guiando Maomao, à sua maneira. Ela ainda fazia aqueles passos estranhos e ritmados. Maomao e Lihaku a seguiram obedientemente.

"Você pode usar esta sala," disse o servo, levando-os a uma porta. Chue prontamente entrou, dando uma rápida olhada ao redor. Ela estava acostumada com isso.

"Está tudo certo?" Lihaku perguntou, juntando-se a ela na sala e examinando a área.

"Está tudo bem. Às vezes, você encontra insetos ou cobras aqui no sul," respondeu Chue.

"Cobras?" Maomao perguntou. Seus olhos brilharam e ela se juntou alegremente à vigilância. "Alguma delas é venenosa?"

"Sim! Algumas."

"Há escorpiões por aqui?"

"Não, sem escorpiões."

Após uma busca cuidadosa que não encontrou insetos nem cobras, ambas pareciam profundamente desapontadas.

"Eu entendo sobre a jovem, mas por que você parece tão infeliz, Senhorita Chue?" Lihaku interveio calmamente, cuidadoso ao usar a forma de tratamento preferida de "Senhorita Chue".

"Bem, não seria mais interessante se houvesse algo aqui?"

Então Chue não apenas gostava de se destacar—ela era do tipo que preferia quando as coisas eram animadas. Maomao começava a entender como ela tinha acabado na casa cheia de personagens de Gaoshun. Ao mesmo tempo, ela estava um pouco assustada ao contemplar como Chue e sua sogra deviam se dar.

Chue começou a fazer chá. A garrafa estava evidentemente cheia de água fria, pois estava suada—um sinal de respeito pelos visitantes. A água fria devia ter sido buscada muito recentemente.

"Não se preocupe. Eu posso cuidar disso," disse Maomao. Ela imaginou que Chue devia estar ocupada.

Ela alcançou os suprimentos de chá, mas Chue disse: "Está tudo bem, estou fazendo um pouco para mim também. Vou ficar com você esta noite, Senhorita Maomao." Ela trabalhava com movimentos tão rápidos que não havia espaço para Maomao participar. "A Senhora Suiren expressou suas preocupações sobre uma jovem solteira estar sozinha com um homem, mesmo que ele seja seu guarda-costas, então aqui estou eu. Estarei de olho em você!"

Maomao e Lihaku se entreolharam—e então, em uníssono, disseram: "Hah! Acho que não."

"E nem eu. Mas quando a grande senhora dá uma ordem, você obedece. Além disso, você já conheceu minha sogra. Acho que a lido muito bem, mas é exaustivo estar com ela a cada minuto. Você também conheceu meu marido—você acha que ele alguma vez me defende? Posso te garantir que não me importo de deixá-lo com ela e tirar um descanso de vez em quando."

Com isso, Chue se jogou no sofá e tomou um gole de seu chá. Ela parecia absolutamente relaxada. Ela até pegou um dos lanches, uma espécie de biscoito de arroz, e começou a mastigá-lo.

Maomao e Lihaku decidiram que não havia razão para não se sentirem à vontade também. Lihaku, parecendo sem ter o que fazer, encontrou um poste no canto da sala e começou a fazer flexões.

Cérebro de músculo, Maomao pensou. Ela se sentou em uma cadeira e também começou a beber. Enquanto isso, ela retomou a leitura do livro que Yao havia dado a ela.

“Enquanto temos um minuto, gostaria de explicar como vai ser o banquete,” disse Chue. Ainda tinha migalhas nos lábios, mas aparentemente estava com disposição para trabalhar.

"Por favor, faça," disse Maomao.

Chue recostou-se, tão confortável como se estivesse em sua própria casa, e disse: “Você e eu vamos cuidar da degustação de alimentos, Senhorita Maomao. Para o Príncipe da Lua e o Grande Comandante Kan. Há alguns outros figurões por aí, mas eles fizeram seus próprios arranjos.”

Chue supostamente pertencia ao clã Ma, mas, para surpresa de Maomao, ela também fazia degustação de alimentos.

“Vou ficar com o Príncipe da Lua, se me permite,” disse Maomao. Nenhum dos dois era, sabe, ótimo, mas ele era o menor dos dois males.

“Certamente. Acho que o Grande Comandante Kan parece muito mais interessante.”

Seja qual for o seu raciocínio, Chue ia lidar com o estrategista excêntrico, e por isso Maomao estava feliz

“Na maior parte, vamos fazer a degustação de alimentos de forma praticamente igual ao que é feito nas festas no jardim e coisas do tipo, então acho que não preciso te explicar como funciona. No entanto, esta é uma ocasião diplomática, então estaremos escondidos atrás dos assentos enquanto trabalhamos.”

"Faz sentido."

“Tente apenas sentir as coisas de lá.”

Isso é meio relaxado. Ou, bem, acho que é mais apenas sem direção.

É claro, seria mais fácil do que ter que fazer tudo pelo livro.

No início, ela parecia mais com En’en, mas estava começando a sentir que tinha mais em comum com Maomao. Se algo, Maomao provavelmente era mais diligente sobre o que estava acontecendo ao seu redor.

“Isso conclui a explicação! Tenho certeza de que eles nos chamarão quando for a hora, então podemos fazer o que quisermos até lá. Dispensados!”

“Tudo bem.”

“Claro!”

Com isso, eles retomaram fazendo o que quisessem.

Capítulo 18: O Banquete de Anan

Mesmo quando se falava a mesma língua, as diferenças culturais ainda podiam ser enormes. Os banquetes ananeses acabaram parecendo muito diferentes dos linenses.

Situada ao sul de Li, Anan era bastante quente— na verdade, muito quente. O som de tambores e flautas preenchia o ar, um ruído mais leve e alegre do que a música de Li. Tapetes eram estendidos ao ar livre, e as pessoas se sentavam neles—não havia cadeiras, mas sim almofadas brilhantes eram fornecidas para se sentar. A comida, da mesma forma, não era servida em uma mesa, mas sim em cima de um tapete, e em vez de cada pessoa ser servida individualmente, todos comiam de grandes pratos comuns. O álcool vinha em potes com formatos únicos, e era distintivo por sua cor brilhante.

A comida era preparada por mulheres, todas elas vestidas de forma escassa. Elas usavam saias que mal eram mais do que pano colorido envolto em suas cinturas, enquanto suas blusas tinham mangas curtas. Os sinuosos potes de álcool pareciam quase feitos para complementar os corpos curvilíneos das mulheres.

Havia muitos cabelos pretos ao redor, mas poucos deles eram lisos. Os tons de pele variavam de marfim a cor de mel, e muitas pessoas tinham rostos robustos. Maomao recordou que Fuyou, a antiga concubina do meio, tinha características faciais muito parecidas com as de alguém de Li. Talvez ela tivesse sido enviada ao palácio traseiro exatamente por essa razão.

Os soldados que haviam sido convocados para participar do banquete não conseguiam parar de observar as dançarinas e garçonetes sedutoras.

“Elas simplesmente caminham diferente, não é mesmo!” Chue disse para Maomao, balançando os quadris demonstrativamente. Ninguém a viu—os provadores de comida trabalhavam atrás de uma cortina. “Acho que vou comprar uma daquelas roupas amanhã e dar um pouco de tentação ao meu marido.”

“Ele gosta desse tipo de coisa?” Maomao perguntou, imaginando Baryou, que parecia uma versão pálida e magra de Basen. Ela tinha que admitir, não conseguia deixar de se perguntar como era a vida de casada deles.

“De jeito nenhum,” disse Chue sem rodeios. Parecia que ela só queria vestir mesmo.

Eventos como esse em Anan claramente eram menos formais do que jantares amigáveis; ainda assim, as pessoas importantes o suficiente para precisarem de provadores de comida sentavam-se em um estrado elevado com uma linda mesa baixa e bandejas com pés. O trabalho de Maomao era retirar comida de uma

bandeja, uma peça de cada vez, e provar para garantir que não estivesse envenenada. A cortina parecia destinada a esconder o fato de que ela estava fazendo isso, mas também convenientemente escondia o fato de que os provadores de comida estavam conversando entre si.

“Há muitos rostos comuns na família real aqui,” comentou Chue impertinentemente. “Acho que é natural. Todos esses casamentos políticos certamente introduziram muito sangue estrangeiro.”

Isso respondeu à pergunta de Maomao—parecia que Fuyou tinha uma aparência relativamente linense porque tinha uma boa quantidade de herança de Li. Tais casamentos eram uma maneira comum para dois países fortalecerem seus laços, tornando-se família. Alternativamente, um país governante poderia buscar diluir a linhagem de um estado vassalo com essa tática.

Tudo parece pacífico aqui, mas estou começando a me perguntar se talvez Anan não goste muito de Li.

Ela não conseguia parar de pensar nisso. Afinal, o povo de Anan sabia que o próprio nome Li dado ao país deles era para zombar deles.

Maomao espiou por uma abertura na cortina a pessoa que parecia ser esmagadoramente o alvo mais provável de qualquer ressentimento. Jinshi estava sentado segurando uma xícara de álcool e sorrindo. De trás, ela só conseguia ver o perfil do rosto dele, mas a cicatriz em sua bochecha direita parecia mais vermelha e proeminente do que o normal, talvez por causa do calor.

Jinshi tinha seu sorriso diplomático. Ele tinha sido servido com uma porção generosa de álcool, mas havia poucos sinais de que ele tinha bebido alguma coisa. Maomao conseguia ver servidores à beira de sua visão, pairando e observando atentamente por qualquer xícara vazia.

Não seria fácil se aproximar dele, né?

Eles continuavam lançando olhares furtivos para Jinshi, mas ele parecia ter um servidor designado, e não era qualquer um que podia se aproximar para lhe trazer algo.

“Aqui está,” disse uma voz suave—era Gaoshun, passando comida através da abertura na cortina. Eventualmente, ela chegaria a Jinshi, mas somente depois que Maomao provasse.

Este prato era costelinhas de porco reluzentes. Cuidadosamente, Maomao deslizou um palito de prata pela superfície. Ela verificou se não ficou turvo e, em seguida, começou a retirar o osso e a dividir a carne em várias fatias de tamanho aproximadamente igual, que colocou em um pequeno prato.

Ela provou a comida. Estava um pouco doce, talvez cozida com frutas. Tinha o sabor nítido e fresco de tangerina.

Muito bom, ela pensou. Engoliu sua amostra e resistiu à vontade de dar mais uma mordida. Ela estava trabalhando agora: não ficaria bem comer mais.

“Muito bom!” pronunciou Chue, que estava devorando. Ela já havia ultrapassado o ponto de provar para envenenamento.

“Srta. Chue, e quanto ao seu trabalho?” Maomao perguntou.

“Eu cheguei, e não há nada de errado com isso! É bastante delicioso.” Ela colocou a mão na bochecha, mas era óbvio que ela estava apenas comendo naquele ponto.

Se apenas Hongniang, Sazen ou o irmão de Lahan estivessem aqui agora, Maomao pensou, pensando nos três melhores sarcásticos que ela conhecia. Era muito trabalho inventar respostas sarcásticas para tudo o que Chue fazia sozinha. Ela teria apreciado alguma ajuda.

Maomao passou o prato provado adiante, indicando que ele havia atendido à sua aprovação. Foi Gaoshun quem realmente pegou o prato e o deu para Jinshi.

Em contraste, foi o ajudante do estrategista que teve que pegar o prato de Chue, com quase nada restante nele, e entregá-lo ao seu superior. Era o mesmo homem que estava com o estrategista quando ele se envenenou com seu próprio suco.

Por um longo momento silencioso, o ajudante olhou para o prato. Então, olhou suplicante para Chue.

“Pode ir em frente,” ela disse. “Não tem veneno!” Alguma gordura ainda reluzia ao redor de sua boca.

O homem não teve escolha a não ser levar o prato atribulado para o estrategista. Quando o próximo prato chegou, eram mais costelinhas de porco.

“Uma garota gostaria de um pouco de variedade!” Chue disse com um suspiro, polindo um novo par de palitos de prata

Algo diferente veio para Maomao—três coisas de uma vez, na verdade. “Parece muito,” ela disse para Gaoshun, que trouxera o prato. Ela não queria soltar esse pensamento, mas acabou saindo mesmo assim.

A testa de Gaoshun se franzia. “É do convidado honrado ali,” ele disse, parecendo que não estava falando por vontade própria. Do outro lado da cortina, o estrategista excêntrico acenou.

“Sirva-se, Srta. Chue,” disse Maomao.

“Bem! Não me importo se eu fizer isso.” Chue cavou—quer dizer, começou a provar para envenenamento—sem um segundo convite.

O estrategista excêntrico poderia ficar desapontado, mas o trabalho de Maomao era provar a comida para ver se havia veneno, não comer outras coisas até ficar cheia.

Este pode ser um jantar sofisticado, mas Jinshi estava realmente aqui para conduzir a diplomacia. Ele tinha o sorriso mais suave e estava falando e rindo. Ele comeu apenas uma desculpa modesta para uma refeição, então Maomao não teve muito o que fazer.

Se Jinshi fosse uma mulher, sua aparência poderia ter derrubado um país—e quando se tratava de diplomacia, era uma arma que ele poderia usar a seu favor

Se nada mais, ele sabe como lidar com as pessoas. Mesmo que a aparência tenha perdido o brilho rapidamente quando você chegou ao seu círculo íntimo.

O outro VIP estava fazendo consideravelmente menos trabalho. O estrategista excêntrico beliscava as sobras de Chue, engolindo não álcool, mas suco. Parecia que alguém estava tentando falar com ele, mas ele não parecia interessado. Ele continuava dando pequenas olhadas para tentar ver Maomao.

“Talvez não seja da minha conta, mas você não acha que poderia tentar ser um pouco mais legal com ele?” Chue perguntou com a boca cheia de frango.

“Você sabe o que acontecerá se eu der a ele uma polegada?” Maomao praticamente cuspiu.

Chue inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos como se estivesse tentando imaginar. “Algo muito interessante, eu suspeito.” Ela parecia gostar da perspectiva—bem, ela não seria a que estaria no meio disso.

Eu gostaria que esse jantar terminasse logo. Maomao suspirou e pegou o próximo pedaço de comida.

Apesar de todos os seus desafios, o jantar eventualmente chegou ao fim. Tenho certeza de que não havia nada engraçado em nada disso, pensou Maomao. Como provadora de comida, também fazia parte do seu trabalho ficar de olho em sua

saúde após a refeição. Um veneno de ação lenta poderia levar de várias horas a vários dias para aparecer. Ela ainda tinha espaço no estômago, mas queria esperar e ver como se sentia por um tempo antes de comer qualquer outra coisa.

“Ufa! Eu não conseguiria comer mais nada!” Chue disse, esfregando sua barriga protuberante. Até o amargo fim, ela mais aproveitou do que provou a comida do estrategista.

Agora, tudo o que tinham que fazer era voltar para seus quartos para a noite. Eles tinham permissão para fazer compras no dia seguinte, e Maomao até estava ansiosa por isso.

Então, a noite do banquete terminou sem incidentes. Sim, aquela noite foi tranquila...

Capítulo 19: O Charlatão Desaparece

A luz do sol abriu as pálpebras de Maomao, e ela ouviu os pássaros cantando lá fora.

“Hm... Mmm...”

Ela abriu os olhos lentamente e se espreguiçou. A cama era macia e cheirava bem, e como estavam em terra firme, ela nem balançava. Sentia que tinha tido seu primeiro sono profundo em muito tempo.

Isso é Anan, certo? pensou, tentando lembrar onde estavam através da névoa de um cérebro recém-desperto.

Quando saiu da cama, encontrou o café da manhã, composto por mingau de arroz e uma variedade de pratos relativamente sumptuosos na mesa. Ela também viu que Chue já estava comendo.

“Você é pontual”, comentou.

“Sim. A senhorita Chue é uma madrugadora—caso contrário, sua sogra fica brava. Vamos, tome café da manhã!” Ela continuou enchendo a boca de comida. A riqueza dos pratos sugeria que eram sobras do banquete da noite anterior—exceto que Maomao não reconheceu nenhum deles. Aparentemente, os convidados eram convidados e não deviam ser servidos com sobras.

“Não preciso de muito”, disse Maomao, colocando um pouco de vinagre no mingau e começando a comer. Na superfície, parecia um café da manhã bastante comum ao estilo Li, mas o inconfundível sabor de molho de peixe no vinagre a lembrava de que estava em outro país.

Apesar da impossibilidade de acompanhar os comentários necessários, Maomao não precisava ter um comportamento especial ao redor de Chue, então não se preocupou em comer delicadamente. Quando terminou o café da manhã e estava escovando os dentes, a porta se abriu com um estrondo.

“O que houve?” perguntou ela.

“Senhorita!” disse o guarda-costas de Maomao, Lihaku. Ele parecia ligeiramente angustiado. “Fui informado há alguns minutos que aquele simpático velho doutor não está no navio.”

“O quê?”

Por que o charlatão estaria desaparecido?

Alguém o sequestrou?

O motivo principal de o charlatão ter sido trazido era para ser um sósia de Luomen. Lihaku deveria ser o guarda-costas do charlatão também, mas no momento ele estava com Maomao. Havia outros soldados estacionados no navio, no entanto, raptar o charlatão não deveria ter sido uma tarefa fácil.

“Não entendo o que você quer dizer. Quero dizer... Por quê?”

Maomao segurou a cabeça com as mãos; Chue parecia muito intrigada.

“Seu palpite é tão bom quanto o meu”, disse Lihaku. “Vou voltar ao navio para ver o que está acontecendo. E quanto a você, senhorita?”

“E quanto a mim?” disse Maomao. Ela não podia simplesmente andar por aí sozinha. Alguém precisaria saber para onde ela estava indo...

“Tudo bem, já ouvi a história”, disse, de todas as pessoas, Chue. “Isso cheira a mistério! Não se preocupe—já fui e consegui permissão.” Ela piscou para eles, com os dentes brilhando.

“Como você já conseguiu fazer isso? Acabamos de descobrir isso”, disse Maomao, infelizmente escolhendo a resposta mais comum e menos interessante. Ela sabia que poderia ser um bom momento para uma resposta engraçada, mas tinha a sensação de que se começasse a lidar com isso, nunca pararia, então deixou a oportunidade passar.

“Simples. Disseram-me que se você fosse para fora, o senhor Lihaku e eu poderíamos ir com você. E como achei que você não teria nada além de tempo livre hoje, fui e consegui permissão para você sair. Se você ficasse aqui o dia todo, a senhorita Chue teria que ficar com você, e então perderíamos a chance de ver Anan, e eu teria que ficar aqui me preocupando se minha sogra poderia aparecer para uma visita.”

Em outras palavras, ela estava pronta e ansiosa para se ausentar o tempo todo.

Ei, se vão me deixar ir, eu poderia muito bem aproveitar.

A prontidão de Chue acabou sendo bastante útil.

“Se está tudo bem, acho que vou começar voltando ao navio”, disse Maomao, olhando para Lihaku em busca de confirmação.

“Claro. Eu imaginei que você faria isso, senhorita; é por isso que eu te contei. No que me concerne, não há problema, mas...” Ele desviou o olhar.

“Mas o quê?”

“Bem, quando eu estava conversando com o mensageiro, fui visto por... alguém que eu preferia não ter sido visto.”

“Alguém que você preferiria...”

Com crescente apreensão, Maomao olhou na direção da entrada da sala. Chue se aproximou da porta e a abriu.

“Caramba!” disse um espião lunetado.

“Bom dia, senhor”, disse a senhorita Chue, embora seu cumprimento fosse puramente por formalidade.

“Bom dia! Maomaoooo! Que tempo adorável estamos tendo, não é?”

Ela não disse uma palavra, apenas lhe lançou o olhar mais escarnecedor possível.

“Então! Ouvi dizer que você vai sair! Talvez o papai deva ir com você!”

“Por favor, não.” A expressão de Maomao era como gelo, mas não conseguiu diminuir o ânimo do estrategista excêntrico.

“Todas aquelas lojas! Oh, o que devo comprar para você? Algumas roupas? Um adorno de cabelo? Oh! Ou talvez você gostaria de algum remédio bom!”

Ele, como sempre, não estava ouvindo-a.

“Senhorita Maomao,” disse Chue, cutucando-a. “Não parece que podemos impedi-lo de vir conosco. Por que não cedemos e deixamos a carteira legal vir junto?”

“Carteira? Acho que teríamos sorte se ele tivesse duas moedas para esfregar uma na outra.” Maomao teve a nítida impressão de que era típico Lahan ou alguém assim quem lidava com quaisquer assuntos financeiros para o estrategista.

“Bem, então vou pegar o assistente. Ele deve ter a bolsa.” Com isso, Lihaku foi chamar o homem.

“Mestre Lihaku! Espere!” Maomao chamou atrás dele.

“Maomaaaooooo! Ah, espero que tenham muitos remédios! Temos que encontrar uma lembrança para o meu tio honrado também.” Os olhos de raposa se arquearam animadamente.

“A bolsa! Precisamos de dinheiro. Será preciso tempo para deixá-lo aqui”, disse Chue. “Se o mestre médico estiver em apuros, não temos um momento a perder. Além disso, quero um pente de cabelo com coral de Anan.”

“Você está sempre pronta para se aproveitar, não é, senhorita Chue?”

Chue era uma pessoa muito amigável, que seja dito.

“Tenho que estar! A renda do meu marido não é estável o suficiente para outra coisa. Quando nos casamos e até mesmo tivemos um filho, ele ainda estava estudando para os exames do serviço civil. Uma vez que os passou, pensei que estávamos seguros, mas então ele não se deu bem com seus colegas e se

aposentou. Pelo menos, suas conexões finalmente conseguiram um novo emprego para ele. Mas tudo isso significava que a senhorita Chue teve que começar a trabalhar quase assim que o bebê nasceu."

Chue agitava uma sequência de pequenas bandeiras enquanto falava. Certamente não parecia alguém que estava passando por tantas dificuldades assim, mas, bem, quem sabe?

"Aliás, desde que meu marido conseguiu o novo emprego, tenho sido pressionada a ter o próximo filho. Claro, vai a lógica, talvez meu cunhado acabe como chefe da família, mas quem sabe se ele vai produzir um filho? Acho que a grande dama está apenas intimidando sua nora."

"Não posso dizer que não vejo o ponto dela."

Se Basen realmente estivesse garantido para herdar, então era compreensível se preocupar com herdeiros, dada sua atitude distintamente tímida em relação às mulheres.

Até mesmo as coisas com a ex-consorte Lishu poderiam acabar se ele não tivesse cuidado com o que fazia. Maomao pensou na infeliz princesa que tinha ido para um convento no ano anterior.

O que Basen estava fazendo naquela rota terrestre separada?

A conversa de Maomao e Chue terminou quando Lihaku retornou. "Tudo bem! Eu o peguei!" ele gritou. Ele tinha a bolsa—quer dizer, o ajudante do estrategista excêntrico—com ele.

Quando voltaram para o navio, encontraram-no estranhamente silencioso. Talvez todos tivessem saído. Os marinheiros estavam se certificando de que tudo estava em ordem, enquanto os limpadores, um grupo de mulheres de meia-idade vestidas com roupas masculinas, removiam o lixo dos quartos, varriam o convés e poliam diligentemente todas as superfícies do navio. Os limpadores também preparavam as refeições dos viajantes, e a maioria parecia ser parente dos marinheiros.

"Maomao! Não percamos muito tempo fazendo o que temos que fazer aqui—devemos ir às compras!"

Um velho irritante tagarelava sobre algo, mas Maomao o ignorou. O punhado de soldados restantes a bordo se afastou no momento em que viram o estrategista, ansiosos para não se envolver no que quer que ele estivesse fazendo.

“Aqui”, disse um dos soldados que havia sido designado para guardar o charlatão—o homem que havia informado Lihaku de seu desaparecimento.

“O que diabos você estava fazendo?” perguntou Lihaku, que parecia conhecer o homem, dando-lhe um tapa nas costas.

“E-eu sinto muito. Só tiramos os olhos dele por um momento, enquanto estávamos trocando a guarda, e ele desapareceu. Então tentamos entrar no consultório médico...”

Maomao tentou abrir a porta do consultório, mas ela não se abriu. “Está trancada”, observou.

Com todos os medicamentos lá dentro, a porta precisava estar trancada para impedir que alguém entrasse e se servisse dos suprimentos. O consultório sempre era mantido trancado quando não havia ninguém lá.

“Tentei dar uma olhada, mas não vi ninguém lá dentro, então, como o médico não deu nenhum sinal de que estava voltando, achei que deveria contar a você.” O soldado baixou a cabeça.

“Tudo bem, entendi. Você disse que estavam trocando a guarda. Vá chamar o cara que estava de serviço antes de você.”

“Sim, senhor!” O soldado saiu correndo.

“Um quarto trancado! Isso cheira a mistério”, anunciou Chue com alegria.

“Para onde o velho teria ido?” Lihaku refletiu.

“Se tivermos sorte, ele só adormeceu em algum lugar”, disse Maomao. Ela tinha uma chave reserva, então abriu a porta—mas o charlatão não estava no quarto. “Nada muito incomum aqui”, disse ela. Se houvesse algo fora do comum, era que as roupas de dormir do charlatão estavam jogadas na cama em um monte.

“Não parece ser uma pessoa muito organizada, imagino”, disse Lihaku.

“Não sei. Isso não é o que ele normalmente faz com o pijama.”

Ele podia jogá-los de lado por um momento, mas com certeza os dobraria depois. Ele podia ser incompetente, mas não era incivilizado.

No canto do olho, Maomao viu o estrategista excêntrico estendendo a mão para o armário de remédios, então ela deu um tapa na mão dele. Ela teria jurado que ele pareceu feliz com isso—mas isso a fez se sentir mal, então ela ignorou. O ajudante inclinou a cabeça repetidamente em direção a ela, pedindo desculpas.

"Se eu fosse o charlatão, e estivesse com pressa..." Maomao murmurou. Ela tentou imaginar o que ele faria depois de ter se levantado de manhã e trocado de roupa. Eles haviam passado os últimos dias vivendo suas vidas com apenas uma cortina entre eles, então ela tinha uma boa ideia do que o motivava.

"Ele provavelmente foi ao banheiro", disse ela.

O banheiro ficava na proa do navio. A falta de equipamento de um eunuco tornava a necessidade de urinar mais frequente. Era possível que o charlatão tivesse acordado e precisado urgentemente usar o banheiro, então ele teria se livrado do pijama às pressas. Na noite anterior, havia comida requintada a bordo dos navios, assim como em terra, e havia uma boa chance de que álcool tivesse sido servido. Era impressionante que o charlatão até mesmo tivesse se lembrado de trancar a porta em sua ressaca.

"Acho que deveríamos tentar o banheiro", disse Maomao. Eles seguiram a rota mais rápida do consultório até o banheiro, passando por uma das limpadoras enquanto iam. Ela estava ocupada trabalhando perto do fogão, tentando remover uma mancha teimosa, talvez óleo que havia saltado de uma panela.

Eventualmente, chegaram ao banheiro na proa do navio, mas não encontraram o charlatão lá.

"Estamos bastante certos de que ele não caiu, certo?" disse Lihaku, e ele estava principalmente brincando—mas era verdade que o vaso sanitário era um buraco que simplesmente deixava os resíduos caírem diretamente no mar.

"Não, ele não caiu. Com a cintura dele, ele só ficaria preso", disse Chue.

Maomao não disse nada, mas cruzou os braços e inclinou a cabeça. No canto do olho, ela podia ver o velho petiscando algumas frutas secas, mas decidiu ignorá-lo. Seu ajudante estava oferecendo chá a ele em um tubo de bambu.

“O que houve, Senhorita Maomao?”

“Estava apenas pensando... O mestre médico poderia ficar preso, mas e quanto a algo que não ficaria?”

“Como?”

Maomao tirou a chave do consultório médico das dobras de suas vestes. “E se ele estivesse com sono e com pressa, e deixasse isso cair? Parece uma possibilidade, não é?”

“Caramba!” foi a reação de Chue.

“Sabe, com aquele cara, eu consigo imaginar”, disse Lihaku. Nenhum deles contradisse Maomao.

Sem a chave, o charlatão não conseguiria entrar de volta no consultório.

“Com licença”, Maomao disse a um dos marinheiros.

“Sim? O que foi?”

“Você não viu o mestre médico por perto do banheiro esta manhã, viu? Talvez agitado?”

O marinheiro olhou para ela, confuso, e depois chamou alguns dos seus colegas. Um deles bateu palmas. “Não sei se era o seu médico ou não, mas eu vi um homenzinho gordo com muita pressa. Ele estava atrapalhando a limpeza do convés, então disse a ele para ir para outro lugar.”

“Você sabe para onde ele foi?”

“Hmm... Bem, ele iria atrapalhar a limpeza em qualquer lugar abaixo do convés, então eu disse a ele que poderia ficar no convés, só depois que eu terminasse de esfregar.” O marinheiro apontou para o cais. Nele, havia um baú de madeira, e nisso Maomao conseguia facilmente imaginar um médico charlatão, sentado e parecendo bastante desanimado.

“Mesmo que ele tenha pensado em tentar entrar em contato com você para pedir emprestada sua chave, senhorita, a maioria dos soldados estava ausente”, disse Lihaku. O médico tímido teria tido dificuldade em parar um dos marinheiros obviamente ocupados para pedir um favor—e suas dúvidas só teriam sido aumentadas pela culpa de ter perdido a chave em primeiro lugar.

Maomao sentou-se no baú onde imaginava que o médico charlatão tinha se sentado. Marinheiros e limpadores se moviam freneticamente pelo cais. Enquanto Maomao estava ali, apenas olhando ao redor, vários deles lhe lançaram olhares sujos: ela definitivamente estava no caminho.

Entendo por que todos os soldados foram embora.

Seria extremamente desconfortável estar no navio naquele momento. Sem dúvida, os homens de guarda nos corredores tinham sido alvo de muitos olhares reprovadores dos limpadores, que os viam como meros obstáculos. Não é de admirar que o guarda não tenha esperado a chegada de seu substituto antes de deixar seu posto.

“Para onde ele poderia ter ido?” murmurou Maomao.

Enquanto ela estava ali, olhando para o horizonte, uma das limpadoras, uma mulher de meia-idade gordinha, se aproximou rapidamente dela e de seus companheiros e disse: “Vocês não seriam os ajudantes extras, seriam?”

“Não. Parece que somos?”

Se fosse apenas Maomao e Chue, poderia fazer sentido, mas Lihaku estava ali mesmo. Sem mencionar o velho e seu ajudante—o primeiro dos quais tinha começado a subir no mastro, o último dos quais tinha seguido, tentando impedi-lo, e ambos tinham sido arrastados pelos marinheiros assim que foram avistados.

“Não posso dizer que são. Eu estava apenas esperando por algumas mãos extras. A senhora que enviamos para fazer compras não voltou até agora e estou no meu limite. Se vocês não estiverem ocupados, talvez possam levar uma mensagem para mim?”

A senhora que enviaram para fazer as compras?

Maomao imaginou o charlatão como ele deve ter parecido mais recentemente: trocado de suas roupas de dormir, mas ainda não vestido com seu uniforme de médico. Um eunuco barbeado. Eunucos muitas vezes tinham uma aparência um tanto neutra em termos de gênero, então era possível que alguém o tivesse confundido com uma mulher de meia-idade. Não teria ajudado o fato de que os limpadores usavam roupas masculinas para facilitar o movimento.

“Com licença, mas você poderia descrever a pessoa que enviou para fazer as compras?” disse Maomao.

“Bem, ela era uma ajudante enviada de um dos outros navios. Eles me disseram que não podiam poupar alguém muito jovem, mas mesmo assim—que peça rara eles arranjaram! Só sentada lá, sem ideia do que deveria estar fazendo. Então dei a ela essa tarefa, e agora estamos aqui. Já se passaram mais de duas horas e ela ainda não voltou!” A mulher espalhou as mãos em frustração.

“Oiiiiii!” veio um grito de uma mulher do cais. “A ajuda chegou! O que vocês precisam que a gente faça?”

Maomao, seus companheiros e a limpadora olharam para a mulher descendo o cais em direção a eles.

“Parece que sua ajudante chegou”, disse Maomao.

“Sim, bem... Mas então...quem eu enviei para fazer as compras?”

O charlatão passava a maior parte do tempo enclausurado no consultório médico, então a mulher não o reconheceu.

Maomao e os outros balançaram a cabeça um para o outro. “O que você pediu para 'ela' comprar?”

“Bem, sabão. Sabão em barra barato é fácil de conseguir no porto de Anan. Sabão líquido barato sempre tem um cheiro. Ninguém gosta disso em um navio.”

Sabão em barra não era muito usado em Li.

“Você sabe onde vendem?”

“Provavelmente em uma das barracas pela cidade. Você seria tão gentil de ir buscar?”

“Tudo bem”, disse Maomao. Ela e os outros agora sabiam para onde tinham que ir em seguida.

“Ah, essas roupas parecem legais! Talvez eu devesse comprá-las.”

“Ah, não é ruim, não é ruim. Este palito de cabelo ficaria lindo em você, Maomao!”

“Como é o suco naquela loja? Um pouco de cor estranha, mas acho que parece bebível.”

O estrategista excêntrico estava assim desde que chegaram ao mercado. Aliás, todas as escolhas de palitos de cabelo e roupas dele estavam pelo menos mil anos à frente de seu tempo, e o suco parecia que faria um estrago no estômago. Maomao repetidamente impediu que seu ajudante tirasse a bolsa.

“Meu. Ele não para, não é, Senhorita Maomao?” Chue, que parecia totalmente indiferente às palhaçadas do estrategista, segurava várias espetadas de carne de pássaro grelhada em sua mão. Não era frango—era mais magra e ossuda. Provavelmente um pardal ou outro pássaro-praga dos campos.

Pensei que haviam saído ordens para não capturar pardais por enquanto, pensou Maomao. Era uma das tentativas de Jinshi para evitar a praga de gafanhotos. Talvez Anan não estivesse sujeita ao comando, mesmo sendo um estado vassalo.

“Você tem certeza de que isso não é canibalismo?” perguntou Maomao.

“Tem um bom gosto, e isso é o que importa! Aqui, experimente.”

“Obrigada.”

Chue ofereceu a Maomao uma das espetadas, e ela aceitou com prazer. A carne estava dura, mas algumas pessoas gostavam assim

“Excelente. Agora, meu bom ajudante, eu vou precisar de outra espetada.” Chue estendeu a mão e o ajudante, parecendo derrotado, deixou cair algumas moedas nela. Parecia a coisa mais natural do mundo.

Ela nem está pagando por isso!

Chue definitivamente era muito sagaz para o próprio bem, ou pelo menos para o bem de todos os outros. O estrategista excêntrico estava mastigando frutas que ele havia espetado em um palito.

Maomao, dando uma mordida em sua própria espetada, procurou por algum lugar que vendesse sabão.

“Sabão em barra não é barato. Será que eles deveriam realmente usá-lo para limpar os fornos?” perguntou Lihaku. Ele estava certo—mesmo Maomao e os outros não tinham algo melhor do que cinzas, ou talvez sabão líquido, quando lavavam. Sabão em barra não era muito comum em Li e não era amplamente vendido.

“Não acho que seja o mesmo em Anan.” Maomao deu um tapinha em uma árvore próxima. Parecia similar a uma palmeira, mas não tinha o tronco arbustivo. Grandes frutas cresciam lá em cima. “Este é um tipo de palmeira,” ela disse. Ela só tinha visto em fotos em livros, mas esta também era conhecida como palmeira de betel. As nozes podiam ser mastigadas como tabaco, ou moídas em pó para limpar os dentes, e também para expelir vermes do corpo.

A planta que estavam observando naquele momento, no entanto, era um pouco diferente.

“Alguns tipos de palmeiras são usados por seus frutos ou bagas, e outros são usados por seu óleo. Algumas palmeiras têm uma fruta muito parecida com uma tâmara vermelha. A palmeira de óleo é usada para fazer óleo, como o nome sugere, e se você misturar o óleo com cinzas de algas marinhas, pode fazer sabão.”

Ela não sabia, porém, como era endurecido em forma—por redução, secagem, ou talvez misturando com outro ingrediente.

Maomao olhou para as lojas. Logo ao lado das palmeiras estava uma vendendo suas bagas, frutas grandes nas quais o vendedor fazia um buraco e inseria um canudo.

“Um por favor...quer dizer, um para cada um de nós,” disse o atencioso ajudante, comprando frutas suficientes para todos eles. Maomao decidiu aceitar sua hospitalidade, já que estavam ali. O que saía pelo canudo era um tanto doce e um tanto salgado.

“Queria que fosse um pouco mais doce. Açúcar! Vocês não têm açúcar?” O velho tarado por doces estava decepcionado.

“Eu gosto mais do salgado,” disse Lihaku. Com isso, o ajudante ofereceu-lhe uma folha cheia de algo branco.

“O dono da loja diz que é por conta da casa. Carne de palmeira, ele afirma.”

Era uma substância pálida e translúcida, coberta de molho de peixe. Maomao e Lihaku pegaram um pedaço e provaram.

“É um pouco como lula crua,” observou Maomao. Ela não podia negar que gostava da qualidade al dente—seria um bom acompanhamento com um pouco de vinho.

“Hmm. Não é bem a minha praia. É um pouco... borrachudo.” Lihaku não estava tão encantado. Paciência. Isso significava mais para Maomao e Chue.

“Com licença. Você sabe onde podemos encontrar um vendedor de sabão?” Maomao perguntou ao vendedor de palmeiras.

“Vendedor de sabão? Um pouco mais adiante. Ele costuma montar sua barraca bem ao lado dos lugares que vendem comida frita muitas vezes. Tem uma praça ali na frente. Ele costuma estar lá,” veio uma resposta com um sotaque ananês distinto. Aparentemente, o dono da loja estava disposto a agradar clientes que tinham gastado algum dinheiro. Ele acrescentou: “Vocês são todos de Lin, certo? Seu amigo robusto aí deve mantê-los seguros, eu acho—mas tenham cuidado.”

“Cuidado com o quê?” Lihaku perguntou, estreitando os olhos.

“Muitos linenses por aí hoje em dia. Parece que vocês não são como a maioria deles, mas há muitos que gostam de zombar de nós. Ontem à noite, até houve uma briga no bar. Os impostos subiram, veja só, e há rumores de que nossa princesa foi expulsa do palácio traseiro porque não gostaram o suficiente dela. Apenas tentem não dar a ninguém uma desculpa, é tudo o que estou dizendo.”

Os impostos foram aumentados como medida protetiva contra os gafanhotos. Enquanto isso, a princesa "expulsa" do palácio traseiro deve ter sido Fuyou, que partiu após causar um susto sobre um fantasma.

Eles não estão exatamente errados. Maomao queria contestar, mas era verdade: alguns dos visitantes linenses tinham uma má atitude. Havia muita frustração

acumulada pela viagem de navio não habitual, sem mencionar que algumas pessoas estavam convencidas de que estavam sofrendo uma punição.

“Huh,” disse Lihaku, e Maomao viu um novo olhar surgir em seus olhos. “É melhor encontrarmos aquele velho médico rápido, então.” O inconstante charlatão seria um alvo fácil por si só.

Maomao e os outros terminaram suas bebidas e jogaram as cascas fora, depois se dirigiram mais fundo no mercado, como o dono da loja havia sugerido.

“Caramba, algo cheira muito doce,” disse Lihaku.

“E bem oleoso,” disse Maomao.

O ar parecia denso. A praça em si era pavimentada com lajes de pedra, e algo que parecia um mausoléu ficava no centro. Árvores alinhavam a área. Algumas delas eram até árvores frutíferas, brotando pequenos mangas. Poderia até haver lichias entre a flora, mas provavelmente era a época errada para elas.

As lojas pareciam calculadas para chamar a atenção dos transeuntes. Maomao sentiu que seria dominada pelo cheiro doce, mas também havia lugares vendendo incenso, velas e cartões. Os lanches disponíveis incluíam bolinhos de gergelim e pão frito, entre outros. O estrategista excêntrico comprou alguns imediatamente, e tão rapidamente Chue começou a se aproveitar dele. O ajudante estava muito ocupado.

“Onde está o sabão?” Maomao murmurou. Ela olhou ao redor até avistar um lugar com o que pareciam tijolos brancos empilhados na barraca. Ela se aproximou, para ser recebida com uma carranca do vendedor.

“Você é linense?” ele exigiu quando se aproximaram. Seu sotaque era menos perceptível do que o do vendedor de palmeiras.

“Quem se importa com o que eu sou? Sou uma cliente. Quero comprar um pouco de sabão. Quanto custa?” disse Lihaku.

“Não importa, porque não tenho nenhum para vender para você. Tente em outro lugar.” O vendedor virou-se ostensivamente.

“Bem, isso é um problema. Quer me dizer por que você não vai me vender?” Era fácil assumir que Lihaku literalmente tinha músculos no lugar do cérebro, mas ele estava tomando uma decisão sábia aqui. Maomao, vendo que não poderia ajudar, deu um passo para trás e observou.

Eles podiam ver as engrenagens girando na cabeça do vendedor. Lihaku simplesmente permaneceu com um sorriso tranquilo no rosto.

"Se você quer comprar sabão, vá direto onde eles o fabricam. Precisamos de sabão para a nossa vida diária aqui. O que vamos fazer quando você comprar todo o nosso estoque só por causa da novidade? O preço dos materiais aumentou recentemente. Quando eu vender este lote, vou ter que aumentar os preços.

Acabou que até mesmo um vendedor mal-humorado tinha uma história. Ele deveria ter dito isso desde o início. Por que as pessoas amargas sempre tinham que demorar tanto para chegar ao ponto? Ele ganharia o mesmo dinheiro não importa para quem vendesse, mas estava tentando manter seu preço baixo para os moradores locais. Havia algumas áreas residenciais próximas: este era um lugar perfeito para eles virem comprar seu sabão

"Os materiais estão mais caros?" Lihaku perguntou. "Você quer dizer porque os linenses estão comprando tudo?"

"Não - porque os materiais que tínhamos queimaram. Houve um incêndio."

Um ingrediente principal no sabão era óleo - praticamente feito para queimar.

"Entendo... Bem, obrigado. O lugar que faz o sabão, fica mais adiante por aqui?" Lihaku perguntou com seu sorriso mais amigável. O vendedor fez questão de parecer incomodado, mas mesmo assim indicou o caminho.

"Siga reto por ali e procure pelos sinais do incêndio. Há uma cabana lá onde eles estão trabalhando em mais sabão. Haverá muitos artesãos por lá; tenho certeza de que você pode perguntar a um deles. Eu aviso, porém, que eles não são tão simpáticos quanto eu."

"Está bem, nós agradecemos. E já que você é tão gentil, talvez possa me dizer mais uma coisa. Um cara mais velho, um linense como nós, por acaso passou por aqui mais cedo hoje tentando comprar sabão?"

"Um cara mais velho? Espere... Você quer dizer a senhora idosa? Gordinha, com sobrancelhas meio caídas?"

"Sim, é ele! Mas não é uma senhora idosa. Para onde ele foi?"

"Ele fez as mesmas perguntas que vocês, e dei a mesma resposta a ele. Ele foi em direção aos fabricantes de sabão. Deve ter sido cerca de meia hora atrás agora."

"Ótimo! Você foi de grande ajuda. Nós realmente apreciamos." Lihaku apertou a mão do homem, e Maomao fez uma reverência. Naquele ponto, o estrategista havia comprado todos os lanches na barraca de comida, e Chue estava ocupada aproveitando dele. Pelo menos ele estava relativamente calmo enquanto comia.

Maomao não pôde deixar de se impressionar com a adaptabilidade de Chue. Ela sentiu pena do ajudante, porém, que tinha que estar em cerca de três lugares ao mesmo tempo.

"Maomaoooo! Olhe! Pão frito!" O estrategista maluco estendeu o pão para ela, tentando enfiá-lo direto em sua boca, mas ela o esquivou. Chue se moveu para interceptar e acabou pegando um pedaço na boca.

"Delicioso!" ela disse, limpando os lábios como se isso não fosse nada de extraordinário. Que tipo de estômago ela tinha?

Depois de um pouco de caminhada na direção indicada pelo vendedor de sabão, o grupo se viu entre um aglomerado de casas. Palmeiras cresciam aqui e ali no lugar de outras plantas de jardim.

"Será que essas árvores produzem algum tipo de fruto, eu me pergunto?" Chue perguntou, observando-as atentamente.

"Elas produzem, e pode ser usado na medicina, mas ninguém parece achar que tem um sabor muito bom", Maomao disse.

"Por que estão aqui, então?"

"Acho que talvez porque também podem ser usadas para fazer vassouras, cordas, esse tipo de coisa. As folhas também têm propriedades medicinais."

As palmeiras eram bastante versáteis, na verdade, mas Chue parecia desinteressada em qualquer coisa que não fosse comestível.

"Por favor, pare, Mestre Lakan!" disse o ajudante, que parecia estar no limite. Se isso fosse o que ele tinha que lidar todos os dias, Maomao esperava que ele mantivesse algum remédio para o estômago à mão.

"Acha que é isso?" Chue perguntou quando avistou um prédio meio queimado. Havia uma espécie de multidão perto dele. Maomao se apressou para lá, seu mau pressentimento crescendo. Quando chegou lá, avistou um dorso muito familiar.

"Estou dizendo, não fui eu!" o dono do dorso implorou. Era o médico charlatão, praticamente em lágrimas. Ele estava cercado por vários homens, um dos quais o segurava pela gola.

"Mestre Médico!" Maomao exclamou, correndo até lá. O charlatão, com o nariz escorrendo e tudo mais, agarrou-se a ela. Ela tentou afastá-lo - ele não ia facilitar as coisas para falar com ninguém - mas foi quando o estrategista maluco interveio.

"O que você está fazendo com a minha filhinha?!" exigiu o velho, que ainda tinha açúcar ao redor da boca.

"Meu Deus! Esse homem é seu pai, jovem?" perguntou o médico charlatão. O fato de que, apesar de seu medo óbvio, ele ainda parecia de alguma forma despreocupado era, bem, apenas ele.

"Ele é um completo estranho", respondeu Maomao prontamente.

"Quem é essa pessoa? Me diga o nome dele!" Lakan exigiu.

"Eu poderia dizer, mas você nunca se lembraria, Mestre Lakan", disse seu ajudante. O ajudante, no entanto, imitava Lakan ao encarar o médico charlatão. "Você é o mestre médico, não é?"

"Er, ahem, sim, isso é, er, isso mesmo", disse o médico charlatão. Ele limpou o pior do muco com um lenço, mas ainda parecia bastante patético.

"Ei, cambada! Vocês conhecem esse cara?" disse um dos homens. Ele tinha um forte sotaque, roupas sujas e pele comparativamente escura. Ele era jovem e obviamente seu sangue estava todo na cabeça. Ao seu lado havia um jarro cheio de óleo turvo.

O médico charlatão tentou se esconder atrás de Maomao, então ela se viu na frente por padrão - até que o estrategista maluco se colocou na frente dela, protegendo-a.

Pare com isso. Você não vai ajudar ninguém aqui.

Ela mal teve o pensamento quando Lihaku se colocou na frente do estrategista, aquele sorriso bajulador em seu rosto novamente. "Isso mesmo, esse velho está conosco. Parece haver algum problema?" Ele era o guarda-costas deles e estava fazendo seu trabalho. Ele podia ser um grande vira-lata, mas era um cachorro de guarda decente. Os homens ananeses começaram a murmurar entre si.

"O- O quê, vocês não veem? Olhe só!" O homem de pele escura apontou para a parede. Os tijolos chamuscados estavam encharcados de água, e no chão havia um baú de madeira que parecia ser a fonte do fogo. "O fogo veio de lá, e o velho estava bem ao lado. Isso significa que ele começou o fogo! Ele deve ter começado o do outro dia também!"

"N-Não! Eu não fiz isso! Só queria comprar sabão!" gemeu o médico charlatão.

"Já o vi, rondando por aqui! Eu sei que isso é tudo culpa sua!"

"Ok, só se acalme. Ouço o que você está dizendo, mas quero que saiba nosso lado da história também", disse Lihaku. Ele nunca levantou a voz, mas deu ao homem um olhar como um grande cão colocando um filhote em seu lugar. Cinco homens cercaram o médico charlatão, todos vigorosos e musculosos - mas não tão bem construídos quanto Lihaku. O homem irritado considerou rebater, mas ficou em silêncio sob o olhar de Lihaku.

Maomao observou o homem por trás de seu guarda-costas. Entre suas roupas sujas, o jarro de óleo e o fato de estarem em frente à loja de fabricantes de sabão, ela suspeitava que fossem fabricantes de sabão. Ela podia ver a mancha úmida na parede chamuscada e sentir o cheiro de queimado no ar. Parecia provável que, depois que o primeiro incêndio foi apagado, outro, menor, tenha começado.

"Primeiro as primeiras coisas. Eu não sei nada sobre esse incêndio de vocês, mas esse cara chegou a Anan apenas ontem à noite. Até então, ele estava balançando pelo mar em um barco. Isso eu posso garantir. Entenderam?"

Isso os fez falar.

"Sim, tudo bem. Mas aquela caixa pegou fogo, e ele era o único cara por perto. Qual é a sua desculpa para isso, hein?"

"Pegou fogo?" Lihaku olhou para o médico charlatão em busca de confirmação.

"N-Não! Não! Pegou fogo sozinha, eu te digo! Eu não fiz nada!"

"Mentiroso! Como ela se acendeu sozinha, então?"

"É!" disse um dos outros homens.

"Não poderia ter simplesmente pegado fogo sozinha!" acrescentou um terceiro.

"Tudo bem, tudo bem, eu entendo vocês. Fiquem calmos", disse Lihaku.

Maomao empurrou o médico charlatão para o lado e espiou o caixote chamuscado. Parecia haver fibras de algum tipo dentro, junto com grãos de alguma coisa, embora ambos estivessem completamente carbonizados.

"Maomao! Isso está sujo. Por que não pegamos algo gostoso na barraca de lanches e voltamos?"

O estrategista maluco era o único que não tinha ideia do que estavam fazendo ali.

"Imagina só o que isso fará com nossas dietas se só comermos doces. Acho que outro espetinho salgado no caminho de volta seria ótimo. Frango não seria mal, mas alguns camarões também seriam muito bons."

O estrategista não era o único personagem excêntrico presente - havia outro que só pensava em comer.

"V-Você também, Srta. Chue?!" lamentou o médico charlatão.

“Bom, não podemos sair de mãos vazias. Vamos comprar um pouco de sabão e voltar correndo”, disse Maomao.

“Oi! Vocês são os que não estão ouvindo!” disse o fabricante de sabão, indignado.

"Nós estamos ouvindo. Resumindo, se pudermos provar que esse homem não começou o fogo, você o deixará ir, certo?" disse Maomao, olhando para o homem ainda segurando o médico charlatão pela gola.

“Sim, claro. Mas vocês precisam ser realmente convincentes.”

“Muito bem. Se eu não puder responder satisfatoriamente, você receberá uma compensação adequada. Basta pegar do velho ali”, disse Maomao, apontando para o estrategista (ou seja, o velho) que estava ao lado.

“S-Senhorita Maomao!” O ajudante do estrategista parecia que ia chorar.

Os artesãos começaram a murmurar entre si novamente. A reunião logo terminou.

“Tudo bem. Prepare-se para pagar.”

“Claro. Mas se ele for inocente, você nos venderá sabão pelo preço de mercado.”

“Feito.”

“Muito bem.” Maomao olhou para a caixa queimada. “Vocês estavam usando isso para lixo?” Ela virou a caixa. As fibras encharcadas eram da casca da palmeira. Algumas coisas pequenas e redondas também rolaram para fora.

"É isso mesmo."

"A casca da palmeira faz parte do processo de produção de sabão?"

"Não. Nós fazemos escovas de limpeza das palmeiras. Sabão não é a única coisa que produzimos aqui."

Sabão e escovas de limpeza. Dois produtos que muito bem poderiam ser usados juntos - razoável o suficiente para fabricá-los no mesmo local.

“Então essas coisas queimadas, são restos fritos?”

"Sim."

Restos fritos - isto é, literalmente, sobras de algo frito. Fazer sabão requer uma grande quantidade de óleo, e não importa quão abundantes os recursos possam ser, eles teriam que encontrar uma maneira de manter os gastos baixos se quisessem

vendê-lo a um preço que as pessoas aceitassem para um consumo diário. O que eles iriam fazer?

"Vocês estavam usando óleo usado no sabão?"

Muitos estabelecimentos na cidade vendiam comida frita. Muitos lugares para obter suprimentos.

“Não exclusivamente. O que isso teria a ver com qualquer coisa, afinal?”

“Entendo. E vocês estavam jogando fora os pedaços da massa aqui?”

“Sim.”

Maomao olhou fixamente para os homens e depois deu uma olhada no sol para verificar sua posição. Ainda não era meio-dia.

Não é muito legal da minha parte, mas talvez eu possa distorcer a verdade aqui.

“Esses pedaços fritos, vocês os filtram do óleo?”

“Veja por si mesma. Bem ali.” O artesão apontou para uma panela transbordando de óleo. Ao lado dela, havia um coador com um pano sobre ele.

“E vocês fazem isso enquanto o óleo ainda está quente?”

Óleo frio era mais difícil de coar. O coador provavelmente era feito de arame para permitir que o óleo quente passasse por ele. Suponho que o pano seja de algodão.

“Isso mesmo. Nós vamos coletando enquanto ainda está quente. Hoje em dia é meio uma corrida - outros fabricantes de sabão também estão vindo para esta área para pegar óleo.”

Maomao assentiu e olhou para dentro do coador. Não havia muitos pedaços nele.

“Então vocês jogam fora todos os pedaços?” ela perguntou.

“Às vezes nós os comemos - mas há muito para comermos tudo.”

“Suficiente para encher este coador?”

“Às vezes. Mas nós os jogamos fora antes que fique cheio.”

Maomao levantou uma sobrancelha e olhou para a caixa de lixo queimada. “Parece para mim que sua caixa de lixo está bem longe. Vocês não a moveram, certo?”

O homem hesitou. “Sim, temos outro recipiente aqui. O que tem?”

Ele foi até um grande pote perto do coador e olhou para dentro. “Ei, quem esvaziou isso?”

Maomao olhou para os trabalhadores, que haviam começado a murmurar novamente.

“Você acha que pode me ajudar, jovem senhorita?!” implorou o charlatão, olhando para ela com uma expressão de cãozinho abandonado. Maomao se preparou, com medo de que o estrategista louco interrompesse novamente, mas ele não fez nada. Surpresa, ela olhou para ele e o encontrou observando os fabricantes de sabão. Ocasionalmente, ele se aproximava muito, olhando intensamente para eles, inevitavelmente sendo rejeitado com um olhar de desprezo. Seu ajudante corria de um lado para o outro pedindo desculpas. Não devia ser fácil ser ele,

Por que ele está olhando tão de perto? Ele não consegue diferenciar um rosto do outro. O estrategista era indiferente aos rostos das pessoas, o que era uma das razões pelas quais ele tratava todos, exceto sua própria família, com tanta indiferença. Isso fez Maomao se perguntar por que ele estava olhando para aquelas pessoas, mas ela não conseguiu se obrigar a perguntar. A questão é, o que eu faço?

Ela tinha quase tudo o que precisava para provar a inocência do charlatão, mas sua explicação seria reforçada se ela preparasse uma coisa com antecedência.

"Senhorita Chue! Senhorita Chue!"

"Senhorita Maomao! Senhorita Maomao! O que você precisa?"

Maomao sussurrou para Chue. Os pequenos olhos de Chue se arregalaram; então ela disse: "Entendido!" e saiu correndo. Demoraria um pouco até que ela voltasse. Maomao teria que observar o humor dos homens e escolher o momento certo.

"Com licença. Acho que posso explicar como o fogo começou. Se vocês puderem vir até aqui?" ela disse para os artesãos tagarelas.

"É mesmo? Mal posso esperar para ouvir."

"Espero que você tenha uma boa história."

"Acredito que sim. O fogo não foi provocado; começou naturalmente. Portanto, este homem é inocente." Maomao deu um tapinha no ombro do charlatão.

"Mo-Moça!" o charlatão olhou para ela, tremendo violentamente.

"Há algo de errado, Mestre Médico?" ela perguntou.

"Eles nunca vão aceitar sua palavra! Olha como eles estão nos olhando!" Os homens de fato fixavam os visitantes com olhares assustadores

"Sim, obrigada. Eu entendo. Suponho que vocês não aceitariam minha palavra de que o fogo começou naturalmente?"

"Com certeza não aceitaríamos. Como esse fogo começou? E não nos engane só porque você não quer pagar!"

"Não é nada disso, eu prometo. Todos esses restos fritos descartados — são a fonte do seu fogo." Maomao pegou alguns dos restos deixados no escorredor. "Vocês têm muitos pedaços fritos em um só lugar. Eles retêm calor dentro deles e podem potencialmente pegar fogo. Assim como, por exemplo, trapos encharcados de óleo que estão junto com eles."

"Pegar fogo? Sozinhos? Nunca ouvi nada tão estúpido."

"Pode acontecer. Olhem."

Chue voltou trotando, carregando uma grande panela quase transbordando de restos fritos. "Senhorita Maomao, eu consegui!"

"Muito obrigada, Senhorita Chue."

Maomao havia enviado Chue para coletar restos fritos o mais rápido possível.

"Você acha que podemos incluir isso na despesa? Eles não tinham o suficiente por aí, então tive que implorar para que fizessem mais para mim. Não foi barato, posso te dizer!"

"Peça gentilmente ao bom ajudante ali," disse Maomao. Ela não ia pagar por isso. Em vez disso, deixou tudo nas mãos do assistente do estranho estrategista, que estava oferecendo lanches ocasionais ao seu mestre para mantê-lo sob controle. O estrategista estava mastigando um petisco frito e ainda olhando fixamente para os fabricantes de sabão. Era algo muito incomum para um homem que normalmente não se interessava por outras pessoas.

"Certo, vocês veem a pilha de restos. O que acham que vai acontecer se eu simplesmente deixá-la aqui?"

O fabricante de sabão balançou a cabeça. "Você está tentando dizer que vai pegar fogo? Engano seu. Vai só esfriar!"

"Tem certeza disso?" Maomao deu um sorriso malicioso, depois colocou os restos no jarro que servia como lixeira.

Passou um momento.

"Viu? Nada está acontecendo."

"Apenas espere."

Maomao olhou para Chue, que havia tirado algumas flores artificiais e estava brincando com elas.

"Ei, hum, senhorita? Tem certeza disso?" Lihaku também não parecia totalmente convencido. Ele estava mantendo distância do recipiente de lixo, como convinha a um homem que havia sobrevivido a ter o cabelo chamuscado por uma caixa explosiva.

"Espere um pouco mais," disse Maomao.

"Chega de esperar! Isso é uma perda de tempo! Vou voltar ao trabalho," disse um dos artesãos. Ele se virou para sair — e foi quando perceberam: ar quente acompanhado por um odor distinto de queimado. Fumaça estava saindo do jarro.

"Isso é real?" um dos artesãos perguntou, apressando-se para olhar.

"Espera, é seguro se aproximar disso?" perguntou outro.

"Não vai explodir. Pelo menos, eu acho," disse Maomao, aproximando-se do jarro. Ela ainda não conseguia ver nenhuma chama, mas esperava ver em breve. "Aí está: combustão espontânea dos restos fritos. Agora veem que isso poderia muito facilmente ser a causa do seu incêndio?"

“Ag-Agora, só um minuto! Se é tão fácil um fogo começar, por que nunca houve um antes? Estamos fazendo esse trabalho aqui há décadas, e este é apenas o segundo incêndio que tivemos!”

“Vocês sempre descartaram grandes quantidades de restos quentes?”

“Não... Não, só recentemente. Não faz muito tempo que começamos a fazer isso.”

Maomao lembrou do homem dizendo que estavam competindo com outros fabricantes de sabão para obter os suprimentos. Isso poderia muito bem inspirar alguém a coletar óleo quente, mesmo sendo perigoso, e simplesmente jogar fora os restos quentes que vinham com ele.

Maomao olhou para o grande jarro e pensou: É um negócio arriscado, coletar o óleo enquanto ainda está quente. Ela disse: “Eu percebo que vocês ainda não acreditam

em mim, mas não podem duvidar de seus próprios olhos. O fogo começou naturalmente.”

O fabricante de sabão ficou em silêncio e, como Maomao disse, obviamente incrédulo. Para ser justa, ela também não acreditara que isso poderia ser verdade quando ouviu falar pela primeira vez. Então ela fez um experimento.

Concedido, hoje, ela empilhou as cartas a seu favor — de duas maneiras em particular. Normalmente, levaria mais tempo para os restos pegarem fogo, como ela sabia porque havia tentado antes. Eu realmente tive que esperar naquele dia.

Ela não estava usando restos de alimentos fritos, mas trapos velhos encharcados com óleo de incenso altamente inflamável. Nada aconteceu com apenas alguns deles, então ela empilhou mais até começarem a reter o calor. Ainda assim, não houve fogo; ela esperou tanto tempo que acabou adormecendo. Só então eles se incendiaram. Ela acordou quando alguém a molhou com água, felizmente antes de se queimar.

Eu realmente queria ver o fogo começar de verdade.

Ela esperava tentar novamente para confirmar com seus próprios olhos, mas foi informada com raiva que não haveria mais experimentos nesse campo.

Neste caso, os artesãos não pareciam dispostos a esperar muito, então ela pediu a Chue para fazer um pequeno truque: junto com a quantidade copiosa de restos, ela pediu que ela providenciasse uma brasa. Chue, com seu talento para truques de mágica, facilmente entregou a Maomao, que a incluiu discretamente quando jogou os restos no jarro.

Estou feliz que pegou fogo. Ela não estava orgulhosa dessa pequena trapaça, mas não tinha muita escolha.

Quanto à segunda vantagem que ela havia se dado — bem, ela estava bastante confiante de que a causa do primeiro incêndio foi o que ela havia descrito. Mas o segundo, o que começou enquanto o charlatão estava parado ali, era mais difícil de explicar.

Não impossível, mas não muito provável.

O recipiente de lixo que pegou fogo estava cheio de folhas de palmeira e restos fritos — mas não realmente o suficiente para causar combustão espontânea. O experimento de Maomao envolvia trapos, não restos fritos, então não era exatamente

a mesma coisa, mas parecia claro para ela que seria necessário um ambiente mais quente para que pegassem fogo.

Pergunta: Por que eles usariam uma caixa de madeira para descartar essas coisas?

Luomen sem dúvida a teria advertido contra dizer coisas que ela não podia provar.

Enquanto Maomao ainda pensava sobre isso, o estranho estrategista interrompeu abruptamente seu estudo dos artesãos e entrou em ação. Talvez ele tivesse ficado sem lanches fritos para comer.

“Me diga uma coisa! Por que você está se esforçando tanto para culpar outra pessoa?” o estrategista exigiu.

“Com licença?” um dos homens disse, confuso. O estrategista nunca fazia muito sentido, mas isso era demais.

“Erm, o Mestre Lakan está dizendo que alguém aqui está mentindo, e que essa pessoa é o verdadeiro culpado,” o ajudante disse, ajudando a interpretar.

“Qu-Quem? Quem faria uma coisa dessas?” perguntou o charlatão, olhando para Lakan com olhos suplicantes.

“Aquela pedra preta de Go bem na beirada do grupo ali.” “Pedras de Go são, hum, como o Mestre Lakan vê pessoas cujos rostos ele não consegue distinguir.” Não era fácil ser o ajudante do estrategista. Ele provavelmente trabalhou mais do que qualquer um deles hoje — e Maomao nem sabia seu nome.

“Ah é? Você acha que estou mentindo? Você tem alguma prova disso?” exigiu o homem que Lakan havia identificado como uma pedra preta de Go.

“Você está piscando. Seu coração está disparado — eu praticamente posso ouvir. E você fede a suor.”

“C-Com licença. Não sei o que dizer sobre isso...” Até o ajudante estava sem palavras.

As pessoas piscam mais quando estão mentindo, e sua frequência cardíaca aumenta. Às vezes, elas começam a suar.

Um rumor popular na corte de Li dizia que você não podia mentir na presença do estrategista. Justo quando parecia que ele estava fazendo declarações selvagens baseadas em nada mais do que puro instinto, Maomao descobriu que, na verdade, havia um método em sua loucura.

Eu lembro do Pops dizendo... O estranho estrategista talvez não conseguisse distinguir rostos, mas ele podia discernir partes dos rostos. Ele conseguia ver olhos

ou narizes, só que eles não se uniam em um rosto humano para ele. Em vez disso, ele tinha outras maneiras de distinguir estranhos. Suas vozes, seus movimentos, seus cheiros característicos. Ele podia ser o observador mais perspicaz que se poderia encontrar.

Isso só não nos serve muito, porque ele geralmente não se importa com outras pessoas.

Não, isso não era bem verdade — em seu trabalho, era perfeitamente útil. Esse velho inútil era um melhor juiz de talento do que qualquer um.

“Ei, você não pode falar de mim assim!”

“Não, não, eu posso sentir. Fumaça. Tabaco. As fragrâncias do sabão — o mel, as folhas aromáticas — quase cobrem, mas você estava fumando até alguns minutos atrás, não estava?” disse o velho de monóculo. O restante dos fabricantes de sabão imediatamente olhou para o novo suspeito.

“Ei! Você disse que tinha parado!”

“Nós dissemos para não fumar perto do óleo. Não me diga que você fez isso aqui fora!”

Os outros se aproximaram do homem acusado, e logo folhas de tabaco foram descobertas em suas vestes.

Um incêndio de tabaco! Isso certamente explicaria como o incêndio começou. Procurando uma chance para dar uma tragada, o homem disse que ia tirar o lixo como pretexto para fumar em um lugar onde os outros não o vissem. No lixo estavam folhas e restos. As folhas fibrosas eram prontamente inflamáveis, e os restos poderiam muito bem ser óleo. Quando as cinzas do tabaco foram jogadas sobre eles...

O fogo não começaria imediatamente. Primeiro começaria a esfumar, e só depois explodiria em chamas — exatamente quando o charlatão passava por ali. O estranho estrategista provavelmente conseguiu identificar que o fumante estava mentindo porque o homem suspeitava, em algum nível, que era seu tabaco que havia iniciado o incêndio.

Os outros trabalhadores pareciam aceitar as folhas de tabaco do homem como prova; cercaram-no e estavam dando uma bronca nele.

“Ahem, er, muito obrigado. Você me salvou,” disse o charlatão, endireitando a frente de sua roupa amassada.

“É maravilhoso, não é? Talvez você pudesse agradecer à Senhorita Chue comprando um palito de cabelo de coral para ela,” disse Chue, nunca perdendo uma oportunidade.

Maomao foi até os homens que estavam gritando. “Com licença,” ela disse. Ela estava feliz por ter conseguido estabelecer a inocência do charlatão, mas havia mais uma coisa que ela precisava fazer. “Eu gostaria de um pouco de sabão, por favor.”

Essa tarefa estava se tornando uma grande provação, e ela só queria terminar logo com isso.

Capítulo 20: Bem Contra a Parede

Tinha sido um dia muito... peculiar. E longo, por sinal. Ainda era pouco depois do meio-dia.

Assim como Maomao tinha sugerido, o médico charlatão tinha deixado a chave cair no vaso sanitário.

“Isso mesmo! Depois fiquei tão deprimido por não conseguir entrar no consultório médico—e então alguém me pediu para fazer uma entrega.”

Ela tinha acertado em cheio. A faxineira nem tinha dado chance para o charlatão explicar, e no fim ele se afastou tristemente do navio. Segundo ele, o mercado era perto e ele achou que voltaria logo.

Maomao entregou ao charlatão a chave extra e voltou ao palácio. Ela não tinha interesse em cuidar do estrategista esquisitão e esperava despachá-lo para alguém o mais rápido possível. No fim, ela não precisou se preocupar. Depois de uma boa caminhada e bastante comida, tudo o que restava era tirar uma soneca. Ele estava tão sonolento quanto uma criança de três anos—e levando a mesma vida—e quando foi mandado para o quarto para dormir, ele obedeceu.

Era difícil não sentir pena do assistente do esquisitão. Maomao esperava que ele também pudesse ter uma folga. Quanto a ela, voltou para o seu próprio quarto.

“Vou estar no próximo quarto,” disse Lihaku, se posicionando na câmara adjacente. Era bom saber que, se algo fora do comum acontecesse, ele viria correndo.

Bem, parece que não há nada acontecendo. Acho que vou tirar um cochilo também.

Maomao deitou na cama com toda a intenção de não se levantar novamente num futuro próximo, mas de repente foi tomada por uma onda de raiva. Era culpa do próprio médico charlatão ter se metido em problemas, por causa do jeito que ele ficava vagando de uma coisa para outra. Num nível muito profundo, ele não tinha nenhum senso de perigo. Ele não tinha nada que estar nessa viagem.

Por que diabos eles o trouxeram?!

Sim, essa era a questão. O charlatão era tão relaxado que nem sequer tinha uma pontada de dúvida sobre isso, mas ele estava ali como o sósia de Luomen, e se tivesse azar, poderia ser sequestrado ou pior. Ela sabia que tinham feito isso por Luomen—ou será que não? Para quem tinham feito isso?

Se algo acontecesse ao meu velho, quem sentiria mais?

O estrategista esquisitão? Ou talvez até...

Maomao enterrou o rosto nos lençóis e chutou a cama.

“Fico feliz em ver que você está ocupada,” disse alguém. Era Chue. Ela tinha testemunhado a demonstração de petulância, para grande constrangimento de Maomao. Há quanto tempo ela estava ali?

“Desculpe. Parece que levantei um pouco de poeira,” disse Maomao, sentando-se e ajeitando os lençóis como se nada tivesse acontecido.

“Sem problemas. Vamos ver o Príncipe da Lua agora, tá?”

“O Príncipe da Lua? Mas ainda é meio-dia.”

Normalmente, Maomao trocava os curativos de Jinshi depois que ele se lavava para o dia. Passar um novo unguento apenas para ele tomar banho depois seria um desperdício.

“Não se preocupe, você vai entender quando chegarmos lá. Trouxe água fervida—limpe-se.” Chue entrou trotando com seus passos barulhentos e colocou algumas roupas limpas para Maomao. Parecia ser uma mensagem sutil de que ela precisava se trocar depois de caminhar lá fora e suar. O comportamento de Chue era típico de uma dama de companhia, mas observando a maneira como ela praticamente dançava, com o rabo balançando, enquanto se preparava—ela obviamente estava se divertindo, mas também parecia muito cansativo.

Não é de se admirar que ela coma tanto.

Toda aquela dança, malabarismo e outras pequenas coisas devem consumir muita energia. Assim iluminada, Maomao pegou as roupas novas—embora não fossem completamente novas; eram as mesmas que ela tinha recebido ontem. Chue parecia ter um estoque de vários outros conjuntos.

Maomao se limpou e se trocou.

"Com licença," disse Maomao ao entrar no quarto de Jinshi. Era uma câmara digna de um hóspede de estado, com todas as decorações ornamentadas que isso implicava. Era várias vezes maior que o quarto de Maomao e estava dividida em várias câmaras. Ela podia até ver uma varanda do lado de fora.

"Por favor, entre," disse Suiren, que estava ali para recebê-las. Ela conduziu Maomao para um cômodo interno com um sorriso gentil. Passando por uma cortina, Jinshi estava relaxando em um sofá, Gaoshun de um lado, Taomei do outro. Ela não viu o marido de Chue, Baryou, mas suspeitou que ele pudesse estar no quarto ao lado.

Oh-ho! Gaoshun e esposa!

Maomao se sentiria melhor se fosse Taomei a mostrar o local, em vez de Suiren, mas talvez a senhora estivesse sendo gentil, tentando não tirar mais tempo de Gaoshun com a família. Ele e sua esposa eram pessoas ocupadas; não parecia que se viam muito. Como Maomao poderia esperar da descrição de Gaoshun sobre sua "temível" esposa, Taomei era a mais velha dos dois, e ela agia como tal.

Com o banquete e tudo, Maomao não tinha ido aos quartos de Jinshi na noite anterior. Agora ela via que um membro da família imperial realmente era tratado de forma diferente. Havia uma bandeja de frutas frescas na mesa (nada parecido tinha aparecido no quarto de Maomao), incluindo algumas que ainda não estavam na estação, como lichias, mangas e até bananas.

Como será que elas foram cultivadas?

Ela estava mais interessada nas frutas, muitas das quais conhecia apenas em forma seca ou por fotos. Ela podia sentir o brilho nos olhos de Chue bem atrás dela. Era quase o suficiente para fazê-la pegar uma das frutas, mas ela sabia que não podia fazer isso. Ter a velha senhora encarando-a já era ruim o suficiente, mas até Taomei tinha seu único olho bom fixo em Maomao. Gaoshun, por sua vez, observava com sua expressão padrão de "Por favor, não faça nada".

Maomao se recompôs e olhou para Jinshi. "Precisava de algo, senhor?" Se sua voz parecia um pouco rígida, era porque sua raiva anterior ainda não tinha desaparecido completamente.

"Precisar de algo? Nem tanto. No momento, preciso mais que você espere."

"Maomao," disse Suiren, colocando uma mão no ombro dela. "Teremos uma visita em breve. Se puder se afastar por enquanto."

"Sim, senhora," disse Maomao depois de uma pausa. Por que a tinham chamado ali, se só queriam que ela esperasse?

Pouco depois, um homem grande entrou na sala acompanhado por uma mulher. Ele parecia estar sustentando o peso do corpo dela.

Espera. É... Maomao pensou que reconhecia a mulher, que possuía uma beleza contida e efêmera.

"Princesa Fuyou. Permita-me parabenizá-la pela gravidez. Só posso me desculpar por não ter podido cumprimentá-la mais cedo," disse Jinshi, identificando a mulher de forma conclusiva.

Fuyou! A mulher que causou alvoroço sobre o espírito no palácio traseiro. A mulher cujo sonambulismo a fez dançar nas paredes do palácio. O homem com ela deve ser o soldado a quem ela foi dada, então.

"Príncipe da Lua. Nunca há um momento em que eu esqueça a gentileza que você me mostrou. Foi graças a você que pude voltar ao meu país natal." Fuyou sentou-se lentamente. Suas roupas eram folgadas, mas ainda assim seu corpo parecia pesado. Sua barriga provavelmente estava bem grande debaixo daquela roupa.

Seu marido não disse nada, provavelmente porque ali e agora, sua esposa tinha uma posição mais alta que a dele.

"Sem sua intervenção, Príncipe da Lua, duvido que eu estivesse aqui hoje," disse Fuyou.

Será? Maomao pensou. As pessoas que estavam na outra carruagem quando ela chegou em Anan—poderiam ter sido Fuyou e seu marido? Lihaku tinha dito que Li relutava em deixar ir um dos seus melhores soldados, mas Fuyou evidentemente tinha sido enviada de volta ao seu lar por estar grávida. E Jinshi evidentemente a ajudou.

Então, o que acontece com o marido dela nessa situação? Ele ficaria em Li ou voltaria para Anan? Maomao não sabia, mas poder ter um filho em sua própria terra natal significava muito. Acho que entendi. Jinshi queria que Maomao visse os dois.

Havia apenas uma coisa: Eu realmente não fiz nada naquele caso. Jinshi tinha dito a Maomao para curar o sonambulismo de Fuyou, mas Maomao suspeitava que era apenas uma encenação de qualquer maneira. Vendo a princesa agora, ela estava praticamente certa. No entanto, nunca havia informado Jinshi dessas dúvidas.

Ele descobriu sozinho?

Ela contou a verdade para a Imperatriz Gyokuyou, discretamente, mas duvidava que a Imperatriz tivesse deixado escapar alguma coisa. Se Jinshi percebeu que Maomao estava acobertando Fuyou, isso a deixava um pouco desconfortável. Ao mesmo tempo, ela estava feliz em saber que Fuyou estava feliz.

Fuyou e seu marido conversaram com Jinshi sobre alguma coisa ou outra, civilizados e corteses o tempo todo, e então saíram.

Eles parecem um bom casal. Mesmo naqueles poucos minutos, Maomao pôde perceber. O soldado bajulava Fuyou tanto que era quase constrangedor. Ele tinha conquistado o direito de se casar com ela por meio de suas ações, mas foi graças a Jinshi que eles conseguiram voltar aqui depois disso. Também parecia cada vez mais provável que Jinshi soubesse o que Fuyou tinha aprontado no palácio traseiro.

Talvez ele seja apenas um sentimental.

Ele tinha um lado sentimental que não conseguia se livrar completamente. Uma qualidade boa como pessoa, mas uma fraqueza como homem de poder.

Isso vai prejudicá-lo.

Era a mesma coisa com a forma como ele tratava o médico charlatão. Em certo nível, ele estava usando o charlatão, mas só estava fazendo isso por causa desse mesmo apego ao sentimentalismo.

Jinshi tendia a subestimar suas próprias habilidades.

Quer dizer, não, ele consegue realizar coisas. Ele simplesmente assumiu muitas responsabilidades. As coisas seriam muito melhores para ele se ele pudesse deixar certas coisas para trás, mas em vez disso ele continuava se envolvendo. Quanto mais ele pensava que poderia ajudar, mais ele se envolvia, até ficar sobrecarregado.

Conheço alguém assim... Ela pensou na pessoa que sempre estava perseguindo. Ele, também, se dedicava ao serviço dos outros. Ele era o homem que Maomao respeitava mais do que qualquer outro.

Acho que é minha culpa o charlatão ter se metido nisso tudo.

Era Maomao—Maomao era quem mais sofreria se Luomen se encontrasse em perigo. Jinshi tinha se mostrado um político de coração bondoso, mas ao mesmo tempo, ainda era ingênuo.

É por isso que ele pôde ser tão completo idiota.

Por que Jinshi tinha feito algo tão idiota?

"Você tem metade da responsabilidade por isso", disse a Imperatriz Gyokuyou. Jinshi tinha um forte senso de dever. Maomao poderia ter esperado que ele fosse menos impulsivo. Ela poderia ter pensado que ele poderia ter ao menos esperado até que os príncipes estivessem um pouco mais velhos.

Mas ele não pôde

Algumas pessoas têm gostos mais estranhos, ela pensou pela enésima vez. Jinshi às vezes parecia ter simpatia por criaturas com disposições estranhas. O pequeno mestre ingênuo tinha se encontrado incapaz de encontrar um novo brinquedo entre todas as pessoas ao seu redor. Como um pintinho, ele se apegou a um único brinquedo, e ele se tornou todo o seu mundo.

Se eu sou apenas uma coisa para ele, então ele deveria me tratar como tal e me dar ordens. No entanto, a criança ingênua não foi capaz de fazer isso, e assim escolheu um método mais cruel.

Quando Jinshi queimou aquela marca em seu lado, quem ele mais machucou não foi a si mesmo, mas o Imperador, ou pelo menos Maomao pensava assim. Ela encontrou sua hipótese se transformando em suspeita, e então a suspeita se transformando em certeza: ela começou a pensar que sabia qual era a verdadeira relação entre Jinshi e Sua Majestade.

O Imperador é o verdadeiro pai de Jinshi.

Jinshi tinha vivido sua vida como o "irmão mais novo Imperial", mas se ele na verdade era o supostamente filho morto do Imperador... Certamente ele não teria

feito o que fez? A pergunta deixou Maomao com uma sombra de dúvida. Se o que ela suspeitava fosse verdade, então o que?

O que faço? Mesmo ao fazer a pergunta, ela sentia que já sabia a resposta.

"Você pode dar um passo à frente agora," disse Suiren, dando-lhe um empurrão gentil. Maomao não estava certa se gostava do tom prenhe na voz da velha mulher.

"Vejo que você queria que eu soubesse o que aconteceu com a Lady Fuyou," ela disse, fazendo uma reverência para Jinshi. Por enquanto, ela pegou os outros pensamentos que tinha tido e os escondeu no canto de sua mente.

"Não exatamente. Eu simplesmente achei que poderia ser benéfico para você estar ciente, já que pedi sua ajuda com ela."

"Sim, senhor. Eu admito, me sinto um pouco melhor depois de ter visto isso."

Maomao olhou ao redor. Ela não conseguia escapar do sentimento de que Jinshi estava tentando ser atencioso com ela.

Tudo bem, hora de jogar o jogo.

Ela olhou para a varanda. "Este é um quarto bastante suntuoso, senhor. Ele até tem uma varanda."

"Você gosta? Fique à vontade para sair e dar uma olhada."

"Se me permite, então." Ela foi direto para lá.

"Xiaomao!" Gaoshun tentou detê-la, mas pelo canto do olho ela pôde ver Jinshi segurando-o.

Ela saiu na varanda. Bem! Ela tinha assumido que seria o lugar perfeito para ser assassinada por uma flecha, ou uma arma feifa, mas isso não aconteceu. Há tantas árvores ao redor, seria difícil conseguir um bom tiro. E também não há nenhum lugar próximo para atirar de.

Parecia para ela que a varanda tinha sido projetada deliberadamente para ser segura. Ela não era especialista, mas supôs que qualquer outra coisa teria sido inadequada em um quarto de VIP.

Por ser seguro, ninguém seguiu Jinshi quando ele saiu para a varanda com ela. Taomei estava dizendo algo para Gaoshun; estava claro que ele não era páreo para sua esposa.

Não tenho certeza se gosto da sensação de que estamos sendo preparados aqui, no entanto...

Ela estava sozinha com Jinshi. Isso não era tão estranho; ela teria que olhar a queimadura dele depois, mas queria fazer isso antes que seu humor mudasse.

"Ouvi dizer que você fez uma viagem à cidade hoje", Jinshi disse.

"Sim, senhor, e as pessoas da cidade têm muito a dizer sobre Li."

Os moradores locais dificilmente poderiam ser considerados favoráveis, mas pelo menos as coisas não pareciam prestes a explodir.

Pelo menos, eles estavam favoráveis o suficiente para que tentassem enviar uma mulher a um hóspede de estado...

"Mestre Jinshi, por favor, tenha cuidado esta noite. Como todas as noites", disse Maomao. Sempre havia o risco de que alguma mulher pudesse tentar se convidar para a cama de Jinshi.

"Nunca consigo adivinhar o que você vai dizer em seguida." Jinshi apoiou-se contra uma parede, fora do alcance de seus acompanhantes. Parecia que Gaoshun não era o único que estava pisando em ovos ao redor de Taomei.

"Certamente você pode imaginar o que quero dizer, senhor? Apenas lembre-se das suas noites no palácio traseiro."

"Ah..." Jinshi gemeu, parecendo perturbado. Então ele tinha alguma ideia do que ela queria dizer. Ele olhou para ela como se tivesse algo a dizer, mas não conseguisse expressar. Finalmente, ele conseguiu dizer: "Bem. Como você pode ver, a Princesa Fuyou voltou para casa. A sobrinha do Rei de Anan estará entrando no palácio traseiro—hesito em dizer em troca, mas..."

"Parece muito movimentado."

"Sim. A sobrinha da Imperatriz Gyokuyou também deveria estar vindo."

"Ouvi falar disso, senhor. Interessante que você saiba, porém. Me lembre quem foi que fugiu do palácio traseiro?" Maomao pressionou. "Você não é mais Jinshi, Mestre Jinshi, e acho que seria melhor se você parasse de se preocupar com o palácio traseiro para sempre e se concentrasse em seu próprio trabalho."

"Eu concordaria, mas parece que não consigo me desligar completamente."

Maomao olhou para ele, pouco impressionada. Ele conseguiu encontrar seu olhar, mas não parecia muito confortável.

Maomao se viu irritada novamente. "Mestre Jinshi, você é um homem de poder, e acho que é hora de se comportar como tal."

"Eu sei..."

"Você deveria usar as coisas que estão disponíveis para você usar."

"Eu tam..."

"Nesse caso..." Maomao se aproximou dele e sorriu de lado, ficando na ponta dos pés para olhar diretamente em seu rosto. Ela bateu com força sua mão direita na parede, efetivamente o prendendo. Seus olhos se arregalaram. "Não posso dizer que gosto de ser usada. No entanto—" Aqui ela abaixou a voz para que apenas Jinshi pudesse ouvir. "Tentativas meia-boca de ser gentil são um grande incômodo. Eu preferiria ser uma ferramenta útil do que um fardo sem sentido. Sua hesitação é a hesitação do país, e um momento de indecisão de sua parte poderia significar a morte de dezenas de milhares de seus súditos. Eu sei que você só vai se arrepender disso. Então é melhor você escolher um caminho e se jogar de cabeça nele."

Finalmente, ela se afastou dele.

"Se você vai usar algo, então use. Remédio não funciona a menos que você o tome."

Ela fechou os olhos e soltou um longo suspiro. Tudo o que ela tinha guardado dentro de si saiu pela boca. Maomao não era princesa; ela era uma simples boticária. Se ele ia puxar as cordas dela, então era melhor ele simplesmente fazer isso. Ele deveria usá-la até que ela se despedaçasse.

Se ela pudesse escapar de tudo isso, é claro, ela teria gostado, mas ela não ia cortar o nariz para esfregar a cara. Havia mais coisas que ela queria dizer, mas ela imaginou que tinha ido até onde poderia.

No entanto, ela descobriu que havia algo mais por trás de sua raiva fervente. Suas mãos foram para a bochecha de Jinshi. "Você é apenas humano, Mestre Jinshi. Você não é algum imortal mítico que pode salvar a todos." Ela segurou o rosto dele em suas mãos, os dedos de sua mão esquerda tocando sua cicatriz. "Você pode ser ferido, cicatrizado, derrubado. Apenas humano."

Com quem ela estava falando? Ela sabia que Jinshi estava na frente dela, mas por alguma razão ela continuava vendo o rosto de Luomen.

Não é de se admirar que eu esteja tão chateada.

O princípio que impulsionava o comportamento de Jinshi parecia muito semelhante ao de Luomen. Ela tinha medo de que, se ele continuasse assim, acabasse tão infeliz na vida quanto seu velho. Assim como Pops... Ele tinha se esgotado tentando resgatar todos e tudo. Como um tolo. Ele deveria ter querido mais, sido mais ganancioso, mas em vez disso, ele sofrera seu destino pacientemente.

Sofreu e sofreu, e para quê? Para se tornar um velho resignado com as mãos vazias.

Isso era, era justo dizer, a única crítica de Maomao ao seu pai. Ela sentiu isso profundamente no caso da sacerdotisa Shaonese. Ela respeitava Luomen imensamente. Um homem que nunca perdeu sua bondade, não importava que infelicidade encontrasse, era como um milagre. O preço, porém, era que seu corpo e seu coração estavam ambos machucados. Com o tempo, ele se tornou de modo que tudo que fazia, fazia na expectativa da derrota. Jinshi acabaria como ele um dia? Ou—

“Por favor, por favor, não vá fazer mais nada como queimar uma marca em sua pele,” Maomao disse.

“Ouvi você... as primeiras várias vezes,” Jinshi respondeu.

“Tem certeza?” Um sorriso passou pelo rosto de Maomao, e ela lentamente retirou suas mãos. Exceto que elas não deixaram suas bochechas. Jinshi as segurou ali. “Por favor, me solte, senhor,” ela disse.

“Não quero.”

Ele soava como uma criança. Era algo que ele fazia às vezes, recorrendo a uma linguagem infantil.

“Eu gostaria de voltar em breve,” ela disse.

“Apenas mais alguns minutos.”

“O Mestre Gaoshun deve estar desesperado.”

“Então só me revigore um pouco.”

“Revigore?”

Ele soltou as mãos dela e abriu os braços.

Ah não. Ele vai vir para um abraço? Ela estava prestes a dizer a ele que não faria tal coisa, mas os braços esticados não se estenderam para ela. Em vez disso, eles se moveram, de modo que pareciam prontos para receber algo.

"O que exatamente você quer?" Maomao perguntou.

"Eu queria um abraço, mas pensei que neste momento, talvez eu precise de algo mais." Jinshi coçou a bochecha esquerda, aquela sem cicatriz. "Vigor. Me ajude."

"Você quer que eu te dê um tapa."

"Tão forte quanto você puder. Do jeito que você deu naquela dama de companhia no Pavilhão de Cristal."

Seus olhos estavam brilhando. O que diabos ela deveria fazer agora? E o que ele estava fazendo lembrando de seus piores momentos?

"Você já esqueceu o que eu disse?" Ela tinha acabado de avisá-lo para não fazer nada como aquela marca novamente, e mal um minuto depois, aqui estava ele se envolvendo em mais comportamento autodestrutivo.

"Eu entendo," ele disse. "Isso não vai deixar uma cicatriz."

"Vai deixar uma marca!"

Maomao seria a que se meteria em problemas. Eles confiaram o suficiente nela para deixá-la sozinha com Jinshi; ela não podia trair isso.

"Por favor."

"Não posso!"

"Estou te pedindo!" Jinshi caiu de joelhos. "Não há mais ninguém que possa me dizer o que fazer," ele quase cuspiu. Gaoshun e Suiren podiam repreendê-lo o quanto quisessem, mas eles ainda eram, no final das contas, seus servos. A única pessoa que poderia contradizer Jinshi na cara dele seria o Imperador.

Ninguém para te dizer o que fazer, huh?

O pedido de Jinshi para ser reduzido a um plebeu significaria cortar sua conexão com o governante.

Eu não sei como é o relacionamento deles, como eles falam um com o outro, pensou Maomao. Pelo que ela tinha entendido, no entanto, pareciam ter uma boa relação, considerando-se parentes reais. Mas você colhe o que planta.

Isso explicaria por que ele não queria que ela pegasse leve com ele. Maomao só pôde suspirar.

"Tudo bem. Feche os olhos."

"Obrigado."

Maomao recuou a mão e deu um tapa em Jinshi no rosto. Não foi silencioso.

Jinshi puxou o ar e estava prestes a abrir os olhos, então Maomao colocou sua mão gentilmente sobre suas pálpebras. "Deixe-me ver," ela disse. Até sua mão doía, então a bochecha de Jinshi devia estar queimando. Ela podia ver o rubor aumentando nela.

Suiren nunca perderá isso. Se a velha senhora ficaria chateada dependeria de como Jinshi reagiria.

"Dor, dor, vá embora," Maomao disse, lembrando de uma rima que sua irmã mais velha Pairin costumava usar com ela. Ela beijou a bochecha avermelhada bem gentilmente. Seus lábios estavam mais frios que suas pontas dos dedos, e fizeram a bochecha parecer ainda mais quente.

Eu sei que uma rima infantil não pode realmente funcionar. Era engraçado, porém: de alguma forma, a bochecha parecia menos vermelha do que antes. Nah, não pode ser. E não era: pelo contrário, todo o corpo de Jinshi estava mais vermelho do que antes.

Maomao levantou a mão de seus olhos. Ele não conseguia olhá-la nos olhos, mas segurou firmemente suas mãos.

"M—Maomao," ele disse.

"Sim, senhor?" ela respondeu, se afastando um pouco.

"O outro lado também, por favor."

Ele apontou para sua bochecha direita, aquela com a cicatriz.

Maomao o encarou. "Absolutamente não, senhor."

Epílogo

Maomao olhou pela pequena janela. Ela podia ver mais e mais navios surgindo à vista. Sua frota parecia crescer cada vez mais a cada porto que visitavam. A maioria das adições eram navios mercantes, também indo para a capital ocidental e presumivelmente se juntando a eles para se protegerem dos piratas.

"Engraçado. Esta viagem pareceu tão longa, mas finalmente podemos ver o destino!"

"Do que está falando, Srta. Chue?" perguntou o charlatão. Chue estava se esparramando no consultório médico como se pertencesse ali, como frequentemente fazia.

"Ah, nada. Apenas parecia o sentimento certo, então eu disse."

"Você diz coisas tão estranhas. Eu simplesmente não entendo", disse o charlatão. Maomao concordava que as declarações de Chue podiam ser obscuras, mas havia um punhado de criaturas como ela no mundo

Maomao se afastou da janela, com a intenção de fazer um inventário do estoque restante de medicamentos. Como a exposição útil de Chue indicava, em breve chegariam à capital ocidental. Teriam que pensar em reabastecer seus suprimentos, mas o charlatão - ostensivamente a chave para o funcionamento do consultório médico - passava o tempo todo conversando, como sempre fazia.

Chue agora passava tanto tempo no consultório médico quanto Lihaku. Ela insistia que era "para o trabalho". Talvez ela estivesse se enganando quanto a "trabalho cirúrgico"

"Mestre Médico, se pudesse ao menos fazer algumas anotações sobre nossas quantidades de medicamentos", disse Maomao, pressionando um caderno e uma caneta nas mãos do charlatão. Não era um trabalho grande, e ela poderia facilmente ter feito sozinha, mas achava importante não estragar o médico.

"Quer que eu ajude?" ofereceu Chue.

"Não, obrigada. Nunca ouviremos o final disso se deixarmos que funcionários não médicos mexam nos medicamentos."

"Que pena. Srta. Chue sabe muito sobre venenos, sabia!"

Ela também nunca perdia a chance de se promover. Tentando justificar sua presença contínua no consultório médico (e ausência de trabalho real), Maomao supunha.

"Pelo menos o suficiente para provar comidas, vejo", disse Maomao. Ela pensou de volta ao banquete em Anan. O banquete, então o caso do charlatão desaparecido, então dar um tapa em Jinshi...

Esse último foi um problema real para ela. Maomao colocou a mão nos lábios. Por que fiz isso? Ela sabia muito bem que os encantos infantis não tinham nenhum efeito medicinal. Ela tratou Jinshi como uma criança que poderia ser iludida por um pequeno encanto.

O único lado positivo foi que as pessoas na sala não pareceram ter ouvido nada - talvez a varanda tivesse sido construída especificamente para essas conferências secretas. Maomao estava preocupada com o que aconteceria se Suiren, Taomei ou Gaoshun tivessem ouvido. Mas apenas Chue havia mostrado interesse.

Quanto ao pedido de Jinshi para que ela batesse "do outro lado também", ele apenas precisava de algo para acordá-lo. Definitivamente não era uma coisa masoquista, ele explicou.

No que mais eu poderia pensar, com aquele olhar no rosto dele?

A história dele para a marca vermelha em seu rosto era que ele tinha dado um bom e forte tapa na bochecha antes de voltar para a sala. Suiren e os outros ficaram chocados, mas ele apenas riu e explicou que "Eu só precisava me certificar de que estava bem acordado."

Maomao permaneceu absolutamente em silêncio. Era tudo o que podia fazer.

Ela estava tão, tão cansada.

"Ooh, eu me diverti muito em Anan! Mal posso esperar para ver o quanto nos divertiremos na capital ocidental", disse Chue, seus pequenos olhos cintilando. Ela produziu pequenas flores, bandeiras e até, por alguma razão, pombas de suas mãos, mas Lihaku e o charlatão já haviam lidado com as respostas espirituosas sobre esses assuntos. Não havia necessidade de Maomao se envolver nesse jogo agora. Mas ela tinha uma pergunta.

"Como você faz isso?"

"Oh-ho! Interessada nas habilidades misteriosas da Srta. Chue?" Ela resfolegou orgulhosamente com seu nariz de bolinho de feijão.

"Sim. Porque em minha experiência, tais habilidades geralmente exigem alguma preparação."

Ela havia visto a Dama Branca fazer coisas semelhantes no palco, embora seus truques envolvessem menos "preparação" do que um conhecimento de psicologia humana.

"O que você faria se eu te contasse?" Chue perguntou.

"Pensei que eles poderiam ser perfeitos quando os figurões me pedissem para entretê-los", respondeu Maomao. Suas piadas de bordel sempre pareciam fracassar, então uma pequena performance que ela pudesse fazer parecia ideal. Ainda melhor se pudesse ajudar a aliviar a tensão de uma situação.

"Lamento desfazer suas expectativas, mas já mostrei ao Príncipe da Lua o que posso fazer nesta viagem, e se você está pensando em divertir Sua Majestade, eu fiz isso para ele antes de partirmos para que ele pudesse me ajudar a decidir para onde ir com eles no futuro."

Para onde ir! O trocadilho quase escapou da boca de Maomao, mas ela o forçou a recuar. Verdadeiramente, Chue era uma mulher que não conhecia nenhuma convenção.

Maomao esvaziou bolsas de medicamentos, fez o charlatão tomar notas e depois os colocou de volta no baú. Eles fizeram isso de novo e de novo.

"Oh! Eu não te contei sobre nossa agenda futura ainda, não é?" disse Chue.

"Então você realmente tem um trabalho aqui", disse Maomao, que tinha certeza de que Chue estava apenas relaxando.

"Sim! A Srta. Chue sempre trabalha duro para que sua sogra não fique brava com ela." Ela endireitou-se e tirou um rolo de tiras de madeira das dobras de suas vestes.

"Caramba, você está atrasada, Srta. Chue. Você deveria conseguir um papel bonito, muito mais fácil de usar", disse o charlatão, esticando os dedos. Ele vinha de uma família de fabricantes de papel e parecia satisfeito por estar por dentro das novidades.

"De jeito nenhum! Sou uma mulher de bom gosto que ama os velhos costumes. Eu adoro a textura da madeira, saboreio seu cheiro!"

O papel era conveniente, mas havia muitos estetas como ela que preferiam as virtudes da madeira. Maomao não entendia muito bem, mas também não tinha motivo para impedir Chue de escrever no que quisesse. Ela estava, no entanto, curiosa sobre como Chue tinha conseguido esconder um pergaminho tão longo em suas vestes.

"Quando chegarmos ao porto, pegaremos uma carruagem com nossa bagagem. Deve ser cerca de trinta minutos até a capital ocidental. Você é aconselhada a ficar atenta aos escorpiões."

Maomao assentiu, esperando que realmente houvesse escorpiões.

"Assim que chegarmos à capital ocidental, o charlatão - ahem, quero dizer, o mestre - médico se juntará aos outros médicos. Você irá com ele, Maomao. Haverá alguém para te mostrar o quarto onde a equipe médica ficará baseada. É em algum lugar na vila do Mestre Gyokuen, e todos vocês não poderão caber lá de uma vez, então serão divididos em três grupos. Além disso, os superiores estarão todos juntos; você terá que lidar com isso."

Ela disse charlatão?

Ela não tinha feito um bom trabalho em se cobrir, mas o charlatão estava tão ocupado escrevendo que parecia não ter percebido.

"Srta. Maomao, você vai trabalhar principalmente com os outros médicos, exceto quando for convocada para coisas como prova de alimentos. Acho que você vai me ver e ver o Lihaku bastante."

Lihaku era o guarda-costas do charlatão, mas e Chue? Uma mensageira, talvez? Para Maomao, parecia principalmente que ela estava tentando inventar uma desculpa para cortar o trabalho e evitar ver muito sua sogra, ou "a grande dama", mas ela educadamente fingiu não perceber. A última coisa que ela queria era que Suiren se envolvesse; seria um desastre.

"Outra coisa. À noite, estou fora de serviço, então por favor não me chame então."

"O quê? Nem mesmo em uma emergência?" perguntou o charlatão, embora continuasse trabalhando, a escova ágil em suas mãos rechonchudas.

"Nem mesmo então. Minha sogra está me pressionando sobre o segundo, então tenho que usar minhas técnicas mais transcendentais." De alguma forma, ela conseguiu dizer isso com um rosto sério.

O médico charlatão ficou perplexo no início, mas quando Maomao disse: "A Srta. Chue é uma mulher casada", ele pareceu conectar os pontos - porque seu rosto ficou vermelho como um pimentão e ele deixou cair a escova. Maomao ficou surpresa que ele tivesse sobrevivido como médico do palácio traseiro, com base nessa reação.

Ainda assim, sabendo que o marido de Chue era literalmente o homem por trás da cortina, Maomao questionou se ele poderia cumprir seu papel.

"Uuuu! Agora, respire fundo!" Chue se agachou e deslizou as mãos ao redor do estômago.

Maomao interrompeu. Ela se sentiu mal, mas Chue não mostrava sinais de parar de outra forma. "Srta. Chue, chega desses exercícios estranhos. Mais alguma coisa que devemos saber?"

Chue se endireitou como se nada tivesse acontecido. "Quando chegarmos à capital ocidental, acho que você se encontrará vivendo praticamente da mesma forma que se acostumou neste navio. A única diferença é que suas instruções virão do Dr. You, um dos médicos superiores."

You - então esse era o nome do médico de pele morena. Era um nome razoavelmente comum, especialmente no oeste. Maomao teria que tentar lembrar.

"Como eu disse, acho que vamos passar muito tempo juntos, então se tiver alguma pergunta, fique à vontade para perguntar à Srta. Chue ou ao Dr. You. Exceto à noite, como eu disse. Ninguém sabe se o jovem Ma será capaz de gerar um herdeiro, então há muita pressão sobre mim! A existência contínua do clã Ma repousa sobre meus ombros! Bem, ok, então há uma família secundária ainda, mas... Bem, você conhece minha sogra..."

Chue parecia desesperada. Então havia algo que poderia assustá-la.

Acho que não é fácil ser a esposa do filho mais velho, pensou Maomao, não que realmente a preocupasse. Ela guardou o último dos remédios, e com isso terminaram de fazer o inventário.

Chue se levantou. "Vamos chegar muito em breve, então vou voltar."

"Até a próxima, Srta. Chue!" disse o médico charlatão como se ela fosse uma amiga que acabara de passar para uma visita.

Chue acenou e estava prestes a sair, mas então ela parou e se virou. "Srta. Maomao..."

"Sim? Algum problema?" O que mais Chue poderia querer?

"As pessoas mentem no palácio tanto quanto mentem no distrito de prazeres. Vai haver muitos mentirosos na capital ocidental, então fique atenta. Ah, e vou ficar quieta sobre o que aconteceu - não se preocupe." Então ela sorriu, seu rosto escuro parecendo ainda mais escuro na luz mínima dos decks inferiores.

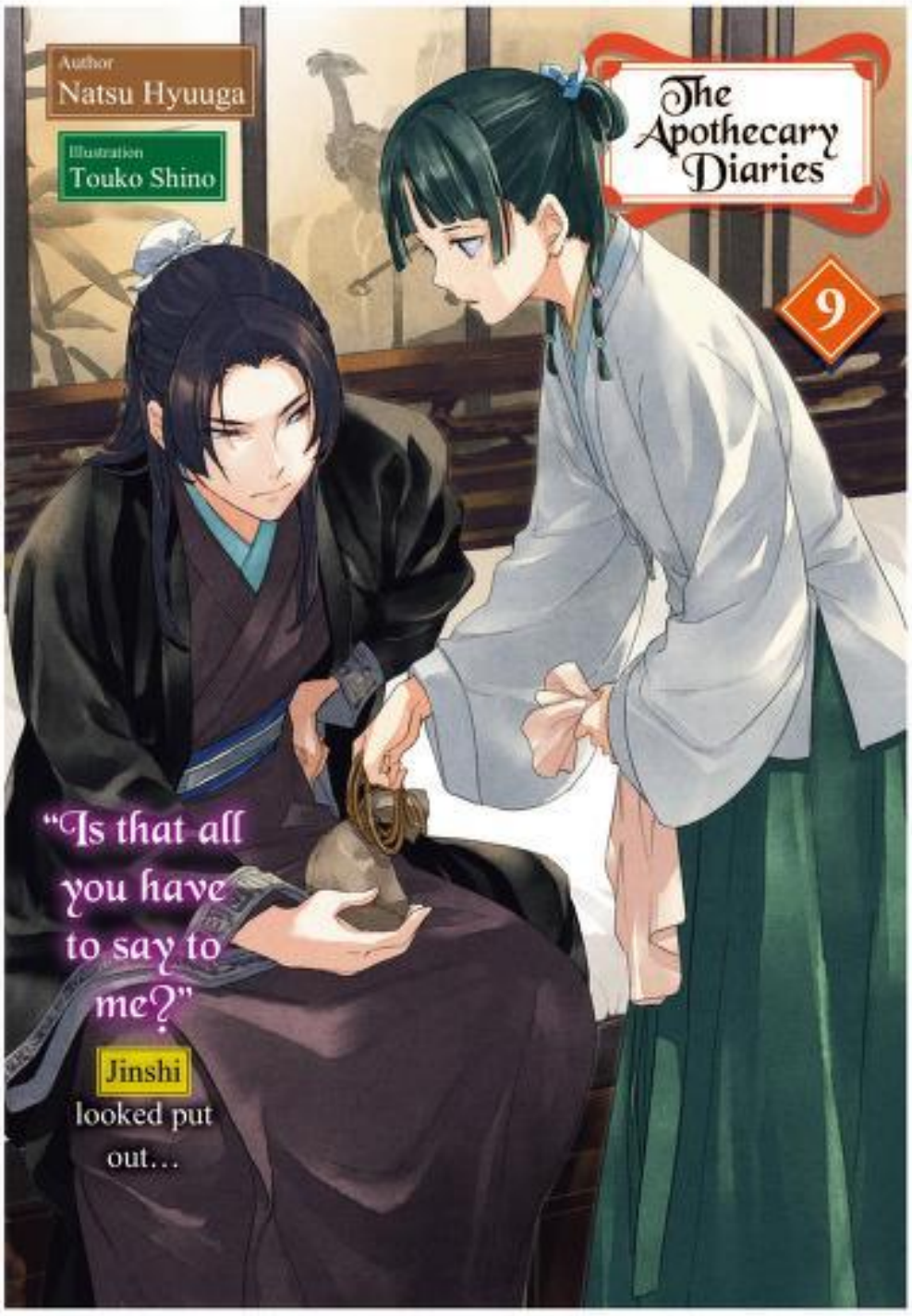
O que aconteceu? Maomao não tinha certeza do que ela queria dizer com isso.

"Tudo bem então! Até logo!"

Chue fechou a porta com um estrondo, e então só havia o leve balançar do navio.

Assim Maomao chegou, novamente, na capital ocidental. Ela só podia se perguntar o que a esperava em sua segunda visita.

Fim.


Author
Natsu Hyuuga
Illustration
Touko Shino
The Apothecary Diaries
9
"Is that all you have to say to me?"
Jinshi looked put out...